

BARTHON FAVATTO SUZANO JÚNIOR

ENTRE O DOCE E O AMARGO: cultura e revolução em Cuba nas memórias literárias de dois intelectuais exilados, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante (1951-1968).

ASSIS

2012

BARTHON FAVATTO SUZANO JÚNIOR

ENTRE O DOCE E O AMARGO: cultura e revolução em Cuba nas memórias literárias de dois intelectuais exilados, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante (1951-1968).

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade.)

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa.

ASSIS

2012

Catálogo da Publicação
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

F272e Favatto Júnior, Barthon
Entre o doce e o amargo: cultura e revolução em Cuba nas memórias literárias de dois intelectuais exilados, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante (1951-1968) / Barthon Favatto Suzano Júnior. Assis, 2012
197 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa

1. Cuba – História – Revolução, 1959. 2. Intelectuais e política. 3. Exílio. 4. Franqui, Carlos, 1921-2010. 5. Cabrera Infante, Guillermo, 1929-2005. I. Título.

CDD 972.91064

AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho desta envergadura não constitui tarefa fácil, tampouco é produto exclusivo do labor silencioso e solitário do pesquisador. Por detrás da capa que abre esta dissertação há inúmeros agentes históricos que imprimiram nas páginas que seguem suas importantes, peremptórias e indeléveis contribuições.

Primeiramente, agradeço ao Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa, amigo e orientador nesta, em passadas e em futuras jornadas, que como um maestro soube conduzir com rigor e sensibilidade intelectual esta sinfonia. A ele e à historiadora Daisy de Camargo, o meu carinhoso reconhecimento à epígrafe, à amizade e às palavras de força nesses onze anos.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida, que possibilitou dedicar-me exclusivamente às atividades de pesquisa e à apresentação de seus resultados em eventos acadêmicos.

À Prof.^a Dr.^a Sílvia Cezar Miskulin, da Universidade de Mogi das Cruzes, o reconhecimento pelas valiosas indicações e pelos empréstimos bibliográficos, bem como aos elegantes e imprescindíveis apontamentos e ao estabelecimento de importantíssimos contatos. Esta dissertação não deixa de ser um prolongamento da dissertação de mestrado da historiadora.

Ao Prof. Dr. José Luis Bendicho Beired, da UNESP de Assis, que desde a minha graduação tem acompanhado e enriquecido minha trajetória acadêmica com sua visão crítica e lúcida da História.

À Prof.^a Dr.^a Idalia Morejón Arnaiz, da Universidade de São Paulo, ao Prof. Dr. Jesús Barquet, da *New Mexico State University* e à Prof.^a Dr.^a Mariana Martins Villaça, da Universidade Federal de São Paulo, agradeço a disponibilidade, o entusiasmo com que acompanharam a pesquisa e o envio de artigos e livros imprescindíveis, muitos dos quais indisponíveis no Brasil.

Ao amigo e cubanista Eduardo Ferraz Felipe (Carioca), doutorando em História Social na Universidade de São Paulo e à minha irmã, meu orgulho, Janayna de Cássia C. Suzano, professora do Depto. de Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rey, o agradecimento pela leitura atenta das versões primárias dos capítulos.

Para Estevão Augusto, meu cunhado, a gratidão pela valiosa ajuda na formatação do exemplar final desta dissertação. O seu amplo conhecimento das ferramentas deste “Admirável Mundo Novo” dirimiu os percalços para a confecção desta obra.

De Assis, jamais poderia deixar de lembrar e agradecer aos docentes, funcionários e amigos da UNESP que enriqueceram e apoiaram minha jornada. Agradecimentos especiais aos funcionários Vânia Aparecida Marques Favato, da Biblioteca Acácio José Santa Rosa, e, Marcos Francisco D'Andrea, da Seção de Pós-graduação, que não mediram esforços em sanar dúvidas e solucionar querelas.

Um “salve” caloroso aos parceiros de travessia intelectual e esbórnica criativa, os historiadores e historiadoras: Artur Sinaque Bez, Edméia Ribeiro, Edson José Holtz Leme, Fábio da Silva Sousa, Igor Luis Andreo, Lucas de Almeida Pereira, Marli Aparecida Rosa, Priscila Miraz de Freitas Grecco e Rafael Morato Zanatto. A vocês devo aprendizagens e momentos inesquecíveis.

À minha família, onde tudo começou, reconhecimentos especiais. À minha mãe Sônia Aparecida Coelho, a gratidão pela vida e o reconhecimento pela luta. À minha avó Wilma Caretta, em memória, e à minha tia Ângela Maria Coelho, em memória, a eterna gratidão por guiarem meus passos ontem e hoje pelo caminho de luz. Aos meus padrinhos Dílson F. Bittencourt e Ana Maria C. Bittencourt, o reconhecimento pelo exemplo, pelo carinho e pelo apoio incondicional à realização de um sonho. Ao meu primo Marcos Rogério Bittencourt e família, o apreço pela amizade e pelas histórias memoráveis. Aos meus sogros Norberto Scavone Augusto e Sandra Moscheto, minhas estimas ao incentivo, ao acolhimento, à compreensão e ao respaldo em todos os momentos. E a Marcel e Josy Carrascoza, meus cunhados, a alegria por preencherem nossas vidas com Gabriel e Laurinha.

Meu reconhecimento ao cão Guido pelo obstinado companheirismo nos longos dias de escrita solitária.

E, enfim, à minha esposa, Alessandra Carrascoza, a eterna gratidão por desde a graduação e ao longo desta e de outras tantas empreitadas ter sido minha bússola e o meu norte, meu porto e meu suporte. Com amor, dedico-lhe a presente obra.

Que às vezes se possa dizer que é doce não contradiz sua violência;
muitos dizem que o açúcar é doce, mas eu acho o açúcar violento.

Roland Barthes

FAVATTO JÚNIOR, Barthon. **Entre o doce e o amargo: cultura e revolução em Cuba nas memórias literárias de dois intelectuais exilados, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante (1951-1968)**. 2012. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

RESUMO

Entre o doce e o amargo, a cultura e a política, a revolução e o exílio, descortina-se a frágil e quase imperceptível fronteira das representações impressas nos livros de memórias de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante, que situam e definem contornos aos itinerários culturais e políticos desses dois intelectuais de esquerda dentro da Revolução Cubana. Amigos de longa data, desde tenra juventude em *Habana Vieja*, o jornalista Carlos Franqui e o renomado escritor Guillermo Cabrera Infante não somente apresentaram participações ativas dentro do processo revolucionário cubano como também, alguns anos depois, dele se tornaram dissidentes e ácidos críticos. Nesta pesquisa, utilizamos as autobiografias produzidas pelos dois autores a fim de compreender os meandros que os levaram do engajamento à dissidência, mapeando as nuances de uma página recente da história cultural de Cuba: o exílio levado a cabo pela intelectualidade cubana de esquerda em relação ao regime de Fidel Castro.

Palavras-chave: Revolução Cubana; memórias; exílio; intelectuais; Carlos Franqui; Guillermo Cabrera Infante.

FAVATTO JÚNIOR, Barthon. **Between the sweet and the bitter: culture and revolution in Cuba in the literary memories of two intellectuals in exile, Carlos Franqui and Guillermo Cabrera Infante (1951-1968).** 2012. 197 p. Dissertation (Master Degree) - UNESP – Univ. Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2012.

ABSTRACT

Between the sweet and the bitter, the culture and the politics, the revolution and the exile, opens up the fragile and almost imperceptible boundary representations of the captured memoirs of Carlos Franqui and Guillermo Cabrera Infante who place contours and define the cultural and political routes of these two left-wing intellectuals in the Cuban Revolution. Longtime friends from early youth in *Habana Vieja*, the journalist Carlos Franqui and the writer Guillermo Cabrera Infante had not only active participation in the Cuban revolutionary process as well as a few years later became its dissidents and critics acids. In this research, we used the autobiographies produced by the two authors in order to understand the intricacies leaving them from the commitment to the dissent, mapping the nuances of a page's recent cultural history of Cuba: the exile carried out by Cuban intellectuals of the left against the Castro regime.

Keywords: Cuban Revolution; memories; exile, intellectual, Carlos Franqui, Guillermo Cabrera Infante.

LISTA DE SIGLAS

Acnur	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
BRAC	<i>Buró de Represión a las Actividades Comunistas</i>
CNC	<i>Consejo Nacional de Cultura</i>
DER	Diretório Estudantil Revolucionário
DR	Diretório Revolucionário
Icaic	<i>Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos</i>
M-26/7	Movimento Revolucionário 26 de Julho
NG	<i>Nueva Generación</i>
NT	<i>Nuestro Tiempo</i>
ORI	<i>Organizaciones Revolucionarias Integradas</i>
PCC	Partido Comunista Cubano
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
PSP	Partido Socialista Popular
PURS	<i>Partido Unificado de la Revolución Socialista</i>
R	<i>Revolución</i>
Uneac	<i>Unión Nacional de Escritores y Artistas de Cuba</i>
Я	<i>Lunes de Revolución</i>

SUMÁRIO

Introdução	10
 Primeira Parte - Gênese	
1 <i>Nuestro Tiempo: a origem de la Sociedad</i> e outros episódios da História Cultural Cubana.....	33
1.1 Uma origem, trajetórias cruzadas.....	33
1.2 De <i>Nueva Generación</i> a <i>Nuestro Tiempo</i>	42
2 <i>Da Revolução ao Revolución, sob o signo do Jeep de la Libertad</i>	52
2.1 Sob o signo da Revolução Cubana (1956-1959)	52
2.2 O engajamento de Carlos Franqui	56
2.3 Carlos Franqui à frente da Rádio Rebelde	65
2.4 O <i>Revolución</i> dentro da Revolução	71
2.5 Guillermo Cabrera Infante, o <i>libre</i>	78
2.6 Dois intelectuais e uma Revolução Cultural Cubana	87
 Segunda Parte - Êxodo	
3 <i>(Lunes)-de-mel com Fidel (1959-1961)</i>	95
3.1 O “Grupo R”: a voz da Revolução Cubana	95
3.2 <i>Lunes</i> , a identidade “R” e as querelas de fronteiras com os comunistas	112
4 <i>O Pecado Original e o afunilamento da política cultural em Cuba</i>	125
4.1 1961, o ano do revés: o fechamento de <i>Lunes</i> e o afunilamento da política cultural.....	125
4.2 O pecado original e a matiz de um exílio	157
4.3 <i>Haciendo un puente</i> : Carlos Franqui e Cabrera Infante, Cuba no exílio	175
 Considerações Finais	182
 Referências	189

Introdução

O livro do Gênesis atribui que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. E que da costela do primeiro homem, Adão, criou uma mulher, Eva. Para eles, criou um jardim que pudessem habitar, o Éden – ou, o Paraíso. E ali os colocou com uma condição: a de que sob nenhuma condição provassem do fruto da árvore situada no meio do jardim. Certo dia, veio à Eva a serpente e disse-lhe: – Prove do fruto, “[...] no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”¹. Então, Eva tomou em suas mãos o fruto e provou-lhe. Em seguida, deu também do fruto a Adão, e ele comeu. Como punição, Deus os expulsou do Éden (do Paraíso), tornando-os (para a tradição judaico-cristã) os primeiros exilados da História e condenando-os a fertilizarem sobre a terra as sementes do fruto do pecado: os homens (e as mulheres também).

A primeira dessas sementes foi Caim, o lavrador. E a segunda, o pastor Abel. Acontece que “no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao Senhor” e “Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste”². Como a oferta de Abel agradou mais a Deus, o lavrador Caim tomado pela fúria ceifou a vida de seu irmão. Após o assassinato, o condenado a semeador de pecados retirou-se da presença de Deus e, com a mulher, habitou até os últimos dias de sua vida a terra de Node, ao Oriente do Éden, cujo nome significa “Fuga”. Tornou-se, como os pais, um exilado. Contudo, um exilado diferente...

A emblemática história do Caim bíblico perderia em significado à causa desta introdução se não fosse uma dupla correlação. Primeiro, pelas aproximações com a lenda afro-cubana de *Seseribó*, que trata da entidade *Sikán, la indiscreta* – a mulher curiosa – cuja língua grande e a responsabilidade pela morte da divindade *Ekué* transformou-a num parche – um parche de um tambor cuja única utilidade residiu em ser intocável e inaudível. A lenda da entidade *Sikán* foi um dos últimos contos publicado em Cuba por um dos intelectuais abarcados por esta pesquisa, Guillermo Cabrera Infante.³ O dançarino de palavras que, tal como o Caim de Adão, habitou até os últimos dias de sua vida a terra de Node (ou, simplesmente, Londres), ao oriente do seu Éden, a ilha de Cuba.

As verossimilhanças encerrariam por aqui se não fosse um adendo. Antes de ser um exilado, como Caim; antes de ser um “errante”, tal como *Sikán*, o escritor cubano teria por um

¹ BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, Gn 4, 4-6, p. 5.

² Ibid., Gn 4 3-4, p. 5.

³ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Seseribó*. **Revista Casa de Las Américas**, La Habana, n. 32, año V, sept./oct. 1965, p. 43.

período de sua vida, por volta de 1952, utilizado um pseudônimo no mínimo curioso a fim de driblar os censores da ditadura de Fulgêncio Batista (1952-1959). Nele, a hispanofonia levava ao fim não o “m”, como na versão em língua portuguesa do nome do personagem bíblico, mas sim um “n” precedido de um “í”: *Caín*. E, ao começo, outra, porém, reveladora letra: o “G”, maiúsculo e precedido com ponto, “G.”; de Guillermo... Ou seja, o anagrama – baile de primas sílabas – do próprio nome de **Guillermo Cabrera Infante**.

O presente estudo tem por finalidade realizar uma leitura historicizada dos livros de memórias *Cuba, la Revolución: ¿Mito o realidad? - Memorias de un Fantasma Socialista* (2006)⁴ e *Retrato de Família com Fidel* (1981), ambos de autoria do jornalista e militante político cubano Carlos Franqui (1921-2010); e *Mea Cuba* (1993) e *Cuerpos Divinos* (2010), do *Caín* tropical, o escritor e crítico cinematográfico Guillermo Cabrera Infante. Autores que, além de diletos amigos de longa data, acabaram rompendo com o regime instaurado há mais de cinquenta anos por Fidel Castro em Cuba.

A partir da análise de tais obras procura-se verificar dentro de uma perspectiva histórica o estabelecimento e a enunciação de uma rede de representações edificada *in exilium* por e entre os autores. Em um primeiro momento, busca-se compreender as causas, os meandros e os desdobramentos que no transcurso das décadas de 1950 e 1960 inferiram para que Guillermo e Carlos transitassem de engajados intelectuais colaboradores da Revolução Cubana a dissidentes declarados do regime castrista. Para isso, é mister mergulhar no pantanoso, porém, enriquecedor terreno do sensível, demarcado pelas impressões que os autores teceram no exílio em relação às suas trajetórias intelectuais antes, durante e após a Revolução Cubana. O que num primeiro momento pode se apresentar ao leitor mais desatento como uma espécie de tentativa de composição de dupla biografia, não o é. Já que ao vasculhar as representações circunscritas aos recônditos das lembranças dessas trajetórias objetiva-se não o enredo em si, mas, doravante, as questões históricas, políticas, sociais e culturais nele submersas.

A hipótese central que norteia esta pesquisa fundamenta-se na ideia de que, como entusiastas da Revolução Cubana, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante defenderam durante a fase de consolidação do regime revolucionário (1959-1968) um modelo de valorização e condução da cultura que, mesmo condizente com os princípios e anseios abarcados pela Revolução Cubana, e, partilhado à época com outros intelectuais, acabou prostrado pelo governo revolucionário, em detrimento de outro projeto, apresentado por um

⁴ A partir de agora, somente, *Cuba, la Revolución*.

grupo intelectual rival – a *intelligentsia* comunista ligada ao Partido Socialista Popular (PSP). Acredita-se, assim, que a valorização do projeto elaborado e defendido pelos intelectuais comunistas tenha articulado de modo determinante na ruptura dos autores com o regime castrista, refletindo, por conseguinte, na difícil decisão por eles tomada de partida para o exílio.

Apesar das características que distinguem a Revolução Cubana, o regime castrista e seus respectivos e plurais movimentos dissidentes de outros processos, regimes e movimentos históricos análogos, é indiscutível que, tal como ocorrido noutros processos revolucionários, o cubano também produziu seus desafetos. Porém, quem são essas pessoas? O que pensam ou sentem? Como vivem, suportam ou transcendem a realidade do desterro? Será que discordam simplesmente das conquistas da revolução ou, de maneira mais enfática, dos caminhos e inclinações para ela traçados por um corpo específico de dignitários? Enfim, uma longa lista de indagações se abre diante do olhar do historiador da cultura, ressaltando a emergência de se pensar o exílio cubano também a partir de quem os vivenciou, mapeando, sumarizando e compreendendo as trajetórias e os papéis sociais e discursivos por eles desempenhados na História.

A escolha por trabalhar com as memórias de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante não se deu por acaso. Por intermédio de suas respectivas trajetórias é possível identificar, por exemplo, que, mesmo antes do desterro, os autores já entoavam biograficamente uma trama envolvente: amigos desde os tempos de juventude em *Habana Vieja*, Guillermo e Carlos cumpriram importantes e decisivos papéis para o enriquecimento do universo cultural cubano; e, no âmbito político, principalmente Franqui, em prol da luta revolucionária em Cuba. Juntos empreenderam múltiplos projetos culturais, entre os quais, a criação ainda na década de cinquenta de duas experiências de vanguardas artísticas, a revista *Nueva Generación* e a *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*. Mais tarde, durante a etapa de consolidação política da revolução, essas experiências projetariam boa parte da intelectualidade cubana revolucionária e o cerne das ideias que deram os primeiros tons ao *Jornal Revolución* e ao seu respectivo suplemento cultural, *Lunes de Revolución*.⁵ Mais além, e, apesar de uma vez exilados os autores terem passado a constituir trajetórias bem distintas, pode-se afirmar que os exílios por eles perpetrados se inserem numa mesma e distinta categoria de exílio cubano: a do exílio do intelectual de esquerda, já que os dois nutriram ideias progressistas antes, durante e após a Revolução Cubana, bem como nela cumpriram

⁵ ROJAS, Rafael. Anatomia do Entusiasmo: Cultura e Revolução em Cuba (1959-1971). In: **TEMPO SOCIAL**. Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 71-88, 2007, p. 71-88.

ativas participações.

Uma vez asilados, Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui utilizaram a literatura não somente como um bastião que comporta críticas, denúncias ou profanações à imagem de Fidel Castro e à inclinação pró-soviética do regime castrista, mas também como refúgio para rememorar ou extravasar as aventuras e desventuras por eles vividas antes e durante o exílio. Ou seja, como veículos de difusão de outra versão sobre a história da Revolução e de Cuba, que não aquela edificada e propagada pelo regime ou por seus apoiadores, tampouco em total consonância com as versões emitidas por outros grupos de intelectuais cubanos asilados. Por conta disso, a lista de obras publicadas pelos dois autores durante o desterro não é pequena e revelam, para além de estilos distintos de escrita, uma gama de abordagens.

Escritor de ofício antes mesmo da Revolução Cubana, Guillermo Cabrera Infante notabilizou-se por coroar suas obras com um caráter mais artístico, literário, que, não raras vezes, imbuídas de elementos ficcionais em detrimento de uma composição mais objetiva, se distingue sobremaneira daquelas publicadas por Carlos Franqui. Enquanto a escrita de Cabrera Infante se caracteriza pela composição de romances, artigos e contos, a de Carlos Franqui é coroada pela confecção de livros de relatos, pautados mais na objetividade das informações do que na preocupação com a estética textual.

Sob a assinatura de Guillermo Cabrera Infante foram publicadas durante o período do exílio (1965-2005), entre outras, *Tres Tristes Tigres* (1967), *Vista del Amanecer en el Trópico* (1974), *La Habana para un Infante Difunto* (1979), *Mea Cuba* (1992) e, já após seu falecimento, a autobiografia *Cuerpos Divinos* (2010) - cuja importância implicou a incorporação em tempo da mesma como fonte principal passível de análise nesta pesquisa. De autoria de Carlos Franqui (1968-2010), consagraram-se obras como: *Diario de la Revolución Cubana* (1976), *Retrato de Família com Fidel* (1985) e, recentemente, a autobiografia *Cuba, la Revolución* (2006). Destas, como já assinalado, este estudo utiliza como fontes apenas *Cuerpos Divinos*, *Mea Cuba*, *Retrato de Família com Fidel* e *Cuba, la Revolución*. Tal escolha se balizou levando em consideração o caráter autobiográfico dessas obras, a riqueza de informações nelas contidas, bem como o fato delas retomarem e complementarem ideias e fatos já expressos pelos autores em outras obras anteriores.⁶

⁶ Ao longo da pesquisa, as leituras dos livros de Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui foram realizadas a partir das edições originais em espanhol. Contudo, a fim de facilitar a leitura desta dissertação pelo público e pesquisadores brasileiros sem infringir qualquer dos direitos de tradução, convencionou-se manter a transcrição em Língua Portuguesa no caso das obras já traduzidas no Brasil (*Mea Cuba* e *Retrato de Família com Fidel*) e preservar o espanhol quando dos livros ainda não traduzidos (*Cuba, la Revolución* e *Cuerpos Divinos*). Ainda no tocante às obras traduzidas, pouquíssimas discrepâncias foram notadas em relação aos sentidos enunciados pelos originais em castelhano. Quando detectado algum equívoco cometido pelos tradutores, principalmente, no que se

Concebido como uma compilação de artigos, entrevistas, cartas e ensaios políticos publicados nos mais diversos órgãos internacionais de imprensa durante os anos em que Guillermo Cabrera Infante viveu exilado, portanto, um verdadeiro depositário documental, na opinião do autor, o livro *Mea Cuba* surgiu de uma necessidade pessoal em conceder coerência aos seus escritos estritamente políticos.⁷ No plano contextual, ele foca uma temporalidade que, balizada entre o ano de rompimento de Guillermo Cabrera Infante com o castrismo (1965) e as discussões levadas a cabo por historiadores e intelectuais ibero-americanos em torno dos quinhentos anos da América e de Cuba (1992), também se inscreve consoante com a permanência de Fidel Castro no poder mesmo frente à coroação do processo de desintegração definitiva da União Soviética, ocorrido no ano de 1991. Essa intencional inserção temporal sublinhou sobremaneira o caráter emergencial da utilização dessa obra como fonte do estudo histórico por se tratar de uma espécie de (auto)biografia política do autor, editada a partir de balizas cronológicas cruciais para a história política de Cuba.

No caso de *Cuerpos Divinos*, autobiografia “amorosa” que começou a ser escrita por Guillermo Cabrera Infante ainda na década de sessenta, mas que fora publicada somente após o falecimento do autor, a obra cobre uma etapa de sua vida não abarcada em *Mea Cuba*, os anos cinquentas. É válido lembrar que neste período eclodiu em Cuba a luta revolucionária. Portanto, o que nela se buscou foi menos informações da vida amorosa de Cabrera Infante, por sinal demasiada interessante, e mais os detalhes de seu envolvimento na luta revolucionária cubana e as representações que, de um modo ou de outro, pudessem complementar ou divergir de outras apresentadas nos livros de Carlos Franqui.

Deste autor, *Retrato de Família com Fidel* emerge em 1981 como a primeira grande tentativa de Carlos Franqui de publicar um livro autobiográfico. Nele, o autor coloca em evidência a importância de sua participação no processo revolucionário cubano e os motivos que concorreram para com a sua ruptura em relação ao regime castrista. Boa parcela dos fatos, conceitos e interpretações contidas nessa obra foram retomados ou aprimorados pelo autor em *Cuba, la Revolución*, autobiografia definitiva em que Carlos Franqui procurou o estabelecimento de um recorte temporal que, também vasto, abrangesse desde seus primeiros anos de vida em *Clavellinas* (1921) até o retrato que compôs sobre a conjuntura política da Ilha, quando de sua transferência da Europa para Porto Rico, ocorrida em 1991, época em que Guillermo Cabrera Infante preparava a publicação de *Mea Cuba*. Por esse caminho, além

refere aos cubanismos (termos cubanos), e que, ao fim e a cabo, alteram o sentido dos enunciados, a análise de tais fragmentos foi realizada a fim de atender a compreensão do sentido original, não do expresso pela tradução.

⁷ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 19.

revisitar seu itinerário como intelectual e militante político, o autor destaca os anos de luta ao lado de Che Guevara e Fidel Castro na *Sierra Maestra*, os meandros do processo de afunilamento da política cultural em Cuba, bem como as experiências sociais e subjetivas por ele vividas antes e durante exílio.

As obras elencadas podem assim ser consideradas narrativas de memórias, autobiografias, à medida que, cada qual à sua maneira, partindo de um tipo de construção narrativa própria, busca recompor um itinerário de vida com base em recordações: *Cuba, la Revolución*, *Cuerpos Divinos* e *Retrato de Família com Fidel* gestados como livros claramente autobiográficos, e *Mea Cuba*, como a compilação de inúmeros textos que recompõe as passagens de uma trajetória.

Outro ponto a ser enfatizado concerne à complementação entre obras. Mais do que peculiares lembranças sobre trajetórias de vida e a recente história de Cuba, do ângulo discursivo, as obras se destacam por entoarem fatos e circunstâncias verossímeis, principalmente, no tocante aos itinerários cruzados das biografias dos atores e às ideias contidas nesses e em outros livros até então por eles publicados. A todo momento Carlos Franqui reitera ou rearranja em suas obras ideias expressas por ele mesmo em outros livros ou nas obras publicadas pelo amigo. O mesmo vale para Guillermo Cabrera Infante. O que demonstra haver muitos pontos de convergência entre as ideias defendidas e os relatos produzidos pelos escritores, corroborando que seus exílios enquadraram-se numa mesma conformação ideológica.

Em virtude dessas características, a presente pesquisa procurou esboçar um recorte temporal condizente não somente com as narrativas e definições cronológicas apresentadas pelos autores nas obras, como também respeitando a própria lógica de consolidação do processo político cubano inaugurado pela Revolução. Quando feita a opção pelo estudo balizado entre os anos de 1951 a 1968, levou-se em consideração tanto a compreensão dos autores sobre a localização temporal de suas respectivas trajetórias dentro do panorama cultural e político cubano quanto a lógica temporal apresentada pelos historiadores de ofício.

No caso da lógica temporal expressa pelas trajetórias dos autores, 1951 articula-se como o ano em que juntos fundaram a *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*, e 1968, o ano em que Carlos Franqui rompeu definitivamente com o regime castrista, bem como o ano em que Guillermo Cabrera Infante, então, no exílio desde 1965, pela primeira vez quebrara o silêncio que até aquela altura mantivera sobre as razões que o levaram a romper com o castrismo. A quebra deste silêncio ocorrera com a publicação nas páginas da revista argentina *Primera Plana* de uma entrevista concedida pelo autor. A publicação dessa entrevista gerou grande

polêmica. Razão pela qual Guillermo Cabrera Infante acabou por inseri-la em *Mea Cuba*, sob o título “A Resposta de Cabrera Infante”.

O ano de 1968 também marcou singularmente a história cubana. Naquele ano, o regime castrista, que, desde o início da década de sessenta ensaiava uma aproximação com a União Soviética, acabou por concretizar uma guinada definitiva para Moscou ao declarar apoio à invasão da Tchecoslováquia por tropas soviéticas durante a eclosão da Primavera de Praga.⁸ O apoio do governo cubano à União Soviética fora repudiado por Carlos Franqui, que o utilizou como argumento para declarar seu rompimento definitivo com o regime de Fidel Castro. Já o ano de 1951 em Cuba fora considerado como o auge da crise republicana, demarcada pela intensificação de disputas políticas e por uma série de denúncias que acusavam o presidente Carlos Prío Socarrás (1948-1952) de promover e favorecer a corrupção em vários setores do governo. Em agosto de 1951, no ápice da crise que refletia o descrédito do povo em relação aos políticos cubanos, o líder do Partido Ortodoxo, Eduardo Chibás, que, apresentava um programa semanal na rádio CMQ em que tecia críticas e denunciava a corrupção do governo Prío, sacou uma arma e disparou contra si mesmo enquanto o programa estava no ar, vindo a falecer dias depois num hospital de Havana.

Para o historiador inglês Richard Gott, a morte de Chibás demarcou o fim da República cubana (1933-1951), uma vez que abriu precedente para que, no ano seguinte, à iminência da realização de eleições presidenciais, Fulgêncio Batista liderasse um golpe militar, conhecido como *Cuartelazo*, que anulou o processo eleitoral e instaurou uma ditadura em Cuba.⁹ A instalação da ditadura batistiana, tal como ficara conhecida, articular-se-ia como a principal mola propulsora para a eclosão da Revolução Cubana, que emergiu com a perspectiva de derrubar Fulgêncio Batista, banindo a corrupção outrora latente no antigo sistema republicano.

Apesar de apresentar um recorte cronológico balizado entre 1951 e 1968, como se pode verificar, a ambientação desta pesquisa traz como pano de fundo uma temática recorrente em incontáveis narrativas e estudos, o exílio, experiência desconcertante e plural que acompanha a humanidade desde tempos imemoriais. E, em muitos pontos, contribuindo para moldar ou reescrever no âmbito coletivo a história de sociedades, culturas, nações e Estados, e, nos recônditos da vida privada, as trajetórias de ilustres ou anônimos personagens.

⁸ A Primavera de Praga (1968) foi um movimento capitaneado pelo povo tcheco para preservar dentro do regime comunista da Tchecoslováquia uma parcela de liberdade. O movimento que acabou ganhando o apoio de lideranças comunistas de outros países do Leste Europeu foi duramente reprimido pela União Soviética, que temia perder influência naquele país. GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 267-268.

⁹ Ibid., p. 169.

É a partir das representações contidas nos livros autobiográficos produzidos *in exilium* por Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui, e não pela ênfase na reprodução do conhecimento historiográfico, que, à ribalta, procura-se a compreensão dos acontecimentos políticos e culturais que, transcorridos entre 1951 e 1968, confabularam primeiro para o engajamento dos autores no processo revolucionário cubano, e, depois, para com a conversão a exilados de um dos regimes mais controversos da história da América Latina, quiçá do século XX. Portanto, o que se coloca em jogo não são representações edificadas entre 1951-1968, mas as representações pelos autores constituídas no exílio (1965-2005 e 1968-2010). Desse modo, a emergência de configuração de um recorte cronológico surge apenas como uma ferramenta para delimitar o campo de leitura crítica das obras autobiográficas produzidas pelos autores.

Diante dos elementos que constituem esse cenário, o exílio e a memória cubana, tem-se desde já uma incipiente ideia do tamanho dos desafios que se apresentaram à consolidação deste trabalho. Tanto desafios de ordem metodológica, quanto os que dizem respeito ao subjetivo universo do sensível, já que uma pesquisa que de um modo ou de outro acaba abordando uma temática já polêmica, a Revolução Cubana, abarca temas ainda mais controversos, tais como: o exílio (ainda mais quando se trata do exílio do intelectual cubano); o uso de memórias como fontes historiográficas; a autobiografia como um produto da memória; o afunilamento da política cultural em Cuba; entre outros. A fim de refletir sobre esses espectros, utilizou-se a contribuição de inúmeros e reconhecidos estudos capitaneados em diversos campos do saber-fazer, entre os quais, a sociologia, a crítica literária, a filosofia, a psicologia e a própria história. Ver-se-á, todavia, que ao sopé do patamar do qual galgaram as ciências humanas nos últimos anos é possível sim edificar um saber historiográfico o mais isento possível de teologismos acabados. Assim um dos grandes desafios superados ao longo desta pesquisa foi o de encontrar nas diferentes contribuições paradigmáticas ou analíticas um elo, um eixo coerente e possível de leitura e aplicação de uma prática metodológica que, mesmo híbrida, ao fim não se apresentou amorfa.

A compreensão sobre o que é o exílio e seus destranques, sejam eles de ordem terminológica ou contextual, foram de fundamental importância para a composição do presente trabalho. Como se sabe, as terminologias “exílio” e “exilado” são largamente difundidas e, por vezes, utilizadas a torto e a direito sem maiores preocupações conceituais. Contudo, no restelo da aplicação de tais termos emerge uma longa lista de outras acepções, talvez, menos conhecidas, pois, de uso pouco comum, tais como: desterro, asilo, diáspora, migração, emigrado, expatria, degredo etc. Apesar de enunciarem movimentos em muitos

aspectos parecidos, cada uma dessas acepções corresponde a movimentações peculiares. Um exilado, por exemplo, pode não ser considerado um refugiado político, ou então, um asilado. Do mesmo modo, o movimento que o leva ao exílio nem sempre ocorre em diáspora, como dispersão massiva de um povo ao longo dos anos, tampouco, como degredo, à pena de expulsão, ou, refúgio, a título de segurança e proteção em outro lugar que não a própria pátria.

Ao estudar a questão dos exilados brasileiros à época da Ditadura Militar (1964-1985), a historiadora Denise Rollemberg buscou mapear o campo de batalha dessas aplicações terminológicas que rondam os fenômenos de trânsito territorial. Durante a realização dessa tarefa, a autora constatou que há uma profunda cisão nas formas como a literatura e o campo jurídico problematizam, compreendem e classificam a mesma questão. No que concerne ao campo literário, Rollemberg indica que a acepção exílio é uma categoria própria da literatura, pois, nela a terminologia apresenta-se livre da exigência de definições mais pontuais.¹⁰ O contrário, no entanto, ocorre quando do entendimento jurídico. Nesse último, devido ao atendimento de necessidades mais objetivas de classificação, os organismos internacionais entendem a condição de “exilado” adotando terminologias como “refugiado” e “migrante”. Para o corpo jurídico do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), órgão responsável por classificar e reger os direitos e deveres dos migrantes, refugiados, exilados, etc., é considerada protegida pelo Estatuto dos Refugiados a pessoa que:

[...] temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, encontra-se fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade encontra-se fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.¹¹

Intencionalmente válida para fins jurídicos, a realização dessa operação generalizante pela Acnur e que rege as leis dos países signatários do Estatuto de Refugiados da Convenção de Genebra (Cuba não é um deles) acaba por descaracterizar e inserir num mesmo balaio

¹⁰ ROLLEMBERG, Denise. **Exílio**: Entre Raízes e Radares. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 37.

¹¹ A Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados, também conhecida como Convenção de Genebra, foi realizada em 1951 a fim de definir as condições e o caráter do refúgio, bem como estabelecer os direitos e deveres dos indivíduos aos quais é concedido asilo e as responsabilidades das nações concedentes. Nesse evento foi criada a Acnur, órgão da ONU responsável pela questão dos refugiados. Inicialmente limitado à proteção dos refugiados europeus, principalmente, os vitimados pela Segunda Guerra Mundial, o Estatuto foi reformulado em 1967 com pequenas alterações por meio protocolar, removendo assim os limites geográficos e temporais, porquanto, ampliando mundial e cronologicamente a cobertura da Convenção de Genebra para Refugiados. É importante frisar que, no período, mesmo sob ferrenhas ditaduras, boa parte dos países latino-americanos assinaram o acordo. Cf. CONVENÇÃO DE GENEBRA RELATIVA AO ESTATUTO DOS REFUGIADOS, 1951. Cap. I, Artigo 1º, Parágrafo 2º, versão protocolar de 1967. Disponível em: <www.onu-brasil.org.br/doc_refugiados.php>. Acesso em: 26 nov. 2010.

movimentos que, num primeiro momento, se apresentam semelhantes, mas que, no âmagô, são criteriosamente diferentes. Desse modo, a força jurídica acaba por transferir à condição de exilado, que trata de um movimento tipicamente acional e em essência engajado, uma carapaça de passividade, de vitimização, que desqualifica o seu caráter político: o exilado “é um ser político que, de uma forma ou de outra, desafia e enfrenta o poder constituído, segundo suas ideias e posições e, por isso mesmo, está nesta condição”¹².

Em relação ao uso do termo exílio, é válido frisar que cabe ao exilado determinar sua própria condição no mundo e para o mundo. Muitos, apesar de identificados de fora como exilados, não se consideram dessa forma. E, no caso do que se convencionou chamar exílio cubano, devido à pluralidade de seus movimentos, a diversificação se faz ainda mais presente. Coube a Jesús Barquet refletir sobre o que chamou de *conflicto nominal* dos cubanos que vivem fora de Cuba. Para ele, diante da gama de termos que podem caracterizar e nomenclaturar a situação dos cubanos residentes fora de Cuba, tais como, exílio, desterro, diáspora e emigração, a expressão que melhor define a seu ver sua própria situação é expatria. E reitera: “*el exilio, la inmigración o la diáspora (...) escoja cada cual el término que mejor se le ajuste; en mi caso es indudablemente otro ahora: ‘expatriado’*”.¹³

Pela assertiva de Barquet, uma definição sobre a condição de uma pessoa obrigada a deixar o país natal por algum motivo reflete muito mais um estado de espírito, de momento, do que propriamente a coroação indelével e “ditatorial” (de cima para baixo ou de fora para dentro) de uma terminologia, por melhor que ela supra as necessidades científicas. Essa dificuldade em situar terminologicamente uma experiência subjetiva revela uma particularidade universal da condição de “exilado”: a de “estado de ser descontínuo” – ou fratura. Advinda de Edward Said, esta noção promove uma explicação ao menos coerente ao estado de sentir-se especial, diferente, comum a esses indivíduos. Para o orientalista, ao verem-se materialmente separados de suas raízes, de certo modo, de seu passado, os homens em “outras terras” sentem uma urgente necessidade de entenderem a si mesmos seja como parte de uma ideologia triunfante, seja como membro de um povo restaurado, seja noutras palavras, como um povo ou ser especial, não no sentido de vitimização ou de especialidade frente a outros povos, mas, sim, na mão de enfatizar sua já notável diferença em relação ao outro ou em referência a outros.¹⁴ Ideia essa que complementa a de Barquet (“escoja cada cual

¹² ROLLEMBERG, Denise. **Exílio**: Entre Raízes e Radares. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 39-40.

¹³ BARQUET, Jesús J. Memórias desde Expatria. In: CHÁVEZ RIVERA, Armando. **Cuba Per Se**: Cartas de la Diáspora – cincuenta escritores cubanos responden sobre su vida fuera de la Isla. Miami: Ediciones Universal, 2009, p. 60.

¹⁴ SAID, Edward W. **Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaio**s. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo:

el término que mejor se le ajuste”). Cabe a cada um entender e nomear sua especialidade, sua diferenciação em relação ao outro, mesmo que a condição do outro seja tão similar quanto a do diferenciador.

As divergências e convergências sobre o que é exilado e o que define o exílio não param por aí. Ao tomar como parâmetro dois dos estudos aqui utilizados para este fim, o de Rollemberg e o de Said, verifica-se que entre tais autores não existe um consenso quanto à aplicação e os usos corretos de tais termos. Enquanto que para Rollemberg o exílio é uma condição ativa, de engajamento político, ou seja, somente existe como resultante de uma ação direta dissidente, para Said o exílio é possível somente a partir de um banimento, ou seja, como resultado de uma ação que em grande medida independe do poder de escolha do indivíduo. Para a ação concreta e direta, de ordem pessoal, Said prefere tal como Barquet o uso da acepção “expatriado”. Essas sensíveis diferenças entre o modo como Rollemberg e Said veem o conceito de exílio se deve mais a uma questão de ponto de vista do que propriamente de definição terminológica. A análise de Said tenta suportar uma explicação global, mas não generalizante para a condição de “exilado”, o que o faz ver o “exílio” num sentido até mais poético e pessoal, pela ótica de cada “exilado”. No caso do trabalho de Rollemberg, privilegia-se a reflexão histórica sobre um tipo particular de exílio, o dos militantes brasileiros de esquerda durante a vigência no país de um regime militar, em que os próprios atores históricos consideravam-se exilados.

Consoante a tais discussões, convencionou-se na presente pesquisa definir os casos específicos de Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui, optando pelo uso da acepção “exílio”. Isso porque tomando o conjunto das obras de memórias produzidas pelos autores é constante e amplamente utilizada tal definição, bem como sua derivação direta, exilado. Assim, busca-se o resguardo do acometimento de uma referência incorreta aos referentes. E, mais além, consonante com a análise de Rollemberg, o conceito exílio imprime uma ideia de engajamento, de ação política, pois, quando levados em consideração os casos de Franqui e Cabrera Infante, deve-se ter em mente que o que se colocou em jogo como razão para a saída dos autores de Cuba não foi tanto uma lista de questões puramente essenciais, ou seja, de sobrevivência, haja vista que, bem ou mal, ambos os autores detinham antes da partida funções governamentais e certa “estabilidade” dentro dos quadros do regime. O que se colocou, porém, foi uma série de motivações existenciais, ou seja, de natureza ideológica que por si mesmas demarcam a natureza acional, política e voluntária da emigração por eles

levadas a cabo.

O compreender o exílio como um movimento subjetivo ou coletivo naturalmente engajado, e o exilado e suas imagens representativas como artefatos simbólicos desse engajamento, além de promover o fortalecimento do uso da literatura produzida em exílio pelo historiador, traz a relevo a concepção de que, munido de um projeto sociopolítico, é a derrota deste projeto, seja individualmente ou pela e na coletividade, ou mesmo, as dificuldades que se apresentam à sua implementação, que transformam o homem comum em seus espectros político, social ou cultural um exilado.¹⁵ Do mesmo modo, é claro que, como fenômeno histórico, o exílio possui idiosincrasias atemporais, aqui entendidas como *estruturas estruturadas*.¹⁶ Boa parte delas já foram descritas pela literatura ou por obras especializadas, figurando como eixos de concordância entre Said e Rollemberg, entre as quais, a visão do exílio como uma vivência em si dolorosa, uma “prisão”, uma fratura amarga do eu com a terra natal, mas que, no fundo, também possui um aspecto “libertador”:

Se os conflitos vividos expõem o exilado a experiências dolorosas, criam também a possibilidade de renovação, inovação, descoberta, transgressão, ampliação de horizontes. Não se está defendendo, evidentemente, o “sofrimento” como “enriquecimento”. No entanto, mesmo sem uma percepção dicotômica, um polo é sempre mais ou menos enfatizado em detrimento do outro. Se muitos sofrem com o desenraizamento, outros se descobrem nesse processo. O exílio, apesar de tudo o que foi dito – ou por causa disso, oferece outro lado: a oportunidade do recomeço e da transformação.¹⁷

Quando perguntei “Seattle?”, Noubar sorriu com resignação, como se dissesse, melhor Seattle do que a Armênia, que ele nunca conheceu, ou a Turquia, onde tantos foram massacrados, ou o Líbano, onde ele e sua família teriam certamente arriscado suas vidas. Às vezes, o exílio é melhor do que ficar para trás ou não sair: mas somente às vezes.¹⁸

É sobre esse eixo, o da compreensão dos simbolismos amargos e doces que balizaram os exílios de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante que gira a perspectiva analítica desta pesquisa. O objetivo com isso não é o de reduzir os discursos presentes nos livros de memórias dos autores a um esquema estável e universal, como se representassem e se articulassem como emblemas ou vozes de todas as comunidades de “exilados” cubanos. O

¹⁵ ROLLEMBERG, Denise. **Exílio**: Entre Raízes e Radares. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 45.

¹⁶ Em Pierre Bourdieu, as estruturas estruturadas compreendem os sistemas simbólicos que, como instrumentos de comunicação e conhecimento, refletem como uma estrutura tradicional dada, difícil de romper, o simbolismo como instrumento dado pelo mundo material como resultante de práticas de vida e como entendimento de realidade. BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand, 1989, p. 9-15.

¹⁷ ROLLEMBERG, op. cit., p. 33, grifos do autor.

¹⁸ SAID, Edward W. **Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 51, grifos do autor.

“exílio” cubano é historicamente plural, e algumas pluralidades também emergem entre os discursos dos autores: nem tudo que Franqui escreveu, Guillermo corroborou, e vice-versa. Há de neles se detectar as unidades, os encontros, assim como as diferenças, as rupturas e as exclusões.

Said alerta para o fato de que conhecer e tomar contato com um escritor no exílio não é o mesmo que ler um de seus escritos sobre o exílio.¹⁹ Certamente. Contudo, Rollemberg vê nos relatos das vivências pessoais, neste tipo em particular de literatura, a possibilidade de que o escritor tem de recuperar a identidade de um passado e uma capacidade de resistir e contestar a história oficial.²⁰ No caso específico dos escritores latino-americanos exilados, essa tendência recuperar-resistir-contestar é maximizada. O sociólogo Octávio Ianni aponta que na literatura de *Nuestra América*, além de recorrente, a dolorosa combinação exílio/ditadura produz historicamente um efeito interessante: a tendência de reagir à tirania e ao tirano sob vários aspectos e a de trabalhá-la em todas as suas implicações, ao invés de negá-la, ou, simplesmente, combatê-la.²¹

Outro aspecto abarcado tem a ver com a utilização neste trabalho de um tipo específico e especial de fonte, a memorialística, expressa em obras de cunho autobiográfico. Em geral, tende-se a compreender como autobiografias somente os escritos contínuos em primeira pessoa que rememoram as aventuras e desventuras da vida do narrador. No entanto, o gênero autobiográfico extrapola a rigidez da confecção textual, abrangendo uma série de outros escritos, como por exemplo, diários, cartas, artigos publicados etc., desde que compilados pelo autor em uma única obra. Segundo a historiadora Romilda Costa Motta, ainda hoje impera uma escassez de pesquisas, tanto em História como em Letras, que se debruçam sobre a utilidade e riqueza das autobiografias. Isso porque tanto em uma área como em outra, o gênero tende a ser encarado como um gênero menor, confuso, híbrido, quando não, problemático. Assim, é rejeitado pelos historiadores que acreditam que por meio de uma autobiografia não se chega à “verdade”, pois, a narrativa está entremeada de ficcionalidades. E também, acaba espezinhado pelos literatos, que enxergam, no caráter não ficcional da autobiografia, a preponderância de um gênero literário menor.²²

Já para este trabalho o que fez a diferença foi a maior riqueza do gênero

¹⁹ SAID, Edward W. **Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 47.

²⁰ ROLLEMBERG, Denise. **Exílio: Entre Raízes e Radares**. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 19.

²¹ IANNI, Octávio. **Ensaio de Sociologia da Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991, p. 14.

²² MOTTA, Romilda Costa. **José Vasconcelos: as Memórias de um “Profeta Rejeitado”**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

autobiográfico, justamente, seu caráter híbrido: entre ficção/realidade. A pesquisa privilegiou não a busca por aquilo que é fato ou ficção, verdade ou mentira, mas sim, por aquilo que foi dito pelos autores, e, mais adiante, o que o dito representa para quem o diz e porque está sendo dito, em quais circunstâncias e sobre qual égide.²³ Ou seja, as representações que indivíduos tecem sobre a realidade vivida. Pois, como enunciou Jean-Paul Sartre: “o comportamento do sujeito é nele mesmo o que é.”²⁴

É claro que, quando se trata do saber-fazer História, apesar de jamais poder ser excluído, o perigo de recair na armadilha hermenêutica tem que ser ao máximo amortizado. Daí a utilidade das contribuições advindas de pensadores sobre a cultura e a memória. Para Raymond Williams, por exemplo, todas as obras de arte comportam *mediações*, que nada mais são do que processos de composição necessários que incorporam de modo direto o material social preexistente e que revelam uma estrita relação entre experiência e composição. As mediações podem descortinar, por exemplo: uma “projeção”, quando um sistema social é nela projetado; um “correlato objetivo”, quando ilustra os sentimentos subjetivos ou concretos que impulsionaram a composição da obra; e/ou, “processos sociais básicos de consciência”, quando certas experiências sociais não captadas diretamente na obra são cristalizadas em determinadas imagens nelas inseridas. Tais mediações obedecem claramente formas específicas (formações especiais peculiares), bem como seguem ideologias apropriadas, sendo necessário primeiro compreender as composições sociais que as engendraram.²⁵ Por esse caminho é possível traçar na análise conjunta das obras os emblemas daquilo que Roger Chartier chama de “lutas de representações”²⁶. E, a partir destas últimas, o transbordo das experiências coletivas: as verdades subjetivas emanadas das obras dos autores pesadas em contraste com as verdades produzidas pelos historiadores.

Uma obra significativa para o entendimento de como trabalhar com as verdades subjetivas emanadas das obras autobiográficas é o belíssimo trabalho *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, da psicóloga social Ecléa Bosi. O livro de Bosi trata da verdadeira essência dos livros de memórias: as lembranças. A partir dessa obra fundamental foi possível compreender que, tanto como “conservação do passado” quanto como “reconstrução do passado”, as lembranças sempre devem ser entendidas como processos de trabalho, pois, ao

²³ Não buscar a diferenciação entre aquilo que é fato ou ficção nos discursos edificados pelos autores, não corresponde em momento algum a uma falta de preocupação metodológica quanto às importantes implicações que essa distinção reverbera no tocante ao saber-fazer História.

²⁴ SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 50-51.

²⁵ WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 23-25.

²⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1988, p. 17.

lembrar, o rememorador sempre estará operando por entre balizas:

O passado é, portanto, trabalhado qualitativamente pelo sujeito, sobretudo se o seu tipo for “elaborativo”, em oposição ao “retentivo” [...]. E, quantitativamente, também se notam diferenças: o passado pode ocupar quase todo o espaço mental do sujeito, como no caso dos velhos enfermos e aposentados; e pode, em situações opostas, ser desdenhado e esquecido, como a infância durante a adolescência, período em que o sujeito se acha situado antes no eixo presente-futuro que no eixo passado-presente.²⁷

Em *Narrativa e Espaço Social*, Edward Said considera que toda experiência comporta especificidades que podem ser entrelaçadas à medida que são situadas e compreendidas nas fronteiras, e não como fronteiras.²⁸ Então, o que se coloca em jogo não deve ser a análise das fronteiras dicotômicas criadas sobre os objetos (fato/ficção; verdade/mentira), mas sim a compreensão dos “entres”: o que está nas fronteiras. Um aporte dessa envergadura perpassa assim o entendimento das narrativas autobiográficas para além dos universos particulares: cada memória individual estabelece uma relação com a memória coletiva construindo uma rede de visões, porquanto, de saberes. Opinião análoga parece ser por Ecléa Bosi compartilhada:

O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência de muitos planos do nosso passado. Como transmitiríamos a nossos filhos o que foi a outra cidade, soterrada embaixo da atual, se não existem mais as velhas casas, as árvores, os muros e os rios de outrora?²⁹

Apesar de não se colocar frente a frente com o escritor, uma pesquisa de caráter historiográfico que utiliza as narrativas autobiográficas como fontes pode trabalhá-las a partir da eminência desses “entres”, dessa multiplicidade, que, por vezes, se tocam ou se cruzam, promovendo diálogos, enaltecendo conflitos e construindo realidades possíveis. Esses ecos interativos presentes no corpo dessas narrativas autobiográficas podem ser entendidos como uma combinação simultânea de várias melodias independentes, uma execução harmônica de inúmeros sons, enfim, como polifonias (ou mônadas) que, ao encontrarem outras de intensidade e caráter análogos, passam a tecer com finos fios de Ariadne uma realidade coletiva, um universo:

²⁷ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 68.

²⁸ SAID, Edward W. *Narrativa e Espaço Social*. In: **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

²⁹ BOSI, op. cit., p. 413.

Um dos aspectos mais instigantes do tema é o da construção social da memória. Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significado”, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma *versão* consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história. Este é, como se pode supor, o momento áureo da ideologia com todos os seus estereótipos e mitos.³⁰

Tal constatação justifica encampar nesta pesquisa um trabalho que leva em consideração a análise não de uma obra, porquanto, apenas de um escritor, mas de quatro obras e de dois escritores que, em grande medida, representam apenas uma constelação perdida na vastidão daquilo que genericamente clamamos de exílio cubano do século XX. É a partir desta pequena constelação perdida e de suas redes, ricos e finos fios de Ariadne, que se estabelece não a verdade universal, utópica, mas a verdade grupal, social. O que realmente está em jogo nesta pesquisa, uma vez que o objetivo é entender a partir da análise das representações contidas nos livros de memórias dos autores, é o que no e pelo entendimento deles os levou a romper com o regime castrista. Não se deve esquecer que, apesar de separados fisicamente no exílio, os autores pertenceram a um mesmo grupo intelectual quando ainda estavam em Cuba, e, já no exílio, tiveram acesso um à leitura das obras do outro, constituindo, assim, uma dupla que trabalhou intensamente em conjunto, criando esquemas muitas vezes coerentes de narração e de interpretação dos fatos: universos de discurso, universos de significado; uma versão aproximada dos acontecimentos. Aliás, esta ideia de trabalhar a representação a partir do conceito de rede se apresenta como uma tendência metodológica:

A ênfase sobre a representação na literatura, na história da arte, na antropologia e na sociologia tem levado um número cada vez maior de nossos equivalentes a se preocupar com as redes históricas nas quais seus objetos de estudo são apanhados.³¹

Do mesmo modo que alguns autores foram cruciais para o estabelecimento de parâmetros metodológicos quanto ao estudo do exílio e em relação ao trabalho com autobiografias e representações, outros foram de extrema importância para refletir sobre problemáticas menores em escala, mas, fundamentalmente grandiosas para compreensão das esferas intelectual e política cubana e seus correlativos. Alguns desses autores e algumas dessas abordagens mereceram destaque nesta introdução.

³⁰ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 66-67.

³¹ HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 29.

Do sociólogo Florestan Fernandes, por exemplo, além do livro *Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana*, leitura fundamental para todos aqueles que almejam percorrer as trilhas do estudo dos temas cubanos contemporâneos, articulou com propriedade para este trabalho o conceito de “revolução na revolução”. Com base nesta acepção fora possível explorar com ânimo a hipótese de que a ruptura de Carlos Franqui e de Guillermo Cabrera Infante com o castrismo, em grande medida, ocorreu em decorrência de disputas dentro do regime delineadas à medida que transcorreu a aproximação de Cuba com a União Soviética. Entende-se por “revolução na revolução” a transformação histórica ocorrida na Revolução Cubana que postulou alterações estruturais que afetaram a coletividade; no caso, a adoção do socialismo.³² Assim, ao pensar a Revolução Cubana dentro de uma perspectiva histórica, Florestan Fernandes conseguiu demonstrar que, para além da existência de uma conjuntura propícia para eclosão de uma revolução nacionalista em Cuba desde o início do século XX, a própria Revolução Cubana aglutinou em torno de si setores e grupos com ideias e projetos muitas vezes antagônicos, o que refletiu numa espécie de autodepuração dentro do regime à medida que, na concepção de Fernandes, o mesmo operou em Cuba “o salto do capitalismo ao socialismo”.

Os livros *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, de Luiz Alberto Moniz Bandeira, *Cuba: uma nova história*, de Richard Gott, e *A Revolução Cubana*, de Luis Fernando Ayerbe, ao lado da obra de Fernandes (sempre atualíssima), articularam como guias para o entendimento sobre o processo revolucionário cubano, uma vez que representam interpretações mais atuais e, ideologicamente, menos polarizadas sobre a Revolução Cubana, sem deixar de lado a abordagem totalizante do processo político. Isso não significa que outras obras e autores foram obliterados. As devidas referências encontram-se no final desta dissertação. Contudo, além de não se estenderem sobre debates e conceitos já tidos como ultrapassados, as interpretações de Ayerbe, Bandeira e Gott englobam abordagens e querelas ainda em evidência, o que permite visualização e entendimento abrangentes sobre os avanços galgados nas últimas décadas pela historiografia sobre Cuba.

Para entender o universo intelectual cubano dos anos 1950 e 1960 foi de suma importância a leitura dos trabalhos desenvolvidos por Idália Morejón Arnaiz, Jesús Barquet, Mariana Martins Villaça, Silvia Cezar Miskulin e Rafael Rojas. Em grande medida, como o leitor poderá notar nas páginas que seguem, esta pesquisa articulou profundo e profícuo diálogo com as obras desses autores. Principalmente, com o livro *Cultura Ilhada: imprensa e*

³² FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 97-98.

Revolução Cubana (1959-1961), de Silvia Miskulin, já que o mesmo trata da história do suplemento literário *Lunes de Revolución*, idealizado por Carlos Franqui e dirigido por Guillermo Cabrera Infante. Da mesma autora, a obra *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)* foi essencial para compreensão dos debates e embates ocorridos no campo do cultural em Cuba.

Para o entendimento do “caso P.M.”, curta-metragem produzido por *Lunes*, que fora censurado pelo *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos* (Icaic), e o teor dos debates na Biblioteca Nacional, apresentou-se sobremaneira elucidativo *Cinema Cubano: Revolución e Política Cultural*, de Mariana Villaça. Assim como, de autoria de Idalia Morejón Arnaiz, a recente obra *Política y Polémica em América Latina: las revistas Casa de las Américas y Mundo Nuevo* iluminou inúmeros pontos que, à mira desta pesquisa, encontravam-se obscuros sobre as atividades culturais dos intelectuais nacionalistas revolucionários em *Casa* e sobre importantes aspectos literários da produção de Guillermo Cabrera Infante que o olhar do historiador muitas vezes não consegue ver.

Aliás, quando enquadrados Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante como intelectuais nacionalistas revolucionários, deve-se recordar que esta acepção, assim como tantas outras presentes no corpo desta dissertação, foi determinada pela leitura dos trabalhos confeccionados pelo historiador cubano Rafael Rojas. Deste autor, certamente, o livro *Tumbas sin sosiego: Revolución, disidencia y exilio del intelectual cubano* projetou inúmeras luzes sobre a estrita relação entre os universos da cultura e da política em Cuba. Outros livros e textos do autor foram elencados em referências bibliográficas e citados no transcorrer da dissertação.

E, por fim, porém, não menos importante, o recente *Ediciones El Puente en La Habana de los años 60: lecturas críticas y libros de poesía*, organizado por Jesús Barquet e com coedição de Silvia Miskulin e María Isabel Alfonso, que suscitou o entendimento de que, em Cuba, na década de 1960, para além dos intelectuais nacionalistas revolucionários e dos intelectuais comunistas, outro grupo despontava na corrida intelectual pela representatividade cultural do regime: a “primera generación” da revolução.³³

Como se pode notar, a abordagem metodológica desta pesquisa coloca-se na intersecção da Nova História Cultural com a História Política Renovada. Abordagem que transpõe a análise do superficialmente político, tais como, os simples estudos calcados nas organizações partidárias e nas instituições estatais, ampliando o foco de análise e dilatando as

³³ Refere-se aos intelectuais reunidos em *El Puente* (*punteros*) e em *El Caimán Barbudo* (*caimanes*).

fronteiras do entendimento sobre o universo do político à medida que passou a incluir, por exemplo, como parte integrante desse universo, a esfera privada.³⁴ Essa abordagem constitui-se determinante, pois evoca a compreensão da questão do poder em suas múltiplas dimensões: trabalhando a relevância dos valores defendidos por grupos particulares em locais e períodos específicos, desconstruindo a noção de racionalização da dimensão política e estendendo a compreensão das práticas políticas para além das fronteiras daquilo que, simplesmente, concebemos como universo político.

A dimensão política é resultante do modo como em diferentes lugares e épocas uma determinada realidade social foi construída. E é no conflito entre essa realidade instituída e a percepção daqueles diretamente a ela vinculados que se descortina o frágil e quase imperceptível universo das representações: formas de pensamento, que também são produtoras de conflitos e estratégias, colocando-se como legitimadoras e justificadoras das próprias escolhas e condutas dos indivíduos, refletindo e dialogando com a realidade.³⁵ Dessa maneira, as representações construídas sobre o mundo, não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência, atuando como matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real, quando não, como reflexos de uma dada conjuntura.

Como cada indivíduo ou grupo possui uma dinâmica própria de conferir sentido ou representar a realidade, Roger Chartier chama especial atenção às lutas de representações.³⁶ Para o historiador, a análise das lutas de representações tem tanta importância quanto a das lutas econômicas na tentativa de compreender os mecanismos utilizados por um indivíduo ou grupo ao tentar impor seus valores, sua concepção de mundo e seu domínio sobre o outro. Eis a razão pela qual ao longo desta pesquisa atribuiu-se significativa importância ao estudo do universo intelectual, pois é na trajetória dos grupos de intelectuais e na edificação do discurso que as lutas de representações afloram como meios de resistência política.

Mas o que viria a ser o intelectual? Qual o seu papel político? Em *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, Antonio Gramsci contribui pertinentemente para tal reflexão ao constatar que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais.³⁷ É exatamente por causa dessa questão, de demarcação da função intelectual nas sociedades, que Jean-François Sirinelli considera que o grupo dos

³⁴ BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o Signo da Nova Ordem**: Intelectuais Autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945). São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 27-28.

³⁵ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1988, p. 16-17.

³⁶ Ibid., p. 17.

³⁷ GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981, p. 10.

intelectuais é constituído tanto pelos indivíduos que atuam como criadores ou mediadores sociais, representado pelos escritores, jornalistas e eruditos, como pelos que, por modalidades específicas de atuação, se encontram engajados na vida social, política e cultural.³⁸ Apesar de aparentemente distintas, essas duas acepções da função intelectual defendidas por Sirinelli podem em muitos casos se fundir em um indivíduo ou em um grupo de intelectuais. Por isso, como bem alertou o autor, o debate entre essas duas definições é um falso problema para o historiador, que deve partir sempre da definição ampla para, em determinados momentos, se ater ao conceito mais restrito de engajamento.

O estudo do engajamento social do intelectual reclama a análise do itinerário desse ou daqueles intelectuais, visando compreender a formação de grupos que possuem uma origem comum e posicionamentos ideológicos comuns. Evocando a compreensão do papel do intelectual na organização da cultura, Gramsci concebeu a existência de dois tipos de organizações intelectuais: a dos “intelectuais tradicionais”, formada pelos extratos pensantes que durante muito tempo monopolizam funções importantes, e, a dos “intelectuais orgânicos”, articulada por cada grupo que, inserido no mundo da produção econômica, origina por meio do próprio desenvolvimento natural uma ou mais camadas de intelectuais.³⁹ Será este último o caso de Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui durante os dois primeiros anos após o triunfo da Revolução Cubana? O conceito de intelectual orgânico de Gramsci suscita, assim, o entendimento tanto da localização funcional dos autores dentro do regime quanto da ideológica.

Uma análise que abarca as memórias de dois intelectuais cubanos dissidentes do castrismo deve também questionar sobre a rede de comunicação e sociabilização por eles estabelecidas, tanto no período revolucionário quanto no exílio, já que dela depende a compreensão do caráter ideológico e enunciativo do discurso memorialístico produzido pelos autores estudados. Neste caso, é importante frisar que, na tentativa de farejar uma trajetória, muitas vezes, o pesquisador se depara com problemas de reconstituição que devem ser absorvidos sem se deixar levar por generalizações ou aproximações duvidosas, já que os itinerários de vida desses intelectuais são diversos e particulares.

A reflexão sobre o intelectual deve também comportar a ideia de que o literato contemporâneo é por si mesmo um intelectual engajado, principalmente, o latino-americano. E tal característica é atribuída por Octávio Ianni ao fato de que a frequência, força e duração

³⁸ SIRINELLI, Jean-François. “Os Intelectuais”. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996, p. 232.

³⁹ GRAMSCI, op. cit., p. 7-8.

das ditaduras na América Latina produzem uma espécie de obsessão na vida e no pensamento.⁴⁰ Assim, nossos escritores aspiram renunciar a uma posição de meros espectadores e colocam seus pensamentos a serviço de certas causas. O que está em jogo no engajamento dos literatos latino-americanos, então, é fundamentalmente a relação entre o literário e o social, ou seja, a importância que a sociedade confere às obras e o papel que essas admitem aí representar. Os discursos implícitos na construção de romances, manifestos, contos e ensaios reverberam as representações dos autores engajados frente aos questionamentos do meio imediato, ao passo que condensa no produto final – a obra – a transferência da ação subjetiva para a edificação de novos paradigmas de ação, comportamento, posicionamento cultural e prática política.⁴¹

Variada, a produção literária contemporânea, em especial, a latino-americana, caracterizou-se pela inscrição explícita no interior do texto da imagem do destinatário, o público. E é justamente determinando o público ao qual se dirige que o escritor engajado situa sua obra política e socialmente transferindo ao leitor ideias, valores e julgamentos quase sempre partilhados pelos próprios receptores do discurso.⁴² A literatura e os seus subgêneros – entre eles, o autobiográfico – representam assim a voz de duas instâncias, o subjetivo e o público. Mas como a intenção literária é mais forte, há uma transferência que imprime sentido à representação autoral, configurando uma finalidade que não está propriamente no discurso representado, mas que é legitimada pela leitura tautológica da realidade pelo literato. Como foi expresso, tal leitura ganha ressonância, principalmente, em outra obra de mesmo gênero e produzida no mesmo grupo.

A fim de congrega e atingir tais objetivos, esta dissertação apresenta-se dividida em duas partes. A primeira, denominada Gênese, abarca os itinerários e as sociabilidades expressas pelas representações emitidas nos livros de memórias de Franqui e Cabrera Infante sobre o período pré-revolucionário (1951-1956) e sobre a etapa de luta revolucionária (1956-1959). O título Gênese diz respeito, assim, ao intuito dessa primeira parte: empreender a compreensão da origem intelectual dos autores. Já na segunda parte, intitulada Êxodo, apresentam-se os embates e debates intelectuais, culturais e políticos ocorridos em Cuba a fim de traçar as razões e os motivos que concorreram para com a ruptura dos autores em relação ao regime de Fidel Castro, e que os levou ao exílio. Essa fração compreende o período de

⁴⁰ IANNI, Octávio. **Ensaio de Sociologia da Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991, p. 47.

⁴¹ DENIS, Benoît. **Literatura e Engajamento**: de Pascal a Sartre. Tradução de Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru: EDUSC, 2002, p. 31.

⁴² *Ibid.*, p. 32.

1959 a 1968.

Em Gênese, o leitor irá deparar-se com dois capítulos: o capítulo I, intitulado “*Nuestro Tiempo*: a origem de *la Sociedad* e outros episódios da História Cultural Cubana”, que trata da formação intelectual embrionária dos autores; e o II – Da “Revolução ao *Revolución*, sob o signo do *Jeep de la Libertad*”, que resgata as representações tecidas pelos autores sobre suas trajetórias dentro da luta revolucionária cubana. Na segunda parte, Êxodo, situam-se os capítulos III e IV, respectivamente: “(*Lunes*)-de-mel com Fidel”, abordando a análise das representações sobre os papéis cumpridos pelos autores nos três primeiros anos após o triunfo revolucionário (1959-1961); e “O Pecado Original e o afunilamento da política cultural em Cuba”, que abarca os anos de 1961 a 1968, quando ocorreu o paulatino processo de afunilamento cultural em Cuba, movimento determinante para a compreensão dos meandros que suscitaram a ruptura definitiva de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante com o regime castrista.

Por fim, é necessário sublinhar que a dissertação ora apresentada pretende-se original (não pecadora) e contributiva em múltiplos sentidos: *a priori*, por se debruçar sobre um tema durante muito tempo considerado tabu no Brasil; e, também, por continuar os esforços inaugurados por historiadores brasileiros, como Sílvia Miskulin e Mariana Villaça que abriram em fechadas matas as trilhas que hoje permitem este estudo. Deve-se levar em consideração, ainda, que, em geral, os estudos históricos sobre os exílios e as diásporas contemplam a análise de esferas em essência dicotômicas: esquerda *versus* direita. No caso, este trabalho toma como foco duas forças pertencentes a um mesmo nicho, o da esquerda.

Sabe-se ainda que tanto os estudos históricos sobre o exílio cubano quanto o valor historiográfico das autobiografias são fenômenos inusitados e recentes no Brasil. Memórias que por mais de quatro décadas foram lidas nos quatro cantos do mundo e que postulavam “reescrever” a história da Revolução Cubana pelas óticas de seus autores, agora, emergem como fontes de escrita da História, amplificando o conhecimento e a percepção dos pesquisadores para novas possibilidades e resultados. A literatura do exílio é assim tomada como instrumento de uso do ofício de historiador, trazendo para o bojo o ritmo *do irascível matrimônio de doces tempos com uma história horrível*⁴³, mas que merece ser revisitada.

⁴³ CABRERA INFANTE, G. Prefácio: Retrato de um Tirano como um Aprendiz Senescente. In: FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 15.

Primeira Parte

Gênese

1 *Nuestro Tiempo*: a origem de *la Sociedad* e outros episódios da História Cultural Cubana

En nuestro tiempo la memoria parece haber nacido en el exilio.
Guillermo Cabrera Infante

1.1 Uma origem, trajetórias cruzadas

Passados pouco mais de cinquenta anos desde que os talmúdicos barbudos liderados por Fidel Castro tomaram as ruas da capital Havana, inúmeras lendas foram criadas em torno de Cuba, dos líderes revolucionários e, principalmente, sobre a Revolução triunfante em 1959, dentre as quais, a que reza que, com a Revolução, a cultura de Cuba pôde, enfim, respirar novos ares, o que alguns denominaram Renascimento Cultural Cubano.⁴⁴ Ocorre que o chamado renascimento da cultura de Cuba, a partir da gestação de uma novíssima geração de artistas e intelectuais, caracterizou-se como um movimento anterior ao alvorecer do triunfo da Revolução Cubana. Assim, a década de 1950 trouxe à luz boa parte dos intelectuais que, futuramente, colocariam seus serviços à disposição do regime instaurado por Fidel Castro em Cuba.

Ao contrário do que muitos acreditam, a Cuba da década de 1950 não era um país atrasado, condenado pela falta de estrutura e de serviços à população. O historiador Richard Gott menciona que: “Os índices de saúde eram um dos mais produtivos das Américas, não muito atrás dos Estados Unidos e do Canadá”⁴⁵. E que “Cuba ocupava a 11ª posição mundial em termos de médico por pessoas, na frente da Grã-Bretanha, da França, da Holanda e do Japão”⁴⁶. Já o brasileiro Luis Fernando Ayerbe aponta que Cuba “detinha uma média de carros por habitante que a colocava, em 1958, em sexto lugar no ranking mundial, atrás dos Estados Unidos, do Canadá, da Inglaterra, Venezuela e Alemanha Ocidental”⁴⁷. Ainda, segundo esse

⁴⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 71.

⁴⁵ GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 191.

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ DEL TORO, C. La alta burguesia cubana 1920-1958. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2003 apud AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. Coleção Revoluções do Século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 33.

historiador, o país possuía (em 1954) o maior número de aparelhos de televisão de toda a América Latina; ocupava (em 1952) o sexto lugar no continente em número de jornais publicados, um dado excepcional para uma ilha; detinha o quarto lugar em emissoras de rádio (1949); e era o quarto em número de salas de cinema (1958), atrás somente de Argentina, México e Brasil.⁴⁸

Esses números impressionam e, possivelmente, explicam em parte o surgimento na década de 1950 de inúmeros jovens intelectuais. Principalmente, no que concerne ao acesso a veículos informativos. Contudo, os dados ocultam uma realidade: a de que, em larga escala, quem tinha acesso a essa estrutura e a esses serviços era em boa parte a população das médias e grandes cidades cubanas, em especial, “uma burguesia vinculada a atividades de especulação imobiliária, indústria turística e uma classe média formada principalmente por profissionais liberais e funcionários do Estado”⁴⁹. Desigualdade que denota latentes diferenças geográficas e sociais na Cuba do período, mas que jamais pode sentenciar que toda a população urbana pobre se encontrava impossibilitada de usufruir alguns desses serviços, como o rádio, o cinema e os jornais – considerados baratos e acessíveis às camadas urbanas mais pobres.

No entanto, a restrição econômica que impossibilitava a camada mais pobre ao acesso à compra de carros e de aparelhos de televisão, bem como ao acesso a serviços de saúde de qualidade, demonstram que, na época, Cuba estava longe de ser um paraíso social. Em verdade, o país sofria de dois dos maiores males que se estendiam a boa parte dos países latino-americanos e que estão intimamente ligados: a desigualdade social e a corrupção política. No caso de Cuba, o início da década de 1950 foi marcado por dois governos extremamente corruptos e alinhados aos interesses do capital estadunidense: o de Carlos Prío Socarrás (1948-1952), último governo da República; e o de Fulgêncio Batista y Zaldívar (1952-1959), que instalou uma ditadura extremamente repressora e sanguinária na ilha. Em ambos os governos houve um acentuamento da violência, do desemprego, da corrupção institucional e dos crimes políticos. O que levou, em 26 de julho de 1953, frente à impossibilidade de realização de eleições presidenciais em decorrência da ditadura batistiana, um grupo de 165 jovens liderados pelo advogado Fidel Alejandro Castro Ruz a intentar um assalto a dois dos maiores quartéis militares do regime de Batista, o Quartel Moncada e o Céspedes, a fim de se apoderar de armas e iniciar uma insurreição para depor Batista. A

⁴⁸ DEL TORO, C. La alta burguesia cubana 1920-1958. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2003 apud AYERBE, op. cit.

⁴⁹ Ibid., p. 32-33.

tentativa foi um fiasco, muitos jovens foram mortos na ação ou sucumbiram sob tortura; Fidel foi preso e, depois, em 1955, anistiado, exilou-se no México. Contudo, desta ação, três anos depois (1956), nasceria o Movimento Revolucionário 26 de Julho (M-26/7), responsável por coordenar a luta revolucionária que depôs Fulgêncio Batista em 1959.

Na cena cultural, os anos cinquenta em Cuba foram marcados pelas atuações de duas importantes revistas literárias, a *Orígenes* (1944-1956) e a *Ciclón* (1955-1959). Dirigida pelo poeta e romancista José Lezama Lima, *Orígenes* destacou-se por promover um distanciamento ao vanguardismo cubano – outrora expresso pela *Revista de Avance*⁵⁰ – e pela ênfase numa visão religiosa (católica) da produção poética, segundo a qual, o momento fundacional, de criação de um poema, se articulava como o mais importante momento do autor com sua obra.⁵¹ Os origenistas, tais como ficaram conhecidos, acreditavam que mesmo sob a crise política que arrebatava Cuba era possível desenvolver arte e poesia.⁵² Já *Ciclón*, dirigida por José Rodríguez Feo e por Virgilio Piñera e fundada a partir de uma ruptura em *Orígenes*, articulou-se como uma publicação pluralista, inovadora, provocadora e irreverente, sendo não raras vezes criticada pelo excesso de críticas poéticas em suas páginas.⁵³

À margem dessas publicações surgia outra agremiação intelectual, a *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*, cuja importância reside na formação ainda que embrionária de uma *intelligentsia* orgânica, que cumpriria fundamental papel cultural após o triunfo da Revolução Cubana (1959). Apesar da importância de *la Sociedad Cultural* ser arrolada ou mesmo instada em inúmeras bibliografias, sua história ainda nos é um tanto quanto obscura, haja vista que, sobre uma década de existência dessa entidade (1951-1960), somente se encontram breves, espaçados e descontraídos fragmentos que relatam os pormenores das atividades por ela encampada. Principalmente, artigos ou livros de memórias escritos e publicados por ex-membros daquele corpo cultural. Dessa maneira, a tarefa do presente capítulo é reunir, crivar e refletir sobre e a partir desse escasso material, a fim de situar as origens desta sociedade e de dois de seus principais fundadores, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante.

Da fundação ao encerramento de suas atividades, *la Sociedad Cultural* articulou como um espaço de promoção e discussão não somente das artes em geral, mas também de questões relativas à conjuntura política de Cuba.⁵⁴ Em suas sessões, jovens, e até então quase anônimos

⁵⁰ A *Revista de Avance* (1927-1930) foi fortemente influenciada pelos movimentos artísticos de vanguarda europeus. Cf. MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ilhada: Imprensa e Revolução Cubana** (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 90.

⁵¹ *Ibid.*, p. 90-91.

⁵² *Ibid.*, p. 91.

⁵³ *Ibid.*, p. 98-99.

⁵⁴ VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010, p.

cineastas, artistas plásticos, músicos e intelectuais organizam sarais, debates, exposições de arte, exhibições de concertos e cines, dentre outras atividades, umas mais, outras menos subversivas, haja vista que durante quase todo período de existência de *la Sociedad Cultural*, Cuba viveu sob o signo sombrio da Ditadura e, por conseguinte, dos censores de Fulgêncio Batista y Zaldívar (1952-1959). No entanto, falar das origens de *la Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*, explorar o “submundo” das atividades por ela capitaneadas e tratar de sua importância para o desenvolvimento cultural de Cuba, é antes de tudo ter de brevemente resgatar a trajetória de dois de seus principais fundadores e colaboradores.

Oriundos do interior de Cuba, além desta, Carlos e Guillermo possuíram em vida a afinidade pelo amor à cultura e a paixão passageira por uma mesma mulher, Beba. E, graças mais à última e não à primeira afinidade, seus destinos se cruzaram e, desse encontro, nasceu uma amizade de longa data que *a priori* gestou *Nueva Generación*, posteriormente, *Nuestro Tiempo*, para transcender os desastros da Revolução, e, enfim, sobreviver aos exílios. Tudo ocorreu, como conta o próprio Guillermo em uma de suas memórias, *Havana para um Infante Defunto*, quando um dia, em sua casa, apareceu um novo espécime de comunista:

um comunista profissional, ou seja, um desses que trabalham exclusivamente para o partido e recebem por seus serviços de proselitismo. Ele se chamava Carlos Franqui – e me parece curioso como este visitante ocasional chegaria a ter tanta importância em minha vida, especialmente considerando que nosso conhecimento mútuo, nosso primeiro encontro ocorreu sob os piores auspícios. [...] Da primeira vez que o vi não gostei nada dele, o que era natural em mim, pois sempre desconfiei da amizade de estranhos. Ou talvez porque eu já pressentisse que ele se tornaria um intruso. Em sua segunda visita, Franqui encontrou-se com Beba e se interessou em conhecer essa remota rosa mais de perto. Ele – que nunca foi um gostosão típico nem muito menos um Dom Juan e, até onde sei, não tivera namorada antes – ficou apaixonado por Beba e declarou-se a ela, que o aceitou. [...] Eu, que nunca fui dado a lágrimas fáceis – não chorei sequer quando morreram minha irmãzinha ou meus bisavós, a quem amava tanto –, desta vez me tranquei num dos banheiros do cortiço, onde fui chorar de raiva e de ciúme, esquecido dos triviais vapores na minha dor de doido amor, bem mais forte que o fedor.⁵⁵

Nesta época, Carlos Franqui despontava aos 20 anos e como anuncia o fragmento já era um “espécime de comunista profissional”, enquanto Guillermo era apenas um adolescente, de treze para quatorze anos, recém chegado à capital, residente em um cortiço localizado à Zulueta 408 (*Habana Vieja*) e apaixonado por uma atraente mulata de nome Beba, que, por sua vez, tornou-se noiva de Franqui. Aliás, tal como os Cabrera Infante (Guillermo, o pai; Zoila, a mãe; Sabá, o irmão; e *Guillermito*, como fora conhecido pelos amigos durante toda

44.

⁵⁵ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Havana para um Infante Defunto**. Tradução de João Silvério Trevisan. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 66-67.

sua vida), Carlos Franqui também era um novato em Havana. Nascido num *bohío*⁵⁶ encrustado em uma *hacienda azucarera* de *Clavellinas*, Carlos Franqui mudou-se para Santa Clara ainda jovem (por volta dos dezoito anos) para estudar no renomado Instituto Agrícola, onde titulou-se técnico e ingressou no Movimento Estudantil local. Uma dupla aprendizagem:

La militancia comunista de la base, me parecía – y aún en muchos lugares es – gente generosa, puro pueblo sacrificado, como los misioneros cristianos curando leproso en los lugares más inhóspitos del mundo. La Iglesia y el Partido, arriba, como yo descubriría más tarde, son otra cosa. Abajo eran la revolución social. Tremenda escuela aquella que durante años frecuenté, viví, y de la que formé parte en ingenios, fabricas, campos, montañas y pueblecitos, aquella de los de abajo. Una escuela de socialismo que me marcó, me formó y me identificó con el socialismo de una manera romántica, que me produciría después tantos conflictos y dramas de los que aún no es tiempo de hablar.⁵⁷

Ao término dos estudos em Santa Clara, recém órfão de pai e já como membro das fileiras do PSP, Franqui parte para Havana a fim de tentar a vida, pois, como alegou: “*con mi titulo solo podía entrar en la Universidad de La Habana, única entonces en Cuba, mediante examen, y estudiar agronomía*”⁵⁸. De carona na boleia de um caminhão, parte para a capital, onde passa a perambular por ruas e avenidas durante o dia, e, às noites (*em claro*, é claro!), deitado num banco de madeira ancorado em pleno QG do Partido Socialista no bairro de Arsenal. E assim correram os dias, quase dois meses, de um lado a outro da bela Havana, até que o partido selasse seu destino: estafeta. Sobre esse tempo e essa cidade, rememorou:

Esa Habana de entonces, que inmortalizaría un futuro amigo mío, casi familia, Guillermo Cabrera Infante, habitante recién llegado, de aquel solar habanero de Zulueta; aquella Habana, pobre, mulata y popular. Me fascinó Jesús María, el barrio negro de Arsenal: aquella gente hablaba como un son. Decían las cosas más violentas con tal gracia, como en la música popular cubana, que cualquier cosa caía bien.⁵⁹

E noutra passagem:

[...] Era linda La Habana, tenía un aire, una atmósfera, una simpatía, una

⁵⁶ *Bohío*: casebre guajiro, choupana.

⁵⁷ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 93-94. Tanto nos originais em espanhol quanto nas publicações em Língua Portuguesa dos livros escritos por Carlos Franqui, e, também, por Guillermo Cabrera Infante, é comum a adoção dos termos socialismo e comunismo, bem como de suas derivações, a fim de definir um mesmo regime ou movimento político. Essa aparente “falta de critério” é mais comum nos livros de Cabrera Infante do que nos escritos por Franqui. No caso daquele, trata-se muito mais de uma generalização do que um vício de linguagem. Talvez, generalização desdenhosa, ou, devido à falta de compromisso do autor para com os termos políticos.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 94.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 99.

sensualidad, una luz, un decir y un ser que fascinaban. ¡Que caminar el de sus mujeres! Caminaban y parecían que bailaban con su cuerpo. Sus finas figuras y sus curvilíneos cuerpos como que hacían el amor, como la música cubana. La vida tenía un ritmo, un frenesí, un gozar sabroso que te hacía olvidar penas y sinsabores, La Habana, fiesta de cuerpo y de los ojos. [...] No lejos de allí, frente al Instituto Número 1, y cerca del Capitolio, por la calle Zulueta 408, estaba viejo y destartado solar de Sarrá, un millonario cubano, que entre otras cosas tenía estos solares, que no eran solares yermos, sino construcciones de muy baja cualidad que alquilaba a precios bajos, aunque altos para quienes pagaban, que tenían que vivir en una gran promiscuidad. Esto de que hablo estaba en la calle Zulueta 408. Allí vivía la familia Cabrera Infante, habanero de verdad, aun si nacido en Gibara, entonces jovencito [...] ⁶⁰

... Que, tal como o amigo de Clavellinas, sentiui, ao se deparar pela primeira vez com aquela cidade e com aquele solar da Zulueta, a mesma doce, ao passo que amarga sensação que mescla beleza e promiscuidade:

O tempo parou ante aquela visão. Adentrando a casa de número 408 da rua Zulueta, eu tinha dado um passo fundamental em minha vida: saíra da infância para adentrar na adolescência. [...] Aquele dia foi especial, aquela manhã, aquele momento em que deparei com o comprido corredor de cortinas e contemplei a paisagem interna que assustaria até um veterano da vida boemia, o pintor primitivo Chema Bue – que, tempos depois, visitou o local e se recusou a ficar ali por um minuto que fosse, espantado com a arquitetura de colmeia depravada daquele edifício, em cuja imponente entrada pendia um anúncio para atrair incautos: “Alugam-se quartos – Alguns com dias grátis”. Pois foi nesse dia exatamente que se acabou minha infância. Não se tratava apenas do meu ingresso nesta verdadeira instituição da Havana pobre, o solar (palavra para “pardieiro”, aí ouvida pela primeira vez e aí aprendida, como teria que aprender tantas mais: a cidade falava outra língua, a pobreza tinha outro linguajar e eu bem podia ter entrado num outro país). Ali começara o que seria para mim um aprendizado. ⁶¹

E, realmente, o foi – em amplo sentido. A começar, como bem pontua o autor, por ele ter de aprender a conviver com a pobreza. Pois, naturais de Gibara, província de Oriente, além de convictos comunistas e apesar de pobres, os Cabrera Infante detinham na terra natal uma vida de certo modo estável, financeira e socialmente, como salientou o próprio Cabrera Infante:

Meu pai trabalhava então no recém-fundado (ele, de novo fundador) jornal Hoy, órgão do partido comunista. Contaminados, os comunistas pagavam como se fossem canalhas capitalistas: três pesos por semana, que apesar de serem o equivalente a três dólares não deixavam de ser uma miséria. O jornal Hoy significava mais um rebaixamento para meu pai: ele, que fora quase o cabeça do jornal da cidade, secretário de imprensa do partido local, redator dos discursos para a secretaria-geral e dono de um estilo impecável, com perfeito emprego da gramática, tinha sido designado [em Havana] assistente de um jornalista incapaz, para cumprir tarefas

⁶⁰ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 120.

⁶¹ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Havana para um Infante Defunto**. Tradução de João Silvério Trevisan. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 11-12.

subalternas.⁶²

Apesar dessa reviravolta e do tom severo com que o autor condena a postura dos dirigentes do *Hoy*, e, conseqüentemente, do PSP, haja vista que o primeiro era o veículo oficial de comunicação do segundo, a vinda dos Cabrera Infante e a atuação do patrono Guillermo na redação do *Hoy* conferiu à família muitos contatos dentro do universo comunista cubano, e, em especial, havanês. Além disso, também criou certa expectativa, afinal, o Partido havia sido recentemente legalizado e, com essa conquista política, possibilitado de criar um órgão noticioso próprio.⁶³ Assim, em contraposição à opinião do filho, ao que tudo indica, Guillermo (o pai) enxergava na transferência de Gibara para Havana mais uma promoção do que um rebaixamento, já que, logo em seguida ao fragmento supracitado, o autor complementa:

[...] preso político pela causa comunista, crente em Marx e Engels, além de Lenin e mesmo Stálin, disciplinado até a obediência cega, devotado até a humildade e militante a ponto de se diluir nas fileiras do partido. Essa qualidade partidária fez com que nem reparassem nele: era tão bom comunista que conseguira passar de vermelho a invisível. Pelo menos sua família era bem visível, mas nem com ela em Havana meu pai conseguiu um aumento.⁶⁴

Outro “comunista” que via no *Hoy* não somente uma possibilidade de ação militante, mas uma oportunidade de ganhar a vida na capital era Carlos Franqui, jovem *guajiro* cuja trajetória até aqui já se conhece. Segundo Cabrera Infante, à época em que se encontraram pela primeira vez – a mesma ocasião que o fez se morder de raiva frente a presença do intruso que lhe roubou Beba:

Franqui era um militante da *Seccional de Tacón* (e “tacão” me parece uma designação misteriosa, quase complementar), uma das células do partido comunista na capital cubana. A Zulueta 408 ficava nesse setor, portanto nada mais natural que Franqui viesse visitar o cortiço e escolhesse nosso quarto como base, não só por meus pais serem conhecidos comunistas, mas também porque meu pai trabalhava no jornal *Hoy*, lugar que Franqui, escritor secreto, tinha sob sua mira.⁶⁵

⁶² CABRERA INFANTE, Guillermo. **Havana para um Infante Defunto**. Tradução de João Silvério Trevisan. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 19, grifo nosso.

⁶³ Fundado em 1925 como Partido Comunista Cubano, o Partido Socialista Popular permaneceu na clandestinidade até 1939, quando, por meio de um acordo entre seus dirigentes e Fulgêncio Batista, fora colocado na legalidade sob o nome de *Unión Revolucionaria*, e, posteriormente, PSP (1944). Com a legalização de 1939, o Partido pode então criar um tentáculo que o representasse na imprensa, o *Hoy*. Que passou a ser chefiado e editado por Joaquín Ordoqui. GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 167.

⁶⁴ CABRERA INFANTE, op. cit., p. 11-19.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 66-67.

Ocorre que, mais interessante do que esse primeiro encontro, cujas fontes, como se pode notar, falam por si mesmas, tamanha riqueza de detalhes, é verificar a importância simbólica para os dois autores – e ver-se-á que também para outros intelectuais – desse solar alocado à Zulueta 408, *Habana Vieja*, que abrigou a família Cabrera Infante por uma década (1941-1951). Aliás, é possível afirmar que alguns dos artistas e intelectuais que edificaram a Cultura da Revolução frequentaram o casario em questão.

Recentemente, em um artigo organizado por Elizabeth Mirabal Llorens e Carlos Velazco, intitulado *(Per)versiones de Guillermo Cabrera Infante*, e publicado pela *Gaceta de Cuba* sob chancela da editora da *Unión Nacional de Escritores y Artistas de Cuba* (Uneac), o poeta Pablo Armando Fernández⁶⁶ relatou o seguinte:

Conocí a todo el mundo literario cubano de mi generación en casa de Cabrera Infante. A Guillermito lo vi por primera vez en 1948 en el solar de Zulueta y hasta el 65 nunca dejé de hacerlo. Un día estábamos en su casa, Zoila me llama: “Armandito, ven acá, prueba eso que estoy haciendo para que te quedes a almorzar” y Manila Hartman, de visita allí, me pregunto por que me llamaban “Armando”. Le explique, y entonces dijo: “Te llamas Pablo Armando Fernández”, y desde entonces casi todo el mundo me une los dos nombres. También fue Guillermito quien estableció que yo había nacido en 1930, una fecha que se me ha quedado hasta en los libros publicados fuera de Cuba.⁶⁷

Algo semelhante descreveu Marta Amelia Calvo, primeira esposa de Guillermo Cabrera Infante (1953-1958) e com quem o autor teve duas filhas, Ana e Carola:

No quisiera desmentir a mi hermana Gloria cuando dice que me llevó a casa de Guillermito porque le interesaba que encontrara pareja en el mundo intelectual, pero tengo que hacerlo, porque los hechos no ocurrieran así. Ella estaba enamorada de Juan Blanco y sabía que él frecuentaba el cuarto del edificio de Zulueta 408 donde vivían los Cabrera Infante. Músicos, gente de teatro, visitaban ese cuarto para disfrutar de la hospitalidad de Zoila y conversar. Me llevó para que la acompañara, pues quizá le resultaba difícil aparecerse sola. [...] Todavía era pupila en la escuela

⁶⁶ Pablo Armando Fernández: poeta e jornalista cubano, nascido em *Central Delicias* (Oriente), em data até o momento para nós desconhecida. Reconhecido em 1999 como um dos fundadores de *Casa de Las Américas*, durante a Revolução Cubana atuou como representante do Movimento 26 de Julho em Nova Iorque, cidade em que chegou a residir por duas vezes, no início da década de quarenta (1943) e, depois, durante boa parte da década de cinquenta, até 1959. Casou-se em 1956, com a cubana María Julia González Santos (Maruja). Entre 1959 e 1961 passou a trabalhar como subdiretor de *Lunes de Revolución* (1959-61) e secretário de redação da revista *Casa de las Américas* (1961-1962). Foi conselheiro cultural da embaixada de Cuba na Grã-Bretanha (1962-1965). Colaborou em diversas revistas literárias, como *Orígenes*, *Nuestro Tiempo*, *Literatura Moderna* e *New Left Review*. Atualmente, dirige a Revista *Unión*, da Uneac, e é considerado um dos expoentes da cultura cubana no século XX.

⁶⁷ Manila Hartman foi esposa do compositor e músico Harold Gramatges (1918-2009) e, com o tempo, tornou-se amiga e confidente de Pablo Armando Fernández, de modo que o poeta chegou a lhe dedicar um livro: *El pequeño cuaderno de Manila Hartman (1947-1951)* (Editorial Oriente, 2000). Por sua vez, Harold Gramatges foi um dos fundadores e o primeiro diretor da *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*. Cf. MIRABAL LLORENS, Elizabeth; VELAZCO, Carlos. *(Per)versiones de Guillermo Cabrera Infante*. In: **La Gaceta de Cuba**. Revista da Unión de Escritores y Artistas de Cuba (Uneac), La Habana, v. 2, marzo/abr. 2010, p. 36.

de monjas donde me internaran a los diez años, después de la muerte de mi madre. Apenas conocía la vida tal como era en realidad, así que todas aquellas personas, aunque muy agradables y cultas, para mí eran como de otra galaxia. Les diré que ese día de un sopetón conocí a Carlos Franqui, Agustín Tamargo, Rine Leal, Sabá y Guillermito.⁶⁸

A descrição de Marta Calvo nos brinda com uma breve, porém, importante visão do universo de frequentadores daquele falanstério alocado à Zulueta 408. Com ela, pode-se ter noção da magnitude da circularidade intelectual que protagonizava a casa dos Cabrera Infante. Claro que muitos desses intelectuais não tinham galgado no findar da década de quarenta renome na cena cultural de Cuba. Todavia, logo, a partir da década seguinte, alguns deles iniciariam uma escalada da qual não haveria retorno. Do relato de Marta é possível identificar alguns desses futuros expoentes. Agustín Tamargo, por exemplo, atuou como jornalista de *Hoy* ao lado de Carlos Franqui e notabilizou-se pelos ácidos textos contra a ditadura de Fulgêncio Batista, o que lhe custou o exílio, retornando à Cuba somente com o triunfo da Revolução. Morreu como exilado de Castro em Miami. Já Rine Leal, além de membro e fundador da *Sociedad Nuestro Tiempo*, ao lado de Harold Gramatges, Cabrera Infante, Carlos Franqui e outros, tornou-se crítico e teatrólogo, atuando como tesoureiro na primeira *Cinmateca de Cuba* e colaborador de diversos periódicos, como *Ciclón*, *Carteles*, *Bohemia*, *Lunes de Revolución* e *Unión*.⁶⁹ E, por fim, porém não menos importante, Sabá Cabrera Infante, irmão de Guillermo, que, segundo esse último:

[...] nacido en Gibara, provincia de Oriente en 1933. Fue en su adolescencia uno de los pintores más interesantes habidos en Cuba en los años 40. Elogiado por los maestros de entonces – Víctor Manuel, Lam, Portocarrero, Mariano –, dejó la pintura al verse impedido por la tuberculosis que padeció de los 14 a los 21 años. Al curarse completamente, aborreció la pintura tal vez por asociarla con su enfermedad. Estudió periodismo, que abandono al clausurarse la Escuela en los últimos años de la Dictadura de Batista. Conectado en la Escuela con estudiantes como Guillermo Jiménez, Santiago Frayle, Ricardo Alarcón, se vio envuelto en actividades más o menos clandestinas de 1956. En 1957 viajó a Moscú invitado al Festival Mundial de la Juventud. En 1958 entró a trabajar como editor en el noticiero del Canal 12, que comenzaba la transmisión de imágenes en colores por televisión en Cuba.⁷⁰

A circularidade de intelectuais na residência dos Cabrera Infante revela por si mesma a parcela de importância do edifício da Zulueta 408 para história cultural cubana. Todavia, em seu livro de memórias, *Cuba, la Revolución*, Carlos Franqui acrescenta uma revelação: de

⁶⁸ MIRABAL LLORENS, Elizabeth; VELAZCO, Carlos. (Per)versiones de Guillermo Cabrera Infante. In: **La Gaceta de Cuba**. Revista da Unión de Escritores y Artistas de Cuba (Uneac), La Habana, v. 2, marzo/abr. 2010, p. 38.

⁶⁹ Guillermo Cabrera Infante foi um dos fundadores e o primeiro diretor da Cinemateca de Cuba, fundada em 1951.

⁷⁰ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. 2ª ed. Barcelona: Plaza & Janés/Cambio 16, 1993, p. 63.

“*aquel cuarto nacieran muchos sueños y se hicieran realidad muchos proyectos [...] que allí nació la Revista Nueva Generación, la Sociedad Nuestro Tiempo, allí se forjó la que sería después la generación de Lunes, dirigida por Guillermo Cabrera Infante*”⁷¹. A validade de tal informação reside no fato de que, quando objetivado o resgate da formação e do itinerário percorrido pela *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*, para além de visões fragmentadas, outro agravante que dificulta tal reconstituição está na ocorrência comum de informações desencontradas. Assim, a não ser pelo relato supracitado de Franqui, ou, como se verá, pelos de Cabrera Infante, ou ainda, de intelectuais próximos aos dois, como o de Pablo Armando Fernández, são comuns as referências ao nascimento dessa sociedade cultural que omitem a origem “plebeia” do grupo (ou seja, de que Zulueta 408 tenha sido o palco dessa fundação) e que Carlos Franqui fora um dos protagonistas de sua criação.

1.2 De *Nueva Generación* a *Nuestro Tiempo*

Ao que tudo indica a ideia e o projeto *Nuestro Tiempo* foram historicamente apropriados como ideia e projeto não de um homem ou grupo de intelectuais, mas, de um Partido, e, conseqüentemente, sua origem se associa a um dos gabinetes ou locais a ele pertencentes. Ou seja, dentro do e pelo PSP, com o qual Franqui rompeu relações. Por tais desencontros, pode-se supor que, mediante a importância histórica de *la Sociedad Nuestro Tiempo*, a omissão de um grupo e a reivindicação feita por outro, coloca-se como um fenômeno tipicamente simbólico e próximo daquilo que Pierre Bourdieu descreveu como *luta pelo monopólio da produção ideológica legítima*.⁷² No caso da *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*, o que está em jogo entre a omissão de um e a reivindicação do outro não é tanto a luta para ver quem é detentor do passado remoto do grupo, mas sim uma luta (ferrenha, por sinal) pela propriedade da relevância simbólica que o grupo adquiriu ao longo dos anos e dentro do contexto histórico da Revolução Cubana. Por isso, ao mergulhar mais fundo na trajetória de *Nuestro Tiempo*, verifica-se que, o que *a priori* se entende por uma sociedade cultural, na verdade, são duas: uma anterior a 1954 e outra posterior. E, mais além, que tanto

⁷¹ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memórias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 145.

⁷² BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand, 1989, p. 12.

uma como outra foram palcos de acirradas disputas políticas e culturais que auguravam profunda cisão ideológica na jovem intelectualidade da década de 1950.

Em verdade, a *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* surgiu de um projeto anterior encampado por Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui, denominado *Nueva Generación*, como indicam as seguintes passagens:

De contactos y amistades nacería un movimiento artístico que editaría dos revistas y crearía una sociedad cultural. La primera se llamó Nueva Generación y no duró mucho tiempo, ni tuvo un gran eco; la segunda, la Sociedad Nuestro Tiempo, y su revista, nos encontró con mayores experiencias. Allí reunimos escritores, Cabrera Infante, Ramón Ferreira, Delia Fiallo, entonces Premio Nacional de Cuentos Hernández Catá, Matías Montes; escultores y pintores, como Estopiñán, Mijares, Roberto Diago; músicos; críticos; los compositores Harold Gramatges, Juan Blanco, Nilo Rodríguez, Edmundo López, Angeliers León y otros intelectuales.⁷³

Nesse pequeno pátio ocorreu uma aparição que dizia respeito a mim, diretamente. Mas antes tenho que mencionar, brevemente, a revista literária fundada e editada por mim e vários amigos meus, alguns dos quais meus colegas de escola na época. A ideia da revista partiu de Carlos Franqui e quase foi adiante: não durou mais de quatro números, depois do que perdeu-se em completo esquecimento, maior que o olvido literário, mas não pior. Logo a seguir Franqui inventou um sucedâneo mais ambicioso: uma espécie de sociedade artística e literária (com as mesmas intenções da revista, com idêntica pretensão e quase com o mesmo nome, que era Nueva Generación). Nessa sociedade chamada Nuestro Tiempo é que nos reuníamos muitos aprendizes de intelectual, escritor, artista, músico e até de espectador.⁷⁴

En 1959 Carlos Franqui inicia el periódico Revolución y como conocía a Guillermito desde adolescente, lo buscó para esta nueva empresa. Franqui siempre estuve interesado en la cultura y ya antes del triunfo de la Revolución había propiciado el surgimiento de la revista literaria Nueva Generación. Incluso, perteneció al grupo fundador de Nuestro Tiempo.⁷⁵

De fato, as informações arroladas nos fragmentos acima parecem se conectar com as presentes nas entrelinhas do Manifesto (pelas Artes e pela Cultura) publicado pelos fundadores de *la Sociedad* no primeiro número da Revista *Nuestro Tiempo*, datado de 1951 e assinado por mais de trinta artistas e intelectuais. Dentre os quais, os músicos Harold Gramatges e Juan Blanco, os cineastas Néstor Almendros, German Puig, Sabá Cabrera Infante e Tomás Gutiérrez Alea, o teatrólogo Rine Leal, os escritores Hilda Perera e Lisandro Otero, além de, Ithiel León, futuro diretor gráfico do Jornal *Revolución*, e o dramaturgo Matías

⁷³ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 145.

⁷⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Havana para um Infante Defunto**. Tradução de João Silvério Trevisan. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 101.

⁷⁵ MIRABAL LLORENS, Elizabeth; VELAZCO, Carlos. (Per)versiones de Guillermo Cabrera Infante. In: **La Gaceta de Cuba**. Revista da Unión de Escritores y Artistas de Cuba (Uneac), La Habana, v. 2, marzo/abr. 2010, p. 36.

Montes Huidobro:

El afán creador implícito en el hombre, al tomar en nuestro medio la suficiente fuerza de presencia, ha motivado que concentremos nuestros esfuerzos para hacer realidad lo que como nueva generación cubana creemos deber histórico: la preservación de los valores logrados y la divulgación de aquellos que apuntan su importancia vital. Nuestra estética es la de un arte americano, libre de prejuicios políticos o religiosos, enaltecido por encima de concesiones, que sea síntesis de lo que estimamos vigente y permanente en América. No nos interesan ni la oscuridad muerta ni la endeblez académica, sino una estética tan infinita como el hombre mismo. Surgimos para traer el pueblo la arte, acercándolo a las inquietudes estéticas y culturales de nuestro tiempo, precisamente ahora en que, intuyendo ya estas realidades, demanda un vehículo que le permita palparlas y asimilarlas para su rápida formación y madurez cultural. Para desarrollar esta labor, mantendremos un centro de arte y cultura permanente, que ofrecerá teatro, música, cine, ballet, exposiciones de artes plásticas, conferencias, y editará las manifestaciones literarias, poéticas y filosóficas que produzca nuestra generación. Somos la voz de una nueva generación que surge en un momento en que la violencia, la desesperación y la muerte quieren tomarse como únicas soluciones. Nos definimos por el hombre, que nunca está en crisis, y por su obra, que es su esencia permanente.⁷⁶

Por si só o manifesto é revelador em muitos aspectos. No entanto, tomando-o em contraposição às declarações de Cabrera Infante, Franqui e Pablo Armando Fernandez é impossível não notar certa associação entre um núcleo cultural matricial (*Nueva Generación*) e outro (*Nuestro Tiempo*), graças à insistência do(s) redator(es) do Manifesto na correlação das duas expressões, e que pode ser interpretada, pelo menos num primeiro momento, como ideia de uma *nueva generación*, que surge e urge para modificar “*nuestro tiempo*”: “*surgimos para traer el pueblo la arte [...] precisamente ahora en que, intuyendo ya estas realidades, demanda un vehículo que le permita palparlas y asimilarlas para su rápida formación y madurez cultural*”⁷⁷. Esse aspecto, o de utilizar a arte e a cultura como veículo de transformação social, parece ter sob seu brado a firma e a autenticação de um grupo intelectual com afinidades de ideais, que, futuramente, galgaria notoriedade em dois outros projetos: *Revolución* e *Lunes*. Colocados frente a frente o escopo inerente a dois projetos aparentemente distintos, tais aproximações identitárias tornam-se evidentes, salvaguardadas as proporções, circunstâncias, metodologias, singularidades e amadurecimento de projetos. Assim, o primeiro editorial de *Lunes de Revolución*, datado de 1959, anunciava:

Nós não formamos um grupo, nem literário nem artístico, mas simplesmente somos amigos e gente da mesma idade mais ou menos. Não temos uma decidida filosofia política, embora não rechacemos certos sistemas de aproximação à realidade – e quando falamos de sistemas referimo-nos, por exemplo, à dialética materialista ou à

⁷⁶ NUESTRO TIEMPO. Editorial (1951). In: HERNÁNDEZ OTERO, Ricardo Luis (Org.). **Sociedad Cultural Nuestro Tiempo: resistencia y acción**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2002, p. 19.

⁷⁷ Ibid.

psicanálise ou ao existencialismo. [...] Não obstante, acreditamos que a literatura e a arte devem acercar-se mais à vida, e acercar-se mais à vida é, para nós, acerca-se mais dos fenômenos políticos, sociais e econômicos da sociedade em que se vive. Acreditamos também que o sentimento de ponto de partida segue presente em nosso ânimo, porque não se pode dizer que exista uma verdadeira cultura cubana, muito menos que estamos dentro da corrente da cultura espanhola, também em transe de revisões e separações.⁷⁸

Ora, como bem analisou a historiadora Sílvia Miskulin, o editorial é claro ao enfatizar o anseio dos editores de “*Lunes de que era necessário elaborar a identidade da cultura cubana a partir de 1959*”⁷⁹. No entanto, pode-se perguntar: em época anterior o editorial de *Nuestro Tiempo* também não o era? Assim, apesar de novo nome e roupagem e adequando-se ao momento político vivido pela Ilha, a facção de intelectuais oriundos daqueles encontros de Zulueta 408 puderam dar continuidade a um projeto cultural autêntico. Projeto esse que tanto em *Lunes* quanto em *Nuestro Tiempo* tinha como um dos objetivos a busca pela autenticidade e pluralidade cultural, pois, enquanto no primeiro editorial de *Nuestro Tiempo* não lhes “*interesan ni la oscuridad muerta ni la endeblez académica, sino una estética tan infinita como el hombre mismo*”⁸⁰, para os editores de *Lunes* “*não se pode dizer que exista uma verdadeira cultura cubana, muito menos que*” se situavam “*dentro da corrente da cultura espanhola, também em transe de revisões e separações*”⁸¹.

Outra aproximação entre os dois editoriais refere-se à concepção de uma arte prática, que deve ser levada ao povo, quase no sentido de engajada. Para os intelectuais reunidos na fundação de *Nuestro Tiempo*, por exemplo, lhes interessava levar a arte para perto do povo explorando as inquietudes estéticas de seu tempo, algo quase que mambembe, experimental. Já aos editores de *Lunes*, devido ao amadurecimento do grupo e às circunstâncias políticas de Cuba, bastava aproximar mais a arte à vida, e à vida em seus espectros mais plurais: social, econômico e político. Com isso, ambos os “projetos” procuravam não somente pensar a realidade (o momento histórico) em que estavam inscritos, mas também interferir e moldá-la conforme seus anseios. A cultura que interage em amplo sentido com o momento político, econômico e social. Assim, se os primeiros editores de *Nuestro Tiempo* se preocupavam em ser “*la voz de una nueva generación que surge en un momento en que la violencia*” –

⁷⁸ EDITORIAL: una posición. *Lunes de Revolución*, Havana, n. 1, p. 2, 23 mar. 1959. In: MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 39-40.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 40.

⁸⁰ NUESTRO TIEMPO: Editorial (1951). In: HERNÁNDEZ OTERO, Ricardo Luis (Org.). **Sociedad Cultural Nuestro Tiempo**: resistencia y acción. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2002.

⁸¹ EDITORIAL: una posición. *Lunes de Revolución*, Havana, n. 1, p. 2, 23 mar. 1959. In: MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003.

referência ao gangsterismo do momento sócio político vivido pela Ilha sob o governo de Carlos Prío Socarrás e presidentes anteriores –, aos intelectuais de *Lunes* interessava fazer com que a literatura e a arte se aproximasse mais da vida. E acercar-se mais à vida, para eles, traduzia-se em acerca-se mais dos fenômenos políticos, sociais e econômicos da sociedade em que se vive. Ou seja, do momento transacional vivido pela sociedade cubana com a Revolução.

Por fim, apesar desse anseio em aproximar a vida prática e as transformações sociopolíticas à arte, ou vice-versa, e de *Nuestro Tiempo* ter surgido, pelo menos, oficialmente, e, assim reconhecido como um projeto do PSP, parece que o intuito envolto nos “dois projetos” era o de conservar o caráter politicamente livre do conhecimento e da expressão artística. Essa preocupação – ou melhor, em verdade um aprendizado – é latente em um dos editoriais de *Lunes*, datado de 6 de abril de 1959, onde os editores afirmaram:

Não somos comunistas. Ninguém: nem a Revolução, nem Revolución, nem Lunes de Revolución. [...] Mas nós, os de Lunes de Revolución, hoje queremos dizer, simplesmente, que não somos comunistas. Para poder dizer também que não somos anticomunistas. Somos, isso sim, intelectuais, artistas, escritores de esquerda – tão de esquerda que às vezes vemos o comunismo passar pelo lado e situar-se à direita em muitas questões de arte e literatura.⁸²

Além de assumir uma posição de esquerda e criticar o comunismo soviético, o editorial acima buscava ressaltar quanto o modelo de arte e revolução defendido pelo grupo de *Revolución* e *Lunes* era diferente daquele almejado pelo PSP, tentáculo cubano do modelo soviético. E mais, em suas entrelinhas, apesar da sinceridade exacerbada expressa pelo editorial, coabita a essência de uma antiga batalha que, primeiro, dividiu o grupo de *Nuestro Tiempo* e, depois, levou ao fechamento de *Lunes* e à extinção de *Revolución*. Uma batalha que já possui suas origens no período que antecede a Revolução e na ruptura de um homem (Franqui) com um Partido (o PSP), o que decompõe a teoria de que tal conflito teve seu berço somente no seio da luta pelo poder após o triunfo revolucionário. E isso explica algumas coisas. Por exemplo, a existência de “duas” sociedades culturais *Nuestro Tiempo* na década de 1950. O que, conseqüentemente, leva à pergunta: por que até hoje existe uma acirradíssima disputa pelo reconhecimento da autoria de sua fundação?

Ao observar o sítio dedicado à *Sociedad Nuestro Tiempo*, mantido na rede mundial de computadores pelo *Instituto Cubano del Libro* sob o nome *Cuba Literaria*, ver-se-á que

⁸² EDITORIAL: una posición. *Lunes de Revolución*, Havana, n. 1, p. 2, 23 mar. 1959. In: MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 39-41.

embora reconheça a existência de duas sociedades culturais distintas, uma de 1951, e outra, a partir de 1954, o sítio não reconhece Carlos Franqui nem como integrante, tampouco como idealizador e fundador de *la Sociedad Cultural* em sua primeira versão. Desse modo, para os membros do projeto *Cuba Literaria*, a fundação da *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* ocorreu na sala 8 do Conservatório Municipal de Havana, sendo que sua primeira versão foi composta por Harold Gramatges como presidente, Juan Blanco como secretário, e Nilo Rodríguez, Edgardo Martín, Argeliers León, Manuel Cuzán, entre outros, como fundadores⁸³ – ocultando, assim, a *persona* de Carlos Franqui do processo e incluindo a de Guillermo Cabrera Infante somente no grupo que assinou o Manifesto presente no primeiro editorial. Prática análoga é por demasiado recorrente também nas versões contadas por alguns intelectuais latino-americanos simpatizantes da Revolução, como é o caso de Amir Labaki, para quem:

Santiago Alvarez, trabalhando no arquivo musical da rádio CMQ, é um dos fundadores da Sociedade Cultural Nuestro Tiempo, presidida pelo compositor Harold Gramatges e integrada por intelectuais próximo ao Partido Socialista Popular. Entre eles, Gutiérrez Alea, Alfredo Guevara, Júlio García Espinosa e Leo Brouwer.⁸⁴

Nessas versões onde situam Guillermo? Onde está Franqui? E aqueles intelectuais também detratores do regime castrista e que deles foram amigos? Parece que, neste caso, a própria querela é a chave do enigma. Carlos Franqui fora por demais explícito em *Cuba, la Revolución*, ao destacar os pormenores que envolveram a dissolução dessa primeira versão de *Nuestro Tiempo* e o início da disputa entre os intelectuais por ele reunidos e aqueles aglutinados e fieis às diretrizes do PSP. Em sua versão da história, *Nuestro Tiempo* não durou muito para ele e seus amigos, pois:

Teníamos un amigo músico, Harold Gramatges, al que admirábamos además como pianista y compositor, con mayor edad y prestigio, hablábamos con él siempre de música, de poesía o de teatro, no le oíamos nunca una palabra de política. Era, pensábamos, la figura indicada para ser presidente de la joven sociedad. Cabrera Infante y yo lo propusimos y todos aceptaron. Se necesitaba un secretario y alguien dijo que debía ser un abogado, y como tal era Juan Blanco, músico y amigo, fue nombrado para ese cargo. (...) Poco después, sin que se hablara o se discutiera, nos enteramos por los periódicos que nuestros presidente y secretario se habían ido para el Festival Mundial de la Juventud Comunista, que se celebró aquel año en Viena, allí, sin nuestro consentimiento, nos representaban. Era una traición que nos indignó. En las discusiones de formación de la sociedad, se había acordado que Nuestro Tiempo sería un movimiento de vanguardia artístico y cultural, que haría remover

⁸³ Disponível em: <http://www.cubaliteraria.cu/monografia/sociedad_nuestro_tiempo/cronologia.html>. Acesso em: 17 mar. 2010.

⁸⁴ LABAKI, Amir. **O Olho da Revolução**: o cinema-urgente de Santiago Alvarez. São Paulo: Iluminuras, 1985, p. 115.

las aguas muertas y a veces podridas de la vieja generación; en el orden social sería progresista, pero no estaría vinculado a partido alguno, no sería sectario.⁸⁵

Na visão de Franqui, o desgaste que levou ao esfacelamento dessa primeira versão de *Nuestro Tiempo* fora, justamente, a inclinação de alguns de seus membros ao socialismo stalinista, corrente que, durante sua jornada de militante, Carlos Franqui aprendeu a desgostar, e que, conseqüentemente, tratava-se da linha seguida à risca pelo PSP. Partido esse que, para Franqui, na década de cinquenta, de socialista tinha somente o nome, já que refundado em plena Segunda Guerra Mundial não poderia utilizar a alcunha comunista, o que, àquela época, garantiria a continuidade do partido na ilegalidade e a retirada do apoio de Batista. Ocorre que, apesar de ter pertencido muito tempo fiel às fileiras do PSP, Franqui rompeu definitivamente com o partido e seus dirigentes em 7 de novembro de 1946 – cinco anos antes da fundação de *Nuestro Tiempo*.⁸⁶ Aliás, do rompimento em diante, passou a articular como um dos principais críticos e opositores da orientação stalinista e do Partido em si, pois, como rememora:

Había salido del partido sin decir una palabra, pero la guerra me fue hecha. Fui circulado. Los sindicatos me negaran apoyo. [...] La participación del partido en el gobierno de Batista desmoralizó a sus dirigentes. Batista, de regreso a Washington, con las migajas dadas por el imperialismo, era recibido por el partido como un héroe popular, el mensajero de la prosperidad. [...] Yo no entiendo el socialismo así. Hay una sola moral, una ética y no dos, arriba y abajo.⁸⁷

O desgaste de Franqui com o partido já era antigo. Por volta de 1942, quando havia pouco tempo chegado à capital, Franqui teve que partir a contragosto em uma expedição de fundação de células do partido no interior, o que interrompeu por cerca de três anos seu sonho de continuar os estudos em Havana.⁸⁸ Mais tarde, já trabalhando no Jornal *Hoy*, ousou por diversas vezes escrever textos que sucumbiam às opiniões dos dirigentes comunistas, transparecendo assim suas próprias opiniões. O que, faticamente, alimentava discussões entre Franqui e os editores do jornal e, por conseguinte, manchava seu nome frente aos quadros do partido.

A última de tais discussões ocorreu, justamente, em 7 de novembro de 1946, quando *Hoy* publicou um artigo ressaltando a guinada progressista da ditadura de Rafael Leónidas Trujillo na República Dominicana, que havia liberado o retorno dos exilados comunistas ao

⁸⁵ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 146.

⁸⁶ Ibid., p. 132.

⁸⁷ Ibid., p. 133.

⁸⁸ Ibid., p. 104-105.

país.⁸⁹ Para Franqui, a prevalência dentro do PSP dos interesses táticos sobre os éticos tornou sua permanência insuportável dentro dos quadros do partido. Por isso, além de ter abandonado o jornal e a militância partidária, envolveu-se meses mais tarde (1947) em uma expedição cubana para derrubar Trujillo. Nessa expedição conheceu Fidel Castro.⁹⁰ Aliás, segundo conta Moniz Bandeira, se, em 1947, fosse Fidel Castro e, conseqüentemente, Carlos Franqui pertencentes aos quadros do PSP, jamais teriam participado de tal expedição organizada pelo escritor Juan Bosch, pelo milionário Juan Rodríguez, pelos líderes do *Movimiento Socialista Revolucionário* e, enfim, por altos funcionários do governo de Ramón Grau San Martín, haja vista que, àquela época, sob a orientação de Moscou, os partidos comunistas viam com suspeição, ou como provocadores, trotskistas, espíões, divisionistas etc., todos aqueles que se diziam socialistas e não integravam os quadros dos Partidos Comunistas.⁹¹ Ainda mais quando os ditos “distensores” atravessavam o caminho e atrapalhavam as manobras do Partido.

A aversão de Franqui pelo Partido explica, assim, a preocupação do primeiro editorial de *Nuestro Tiempo*, datado de 1951, em definir o movimento artístico dele publicamente nascente como livre de preconceitos políticos – o que se repetirá mais enfaticamente, como verificado, no mencionado editorial de *Lunes de Revolución*. Para Franqui, o dito “socialismo do Partido” não passava de uma enganação, pois, “*ya no gobernaba Batista sino Prío, pero todo estaba igual: el patrón del azúcar y la tierra, los guardias rurales, la miseria de los obreros y campesinos...*”⁹², tudo tão igual como em sua infância em Clavellinas, onde, por diversas vezes, assistiu famílias inteiras de guajiros desalojadas de frações de terras arrendadas do latifundiário açucareiro por não lograrem pagar o aluguel.

Ao que tudo indica, a cisão de Franqui com o Partido realmente surgiu em decorrência dessas decepções éticas. Em entrevista, Alfredo Guevara⁹³ corrobora tal versão, no entanto, discorda de Franqui quanto ao fato de este último ter deixado o Partido. Para Guevara, fora o Partido que expulsou Franqui:

⁸⁹ Não se pode identificar qual vantagem teria o PSP em enaltecer o governo de Trujillo. Pensa-se que, na mencionada época, como aliados de Batista, os dirigentes do PSP buscassem preparar o terreno para aproximação política entre o líder militar cubano e o ditador dominicano.

⁹⁰ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memórias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 132.

⁹¹ Para se ter uma ideia, Luiz Carlos Prestes, atuando como secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, por volta de 1959 chegou em entrevista a qualificar Fidel Castro como “aventureiro pequeno-burguês”. Cf. BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 173-175.

⁹² FRANQUI, op. cit., p. 133.

⁹³ Alfredo Guevara (1925): Primeiro diretor do Icaic e intelectual marxista ligado ao Partido Comunista Cubano. Publicou, entre outros, *Este juego es mío* (poemas; Buenos Aires, Falbo, 1967) e *Para Presentar 50 años de arte nuevo en Cuba* (Habana, Letras Cubanas, 1979).

Algo similar, o peor, sucedió con Carlos Franqui, quien fue expulsado del PSP. Franqui había trabajado en el periódico del PSP antes del triunfo de la Revolución. El PSP había sido con él tan injusto como conmigo. Franqui se confundió conmigo, pensando que tendríamos las mismas reacciones. Es decir, él había salido con odio, pero con razón. Su odio era justo. Había sido maltratado de verdad. Lo menciono porque ese es el origen de muchos problemas futuros, a los cuales me referiré más adelante.⁹⁴

Expulso ou não, a questão é que, tal como afirmou Guevara, a saída de Franqui originou muitos problemas futuros. Dentre os quais: o desfecho da primeira versão de *la Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*. Assim, se para o partido o slogan era “dentro do partido tudo, fora do partido nada”, pessoalmente, para Franqui e seus amigos, a ruptura com o PSP remodelou o famoso emblema, entendendo-o pela seguinte fórmula: com o partido, nada, fora do partido, tudo! E é justamente uma passagem das lembranças de adolescência de Cabrera Infante, continuação da que abriu este capítulo, que assinala não somente a veracidade – em parte – da afirmação de Guevara, de que fora Franqui expulso do Partido⁹⁵, como também, da acirrada disputa que se ergueu na cultura jovem cubana da década de cinquenta entre dois grupos distintos: Franqui e seus amigos intelectuais *versus* o Partido e seus intelectuais militantes:

Eu e Franqui nos tornamos amigos, mais tarde, quando deixou a Seccional e começou a trabalhar no jornal Hoy, e muito amigos, quando saiu do jornal (destino literário que se torna político: deixou o trabalho por causa de uma discussão sobre certa questão de estilo de prosa de partido que ele, como revisor, devia ter revisado), e foi por essa renúncia que o expulsaram do partido comunista. Então nos tornamos inseparáveis, ambos acusados de trotskistas, e fundamos revistas literárias e cinematecas e organizações culturais, ele transformado em mestre e discípulo, os dois no mútuo aprendizado da arte e da literatura.⁹⁶

Para Franqui e boa parte dos demais membros reunidos na organização da versão inicial de *Nuestro Tiempo*, entre eles, Guillermo Cabrera Infante, a ida de Juan Blanco e Harold Gramatges ao *Festival Mundial de la Juventud Comunista*, ainda mais como representantes de uma equipe autodenominada livre de amarras partidárias, representou não somente uma traição, como também indicou, principalmente para Franqui, que de um modo ou de outro o Partido estava tentando se infiltrar nas atividades do grupo. Primeiro a fim de minar o projeto inicial para, depois, dominá-lo e travesti-lo com roupagem comunista. Tal desconfiança é mais evidenciada quando os autores rememoram a mudança da sede de *la*

⁹⁴ GUEVARA, Alfredo. El Peor Inimigo de la Revolución es la Ignorancia. Entrevista concedida a Leandro Estupiñán Zaldívar. In: **Revolución y Cultura**, La Habana, año 51, n. 5-6, sept./dic. 2009, p. 8.

⁹⁵ Mas, não do Jornal Hoy.

⁹⁶ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Havana para um Infante Defunto**. Tradução de João Silvério Trevisan. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 68.

Sociedad, inicialmente alocada no Conservatório de Havana, para as dependências da extinta rádio *Mil Diez*. Guillermo Cabrera Infante descreve que:

Das reuniões no Conservatório, passou-se para os velhos estúdios da Mil Diez, estação de rádio comunista fechada pelo governo e herdada por Nuestro Tiempo graças a Franqui – Carlos, o empreendedor. A emissora tinha um estúdio teatro, um salão grande e várias salas, mas era preciso limpar e arejar o local, que ficara fechado por muito tempo. Nós todos nos entregamos a essa tarefa: o grupo de amigos que tinha fundado a revista Nueva Generación (há muito perdida no esquecimento), as bichas e bofes do Grupo Prometeu, além de muitos outros novos (ao menos para mim) intelectuais e artistas, agora munidos de escovas, vassouras e baldes de água – todos às voltas com os tempos de Nuestro Tiempo.⁹⁷

Já Carlos Franqui, reitera:

nos prestaran un local en la calle Reina, que resultó ser una trampa mortal, pues detrás estaba el Partido Socialista Popular. Había estado allí la emisora de radio Mil Diez, que el presidente Prío había clausurado, al tener un conflicto con los comunistas. Llegamos a través de un tenor español, amigo de algunos amigos, que nos ofreció el local.⁹⁸

E, por fim, Guillermo sentencia:

Ela se chamava Dulce (mas eu iria chamá-la Rosa) Espinheira e fui conhecê-la no salão de exposições de Nuestro Tiempo, quando esta associação cultural estava vivendo sua época heroica na rua Reina (que de Rainha não tinha nada) e ainda não se tornara mera cortina de fumaça para uma organização comunista de igual nome, mas com diferente endereço (ou quartel-general), em El Vedado.⁹⁹

Levando em consideração o histórico que coroou a saída de Franqui do Partido e o fato de o grupo por ele reunido conquistar, como sede, as antigas dependências de uma rádio pertencente ao PSP – claramente, uma manobra dos rivais políticos dos comunistas do Partido que acabou envolvendo Franqui e o grupo, haja vista que, durante a presidência de Carlos Prío Socarrás (1948-1952), Cuba viveu o período mais polarizado, corrupto, violento e não-democrático de sua História¹⁰⁰ –, nada mais óbvio que, de modo natural, a rivalidade entre Franqui e seus amigos intelectuais e o PSP crescesse. Bastaria a ocasião propícia.

⁹⁷ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Havana para um Infante Defunto**. Tradução de João Silvério Trevisan. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 195.

⁹⁸ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memórias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 145-146.

⁹⁹ CABRERA INFANTE, op. cit., p. 269-270.

¹⁰⁰ GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 168.

2 Da Revolução ao *Revolución*, sob o signo do *Jeep de la Libertad*

Merda. Eu era um rebelde, e ponto final. [...] Via minha própria ambiguidade e minhas próprias contradições, mas será que mesmo hoje sei o motivo dos meus atos? Não.

Carlos Franqui

2.1 Sob o signo da Revolução Cubana (1956-1959)

Em grande medida, a eclosão da Revolução Cubana em 1956 e o seu triunfo em 1959 não ocorreram como resultantes únicas e diretas das condições sociais e econômicas de Cuba na década de 1950.¹⁰¹ Todavia, frutificaram como respostas do povo cubano, capitaneado pelo M-26/7 e pelo Diretório Estudantil Revolucionário (DER), ao descontentamento generalizado em relação aos mandos e desmandos perpetrados no país por uma sequência de governos elitistas e corruptos.¹⁰² A crise política foi ainda agravada com o *Cuartelazo*, golpe que, em 1952, dirimiu a realização das eleições presidenciais daquele ano e instaurou a ditadura de Fulgêncio Batista (1952-1959). Nessa perspectiva, mais do que uma luta por melhores condições sociais e econômicas, a Revolução Cubana surgiu imbuída do ensejo de derrubar um governo corrupto, autoritário e não reconhecido pelo povo, o que desde o início concorreu para que Fidel Castro recebesse “um apoio tão amplo que permeava todas as profundas divisões da sociedade cubana”¹⁰³. Tratando-se, portanto, em todo o desenrolar da campanha revolucionária, de uma luta nacionalista em defesa da revitalização democrática, despojada de qualquer inclinação socialista, tal como definiu Moniz Bandeira: “Fidel Castro negou peremptoriamente qualquer comprometimento ideológico, pois não via razão para que os homens nascessem ‘manietados a ideias determinadas’ [...]”¹⁰⁴.

Quando em 8 de janeiro de 1959 a marcha da vitória capitaneada por Fidel Castro, que partira de Santiago de Cuba no dia 3, chegou a Havana, “multitudes enloquecidas [...] besaban las barbas de los nuevos héroes”. Naquele dia, “Cuba era una fiesta: la descomunal fiesta de la

¹⁰¹ AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. Coleção Revoluções do Século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 37-38; GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 191-192.

¹⁰² AYERBE, op. cit., p. 37-38; GOTT, op. cit., p. 191-192.

¹⁰³ GOTT, op.cit., p. 192.

¹⁰⁴ BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 197.

libertad. Siete años de crímenes, torturas, violencias y falta de libertades quedaban atrás”. E, no “jeep de la libertad”, Fidel figurava “como un joven Díos, por encima de todos”, enquanto que, ao seu lado, “como un Cristo rumbero”, estava Camilo Cienfuegos.¹⁰⁵

Carlos Franqui, que também acabara de chegar a Havana, advindo das entranhas de Oriente, ao que tudo indica, foi o que menos desfrutou a comemoração. Aliás, sequer compareceu ao pronunciamento de Fidel Castro em Camp Columbia.¹⁰⁶ Primeiro, porque entre os novos “heróis”, além de Castro e Cienfuegos, figuravam somente comandantes do *Ejército Rebelde*: “ni un civil ni un solo dirigente de la clandestinidad”. E, ademais, aquela explosão “traicional [sic] de millones de hojalateros, endiosando a su jefe y comandantes” lhe parecia demasiado perigosa.¹⁰⁷ Então, diferente da turba que ovacionava a entrada de Fidel, Franqui desceu do avião, que também pousara em Camp Columbia, e preferiu ir para Carlos III, rua em que estava alocada a oficina do folhetim *Alerta*, de orientação batistiana, cujo espaço e maquinários foram ocupados pelos rebeldes e utilizados para a confecção dos exemplares de *Revolución*.¹⁰⁸

A descrição de Franqui reflete o verdadeiro furacão de paradoxos que varreu Cuba e seus atores históricos, tanto naqueles dias quanto nos próximos nove anos, balizados pela consolidação do novo regime, bem como pela definição ideológica do governo revolucionário. Um furacão que, ao mesmo tempo em que separava politicamente alguns homens (os contrários e os favoráveis à revolução), unia muitos outros. Franqui, ao passo que compilava a felicidade pelo fim de uma ditadura de direita, apoiada em seus bastidores pelos Estados Unidos, descortinava o temor diante a incerteza:

Me había tocado ser, como director de Radio Rebelde, uno de los protagonistas de la victoria el primero de enero. Sentía la alegría de la libertad de forma diferente: me alegraba el fin de la dictadura, el estar vivo, el poder reunirme de una vez con mi familia, pero veía incierto el futuro y me sorprendía ver la fascinación, desconocida hasta entonces, de muchos compañeros por los cargos de ministros y las jefaturas. Intuía la peligrosa e inmensa popularidad de Fidel Castro, que enardecía a las

¹⁰⁵ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 225.

¹⁰⁶ O discurso de Camp Columbia foi o primeiro pronunciamento televisionado de Fidel Castro. Intitulado *¿Armas para qué?*, Castro criticou duramente os líderes do Diretório Revolucionário (DR) por terem adquirido e compilado armas por desconfiança, o que apontava claramente para a falta de harmonia no seio da coalizão que permitiu a vitória da Revolução Cubana. Contudo, ainda hoje, esse pronunciamento é lembrado menos pelo conteúdo e mais – para além do seu caráter histórico – por ocasião da áurea simbólica a ele conferida. Pois, durante o discurso, Fidel teve os ombros e o patíbulo visitados por graciosas pombas brancas, aves que no imaginário dos adeptos da *Santería* cubana representam a entidade *Obalatá* (ou, *la Virgen de las Mercedes*), ícone de pureza, da racionalidade e do ímpeto de justiça. CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 479; FORNÉS-BONAVÍA DOLZ, Leopoldo. **Cuba, Cronología: cinco siglos de Historia, Política y Cultura**. Madrid: Editorial Verbum, 2003, p. 205.

¹⁰⁷ FRANQUI, op. cit., p. 225

¹⁰⁸ Idem. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 30.

multitudes. Conocía la poca experiencia de nosotros para gobernar y sobre todo en un período de excepción en que seríamos un poder que dictaba sus propias normas. [...] Tomé en Holguín un avión militar que salía hacia Columbia, donde aterrizamos unas horas después. Era el único pasajero. Descendí de las escalerillas y comencé a caminar entre miles de soldados que rondaban por el enorme acampamento. [...] Vivía el estar o no estar, alejarme o seguir luchando, contra la poderosa corriente que nos arrastraba a todos. Y en ese estar y no estar, pensaba en el caudillismo de Fidel Castro, en una época en que no era imaginable que Fidel fuera comunista.¹⁰⁹

Apesar da descrição de Carlos Franqui emergir como um trabalho da rememoração, ou seja, uma tentativa de organização e reconstrução do passado a fim de justificar sua então condição no presente, não se pode esquecer que o envolvimento do autor com os acontecimentos que tomavam Cuba naqueles dias ia muito mais além da passividade de um mero espectador, ímpar aos detalhes mais relevantes que se descortinavam nos bastidores da revolução. Em seu caso, havia uma forte ligação emocional. Um elo, de certo modo, também compartilhado pelo amigo Guillermo Cabrera Infante. E é, justamente, sobre essas trajetórias, que se conectam duas vidas a um único (mas, múltiplo) processo histórico, por vezes, infelizmente, mais visto de cima para baixo e de fora para dentro, do que ao contrário, que versa o presente capítulo. Uma tentativa de montagem e conexão de complexos “quebra-cabeças”, cujas peças até o momento encontravam-se espalhadas aqui e ali, solitárias, desconexas e desencaixadas, perdidas em páginas e mais páginas de registros de memórias que, apesar de pessoais, também possuem um pano de fundo coletivo. Algumas dessas peças encontraram aqui o seu lugar. Outras tantas permanecem nestas páginas deslocadas ou indecifráveis. E, por fim, uma boa parte – certamente, a maior parte – continuará por muitos e muitos anos soterrada e perdida nos escombros da memória ou do passado, sendo mister daqueles, que no futuro ousarem se aventurar pelas páginas das memórias desses dois homens, o árduo trabalho de detectá-las, encaixando-as neste tabuleiro, ou mesmo, a partir delas, refutando a montagem aqui impressa.

Independentemente desses achados ou perdidos, uma coisa é certa: as trajetórias revolucionárias de Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui, bem como de inúmeros e não raras vezes anônimos cubanos que, de modo ou outro, acabaram por se envolverem na luta revolucionária em Cuba, imprimindo assim suas marcas à causa, quando não entregando suas próprias vidas, possuem um denominador comum, a luta pela revitalização moral de Cuba. Um país que, desde que se tornou “independente” da Espanha, em 1898, por meio da Guerra Hispano-americana, acabou por se tornar, com o apoio de parte da elite rural nacional, um

¹⁰⁹ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 225.

espólio de guerra dos Estados Unidos. E que, por quase meio século após o estabelecimento da República, em 1902, viu sua economia atrelada à deste país, e, no âmbito político, sofreu com intermitentes períodos de instabilidade, marcados por acirradas disputas e pela corrupção desenfreada.

O apogeu deste estado de desvirtuamento político ocorreu, justamente, quando, ainda que apesar das instituições cubanas se encontrarem de cima a baixo tomadas pela corrupção, a República parecia finalmente ter se estabilizado, com a convocação para 1952 de eleições livres e democráticas e com a aproximação do término do governo de Carlos Prío Socarrás (1948-1952). No entanto, antes que o pleito ocorresse, apoiado por oficiais de patentes inferiores, o general Fulgêncio Batista y Zaldivar capitaneou na madrugada de 10 de março uma invasão à Base de *Camp Columbia*, onde neutralizou qualquer resistência militar de apoio ao governo Prío. O golpe ficou conhecido como *Cuartelazo* e, não só pôs fim ao processo eleitoral em andamento, como instalou com a conivência dos Estados Unidos uma ferrenha Ditadura Militar em Cuba.¹¹⁰

Nesse ínterim, e apesar da acomodação de conhecidos políticos à nova ordem, alguns candidatos e setores políticos resolveram reagir. Entre os quais se encontravam alguns jovens membros do Partido Ortodoxo, tal como o advogado Fidel Alejandro Castro Ruz, até o golpe, então candidato ao Congresso Nacional. Daí em diante, a história já é por demasiado conhecida: após liderar as fracassadas tentativas de invasão aos quartéis Moncada e Céspedes, conjuntamente operadas no dia 26 de Julho de 1953, a fim de diminuir a resistência bélica do batistianato, Fidel e os demais sobreviventes são levados presos e, posteriormente, a julgamento. Nascia assim, em homenagem aos militantes antibatistianos que tombaram nos levantes, o Movimento 26 de Julho. E, com a libertação de Fidel Castro e seu posterior exílio no México, a resistência, anos mais tarde, partiria desse país no iate *Granma* para desembarcar, ou encalhar, a 2 de dezembro de 1956, sob fogo da artilharia de Batista, num pântano das imediações da praia *Las Coloradas*, província de Oriente, Cuba.

Apesar deste desembarque desajeitado, mas de certo modo heroico, que custou a vida de cerca de setenta rebeldes e, de modo ou outro, emblematicizou o início definitivo da luta revolucionária em Cuba, não há como negar que a Revolução Cubana foi um processo que aglutinou a participação e o envolvimento de múltiplos setores e agrupamentos políticos para além dos rebeldes alocados na *Sierra Maestra*. Basicamente, três foram os agrupamentos com maior participação – o chamado tripé revolucionário: o M-26/7, o DER e o PSP. No caso

¹¹⁰ GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 165-170.

deste último, o apoio efetivo à luta pela via armada ocorreu somente a partir de meados de 1958, quando seus dirigentes notaram a aproximação da derrota de Fulgêncio Batista. Até essa data, a cúpula do PSP, sob orientação do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), acreditava que Batista poderia ser derrubado pela via pacífica, por meio de um levante capitaneado pelos membros do partido, e que, as propostas e ações armadas levadas a cabo pelo M-26/7 e pelo Diretório não passavam de ineficientes e aburguesadas.¹¹¹

A participação de variados agrupamentos políticos e sociais durante a etapa da luta revolucionária em Cuba, no princípio não somente alimentou a gestação de algumas rivalidades, como também intensificou algumas já existentes. Por essa razão, um estudo sobre os itinerários percorridos por Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui no contexto da luta antibatistiana deve também situá-los sob tais parâmetros, identificando eixos de aproximações e distanciamentos ideológicos, a fim de sublinhar as reais nuances de associação (ou, sociabilidade) e de contribuição de cada um para com o processo. Desse modo, nada mais natural que esta caminhada tenha início pelo itinerário de Carlos Franqui, reconhecidamente um dissidente, e, portanto, opositor ferrenho do PSP, tal como demonstrado no capítulo anterior, para, enfim, se debruçar sobre os caminhos trilhados por Guillermo Cabrera Infante.

2.2 O engajamento de Carlos Franqui

Durante a etapa de luta revolucionária, de 1956 a 1959, Carlos Franqui atuara em diversas frentes de combate do M-26/7, entre as quais, a de apoio durante os anos iniciais – devido à falta de militantes – na organização, a de realização de pequenos atos de sabotagem em Havana, e, durante, a fase em que fora obrigado a exilar-se do regime de Fulgêncio Batista, entre 1957 e 1958, como enviado do M-26/7 para formar núcleos de apoio à causa revolucionária cubana na América Central (Costa Rica), México e Estados Unidos.¹¹² Sobre a sua iniciação como aprendiz de sabotador no M-26/7, Franqui rememora que:

Mi primero acto clandestino fue la colocación de un petardo en el registro de los teléfonos del campamento militar de Columbia, en la calle 25, casi frente al instituto

¹¹¹ BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 170-176.

¹¹² FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 166-167 e 196.

del El Vedado en La Habana, la noche del 30 de noviembre de 1956, en que se suponía que el yate Granma y sus 82 expedicionarios desembarcarían en la costa de Oriente, cuando las milicias del 26 de Julio, mandadas por Frank País, atacarían los cuarteles de la ciudad de Santiago de Cuba. Iba acompañado de dos compañeros, uno de buena recordación, otro de triste, no teníamos armas [...] Colocar aquel petardo imponente, como a las ocho de la noche en una calle como la 25, muy transitada no parecía fácil. Levanté con trabajo la piedra de la tapa de la alcantarilla, uno hacía que el petardo quedara suspendido en el aire, el otro encendía su tabacón y daba candela a la no muy larga mecha. Cerramos la alcantarilla, mientras los automóviles pasaban veloces muy cerca de nosotros. [...] La primera cosa que hicimos por conciencia e instrucciones recibidas fue avisarle a todos los que estaban cerca. Había allí mucha gente en los banquillos de un parque, conversando, dándose mates amorosos. “A correr, que hay una bomba”. Y se formó el corre-corre. Mientras gritábamos “¡Abajo Batista!”, desaparecíamos. Fui a esconderme muy cerca de la casa de mi prima Lilia Montero [...] y allí con ansiedad esperé el estruendo del bombazo que nunca oí. Años más tarde, después de la victoria [da Revolução] [...] oímos por la radio de la policía que estaban extrayendo un gran petardo en la famosa alcantarilla de la calle 25, que se decía habían puesto allí agentes contrarrevolucionarios. Con gran risa, llamé al comandante Amejeiras y le conté lo ocurrido [...]. Fue aquel silencioso sabotaje uno de los tantos no ocurridos en aquellos días de nuestras primeras experiencias de sabotaje.¹¹³

Curiosamente, aquele *petardo* que nunca chegou a estourar, mas que iniciara Franqui nas atividades de sabotagem do M-26/7 foi um presente não só da engenhosidade e cumplicidade, mas também da ingênua coragem de Guillermo Cabrera Infante, tal como relembra o mesmo:

Un día Franqui me dijo que el grupo revolucionario de Alberto Mora, el Directorio [Estudiantil Revolucionário], planeaba algo “en grande”. Cuando regresé del trabajo [em Carteles] le pregunté a Alberto qué había de cierto en esto, los dos sentados en la cama en el cuarto de mi hermano [Sabá], y Alberto reaccionó con nerviosismo y casi con violencia. El grupo de Alberto, el Directorio Revolucionario, y el de Franqui, el 26 de Julio, luchaban encarnizadamente contra Batista, cada uno por su lado, pero no se veían mutuamente con buenos ojos. Así, cuando Franqui me encargó que le consiguiera algunos explosivos con el Directorio, ya que el 26 de Julio apenas tenía, Alberto demoró bastante en decir que sí, pero finalmente accedió. Todavía lo recuerdo pasar por delante de la casa del segundo jefe de la radio-motorizada, que vivía puerta con puerta con nosotros, una tarde, más bien una noche, y llegar a casa con su paquete de dinamita bajo el brazo, tranquilo, como si trajera libros. Recuerdo que pusimos la dinamita sobre el escaparate del cuarto de mis padres y lo nerviosa que se puso mi madre al darse cuenta de que algo traíamos Alberto y yo entre manos. Como Franqui demoraba en llegar, yo decidí llevarme la dinamita de la casa, habida cuenta del nerviosismo creciente de mi madre, y cargué con ella hasta la esquina, donde cogí un taxi para llegarme a la revista. Recuerdo cómo el chofer charlaba conmigo, fumando, y de vez en cuando se daba vuelta para insistir en un punto, moviendo la mano derecha, con el cigarrillo, por encima del paquete que descansaba a mi lado. Pero llegamos a la revista sin novedad, le pagué y subí hasta la redacción sin que el guarda jurado de turno se asombrara por mi llegada ya que todos ellos estaban acostumbrados a verme llegar a deshora. Allí en la redacción esperé a Franqui, que se había demorado con su grupo que venía a buscar la dinamita y se produjo una pequeña confusión cotidiana, pero finalmente llegó y se llevó el paquete. No recuerdo donde pusieron las bombas, pero sí sé que no resulto herido

¹¹³ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 167.

nadie en las explosiones [a primeira nunca ocorreu] y me alegré pues yo había sido instrumento en conseguir la dinamita.¹¹⁴

Apesar dessa breve passagem aventureira, foi justamente à ponta de projetos culturais estratégicos, ou seja, como idealizador e diretor do Jornal *Revolución* e ao comando da *Radio Rebelde*, que Carlos Franqui contribuiu de modo significativo para o sucesso da empreitada levada a cabo pelos revolucionários e, bem como, imprimiu sua marca na Revolução Cubana. Isso porque, gestados como órgãos oficiais de comunicação do M-26/7, o *Revolución* – fundado em 1956 – e a *Radio Rebelde* – inaugurada em 24 de fevereiro de 1958 – cumpriram papéis decisivos numa etapa em que a “guerra de informações” em Cuba foi tão importante quanto a própria luta armada. Isso porque a máquina de propaganda governamental atuava no sentido de semear aos quatro ventos informações deturpadas sobre a guerra civil em andamento, ao passo que sempre favoráveis ao regime ditatorial de Fulgência Batista. Portanto, não é exagero afirmar que tanto o *Revolución* quanto a *Rádio Rebelde* não só amplificaram como concederam cor e timbre às vozes revolucionárias, principalmente, àquelas isoladas pelas densas e até então quase incomunicáveis matas da *Sierra Maestra*.

Desprovido desses dois veículos, dificilmente seria possível ao M-26/7 estabelecer uma eficiente ponte de comunicação entre os rebeldes e os militantes das cidades, entre o próprio *Movimiento* e o povo de Cuba e, enfim, mesmo que de maneira indireta, entre a Revolução Cubana e o Mundo. Na mesmíssima proporção, a inexistência desses órgãos informativos, porquanto, também formativos da opinião pública cubana, conservaria precários os meios de mobilização dos atores históricos, em especial, a conquista de homens e mulheres, jovens e adultos, dispostos a engrossarem as fileiras de combatentes do M-26/7 e, conseqüentemente, entregarem suas vidas à empreitada revolucionária.

Entre esses dois projetos estratégicos para as atividades do M-26/7 havia uma forte inclinação emocional de Franqui por *Revolución*. Para isso, pesou uma série de fatores que, inclusive, como o leitor poderá verificar adiante, endossaram a derradeira opção de Carlos Franqui em continuar à frente do periódico e sair da rádio. O primeiro desses fatores diz respeito às circunstâncias em que foram fundados esses órgãos, já que, ao contrário da rádio, como será enunciado nas próximas páginas, *Revolución* não só fora idealizado por Franqui, o que em si esboça uma forte ligação sentimental, como lhe serviu de sustentação e porta de entrada para o M-26/7:

¹¹⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 47-48.

Revolución clandestina nació en el año de 56 y no de una reunión, ni de un acuerdo, sino de mi condición para integrarme al Movimiento 26 de Julio; incluso el primer número se llamó Aldabonazo. Y de la misma manera Revolución, legal de 59, tampoco surgió de un acuerdo, ni de una discusión; simplemente, a la toma del poder, decidimos que teníamos que hacer un periódico, como la sección de propaganda del 26 de Julio en la clandestinidad, que tuvo muchos muertos, torturados y presos, y que siempre se rehacía de cada golpe, que cada vez que tomaban un taller clandestino de Revolución, otro renacía, y cuando la policía creía haber acabado con ella, se equivocaba, aun sin el respaldo de Fidel Castro, que jamás escribió un artículo, ni mandó un parte, para que se publicara en sus páginas.¹¹⁵

Em entrevista a Miguel Rivero, realizada em Lisboa no dia 18 de dezembro de 2006 e publicada pela edição eletrônica da *Revista Cubaencuentro*, Carlos Franqui reitera esse estreitamento entre *Revolución* e as circunstâncias que permitiram sua incorporação aos quadros do M-26/7:

Cuando Batista dio su golpe, el 10 de marzo de 1952, derrocando la democracia que gozaba Cuba, extraordinaria pese a sus imperfecciones, me dí cuenta de que la vida iba a cambiar y también mi propia vida. Como era periodista, me dediqué a crear prensa clandestina en varios sitios. Así llegué hasta el período de 55-56, donde hicimos primero la publicación Aldabonazo y después Revolución, que fue auspiciada por el grupo del 26 de Julio que formaban Faustino Pérez y el movimiento clandestino habanero.¹¹⁶

A ligação emocional de Franqui com o periódico foi reforçada, como reitera a passagem acima, pelo fato de que ao longo do período em que *Revolución* circulou na clandestinidade, inúmeros de seus colaboradores foram perseguidos, presos, torturados e até mortos pelos agentes do batistianato. Inclusive, numa dessas ocasiões, o próprio Franqui acabara nas garras da violenta polícia política de Fulgêncio Batista, o *Buró de Investigaciones*, órgão coirmão do *Buró de Represión a las Actividades Comunistas* (BRAC), que fora fundado na década de 1950 pela ditadura de Batista a fim de coibir as atividades e os grupos comunistas em Cuba:¹¹⁷

El 6 de marzo [1957] la policía detuvo en el café de Ernesto Vera, Águilla y San Lázaro, al grupo responsable de la propaganda. Más tarde asaltaron el taller

¹¹⁵ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 231.

¹¹⁶ Idem. Hay tres tendencias disputándose el poder. Entrevista concedida a Miguel Rivero em Lisboa. In: **Cubaencuentro**. 18 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.cubaencuentro.com/entrevistas/hay-tres-tendencias-disputandose-el-poder-28404>>. Acesso em: 28 set. 2011.

¹¹⁷ Além do BRAC e do *Buró de Investigaciones*, Cabrera Infante relata em seu livro de memórias a existência de uma terceira agência repressora em Cuba, o SIM (Servicio de Inteligencia Militar). Ao que tudo indica, apesar de autônomos entre si, os três órgãos trabalhavam em conjunto, seja trocando informações, seja organizando operações de combate aos movimentos de oposição ao regime de Batista. CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 127.

clandestino de Revolución. La persecución era muy intensa, y después de la detención del grupo de Quinta y A, yo había tomado medidas especiales. [...] Me mudé y no dí mí nueva dirección ni a la familia ni a nadie del Movimiento. Los contactos los hacía en la calle y todos los días en direcciones distintas. [...] De otra parte, era la primera vez que vivía en una casa segura. A las tres de la madrugada los carros policíacos con un gran despliegue rodearon la manzana y asaltaron el apartamento donde vivía. La cerradura de la puerta se trabó y la policía estuvo a punto de disparar las ametralladoras con riesgo para mi familia. Cuando finalmente pude abrir y los esbirros vieron que estaba solo y desarmado, perdieron el nerviosismo y comenzaron las bravuconadas. Al bajar la escalera, mi madre quiso decirles que era un hombre bueno y entendieron que era un hombre. Allí mismo empezaron los golpes. Al salir a la calle, hubo una discusión entre dos carros que se disputaban quién me llevaba. Cuando en uno de ellos vi al sargento Calzadilla [...] pasé uno de los sustos más grandes de mi vida [...]. Pensé que aquel hombre no me dejaría llegar vivo a los cuerpos policíacos. Pero los ocupantes de la otra máquina, los célebres torturadores del Buró de Investigaciones, Sarmiento y Bencomo, eran los jefes de la operación y me metieron a empujones en su máquina. Me condujeron al Buró de Investigaciones, y allí los coroneles Faget y Piedra me mostraron los cuatro detenidos, la multilith y el material de impresión, los periódicos etc. Me dijeron que yo era el jefe y que sabía muchas cosas. Le contesté que sí que era el jefe, y el último, y que ya tenían todo en sus manos. Fueron unos días muy duros. La policía sabía que era el director del periódico, responsable de propaganda y miembro de la dirección del 26. Siguiendo la táctica nuestra, me limitaba a decir que mis contactos eran los Hart, presos en Castillo del Príncipe y fuera de la jurisdicción policiaca, y otros compañeros que estaban en la Sierra Maestra.¹¹⁸

É válido ressaltar que a CIA cumpriu um importante papel para o desenvolvimento de variadas atividades do BRAC, inclusive, para o refinamento das técnicas de investigações e tortura,¹¹⁹ e que, na época da prisão de Franqui, tal como corroborado pelo fragmento acima, ao comando deste órgão repressor cubano e do *Buró* estava ninguém mais do que Mariano Faget, famoso por ter atuado durante o primeiro governo de Fulgêncio Batista (1940-1944) na perseguição, captura e fichamento de simpatizantes ou pessoas ligadas a entidades nazifascistas em Cuba.

A prisão de Carlos Franqui pelo *Buró de Investigaciones* também fora descrita por Guillermo Cabrera Infante que, nesta época, março de 1957, mesmo trabalhando como crítico cinematográfico em *Carteles*, “ayudaba a veces a redactar una nota o un editorial”¹²⁰ em *Revolución*, já que as dependências da revista também eram utilizadas para a confecção do periódico clandestino, uma vez que, para além das atividades revolucionárias, Franqui – então, já casado com Margarita Padrón (Margot) e pai de Carlitos¹²¹ – ali trabalhava como *freelancer* na correção de provas:¹²²

¹¹⁸ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 171-173.

¹¹⁹ Sobre a ligação da CIA com o BRAC, Cf. BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 157-158.

¹²⁰ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos.** Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 47.

¹²¹ FRANQUI, op. cit., p. 164, 179.

¹²² CABRERA INFANTE, op. cit., p. 47.

Franqui fue también cogido preso poco después cuando se descubrió la casa en que tiraban el periódico. Recuerdo que una noche (yo regresaba con migraña de ver mala película) recibí una llamada de Elías Constante, que era corrector en Carteles por el día pero que por la noche trabajaba en el Nacional, que me dijo, medio en clave, que acababan de coger presos a los responsables del periódico clandestino. Yo supuse que también había caído Franqui y se lo pregunté a Constante, que dijo que no lo sabía pero que era probable. Así me acosté alrededor de las doce y como a las cuatro de la mañana tocaron a la puerta. Era la mujer de Franqui, que venía a decirnos que acababan de detener a su marido, y aunque a Franqui no le ocurrió nada (podía haber muerto en el interrogatorio, como tantos otros) y lo protegió su condición de periodista, nunca me perdoné el no haber investigado si lo habían puesto preso temprano en la noche o no y buscar su nueva dirección (se acababa de mudar y yo no sabía dónde vivía) para advertirle que habían cogido a su grupo, ya que la policía no descubrió su nuevo escondite hasta las tres de la mañana, tal vez porque uno del grupo habló, tal vez porque investigaron con las compañías de mudanzas, que entonces estaban muy vigiladas para canecer el movimiento de los grupos clandestinos.¹²³

Mesmo “protegido” por sua condição de jornalista, durante o período em que permaneceu preso nas dependências do *Buró*, Carlos Franqui foi vítima de sessões de tortura capitaneadas sob a mira sádica de Mariano Faget, e, apesar de honestamente assumir certo estado de confusão ao rememorar-las, algo comum nos relatos de indivíduos que sofreram quaisquer tipos de violências, físicas e/ou psicológicas, as descreve com alguma riqueza de detalhes e coerência:

Descubrí que los golpes muy fuertes insensibilizan al dolor y el cuerpo parece de otro. Pero Faget era un técnico de la tortura, un científico de la escuela norteamericana: golpes continuados en la cabeza, sin huellas, con un dolor y una tensión tremenda. A mi inveterada mala memoria se unió en aquellos días una amnesia inconsciente cuasi total. Tuve la suerte de parar la cadena de detenciones y no decir nada. Corrí horas peligrosas como si me resignara a morir. No reaccionaba. Ocurrían cosas absurdas. Alguien había declarado que yo tenía un camión de dinamita escondido y la policía quería saber donde estaba. Solo que el camión no había existido nunca, era solo un proyecto de asaltar una mina, para el que yo debía buscar una casa y que no había se realizado. [...] No sé cuanto tiempo había pasado casi inconsciente por los golpes. Los torturadores gritaban que no los mirara de aquella manera – con el miedo que yo tenía no sé qué veían esta gente en mis ojos –, cuando el cerebro me comenzó a funcionar.¹²⁴

O período em que Franqui permaneceu encarcerado no *Buró* coincidiu com o famoso episódio do Assalto ao Palácio Presidencial, que, arquitetado pelas lideranças do DER, também conhecido como Diretório Revolucionário (DR), em 13 de março de 1957, almejou sem sucesso o pronto assassinato de Fulgência Batista e, por conseguinte, a derrubada do regime ditatorial em Cuba. Além de fracassada, uma vez que a segurança batistiana suprimiu

¹²³ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 49.

¹²⁴ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 173.

o movimento, culminando na morte de alguns membros do DR, entre os quais, do estudante José Antonio Echevarría, morto nas proximidades da *Universidad de La Habana*, a tentativa de Assalto ao Palácio Presidencial somente agravou a situação de Franqui e dos outros presos políticos:

La tarde del 13 de marzo nos sacaron al patio del Buró. Vimos varios carros. Un agente, llamado Pistolita, gritaba: “¡Están atacando Palacio!”. La confusión era enorme. La policía, enloquecida, quería asesinar a los prisioneros. El comandante Medina ordenó situar hombres con ametralladoras delante de nuestras celdas y esperar a que el Buró fuera atacado. De pronto alguien gritó: “¡Han matado Batista!”. El pánico policiaco era enorme, mayor aun que el nuestro. De momento aquel grito nos había salvado. Había sido Luis Gómez Wangüemert, que en medio del combate, mientras entraba en el despacho de Batista, al sonar el teléfono, respondió: “Aquí Directorio, Batista ha muerto”, sembrando el pánico en los cuerpos policiacos. [...] Poco más tarde nos dimos cuenta de que el ataque había fracasado. Los esbirros habían vuelto a la bravuconería. Sedientos de sangre y acobardados, querían asesinar a los prisioneros. Pero el comandante Medina lo evitó. Fueron horas muy inciertas, la noche particularmente difícil. Piedra y Faget mandaron que me condujeran a su despacho mientras los esbirros, incluido Bocanegra, un sargento de mi pueblo que personalmente no se había portado mal conmigo, me decían que mi situación se había agravado. Allí estaba la plana mayor del Buró.¹²⁵

Acusado por Faget de saber da conspiração que culminou no Assalto ao Palácio Presidencial, para além de sua condição de jornalista, Carlos Franqui somente saiu ileso deste último encontro com os torturadores do *Buró* por provar que não havia nexos entre as ilações de Faget e a realidade, uma vez que, a fim de embasar a acusação, o chefe dos torturadores insistia no fato de que no dia da prisão de Franqui, horas antes, este havia se reunido na Clínica Pasteur com Norberto Hernández, o porteiro do famoso Cinema Niza de Havana, que figurava como um dos suspeitos de ter arquitetado o Assalto ao Palácio Presidencial:

– Coronel, ¿cómo es que si ustedes me estaban siguiendo aquella noche, para encontrar mi casa seis horas más tarde tuvieron que torturar al chofer particular que hizo la mudanza? ¿Cómo es que si seguían a este señor, se les escapara y participara en el ataque a Palacio, como ustedes dicen? No me culpe a mí por el ataque al Palacio, culpe a la policía por su ineficacia. [...] En ese momento vi pasar a varios presos ensangrentados, torturados terriblemente, mientras Piedra y Faget salían. El comandante Medina que por la tarde había evitado que nos mataran, me condujo de nuevo a la celda, diciéndome por las escaleras: “- Dentro de un rato te vamos a matar, pero antes no te vamos a dejar un pedazo del cuerpo sin romper”. Y no había ninguna razón para dudar. Más tarde sentí decir que habían matado al líder político ortodoxo Pelayo Cuervo Navarro. Pensé que era una bravuconada para asustarnos y que

¹²⁵ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 175-176. A falsa notícia de que Fulgêncio Batista fora assassinado durante a investida do DR ao Palácio Presidencial foi veiculada por alguns integrantes do Diretório que na mesma data invadiram as dependências da Rádio CMQ. Após o ocorrido, dois desses militantes do DR, Joe Westbrook e um anônimo, identificado somente como primo do primeiro, pediram para se esconderem na casa de Guillermo Cabrera Infante. Cf. CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 50.

habláramos. Parecía imposible que fuera verdad, pero lo era.¹²⁶

Por volta das três da madrugada, Carlos Franqui e outros quatro integrantes de *Revolución* foram tirados das celas e levados até o pátio do *Buró*, de onde foram encaminhados até a prisão de *Castillo del Príncipe*. Apesar das condições da prisão (sua construção remetia ao período colonial) e do acomodamento de presos comuns (cerca de 2000) junto aos políticos (por volta de 100)¹²⁷, a transferência para *Castillo* resultou em um verdadeiro alívio para Franqui, uma vez que era uma “prisión bajo control de los tribunales para presos en espera de juicio, donde los cuerpos represivos no podían intervenir y que llamaban “el Paraíso”¹²⁸ e “menos tétrico que el Morro de La Cabaña”¹²⁹.

Em *Castillo del Príncipe*, Franqui permaneceu preso até agosto de 1957 quando Jorge Quintana, presidente do *Colégio de Periodistas*, conseguiu sua liberdade provisória. Contudo, este período não fora coroado pelo ócio. Pelo contrário. De certo, *Castillo del Príncipe* não era nenhum paraíso, tal como anunciavam alguns presos políticos ali encarcerados. Posteriormente, quando rememorando sua saída, salientou Franqui: “Al volver a la calle, a mi salida del Príncipe, fue como salir del paraíso y volver al infierno por los peligros que allí había”¹³⁰. Isso porque, tal como afirmara o próprio jornalista, ele deixara *El Castillo* em péssimas condições físicas. Mesmo assim, além de salvaguardá-los da brutalidade dos torturadores do *Buró*, a prisão colonial permitia tanto a Franqui quanto aos demais membros do M-26/7 ali encarcerados não só algumas regalias, como também permanecerem bem informados sobre o planejamento e a coordenação das ações revolucionárias:

Teníamos visitas diarias. Margot venia con Carlitos, que tenía un año y me traía la comida del día, desde allí Faustino, Hart y nosotros dirigíamos el movimiento a través de compañeros de la clandestinidad que no estaban quemados. [...] Producía cierto efecto la llegada cada día de nuevos presos con sus cuerpos magullados y golpeados en los centros de tortura, huellas que unos días después desaparecían. Desde allí escribíamos y recibíamos correspondencia de Frank País, líder del 26, que nos informaba sobre la lucha clandestina. Era aquel un perfecto centro de conspiración sin los peligros de la calle.¹³¹

Uma vez solto, Carlos Franqui passou quase um mês escondendo-se aqui e ali, inclusive no *Hospital Curie*, em que fora internado pelo Dr. Santamaría com suspeita de

¹²⁶ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 177-178.

¹²⁷ Estimativas do próprio Franqui.

¹²⁸ FRANQUI, op. cit., p. 178.

¹²⁹ Ibid., p. 180.

¹³⁰ Ibid., p. 181.

¹³¹ Ibid., p. 179-180.

neoplasia – processo patológico de proliferação celular que resulta em tumor benigno ou maligno. No início de setembro do mesmo ano, Franqui finalmente consegue asilo político na embaixada da Costa Rica, para onde é enviado, dias depois, a fim de organizar células do movimento na América Central e, posteriormente, no México e nos Estados Unidos, por intermédio de uma iniciativa dos dirigentes do M-26/7.¹³² O período em que o jornalista permaneceu exilado significou verdadeiro divisor de águas em sua trajetória dentro dos quadros do M-26/7. Entre arquitetar e participar de iniciativas de sabotagem e idealizar e dirigir *Revolución* na clandestinidade, Carlos Franqui, que desde meados de 1956 havia formalmente se convertido em militante do M-26/7 em Havana¹³³, passou também a atuar junto ao núcleo guerrilheiro, cravado no seio da *Sierra Maestra*.

No contexto da Revolução Cubana a ida de Franqui para a *Sierra Maestra* foi algo extremamente simbólico, pois exemplificava, tal como ainda exemplifica, não somente a existência de uma interação entre os dois seguimentos do M-26/7, o urbano e o rural, aparentemente separados pela ideologia tática, como também a relevância do primeiro à obra do segundo, ainda hoje, pouco abarcada, quando não, deixada de lado, por alguns historiadores. De maneira análoga, a conformação dessa ponte entre o seguimento urbano e o rural do M-26/7 diz sobre um aspecto da ação do intelectual engajado, que é o da interpenetração entre o afetivo e o ideológico. Para Sirinelli, as sociabilidades secretam “microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos”¹³⁴. Ou seja, há uma conformação de um microclima, que diz do microcosmo particular do intelectual, suas crenças, as motrizes de sua luta e de sua identidade com o macroclima ideológico, as necessidades e a coesão do grupo e da luta. Desse modo, mesmo como um intelectual afetiva e ideologicamente ligado ao setor urbano (*llano*) do M-26/7, a luta revolucionária exigiu a colaboração de Franqui na *Sierra Maestra*, ressaltando que o grupo rural (os guerrilheiros) precisava tanto do setor urbano

¹³² FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 196.

¹³³ Em entrevista a Miguel Rivero, Carlos Franqui declarou que, em 1956, ao viajar até o México a fim de levar recursos e fazer campanha à liberdade de Fidel Castro, então preso em Miguel Schultz, ainda não era formalmente um militante do M-26/7, uma vez que, como organização ampla, o movimento não possuía o *modus operandi* de um partido político, composto por uma militância formal. Assim, apesar de sua experiência como simpatizante e de sua crença como jornalista de que um profissional da informação não podia pertencer a nenhum grupo político, viu-se em certo momento envolvido na luta revolucionária e, após a viagem, convertido em dirigente do M-26/7. Cf. FRANQUI, Carlos. Hay tres tendencias disputándose el poder. Entrevista concedida a Miguel Rivero em Lisboa. In: **Cubaencuentro**. 18 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.cubaencuentro.com/entrevistas/hay-tres-tendencias-disputandose-el-poder-28404>>. Acesso em: 28 set. 2011.

¹³⁴ RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996, p. 252.

como este da luta encampada pelo setor guerrilheiro.

2.3 Carlos Franqui à frente da Rádio Rebelde

É válido ressaltar que durante toda a etapa da luta revolucionária em Cuba, o M-26/7 se encontrava claramente dividido em duas frentes de ação que se integravam, concluindo um único corpo. De um lado, o *Ejército Rebelde*, o núcleo guerrilheiro do movimento, composto em sua maioria por camponeses, e que, sob o comando maior de Fidel Castro, adotou, por sua natureza combativa, além de uma estrutura hierárquica próxima à militar, o foquismo na *Sierra Maestra* como principal meio acional.¹³⁵ De outro, o chamado Grupo *Llano* (ou de Planície), que, integrado basicamente por estudantes e intelectuais cubanos, além de fornecer apoio material, logístico e moral à luta capitaneada pelos guerrilheiros alocados na *Sierra*, depositara nas pequenas ou grandes ações desencadeadas simultaneamente em inúmeras cidades, tais como, atos de sabotagem, deflagração de greves etc., sua motriz combativa. Justamente por essa natureza acional, diferente da do núcleo guerrilheiro, o *Llano* não possuía uma estrutura hierárquica enrijecida, apresentando inicialmente uma organização descentralizada que, com o tempo e de modo natural, elegeu Frank País como principal liderança política, e, após a morte deste, em julho de 1957, acabou por coroar sua figura como mártir. Há de se ressaltar ainda que, mesmo apresentando uma tática diferenciada da do *Ejército Rebelde*, bem como uma composição mais ilustrada, esmagadoramente cidadina, o que lhe rendeu o adjetivo de “ala burguesa” do M-26/7, o *Llano* era tão “fidelista” quanto os próprios guerrilheiros da *Sierra Maestra*, e, isso concorreu não somente para a composição de unidade no movimento, como também, por consequência, acabou tornando quase que irrelevante o conflito interno entre a opção de um pela guerrilha urbana e a de outro pela rural.¹³⁶

Do mesmo modo, deve-se ressaltar que o setor *llano* do M-26/7 contou com a participação direta ou indireta de alguns intelectuais, entre os quais Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante. Enquanto que na *Sierra* era imperativo o engajamento de

¹³⁵ Tática que deposita na eleição de um foco de resistência o sucesso de uma empreitada armada. Após o triunfo da Revolução Cubana, o foquismo foi teorizado por Che Guevara em textos como “A Guerra de Guerrilhas”.

¹³⁶ MARQUES, Rickley Leandro. **A Condição Mariel**: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990). 276 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2009, p. 28.

camponeses, nas cidades as ações clandestinas foram levadas a cabo por estudantes, acadêmicos, jornalistas, escritores, profissionais liberais, artistas, militantes políticos etc. Em sua maioria, esses homens e mulheres mal sabiam empunhar uma arma, mas trabalhavam com afinco em estratégicas ações clandestinas, divulgando informações, rodando panfletos, mobilizando trabalhadores, arquitetando e levando a cabo pequenas ações militares, cujo objetivo era minar as forças do batistianato.

A incursão definitiva de Franqui na *Sierra Maestra* surgiu justamente durante o exílio, e, de maneira concomitante ao projeto *Radio Rebelde*, que se apresentou como uma necessidade tática do *Ejército* guerrilheiro à medida que, em Cuba, para além de uma sangrenta guerra campal entre as tropas do governo e os guerrilheiros, se descortinava uma virulenta guerra de informações, cujas transmissões radiofônicas atuaram como o principal palco de deflagração. A fim de ilustrar esse contexto, deve-se atentar para o fato de que, como salientou o historiador Rafael Saddi Teixeira, “o mundo cubano dos anos 50 estava marcado pelo conflito entre a Cuba Moderna e a Cuba Tradicional”¹³⁷, e, assim, ao passo que ainda existiam em Oriente famílias *guajiras* vivendo em condições semelhantes aos camponeses do século XIX, em *bohíos* desprovidos de energia elétrica e saneamento básico, nas cidades, mesmo que não compartilhado por todos, “o desenvolvimento de bens de consumo, como o rádio, o automóvel e a televisão [...] eram indícios muito claros de que uma nova Cuba havia nascido após a Segunda Guerra Mundial”¹³⁸. Como enfatizado no capítulo anterior, na década de 1950, Cuba não era um país materialmente atrasado, mas socialmente desigual.

Daí o papel exclusivo do rádio que, financeiramente mais acessível à população do que a televisão, e, culturalmente, também mais acessível do que a imprensa escrita, haja vista que boa parcela da população camponesa cubana, em especial, a de Oriente, era analfabeta, passou a ocupar posição de destaque no campo informativo, porquanto, na formação da consciência política da opinião pública de Cuba, justamente, por estabelecer a ponte entre o moderno e o tradicional, tornando o inacessível acessível, a um custo relativamente baixo, e, sobretudo, por meio de um instrumento mais sedutor, dinâmico e interativo do que o jornal. Uma coisa era ter acesso a um pronunciamento de Fidel por intermédio da leitura de *Bohemía*, outra era ouvir a voz do próprio Fidel retransmitida diretamente dos confins da *Sierra Maestra* para toda a Cuba, o que coroava uma atmosfera de pessoalidade, porquanto, envolvimento. Ademais, mesmo para aqueles camponeses cujo rádio era um sonho de

¹³⁷ TEIXEIRA, Rafael Saddi. **O Ascetismo Revolucionário do Movimento 26 de Julho**: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958). 2009. 209 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2009, p. 197.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 32.

consumo impossível, seja por condições financeiras, seja pela ausência de condições materiais para o seu uso e desfruto, o dinamismo tecnológico e a abrangência informativa da radiotransmissão tornavam a circulação das informações também mais abrangentes e dinâmicas, quando comparadas ao campo de atuação da imprensa escrita, limitado pelas dificuldades temporais e geográficas. Assim, por meio do rádio, uma vez que a notícia chegava rapidamente ao ouvinte, ou a um determinado grupo de ouvintes, por sua vez, estes a retransmitiam oralmente para amigos e familiares, formando uma eficiente e curiosa rede de circulação de ideias, sem ter a necessidade de adquirir diária ou semanalmente um exemplar escrito. O que é confirmado por Guillermo Cabrera Infante:

La Sierra ahora era la Radio Rebelde de la guerrilla, que había comenzado a transmitir por esos días, dando noticias que eran mucho más creíbles que los partes de guerra oficiales, donde siempre ganaba el ejército “produciéndole múltiples bajas a los insurrectos”. Por supuesto esta radio ya era conocida de toda la clandestinidad y muy pronto lo sería de toda Cuba, hasta la madre de ella [amante de Guillermo] se escapaba por las noches de su casa a casa de una vecina para oír, las puertas y las ventanas cerradas, la Radio Rebelde, que se convertía en una suerte de BBC en la Europa dominada por los nazis.¹³⁹

Com base nesse cenário, a criação da *Radio Rebelde* ocorreu quando da visita de Carlos Franqui aos Estados Unidos. Nessa ocasião, Franqui que já havia passado como representante do M-26/7 por San José, na Costa Rica, por Veracruz e Mérida, no México, e na própria capital mexicana, onde encontrara coincidentemente um numeroso grupo de comunistas cubanos, muitos dos quais antigos desafetos do PSP, em fevereiro de 1958, voou rumo a Nova Iorque a fim de secretariar o Comitê de Exílio, formado por representantes asilados do M-26/7, da *Acción Cívica* e de outras organizações cubanas. Entre suas principais atribuições, para além de, junto a Raúl Chibás, intermediar o conflito de opiniões então existente entre Manuel Urrutía e Mario Llerena, Carlos Franqui devia:

[...] organizar el Movimiento [...], divulgar los crímenes de la dictadura [de Batista] a través de la prensa, incluida la opinión pública norteamericana y la política de Estados Unidos, que en los primeros años después del reconocimiento de Batista, el apoyo del Pentágono (y las dudas de la CIA y las críticas del Departamento de Estado) oscilaba hasta que en abril de 58 se definieran decretando el embargo de armas de Batista.¹⁴⁰

De Nova Iorque, Carlos Franqui se transferiu para Miami, onde se instalou com a família (Margot, Carlitos e a mãe), até que, passada uma semana, foi comunicado por Haydée

¹³⁹ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 219-220.

¹⁴⁰ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 200-201.

Santamaría que a direção do M-26/7 necessitava de sua presença na *Sierra Maestra* a fim de iniciar e dirigir as atividades de *Radio Rebelde*.¹⁴¹ Para Franqui, ter de deixar de modo inesperado mais uma vez o calor do convívio familiar a fim de cumprir as obrigações de militante foi um verdadeiro golpe, do qual lamentou, mas não se esquivou. Cerca de um mês depois, embarcou para a *Sierra* num avião *Cesna* carregado de armas e pilotado pelo major-aviador Pedro Díaz Lanz, então, homem de confiança do M-26/7, mas que, após o triunfo da Revolução, foi o primeiro membro do movimento a tornar-se publicamente detratador do regime instaurado pelos rebeldes em Cuba.¹⁴²

Mesmo que o comunicado expedido por Haydée Santamaría, anunciando que Fidel o queria na *Sierra* para alavancar as atividades do novo tentáculo informativo do M-26/7 tenha o pegado de surpresa, não se pode negar que, coincidência ou não, a inauguração das atividades da rádio (24 de fevereiro de 1958) ocorreu no mesmo mês em que Carlos Franqui esteve em Nova Iorque. Infelizmente, por intermédio das fontes acessadas neste trabalho, é impossível afirmar com plena certeza se, uma vez em Nova Iorque, Carlos Franqui intermediou ou não a captação de recursos e equipamentos para o empreendimento da rádio. Contudo, é emblemático, ao passo que ainda uma especulação, que Franqui fora justamente de Nova Iorque em data próxima àquela ocasião na qual inúmeras caixas de rádio, possivelmente, financiadas pela CIA, foram enviadas para os guerrilheiros alocados na *Sierra*, via Consulado-Geral em Santiago de Cuba, e que possibilitaram a inicialização das atividades da *Radio Rebelde*.¹⁴³

Como bem afirmou o próprio Carlos Franqui no fragmento supracitado, até abril de 1958 os órgãos de inteligência estadunidenses, bem como o Departamento de Estado apresentavam uma posição indefinida sobre o conflito em Cuba, o que certamente beneficiava a empresa dos revolucionários cubanos, sob plena consciência e aval dos dirigentes do M-26/7, entre os quais, o próprio Fidel Castro. Curioso notar que, apesar de não enunciar diretamente o seu envolvimento no episódio da remessa das caixas, se é que dele participou, Carlos Franqui não só não nega como reforça a possível existência, mesmo que pequena e breve, de um jogo de interesses benéfico para ambos os lados, entre os revolucionários

¹⁴¹ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 201.

¹⁴² BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 204; GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 198. Empossado como chefe da Força Aérea de Cuba após o triunfo da revolução, Díaz Lanz passou a discordar do processo de radicalização do regime, para ele encarnado na Lei de Reforma Agrária, e, em junho de 1959, partiu definitivamente para Miami, de onde, mais tarde, coordenaria e participaria de ataques aéreos à Cuba fidelista.

¹⁴³ BANDEIRA, op. cit., p. 156.

cubanos e os órgãos políticos e de inteligência dos Estados Unidos. Principalmente, ao confirmar anteriormente à enunciação da passagem acima transcrita que na cidade de Washington “nos representaba Ernesto Betancourt, buen conocedor de la política oficial de Estados Unidos y con vinculaciones con el Departamento de Estado, lo que le permitia obtener valiosas informaciones útiles a la lucha insurreccional”¹⁴⁴. A aproximação tecida por Franqui encontra alguma ressonância no estudo de Moniz Bandeira, para quem:

A CIA naturalmente colocou diversos agentes, a maior parte sob a cobertura da embaixada dos EUA em Havana e no Consulado-Geral de Santiago de Cuba, na Província de Oriente, a fim de que estabelecessem contatos tanto com o governo [de Batista] quanto com a oposição e desenvolvessem uma rede de informantes, razão pela qual alguns tentaram penetrar no M-26/7 e no quartel-general de Castro, na Sierra Maestra. [...] Motivo, portanto, não havia, aparentemente, para que a CIA estivesse a fornecer elevados recursos, através de Prío Socarrás, ao M-26/7, não obstante tratasse de estabelecer contato com seus militantes, tanto em Santiago quanto em Havana, assim como próprio Fidel Castro e os guerrilheiros em Sierra Maestra, o que sem dúvida ocorreu, como o próprio [embaixador dos Estados Unidos em Cuba, Earl] Smith confirmou, ao acusar o agente nº 2, adido à embaixada em Havana, de ajudar os rebeldes da base naval de Cienfuegos, quando eles foram submetidos à corte marcial. Contudo, quaisquer que fossem as razões que levaram a CIA a ajudar o M-26/7, se realmente o fez, o fato foi que ela cooperou, mais ainda, com o governo de Batista.¹⁴⁵

O dúbio jogo político entre as instituições estadunidenses e o M-26/7, cada qual intentando defender seus interesses, ao que parece, não usufruiu da participação direta de Franqui, apesar deste dela ter conhecimento, tal como tantos outros membros do M-26/7. Todavia, quaisquer que fossem os reais patrocinadores da montagem da *Radio Rebelde*, ou ainda, independente da origem do dinheiro e dos equipamentos nela empregados, duas coisas são certas: a primeira, que a função exclusiva da rádio era a de atuar na frente de propaganda mais do que na de notícias, quando não, nesta a fim de atingir aquela; a segunda, que quaisquer que fossem os interesses que os dirigentes guerrilheiros ou cidadãos do M-26/7 buscassem na possível (e, breve) aproximação com os órgãos estadunidenses, a bandeira da luta revolucionária em Cuba, para além do vermelho e preto do 26 de Julho, levava estampada em flâmula também as cores do nacionalismo, do anti-imperialismo, e, sobretudo, do sentimento antiestadunidense. Para isso, concorre a existência de uma mensagem de Fidel Castro, datada de 6 de junho de 1958, e endereçada a Celia Sánchez, em que este relata, ao início, que “Franqui está trabajando mucho en el asunto de la propaganda y eso me

¹⁴⁴ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 200.

¹⁴⁵ BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 156-158.

despreocupa mucho de la planta”, e, ao fim, “Al ver los cohetes que tiramos en casa de Mario, me he jurado que los americanos van a pagar bien caro lo que están haciendo. Cuando esta guerra se acabe, empezará para mí una guerra mucho más larga y grande: la guerra que voy a echar contra ellos.”¹⁴⁶

Uma vez na *Sierra*, Franqui empenhou-se ao máximo por fazer da rádio um bastião de luta cultural e política contra o regime de Fulgêncio Batista, concedendo ao veículo as tonalidades que Fidel esperava. A principal dessas tonalidades, ao que parece, condizia com o próprio título da rádio: Rebelde. Ou seja, o veículo surgia não como um porta-voz do M-26/7 como um todo, mas sim como uma instituição de amplificação das vozes do *Ejército Rebelde*. E isso se tornou evidente para Franqui desde que chegara à *Sierra*, especialmente, por dois momentos:

Pedrito [Pedro Miret], que era mi amigo desde hacía tiempo, en la Universidad me advirtió: “No te identifiques con Faustino y la dirección del Llano, ya que están en desgracia. Han sido sustituidos y van a ser mandados a buscar pronto. Tú te salvaste porque, como yo, estabas fuera de Cuba”.¹⁴⁷

Antes de comenzar la transmisión, Fidel escribió un papelito que debía leer el locutor y por cortesía me dio a leer su contenido. Era mi presentación y decía: “Comandante Carlos Franqui, director de Radio Rebelde, miembro de la dirección del Movimiento 26 de Julio”. Salí a tomar un poco de aire y le dije allí: – Fidel, no puedo aceptar grados, porque no soy militar, y no lo digo por complejo de luchador de la clandestinidad. Allí he corrido muchos peligros, torturas y prisiones, pero siempre me he sentido un civil, un hombre con una contradicción: que predica la violencia, pero no la practica. Todos mis actos clandestinos, de sabotaje o confección del periódico, los hice desarmado, y se tenía que hacer estallar una red telefónica, advertía a los que estaban allí [referia-se ao episódio do *petardo*] [...] Aquí, aparte de mi trabajo en la radio, pienso organizar altoparlantes para hablarle a los guardias en medio del combate, incluso para despistarlos, haciendo parecer que tenemos más armas o morteros, convirtiéndolos en varios, corriendo por la montaña. Pero no tengo armas, no las quiero. Estas hondonadas de la Sierra Maestra harán que mi voz llegue muy, muy lejos. Me parece muy bien que tu nombre y el de los comandantes se mencionen cuando se hacen los partes del combate, pero como yo vengo de la clandestinidad, que es anónima, no es necesario dar mi nombre en todas las transmisiones, como se hacía cuando Luis Orlando Rodríguez [el director que sustituía]. En cuando a ser miembro de la Dirección, acepto, pero tú sabes desde México que tengo fama de discutidor. Acepto tu jefatura, pero siempre diré lo que pienso. Sin temor a discrepar y sin necesidad de ser un “yes man”, me comprometo a hacer de Radio Rebelde una cadena que con la ayuda de emisoras amigas del exterior llegue a Cuba y a América, y a organizar una red de planticas de radio en cada columna para tener buena comunicación militar. [...] Fidel me miró como pensando de dónde habría salido, pero aceptó y sólo fui presentado como Carlos Franqui, director de Radio Rebelde y miembro de la Dirección del 26.¹⁴⁸

Os excertos evocam um misto de romantismo e reconstrução do passado. Aliás, neles

¹⁴⁶ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 204. O conteúdo do bilhete também é citado em: BANDEIRA, op. cit., p. 158.

¹⁴⁷ Ibid., p. 205.

¹⁴⁸ Ibid., p. 206-207, grifos nossos.

tal como em inúmeras passagens de seus livros de memórias, Franqui coloca-se como um indivíduo antibelicista, desapreciador de armas e do poder que elas coroam. Pode até ser que delas tivesse pavor, como consta em inúmeras passagens de suas memórias. Ou que, tal como outros tantos intelectuais, não gostasse de manejá-las ou empunhá-las. Contudo, mesmo que à sua maneira, Franqui estava inserido e de certa maneira apoiou uma revolução cujo modelo de ação estava calcado no uso de armas. Dizer que era um entusiasta das palavras, do poder transformador que elas comportam, é até aceitável. Mas, da mesma maneira, também é aceitável – e isso o próprio autor afirma no último fragmento – que era um entusiasta da estratégia da luta armada como única alternativa para deposição de Batista.

Ao supostamente negar a menção de Comandante, Franqui trouxe à tona uma querela que, mesmo diante do caráter fidelista do M-26/7 e dos objetivos comuns partilhados pelos membros de suas facções, a citadina e a rural, que coroavam certos ares de coalização ao movimento, ainda imperava dentro dos quadros da militância revolucionária um fosso que separava os *llanos* dos guerrilheiros: o do desmerecimento, quando não, do esquecimento pelos segundos da importância da luta capitaneada nas cidades pelos primeiros. Dessa maneira, para Franqui, era inadequado que ao rumar para *Sierra Maestra* fosse tratado como um homem do *Ejército Rebelde*, passível de merecer uma honraria militar, já que era e se identificava como civil. Por isso, quando no início deste capítulo, contextualizando a entrada triunfal de Fidel Castro em Havana, foi destacada a frase em que Franqui teme, com certos ares de ressentimento, que frente àquela explosão popular para receber a caravana de Fidel, acerca do líder, além de Camilo Cienfuegos, figuravam somente comandantes do *Ejército Rebelde*, “ni un civil ni un solo dirigente de la clandestinidad”. Em verdade, demonstra-se que, na visão *in exilium* do jornalista, o fosso que separava os *llanos* dos guerrilheiros havia, com o fim da luta, finalmente entronizado uma realidade: a de que as ações capitaneadas pelos segundos tornaram-se indelévels, dignas da História, com H maiúsculo, enquanto que, as dos *llanos* havia sucumbido ao esquecimento da memória popular, e, conseqüentemente, dos próprios historiadores.

2.4 O *Revolución* dentro da Revolução

Diante o triunfo da Revolução Cubana, quais razões levaram Carlos Franqui a desistir da *Radio Rebelde* e continuar empenhado em *Revolución*? Segundo o autor:

Quanto a mim, decidi ficar por dentro e por fora ao mesmo tempo. Aceitei Fidel, mas mantive minha distância. Desisti da Rádio Rebelde e passei a trabalhar integralmente no *Revolución*. Um jornal é um bom veículo para lutas, e como Fidel olhava a cultura com desdém, tive que me tornar um guerrilheiro cultural. Não anunciei nada, mas disse a Euclides Vásquez Candela para publicar o primeiro número de *Revolución*.¹⁴⁹

De modo evidente, apesar de jornal, com todas suas restrições de público e de abrangência distributiva, *Revolución* foi um projeto ao qual, como idealizador, Carlos Franqui entregou corpo e alma, estando do princípio ao fim em seu comando. O mesmo não se pode dizer de *Radio Rebelde*, uma iniciativa imposta pelas circunstâncias do conflito, e que só foi aceita por Franqui por se tratar de um projeto crucial ao desenvolvimento da luta revolucionária em Cuba. Aliás, como bem salientou Teixeira, a luta insurrecional em Cuba fora marcada pela atuação de dois tipos distintos de condutas revolucionárias, de um lado, a “pragmática”, balizada pela objetividade política, por outro, a do “revolucionário asceta”, que, “longe de seguir um programa sistematicamente estabelecido se preocupa com a coerência entre os valores ideais que carrega e a ação que executa.”¹⁵⁰ Portanto, ao situar Franqui no contexto da conduta revolucionária, não se pode fazê-lo equidistante da qualidade de revolucionário abnegado, uma vez que não titubeou em aceitar o convite para dirigir as atividades da *Radio Rebelde*. Isso porque compreendia a importância estratégica desse veículo para a luta capitaneada pelo M-26/7, pois amplificava as vozes rebeldes alocadas na *Sierra Maestra*.

Certamente, com o triunfo da revolução, a escolha entre capitanear as atividades do *Revolución* ou manter-se à frente da *Radio Rebelde* não deve ter sido fácil para Franqui. Afinal, entre aqueles dois órgãos culturais, de fato, os primeiros órgãos culturais da Revolução Cubana, antes mesmo que a revolução se transmutasse em regime, e, por conseguinte, o novo regime institucionalizasse outras organizações tão imprescindíveis para o desenvolvimento da cultura em Cuba, a *Radio Rebelde* proporcionava, em comparação a *Revolución*, maior visibilidade pública aos membros. E, isso, não somente tomando por base aspectos técnicos, tais como a capacidade de abrangência da radiodifusão, mas também o próprio quadro de organização do novo regime, sobremaneira, àquele momento mais favorável a criar condições de visibilidade cultural, portanto, de algum modo, material à rádio,

¹⁴⁹ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 29.

¹⁵⁰ TEIXEIRA, Rafael Saddi. **O Ascetismo Revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)**. 2009. 209 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2009, p. 15.

apesar dos posteriores, e, de certa maneira, generosos investimentos do governo em *Revolución*.

Há de se convir que o caminho que Franqui buscava não era o do poder pela via política, mas sim certo poder político por intermédio da via cultural. Por isso, tal como indicou o autor, parecia-lhe mais atrativo “ficar por dentro e por fora ao mesmo tempo” do novo regime, ou seja, próximo, mas não sob as barbas de Fidel Castro. Para tal, não havia organização e ambiente cultural melhor do que *Revolución*. Afinal, para além de também atuar como órgão noticioso oficial do M-26/7, o jornal possuía um quadro de funcionários e colaboradores que era não somente familiar a Franqui, mas também lhe era leal, uma vez que alguns por ele foram nomeados, enquanto que outros há muito pertenciam ao seu círculo de amizades. De maneira análoga, a possibilidade de modelar ou interferir na plataforma editorial e no escopo estético do jornal concedia a Franqui uma sensação de liberdade e, porque não dizer, de poder que dificilmente teria à frente da *Radio Rebelde*. Autonomia de atuação esta por ele sublinhada em um capítulo de *Retrato de Família com Fidel* somente dedicado a *Revolución*:

Parecia-me que a única maneira de lutar, de exercer influência, era através do jornal. Estar à distância e ainda assim ficar por dentro. Eu sabia que o jornal seria o veículo para acompanhar o desenvolvimento do fenômeno Fidel, que era um verdadeiro fenômeno de popularidade, porque ele era a revolução. O difícil seria manter certo equilíbrio, o que significava dizer sim a Fidel e não a muitas outras coisas. Eu queria manter o povo informado porque tudo dependia do povo. Pensavam que eu continuaria com a Rádio Rebelde, que estava logo atrás de Fidel em popularidade. Mas guerra é uma coisa e paz é outra, e já que nada foi discutido decidi, por conta própria, levar adiante o trabalho no *Revolución*. Quando Fidel veio a Havana, visitou outra publicação, *Bohemia*, onde foi fotografado com seus velhos amigos Miguel Quevedo e Enrique de la Osa, mas ficou longe do *Revolución*. Ele não estava satisfeito com o fato de eu estar publicando o jornal, portanto não me deu seu selo de aprovação. [...] Então me ridicularizavam [os comunistas], chamando o *Revolución* de lixo – o que estava ótimo para mim, porque é sempre melhor ser subestimado. [...] Comecei a pensar em um tipo diferente de jornal. Uma página frontal com grandes fotos e títulos – manchetes. Seria chamativo, causaria impacto e seria cubano. Eu queria combinar o cartaz moderno e os grandes cartazes que as pessoas carregavam em nossos feriados. Nossas cores seriam as libertárias vermelha e preta do Movimento 26 de Julho, o que era lógico, pois o *Revolución* era a publicação oficial do movimento. [...] O *Revolución* foi uma agradável surpresa para todos. Começou a informar, engajar-se em polêmicas, instigar o pensamento e criticar. A Cuba oficial se manteve em silêncio. Che e Camilo nos visitaram uma ou duas vezes, mas Fidel manteve distância. Os antigos grupos clandestinos [lê-se: os *llanos*] haviam encontrado seu lugar. As revistas oficiais e os órgãos dos partidos eram estéreis, não eram lidos. E se o *Revolución* não era oficial nem o porta-voz de nenhuma ideologia, era e se tornou o jornal da revolução. Isso constituía um desafio.¹⁵¹

¹⁵¹ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 34-35, grifos nossos.

Como órgão informativo do M-26/7, durante a etapa de luta revolucionária (1956-1959) e durante os primeiros anos de consolidação do regime (1959-1961), o *Revolución* apresentou-se como um veículo noticioso desprendido de uma ideologia definida. Sua única ideologia resumia-se a atender e refletir as necessidades e mudanças do processo revolucionário. Ao longo desses períodos, a própria revolução não detinha ou defendia um escopo ideológico homogêneo e sistematizado, bem delimitado e unanimemente partilhado entre todos os setores que a apoiaram ou grupos que dela participaram.¹⁵² O que refletiu nas próprias páginas do *Revolución*.

Mesmo assim, pluralidade ideológica não quer dizer inexistência de ideologia. Quando, por exemplo, entre 22 de fevereiro e 21 de março de 1960, o filósofo francês Jean-Paul Sartre e sua companheira, Simone de Beauvoir estiveram em visita a Cuba atendendo ao convite de Carlos Franqui e de *Revolución*, num debate na *Universidad de La Habana*, o filósofo foi questionado por um estudante se era possível fazer uma revolução sem ideologia.¹⁵³ Embalado pela questão, Sartre prontificou uma resposta que mais tarde seria publicada em formato de ensaio na edição de 21 de março daquele ano do então suplemento cultural do Jornal *Revolución*, *Lunes* (dirigido por Guillermo Cabrera Infante), sob o título *Ideología y Revolución*. Neste ensaio, posteriormente, também publicado no livro *Sartre visita Cuba*, pela *Ediciones R*, editora pertencente ao grupo de *Revolución*, e, por conseguinte, sob o comando de Franqui, Sartre afirma o seguinte:¹⁵⁴

A vantagem de um sistema tão minuciosamente desenvolvido não escapa a ninguém: sabe-se até onde vai; convém agregar que um acordo sobre idéias precisas, sobre objetivos a curto ou a longo prazo, deve ser um fator de unidade. [...] Por outra parte, o que esta ganha em força perderá em flexibilidade: tudo está previsto menos o imprevisto – que surge para sacudir o edifício e que resulta mais cômodo negar: nada ocorreu, nada aconteceu. [...]

¹⁵² TEIXEIRA, Rafael Saggi. **O Ascetismo Revolucionário do Movimento 26 de Julho**: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958). 2009. 209 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2009, p. 45. Além do M-26/7, do DR e do PSP, outros grupos compuseram a aliança revolucionária, entre os quais: a *Organización Auténtica*, a *Unidad Obrera*, o *Partido Cubano Revolucionário*, o *Partido Democrata*, a *Federación de Estudiantes de la Universidad*, o *Grupo Monticristi* e o *Movimiento de Resistência Cívica*. A participação ou apoio desses grupos foram reconhecidos pela participação de suas principais lideranças no Pacto de Caracas que, ratificado em 20 de Julho de 1958, reconheceu a unidade da luta para derrubar a ditadura de Fulgência Batista; a necessidade de impor punições aos perpetradores do batistianato, bem como aos torturadores; o estabelecimento de um governo provisório após o triunfo; o restabelecimento da paz e da liberdade; o desenvolvimento econômico; e, por fim, o cumprimento dos acordos internacionais. Cf. MARQUES, Rickley Leandro. **A Condição Mariel**: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990). 276 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2009, p. 26.

¹⁵³ ROMANO, L. A. Contatori. **A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002, p. 72-73.

¹⁵⁴ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 65.

Vi em um grande império homens de minha idade fazendo projetos para os últimos anos deste século [XX]; eu sabia que todos estaríamos mortos e eles também sabiam: mas a ideologia sobreviveria.¹⁵⁵

Para Sartre, que antes de pisar em Cuba questionava se a revolução era ou não socialista¹⁵⁶, o processo histórico então vigente no arquipélago, ao passo que diferente do regime soviético, não possuía ainda uma ideologia clara, tampouco um sistema de planificação, o que lhe imprimia certa falta de unidade, mas por outro lado, ganhava em autonomia e flexibilidade. Partindo desse ponto de vista, a inexistência de uma ideologia objetiva no processo revolucionário cubano garantia ao regime nascente um dinamismo e uma desenvoltura que acabavam por imprimir à revolução uma identidade muito própria. O que na visão do filósofo demonstrava que “A Revolução é uma práxis que forja suas ideias na ação”¹⁵⁷.

De certo é que sob essa carapaça, a da revolução que forja ideias na ação, e independente da pluralidade ideológica que demarcou a aliança revolucionária, o processo cubano fora edificado sobre duas características essenciais, compartilhadas de modo homogêneo pelos grupos e atores históricos que nele atuaram: o forte apelo nacionalista e a defesa de um ácido discurso antibatistiano, como reitera o *Manifiesto de la Sierra (Al Pueblo de Cuba)*, datado de 12 de julho do mesmo ano e publicado em *Bohemia* (28 de Julho), uma circular interna do M-26/7, expedida em 1957, e um pronunciamento de Fidel Castro, proferido ao povo cubano em 1959.

Manifiesto de la Sierra (1957):

Há llegado la hora en que la nación se puede salvar de la tiranía por la inteligencia, el valor y el civismo de sus hijos, por el esfuerzo de todos los que han llegado a sentir en lo hondo el destino de esta tierra donde tenemos derecho a vivir en paz y en libertad. [...] Unir es lo único patriótico en esta hora. Unir en lo que tienen de común todos los sectores políticos, revolucionarios y sociales que combaten la dictadura. ¿Y qué tienen de común todos los partidos políticos de oposición, los sectores revolucionarios y las instituciones cívicas? El deseo de poner fin al régimen de fuerza, las violaciones a los derechos individuales, los crímenes infames y buscar la paz que todos anhelamos por el único camino posible que es el encauzamiento democrático y

¹⁵⁵ IDEOLOGÍA Y REVOLUCIÓN. Lunes de Revolución, Havana, n. 51, p. 3-4, 21 mar. 1960 apud MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura Ilhada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)*. Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 65.

¹⁵⁶ Numa passagem do referido ensaio, J-P. Sartre confessa que agiu mal durante o encontro com os “amigos cubanos” ao questioná-los sobre o caráter socialista da revolução. Para ele, quando o intelectual acompanha de longe um determinado processo, tende a cometer reducionismos, ou então, empregar expressões pomposas que são mais símbolos que programas. COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre (1905-1980)*. Paris: Gallimard, 1985, p. 511.

¹⁵⁷ IDEOLOGÍA Y REVOLUCIÓN. Lunes de Revolución, Havana, n. 51, p. 4, 21 mar. 1960 apud MISKULIN, op. cit., p. 65.

constitucional del país.¹⁵⁸

Circular do M-26/7 (1957):

Todo militante del 26 de Julio se ve hoy precisado a contestar la siguiente pregunta: ¿Qué persigue el movimiento? Hace dos años la cosa quedaba reducida a un grupo numeroso de cubanos; pero ya se ha hecho una cuestión nacional. Incluso internacionalmente se han hecho esta pregunta no pocos comentaristas de la situación cubana.¹⁵⁹

Pronunciamento de Fidel Castro (1959):

La ideología de nuestra Revolución es bien clara; no solo ofrecemos a los hombres libertades sino que le ofrecemos pan. No solo le ofrecemos a los hombres pan, sino que le ofrecemos también libertades. Nuestra posición ideológica es clara y terminante. Nuestro respeto para todas las ideas, para todas las creencias, porque no tememos a ninguna idea, porque tenemos confianza en nuestro propio destino y porque tenemos la concepción también de que la democracia no admite flexión. [...] Nosotros no nos vamos poner a la derecha, no nos vamos poner a la izquierda, ni nos vamos poner en el centro, que nuestra Revolución no es centrista. Nosotros no vamos poner un poco más adelante que la derecha y que la izquierda. Ni a la derecha ni a la izquierda, un paso más allá de la derecha y de la izquierda. [...] Nuestra Revolución no es comunista, [...] nuestros ideales se apartan de la doctrina comunista, la Revolución cubana no es capitalista ni comunista, es una revolución propia, tiene una ideología propia, tiene razones cubanas, es enteramente cubana y enteramente americana.¹⁶⁰

Os documentos supracitados caracterizam os traços identitários de um processo revolucionário tal como ele nasceu, cresceu e triunfou (nacionalista e plural), e não do regime em que posteriormente esse processo se transformou. Desse modo, o que se expõe é a própria natureza do M-26/7, que se conectava e encaixava de maneira natural com os objetivos de algumas das outras organizações revolucionárias cubanas do período. Por esse prisma, compreende-se que ao depositar no *Revolución* a crença em torná-lo um bastião de perpetuação *llano* dentro do contexto pós-revolucionário, nada mais coerente que Carlos Franqui almejasse que o jornal fosse a própria identidade e essência daquilo que foi a luta revolucionária em Cuba, e, por conseguinte, das ideias que, até a entrada de Fidel Castro em Havana, eram defendidas pelo M-26/7. Ou seja, uma estratégia de resistência cultural, tanto

¹⁵⁸ CASTRO, Fidel; CHIBÁS, Raúl; PAZOS, Felipe. Al pueblo de Cuba. Manifiesto de la Sierra Maestra. *Revista Bohemia*, La Habana, s/n, 28 jul. 1957. Edição especial.

¹⁵⁹ HART DÁVALOS, Armando. En la clandestinidad revolucionaria cubana: 1952-1958. Relato de um Protagonista. Sydney: Pathfinder, 2007, p. 207 apud TEIXEIRA, Rafael Saddi. **O Ascetismo Revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)**. 2009. 209 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2009, p. 45.

¹⁶⁰ EL MUNDO, Havana, 9 mai. 1959 apud BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 196-197.

de identidade quanto de ideologia, dentro de um cenário em que imperavam e operavam confusas e rapidamente as transformações políticas. Daí a justificativa para adoção das cores do M-26/7 no *layout* de *Revolución*, da prevalência nos editoriais, matérias, artigos, ou mesmo em propagandas, de discursos nacionalistas e pró-revolucionários no jornal, e o emprego de um padrão estético em suas páginas dinâmico, flexível, inovador, enfim, revolucionário em todos os sentidos quando comparados com outros periódicos publicados no período em Cuba.¹⁶¹ O que, posteriormente, também refletiu, com maior veemência, em *Lunes de Revolución*.

Além dos discursos nacionalistas que recheiam os textos e das inovações estéticas que decoram as páginas, *Revolución* também atuou como um espaço de valorização da pluralidade intelectual, que refletia a composição do grupo. Nele, ademais da atuação de profissionais das áreas pertinentes à comunicação social, jornalistas, fotógrafos, revisores etc., também contribuíam poetas, escritores, críticos de arte, entre outros. No comando do setor de *design* gráfico estava Ithiel León, consagrado por seus trabalhos em revistas de arte e responsável pelas inovações estéticas operadas pelo jornal, que passou a adotar grafismos modernos e ampliar o espaço para fotografias na primeira página, o que estimulava os leitores ao passo que causava grande impacto. Entre os fotógrafos, figuravam nomes como o de Jesse Fernández (*ex-Life*), Alberto Korda, Raúl Corrales, Mario Garcia Rodriguez (Mayito) e Osvaldo Salas. Vicente Baez e Mateo eram os responsáveis pela parte financeira. Pino Santos pela econômica. Na divisão de jornalismo, trabalhavam profissionais já consagrados e aspirantes, tais como, Severo Sarduy, Vasquez Candela, Constantín, Barbeito, Benítez e Hernández. E, finalmente, a seção cultural – *Lunes de Revolución* – estava a cargo de Guillermo Cabrera Infante.¹⁶²

Como suplemento cultural e semanal de *Revolución*, durante os anos em que fora publicado (de 23 de março de 1959 a 6 de novembro de 1961), religiosamente às segundas-feiras, daí o nome *Lunes*, o encarte esteve sob o comando de Cabrera Infante e, tal como *Revolución*, se destacou pela pluralidade e pela defesa da Revolução Cubana. Embalado pelas

¹⁶¹ Na consulta a alguns exemplares do Jornal *Revolución* no Centro de Apoio à Pesquisa do Departamento de História da Universidade de São Paulo (CAPH/USP) pode-se constatar tanto o teor discursivo presentes nos editoriais, matérias e artigos quanto as inovações estéticas operadas pelo jornal. Interessante também é a elevada presença de propagandas de empresas nacionais e estrangeiras saudando a revolução e os revolucionários. Numa delas, uma multinacional do ramo automotivo, além de saudar os revolucionários, compara o feito por eles alçado ao ensejo da marca por revolucionar o mercado oferecendo sempre aos clientes modelos arrojados e consagrados pelo que há de mais inovador em tecnologias automotoras. É válido lembrar que, alguns anos antes, no Brasil, a mesma empresa lançou propaganda em que comparava a robustez e a potência do motor de um de seus modelos ao desenvolvimentismo articulado pelo Plano de Metas do Governo Juscelino Kubitschek.

¹⁶² FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 34.

questões culturais (de inúmeras áreas, mas, principalmente, da literatura) e pelas questões políticas de seu tempo (a própria Revolução Cubana, a questão guatemalteca, o imperialismo estadunidense, entre outras), a publicação almejava não somente criar um profícuo espaço para debates intelectuais, como também, promover a reformulação e o desenvolvimento da cultura de Cuba – revolucioná-la – por meio do ecletismo, da diversidade temática, das experimentações gráficas (tão ou mais inovadoras quanto às de *Revolución*) e da livre participação de intelectuais estrangeiros (como Sartre e Pablo Neruda) ou cubanos, fossem eles laureados ou ainda desconhecidos, os quais contribuíam com artigos, ensaios, críticas, apresentação de trabalhos etc.

A adoção de uma estética livre e plural, acessível à diversidade de opiniões e de contribuições culturais, talvez, tenha sido a maior de todas as contribuições de *Lunes* enquanto veículo e entidade que almejava a promoção de profundas e radicais transformações no campo de batalha cultural em Cuba. E, porque não dizer, à própria Revolução Cubana, uma vez que ademais de enriquecer os debates culturais e abri-los para o grande público, de modo até certo ponto didático, o suplemento postulou a projeção de nomes como os de “Pablo Armando Fernández, Virgilio Piñera, Antón Arrufat, José Alvarez Baragaño, Rine Leal, Oscar Hurtado, Heberto Padilla, Calvert Casey e Humberto Arenal”¹⁶³, todos integrantes do grupo que, de maneira ou outra, por caminhos retos ou tortuosos, acabaram em sua maioria por figurar como importantes porta-vozes nos anos 1960, 1970 e 1980 do universo cultural de Cuba.

2.5 Guillermo Cabrera Infante, o *libre*

Também idealizado por Carlos Franqui, *Lunes de Revolución* certamente foi o mais reconhecido “espaço” de atuação e de contribuição de Guillermo Cabrera Infante para a Revolução Cubana. No entanto, como mencionado em inúmeras passagens, ele não foi o único. Para além de *Lunes*, o escritor que, à época, era mais conhecido pelo público cubano por suas críticas cinematográficas em *Carteles* do que por seus contos e outros escritos, também atuou na chamada linha clandestina da revolução. Seja captando material para o M-26/7, como o citado episódio dos *petardos* conseguidos para Franqui junto ao Diretório, seja

¹⁶³ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 44.

em campanhas de libertação de presos políticos ou abrindo as portas de sua casa para que os amigos perseguidos se escondessem dos policiais batistianos, ou, ainda, de maneira mais enfática, como se verá, trabalhando para costurar alianças entre os movimentos da oposição num momento em que, apesar de crucial para o triunfo da Revolução Cubana, não havia unidade entre os grupos que dela participavam.

Havia, de certo, naqueles tempos de luta revolucionária, um tocante distanciamento entre as orientações políticas e os papéis cumpridos por Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui. Enquanto este último pertenceu à clandestinidade atuando como dirigente da composição *llana* do M-26/7, e, ademais, à frente dos dois principais órgãos noticiosos e de propaganda da revolução, a *Radio Rebelde* e o *Revolución*, Guillermo não possuía estreita e objetiva vinculação com nenhum grupo, vindo a se aproximar do M-26/7 somente quando passou a dirigir *Lunes*. Ou seja, quando a revolução já vitoriosa havia de modo natural transformado o 26 de Julho de protagonista a avatar histórico da própria revolução. Assim, se diferente de Carlos Franqui, o cidadão Cabrera Infante não atuou como um *llano*, tampouco, tal como Alberto Mora, nos quadros do *Directorio*, qual coordenada podemos utilizar para situar sua atuação dentro do contexto da luta revolucionária?

Eis aí uma questão crepitante que diz respeito não somente à própria trajetória revolucionária de Guillermo, como aos itinerários de outros tantos homens e mulheres que combateram com igual veemência a ditadura de Fulgêncio Batista. A fim de respondê-la, é necessário, sobretudo, assinalar aqui que, para além dos grupos e composições políticas, a Revolução Cubana foi um processo edificado por mulheres e homens, muitos dos quais aquém de qualquer orientação ideológica mais objetiva, e/ou, alheios a quaisquer vínculos políticos organizados (movimentos, sindicatos, partidos etc.). No caso da Revolução Cubana, esses homens e mulheres, jovens e idosos, eram chamados de *libres*. E Guillermo Cabrera Infante era um *libre*. Um simpatizante e engajado na Revolução Cubana de maneira independente.

Algumas razões concorreram para o fato de Guillermo Cabrera Infante ter sido um *libre* ao invés de um militante do M-26/7, do DER, ou até mesmo do PSP. E, entre elas, nenhuma tem de ver com um suposto desconhecimento dos temas ou das ideologias políticas. Pelo contrário, apesar de jamais ter atuado na linha de frente da política, Guillermo sempre fora um homem extremamente politizado, e, tanto a sua trajetória quanto os seus escritos (anteriores ou já no exílio) comprovam isso. Ocorre que, certamente, os estreitos vínculos afetivos e familiares do autor com pessoas de variadas organizações (os pais, conhecidos comunistas; Franqui, do M-26/7; e, Alberto Mora, do *Directorio*), bem como o trabalho em

Carteles, que lhe tomava boa parte do tempo, concorreram para que o escritor optasse por não se comprometer direta e intimamente com nenhum desses grupos revolucionários.

Mais além, Guillermo Cabrera Infante vivia à época prestes a separar-se de Mirta, impulsionado tanto pelo encerramento de seu afeto pela esposa quanto por sua então irrefreável admiração e compulsão pelo balancear poético de ancas e ventres femininos, que o fazia nos intervalos do expediente de *Carteles* percorrer as *calles* de *La Habana* sempre atento e disposto a um encontro mais íntimo com as autoras daqueles insinuantes versos sinuosos, flutuantes e etéreos como a fumaça que flana dos *puritos*.

Contudo, à medida que a Revolução Cubana ganhava corpo e os *cuerpos divinos* – uma vez recitados da cabeça aos pés, do vesso ao avesso, literalmente – em sua mente perdiam melodia, a atenção também trasladava de um polo a outro, sem abandonar um eixo fundamental de sua vida: o universo do cultural, materializado tanto no trabalho desenvolvido em *Carteles*, e que perdurou por seis anos (1954-1960), quanto pela escrita de contos e a participação em grupos de discussão e difusão cultural, como por exemplo: na Cinemateca de Cuba, fundada em 1951 por Germán Puig, Ricardo Vigón, Néstor Almendros e por ele próprio; ou, nas reuniões artísticas dos intelectuais do grupo *El Jardín*, denominação do local em que se reuniam, o restaurante homônimo, onde se “hablaba de todo menos de política y el grupo era como una suerte de desprendimiento del grupo *Orígenes*, en que eran jóvenes, católicos casi todos, de Acción Católica muchos, y todos interesados en el arte y la literatura”¹⁶⁴.

Em vista de algumas de suas atividades culturais, não raras vezes tidas como subversivas, há algum tempo Guillermo Cabrera Infante era acompanhado de perto pelos agentes de censura do batistianato. Isso porque, ainda em 1952, após o *Cuartelazo*, publicou um conto em *Bohemia* contendo *english profanities*, o que lhe rendeu, ademais da censura, uma multa, a prisão, o abandono por dois anos da *Escuela de Periodismo*, e, conseqüentemente, certo anonimato, somente subvertido pela adoção no ano seguinte do pseudônimo *G. Caín*, que logo se tornaria (a partir de 1954) uma espécie de avatar do autor em *Carteles*, fazendo-o reconhecido somente para alguns leitores e intelectuais. Nesta revista, intentou sem sucesso aplicar algumas inovações estéticas, algumas das quais viria a aplicar com liberdade e êxito em *Lunes*. Por outro lado, em 1956, ao tentar utilizar a Cinemateca de Cuba como espaço de resistência e crítica ao batistianato, acaba por condená-la, já que o clube, espécime de coirmão da Cinemateca Francesa, e, então, abalado por disputas político-

¹⁶⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Cuerpos Divinos*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 91.

ideológicas entre seus membros, também se tornara alvo da censura e fora fechado.¹⁶⁵

Como *libre*, Guillermo Cabrera Infante contribuiu de diversas maneiras para com a causa revolucionária. Desde participando de pequenas ações até alçando voos mais ousados. Entre as ações de menor visibilidade destacam-se a venda de bônus do M-26/7¹⁶⁶, cujo dinheiro era revertido para os projetos capitaneados pelo movimento; o duplo jogo de aquisição de informações e materiais, inclusive, bélicos, entre o M-26/7 e o DER, como já mencionado; o acolhimento em sua casa de amigos e desconhecidos perseguidos pelo regime; e a liberação do espaço de *Carteles* para a confecção e armazenagem de alguns exemplares do *Revolución*, bem como a participação direta na escrita e revisão de algumas publicações do periódico clandestino. Além disso tudo, por fim, engajou-se na formação do Comitê de Periodistas que, não somente articularia, como também engrossaria junto a uma gama de sindicatos e outros órgãos representativos dos setores laborais cubanos um sem número de tentativas de greve e boicotes ao governo de Fulgêncio Batista, além de atuar, mediante ao agravamento da repressão, na libertação de jornalistas encarcerados sob a acusação de conspirarem contra a ordem, como fora o caso de Carlos Franqui, que saiu de *Castillo del Príncipe*:

[...] después que nosotros, la revista [Carteles] y Bohemía y varios amigos, intervinimos con el colegio de periodistas para que lo pusieran en libertad. Se había pasado un día escondido en casa y la noche que pasó allí la pasó despierto y mirando por entre las persianas Miami del recibidor, desconfiando de la seguridad del lugar, aunque nadie lo buscaba, ya que había sido puesto en libertad por orden del tribunal de Urgencia.¹⁶⁷

É verdade que, em agosto de 1957, quando Carlos Franqui foi libertado, ainda não havia um Comitê de *Periodistas* propriamente formado. Contudo, uma espécie de proto comitê, que demonstrava alguma unidade, já atuava de maneira incisiva na linha de frente contra a censura e repressão do batistianato aos jornalistas em Cuba:

El comité de huelga de periodistas no se iba a formar hasta el año de 1958, pero ahora, a mediados de 1957, había como una unanimidad antibatistiana entre los periodistas más decentes, y el secretario del colegio de periodistas era conocido por su postura antigobierno, así que la huelga podía comenzar en cualquier momento y

¹⁶⁵ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Tres Tristes Tigres**. Colección Biblioteca Hispanoamericana del Siglo XX. Madrid: Espasa Calpe, 1967, p. 463-464. Sobre as disputas internas existentes na Cinemateca, Cf. VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 63.

¹⁶⁶ CABRERA INFANTE, op. cit.

¹⁶⁷ Idem. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 89.

con ella también podía empezar la represión policíaca.¹⁶⁸

Além da libertação de Carlos Franqui, Guillermo Cabrera Infante também “conspirou” para libertação de alguns comunistas, como no caso de Alfredo René Guillermo (ou, Pedro Pérez):

Sucedía que Pedro Pérez o Alfredo René Guillermo había caído preso y le habían encontrado encima bonos del partido comunista y Cartas Semanales [periódico do PSP]. No había caído (para su suerte) con Ventura o con Carratalá (otro de los verdugos del régimen), sino en el Buró de Investigaciones. Llamé enseguida a Adriano [de Cárdenas y Espinoza], quien se puso en contacto con su suegro, que ya había regresado de Europa, y a través del ministro de Relaciones Exteriores (llamado entonces de Estado), pusieron en libertad a Alfredo René Guillermo, Pedro Pérez o como se llamase en realidad. Vino por casa a darme las gracias y se le ofrecí mi casa como suya, pero declinó la invitación diciéndome que “aquí han tenido refugio demasiados terroristas” [sic]. Me quedé de piedra picada pero respeté su opinión que no era otra que la del partido comunista, con o sin alianza con el Directorio; siempre desconfiados de los hombres de acción (no podían referirse más que a Alberto y Franqui y, más brevemente, a Joe Westbrook y su primo Carlos Figueredo), lo habían adoctrinado a darme esta respuesta. Vino, me dijo, simplemente a darme las gracias y a decirme que se iba a la Sierra, iba a unirse a las guerrillas de Las Villas. Supuse que su unión sería con el pequeño grupo comunista de Camilo Torres que operaba en Las Villas. ¡Cuál no sería mi sorpresa cuando un mes después supe que Alfredo René Guillermo o Pedro Pérez se había unido a las guerrillas del Che Guevara y ya tenía grado de teniente!¹⁶⁹

Num primeiro momento, a ajuda prestada por Guillermo Cabrera Infante à libertação do comunista Alfredo René Guillermo (ou, Pedro Pérez) parece contraditória para quem, ainda no início da década de 1950, enquanto membro fundador de *Nuestro Tiempo*, apoiou a dissolução desta revista em virtude da inclinação comunista de dois de seus membros, Harold Gramatges e Juan Blanco. E, principalmente, contraditória para quem anos mais tarde, enquanto já dissidente e exilado do regime castrista, tornar-se-ia internacionalmente conhecido pela produção de uma literatura imbuída de ácidas críticas ao comunismo. Nos dois casos, ilustra-se bem que não se deve tomar a trajetória de um homem nem somente por seu produto, tampouco somente por seu passado. O que se eleva acima de tudo são as circunstâncias do momento. E, naquelas circunstâncias, na luta contra uma terrível ditadura, na condição de jornalista e crítico cinematográfico, de *libre*, advindo de um seio familiar reconhecidamente comunista, e envolto por um círculo tão plural de amizades que englobava desde membros do M-26/7 e do *Directorio Revolucionario* aos do PSP, nada mais natural que aquilo que alguns hoje podem chamar de “contradição”, apresentou-se, em verdade, dentro de seu contexto específico, em tom de coerência.

¹⁶⁸ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 109.

¹⁶⁹ Ibid., p. 364-365.

É evidente que, ainda por volta dessa época, Guillermo Cabrera Infante não era um anticomunista convicto, tal como Carlos Franqui, ex-militante do PSP. Exemplo disso é o trecho do livro *Cuerpos Divinos* onde o autor destaca que, em 1957, ao ser convidado “casi que secretamente” por alguns de seus amigos comunistas para participar da VI edição do Festival Mundial da Juventude, realizado em Moscou, e não poder ir, acabou por enviar o irmão, Sabá Cabrera Infante.¹⁷⁰ Parece incoerente que o mesmo Guillermo que anos atrás havia – seguindo os passos de Franqui e parte do grupo *Nuestro Tiempo* – condenado a ida de Blanco e Gramatges à III edição do Festival, agora, enviasse o irmão para Moscou. No entanto, deve-se recordar que, como membros da versão primordial da revista, tanto Guillermo quanto Franqui, Blanco ou Gramatges tinham de respeitar as diretrizes firmadas pelo grupo e, conseqüentemente, por eles acordadas, uma das quais: a de defender uma estética “libre de prejuicios políticos o religiosos”¹⁷¹. Ou seja, o fato de Blanco e Gramatges terem ido ao Festival Mundial da Juventude sem o consentimento do grupo e, ademais, tal como assinalou Franqui, representando *Nuestro Tiempo*, soou para os demais membros como uma traição.¹⁷² Então, o que estava em jogo não era somente a simples aproximação de Blanco e Gramatges com o PSP, mas sim, de modo mais enfático, o não cumprimento de uma das diretrizes da revista, que, por conseguinte, implicava, naquele princípio dos anos 1950, no não envolvimento de seus membros com grupos e partidos políticos, quaisquer que fossem suas siglas ou orientações.

Outra circunstância ilustra a coerência de Guillermo Cabrera Infante. A condição de *libre* permitia ao então jornalista e crítico cinematográfico não só o contato com militantes de variadas organizações, como, por elas – ou melhor, entre elas –, transitar com alguma liberdade, mesmo que preservadas certas restrições. Assim, da mesma maneira que intermediou a libertação do ativista comunista Alfredo René Guillermo (ou, Pedro Pérez), engajou-se junto ao colégio de periodistas no processo de soltura de Carlos Franqui. Ou ainda, do mesmo modo que conseguira os *petardos* para o M-26/7 com Alberto Mora, do DER, também contribuiu para luta deste último, transportando um carregamento de armas em seu automóvel¹⁷³. Ou, mais além, tal como recebia em seu nome e em *Carteles* as cartas do M-26/7 advindas de Oriente e endereçadas para Franqui, algumas das quais, supostamente,

¹⁷⁰ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 46.

¹⁷¹ MANIFIESTO. *Nuestro Tiempo*, n. 1, 1951. In: HERNÁNDEZ OTERO, Ricardo Luis (Org.). **Sociedad Cultural Nuestro Tiempo**: resistencia y acción. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2002, p. 19.

¹⁷² FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 146.

¹⁷³ CABRERA INFANTE, op. cit., p. 376.

enviadas por Fidel Castro ou Frank País,¹⁷⁴ aproximara Carlos Rafael Rodríguez (líder do PSP) do jornalista francês Jean-Loup Bourget.¹⁷⁵

A condição de *libre* permitia a Guillermo tanto essas transições e trânsitos quanto assinalava a inexistência em seus pensamentos e ações de uma inclinação objetiva para esta ou aquela ideologia, ou mesmo, orientação de luta. Talvez, porque estivesse demasiado preocupado com sua vida pessoal, amorosa, diga-se de passagem. Talvez, porque enxergasse crivado nos seios desses grupos aquilo que acreditava ser mais contradições do que coerências. Ou ainda, porque o seu envolvimento era afetuoso com pessoas de variadas organizações, além da ausência até aquele momento de ressentimentos mais concretos e pontuais, como no caso de Franqui em relação ao PSP.

Por otra parte yo nunca he servido para andar en grupos [...] mientras que mis veleidades políticas iban del partido comunista, a través de [Héctor] Pedreira y sus amigos, al Movimiento 26 de Julio, colaborando con Franqui en su periódico [Revolución] que se hacía en la revista [Carteles], y al Directorio Estudiantil Revolucionario, por intermedio de Alberto Mora.¹⁷⁶

Até certo ponto essa situação de “indefinição”, de “estar e não estar” de corpo e alma na luta revolucionária causou-lhe algum incômodo. No entanto, ademais de, por volta de novembro de 1956, ter intentado fundar com os amigos Adriano de Cárdenas y Espinoza e Silvio Rigor uma célula de combate à ditadura, que à primeira vista fora pelos três levada a sério, mas que, logo depois, apresentou-se inviável,¹⁷⁷ Guillermo Cabrera Infante jamais demonstrou profundo interesse por situar-se sob esta ou aquela bandeira. A única bandeira que defendia, tal como outros tantos jovens cubanos, era a bandeira da luta contra a ditadura de Fulgêncio Batista, regime do qual alimentava profunda antipatia, tal como demonstra na passagem em que relata a visita do ditador à casa de um coronel, vizinha ao seu apartamento de *El Vedado*:

Me levante enseguida y fui a ver. Efectivamente la casa de al lado estaba llena de policias en la puerta del garaje y en la acera. Me quedé a ver. Al poco rato apareció un Cadillac negro, llevando una chapa muy baja (no recuerdo si el uno o el dos) y custodiado por varias perseguidoras. Del auto bajó una figura rechoncha, conocida, vestida impecablemente de blanco: era Batista. [...] Era increíble tener a este hombre, a este tirano, tan cerca. Imaginé las posibilidades de tener acceso a las oficinas de al lado (que por el frente se interponían entre nuestra casa y la casa del coronel) y montar una ametralladora allí y esperar a la salida de Batista. Era tan

¹⁷⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 116.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 89.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 132.

¹⁷⁷ Sobre a tentativa de formação do grupo clandestino, cf. CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 129-132.

simple... pero claro había que tener el conocimiento de que Batista vendría a casa del coronel ese día, cosa que probablemente muy poca gente sabía, y los contactos necesarios con los movimientos clandestinos para alerta-los ante su presencia. Pero yo estaba pensando en serio en esta posibilidad, cuando advertí que la acera se colmaba de gente, entre la que reconocí a muchos de los vecinos del fondo, donde había una cuartería o apartamentos mucho más baratos. Ellos se congregaron allí con curiosidad, cambiando palabras con la escolta del coronel (que no era conocida, al menos de vista) y esperando pacientemente. Era evidente que esperaban la salida de Batista y cuando esta se produjo empezaron a gritar: ¡Viva Batista! ¡Viva el presidente! ¡Era increíble! Esta gente del fondo ahora resultaba batistianiana. Cuasi no pude contener mi rabia al ver que el tirano no sólo no era enfrentado por las balas de una ametralladora sino que era resueltamente saludado con júbilo por partidarios en grupo.¹⁷⁸

Obviamente, o sentimento antibatistiano era comum entre os revolucionários, todavia, a condição de cada um, de cada ator histórico dentro do contexto da revolução imprimiu uma visão diferenciada sobre o transcurso do conflito. Enquanto que, na condição de militante *llano* do M-26/7 e isolado pela geografia da *Sierra* quando à frente da *Radio Rebelde*, Carlos Franqui tendeu a ressaltar tanto em suas memórias como na práxis a luta e a resistência dos clandestinos, mesmo quando em Havana a facção já havia perdido força após o fracasso da Greve de Abril de 1958, Guillermo Cabrera Infante, como um *libre* e residente na cidade, enfatiza justamente o contrário, apesar de não diminuir a importância que a clandestinidade *llana* impôs aos rumos da Revolução Cubana.¹⁷⁹ E, fora a partir desta constatação, de que o M-26/7 perdera força na capital após a tentativa de abril de 1958, que Cabrera Infante propôs e intermediou a união entre os membros do DER e os comunistas, a fim de engrossar a resistência ao batistianato em Havana:

Después del almuerzo, cuando Alberto [Mora] se hubo ido para su escondite de entonces y ya yo en Carteles, se me ocurrió que no sería mala idea política reunir al Directorio con los comunistas, los dos únicos grupos que estaban actuando con eficacia en La Habana, ya que el 26 de Julio no era visible (al menos para mí) desde el fracaso de la huelga de abril. Consulté Adriano y él estuvo de acuerdo que era una buena idea. Quedamos que él se encargaría de contactar a los comunistas [...], mientras yo me ponía en contacto de nuevo con Alberto. [...] Se acordó que nos reuniríamos en casa de los suegros de Adriano (que andaban de vacaciones por Europa), en el Biltmore, sitio improbable para una reunión clandestina si se piensa con los criterios que lo hacia la policía de Batista.¹⁸⁰

Na reunião citada por Cabrera Infante, além dele e Adriano, compareceram Alberto

¹⁷⁸ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 294-295.

¹⁷⁹ Quando enfatizado que em Carlos Franqui havia uma sólida necessidade de ressaltar a importância da luta *llana*, não significa que ele desconhecesse o enfraquecimento do M-26/7 em Havana, pelo contrário. Ele não só reconhecia esse enfraquecimento, como também o temia, uma vez que já no final da luta revolucionária “los héroes de las ciudades eran anónimos, clandestinos, casi siempre terminaban mal, sus jefes eran casi desconocidos”. FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 219.

¹⁸⁰ CABRERA INFANTE, op. cit., p. 354-355.

Mora, do DER, e Ramón Nicolau, representante do comitê central do PSP e antigo conhecido dos pais de Cabrera Infante, já que nos anos trinta atuou como fundador do partido na cidade Holguín.¹⁸¹ A participação de Nicolau, um militante experiente e representante do comitê central, conota que aos dirigentes do PSP interessava tal aliança. E, mais além, segundo o conteúdo da conversa, há algum tempo também lhes interessava uma aproximação com o M-26/7:

– ¿También con el 26 de Julio? –preguntó Alberto un poco sardónicamente, pus era sabido cómo había repudiado el 26 de Julio la unión con los comunistas durante la fracasada huelga de abril. [...] –También con el 26 de Julio – respondió Nicolau –. Ya hemos enviado emisarios a la Sierra a contactar a Fidel Castro directamente.¹⁸²

O desfecho das reuniões seguintes, das quais Cabrera Infante não participou, já é de conhecimento dos historiadores. Segundo Moniz Bandeira, a partir de meados de 1958, a direção do PSP, que até então depositara na ideia que somente um levante popular por eles liderado poderia derrotar Batista, passou frente a perspectiva de vitória dos guerrilheiros na *Sierra Maestra*, e, após a ratificação do Pacto de Caracas, a contemplar a participação de seus quadros na luta armada, sendo Che Guevara um dos poucos comandantes a aceitar na coluna sob sua liderança a incorporação de comunistas.¹⁸³ Perspectiva essa endossada por Cabrera Infante no excerto em que descreve sua contribuição na soltura de Alfredo René Guillermo (ou, Pedro Pérez). Em virtude disso e apesar de Guillermo celebrar como inovadora a ideia, torna-se evidente que a busca por uma aproximação com outros grupos já era uma movimentação há algum tempo pensada e desejada pelos comunistas, independente da intermediação ou não de qualquer pessoa, principalmente, de um *libre* como Cabrera Infante. Desse modo, a condição que lhe permitia o conforto de trânsito e uma visão mais neutra sobre o processo, também evidenciava uma deficiência: a do desconhecimento sobre os detalhes táticos que transcorriam nos recônditos de cada grupo.

Por ironia, a contribuição política mais expressiva de Guillermo Cabrera Infante para a luta revolucionária em Cuba também não logrou êxito. No início de 1958, o jornalista fora procurado por Tomás Gutiérrez Alea (Titón), José Massó e Julito García para dirigir uma associação cívica de combate à ditadura de Fulgêncio Batista, inicialmente capitaneada por jornalistas da imprensa de oposição. Como instrumento de mobilização de massas, a ação idealizada por militantes comunistas – que à época depositavam esperanças na via pacífica –

¹⁸¹ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 355-356.

¹⁸² *Ibid.*, p. 357-358.

¹⁸³ BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 171-172.

articulária a confecção de um manifesto público, recolhendo assinaturas de jornalistas e de intelectuais progressistas. Para além da coordenação, que incluía a captação de apoio no meio jornalístico, Cabrera Infante ficaria a cabo da confecção do manifesto. Para ele, tratava-se de um feliz empreendimento, uma vez que poderia conciliar a temática política, então emergente em Cuba, com o trabalho cultural, seu ramo, pois enxergava no projeto “una forma de hacer intervenir la literatura en un hecho histórico”¹⁸⁴. Apesar de um amplo apoio, em especial, dos jornalistas de *Carteles*, “el destino del manifiesto [...] fue breve, ya que antes de completar un número apreciable de firmas [...] volvieron a imponer la censura de prensa y ahí acabó todo: así fue de corta mi actuación como líder político”¹⁸⁵.

2.6 Dois intelectuais e uma Revolução Cultural Cubana

As trajetórias de engajamento de Guillermo Cabrera Infante como *libre* e Carlos Franqui como *llano* na Revolução Cubana articularam como prelúdio da importância dos autores para a constituição do panorama da cultura cubana após o triunfo revolucionário. Aliás, deve-se colocar em relevo que é impossível compreender as ações políticas desses homens sem colocá-las em interstício com as ações culturais. Pois, na América Latina, não há resistência política capitaneada por intelectuais alijada da resistência cultural: “É espelho do que se espelha. [...] Ao imaginar o presente sob outra forma, a cultura e arte realizam uma espécie de invenção do devir”¹⁸⁶. E, porque não, intervenção no devir! Por esse caminho e à sombra dessas ações culturais, pequenas como a tentativa de realização do manifesto e a participação no *Comité de Periodistas*, ou grandes como *Revolución*, subsistem não somente formas óbvias e menos complexas de resistência política acionadas pelos intelectuais por meio do cultural, como também, coabita e se desnuda um modelo mais complexo e menos óbvio de resistência cultural intelectual, que, no caso da Revolução Cubana, de Franqui, e, posteriormente, também de Guillermo Cabrera Infante, de um modo ou outro, objetivou inflectir sobre o campo do político.

Caso o movimento fosse contrário, por exemplo, não teria Franqui – já após a notícia

¹⁸⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 156.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 159.

¹⁸⁶ IANNI, Octávio. **Ensaio de Sociologia da Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991, p. 32.

do triunfo da revolução, quando ainda se encontrava em Oriente – negado o convite de Fidel Castro para que ocupasse um dos ministérios do governo revolucionário:

Eu estava fazendo um bom trabalho com a Rádio Rebelde, a voz da revolução. Foi na Rádio Rebelde que primeiro ouvimos a notícia da fuga de Batista; ademais, com Fidel ainda em campo, fiquei incumbido de dar ordens permanentes: greve geral, avanço de todas as colunas rebeldes e grupos de milícia, repúdio ao golpe de [General] Cantillo. Todas as quais Fidel ratificou na sua proclamação. Então, com naturalidade, ele me disse que eu deveria ser o Ministro do Trabalho – porque eu entendia o que ele pensava! [...] Respondi com uma brincadeira, dizendo que, se ser ministro do Trabalho significava levar o socialismo às fábricas e colocar os trabalhadores no comando, ele podia contar comigo. Ele me olhou de cima para baixo e repetiu a oferta. Pude constatar que falava sério; disse a ele que não possuía nada que me credenciasse a administrar essa pasta e não podia aceitar o cargo. Então ele me ofereceu as Finanças, o cargo que Raúl Chibás rejeitara. Ele parecia estar tentando ajeitar as coisas rapidamente, mas ficou furioso quando eu lhe disse que não entendia nada de finanças. “Parece que ninguém entende nada por aqui”. Nisso ele tinha razão.¹⁸⁷

Apesar disso, e mesmo indicando a nomeação de cinco dos vinte e quatro ministros para o *Gobierno Provisional* de Manuel Urrutia Lléo, a saber (Faustino Pérez, Recuperação da Propriedade Roubada; Raúl Cepero Bonilla, Comércio; Regino Botti, Economia; Enrique Oltuski, Comunicações; e Manuel Fernández, Trabalho)¹⁸⁸, o que demonstrou a existência de certa influência política dentro do contexto do novo governo, a negativa de Carlos Franqui em assumir qualquer posto político mais substancial no cenário pós-revolucionário advém de múltiplos fatores. Um deles refere-se à sua postura abnegada, de não assumir uma função para qual não detinha preparo e experiência. Outro fator passa pela observação de antigas rusgas de Franqui com alguns dirigentes do *Ejército Rebelde* durante o período em que permaneceu na *Sierra*, entre as quais, com o próprio Fidel Castro, Che Guevara e Raul Castro. Mas, entre todas as prerrogativas possíveis, a mais emblemática gira em torno da constatação de que seu objetivo maior no contexto revolucionário não era a promoção da pura e simples (e uma vez triunfante) revolução política, mas sim a realização de profundas transformações em Cuba por meio da cultura. O que deixou expresso para Fidel Castro quando os dois ainda se encontravam em Santiago de Cuba:

Aí arrisquei minha jogada. Disse-lhe que queria começar uma revolução na cultura

¹⁸⁷ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 28.

¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 29. Quando o autor reitera que nomeou aqueles que melhor haviam se saído no primeiro governo de Manuel Urrutia, acredita-se que houve por parte dele certa confusão, afinal, Urrutia governou somente uma vez e a composição dos ministros por ele citada diz respeito ao período do *Gobierno Provisional*. Cf. CUBAN REVOLUTIONARY GOVERNMENT CABINET OF PRESIDENT MANUEL URRUTIA LLÉO, Jan. 1959. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/cuba/urrutia-cabinet.htm>>. Acesso em: 02 set. 2011.

cubana. Eu tinha muitos amigos e contatos na Europa e América Latina – artistas, escritores, cientistas, filósofos, cineastas – e queria abrir a ilha para eles. Podíamos conseguir todo tipo de apoio para nos ajudar a desencadear nosso próprio renascimento cultural. Podíamos mudar a vida de Cuba pela cultura. A reação de Fidel: “Não, não, não. Franqui, você está louco. Tudo menos isso.” Contrariadíssimo, ele pulou para o seu jipe, dizendo: “Te vejo em Havana”. Então comecei a andar pelas ruas de Santiago [...].¹⁸⁹

Em suas memórias, Carlos Franqui não situa exatamente qual seria o caráter dessa Revolução Cultural por ele pretendida. Todavia, pensava numa Revolução Cultural “libre, sin burocracia ní cargos oficiales, con la participación de pintores, poetas, escritores, cineastas, músicos, arquitectos, científicos y artistas de todo el mundo, en el ideal de [Arthur] Rimbaud, de cambiar la vida, para cambiar Cuba”¹⁹⁰. Uma revolução que, de certo modo, refletia não somente o seu espírito revolucionário, por descredenciar a existência de cargos oficiais e de burocracia, como também sua própria formação política:

En la época que militaba en el Partido Comunista [PSP] leí un libro sobre Lenin que, como la mayoría de los dirigentes bolcheviques, dormía en una “colombina” y hacía una vida muy austera durante la clandestinidad, pero al tomar el Palacio de Invierno y el poder, terminó la práctica igualitaria y austera, y estableció privilegios para dirigentes y cuadros. Nació así lo que Milovan Djilas señalaría más tarde como “la nueva clase”, una de las causas del fracaso del comunismo soviético, y para mí, una de las razones para que en 1946 dejase aquel partido burocrático y corrompido, en que los dirigentes disfrutaban de todos los privilegios, incluso el de convertirse en amante de las mujeres de compañeros menos importantes, y vivían como burgueses, mientras que a los militantes se les criticaba por beber una cerveza, ir a una fiesta o leer un libro de poemas. El filete da para poco y la palomilla también. Mañana en el poder serán las casas y los privilegios para los jefes, y lo que sobre para el pueblo.¹⁹¹

É difícil identificar com exatidão em qual paragem ideológica transitava Carlos Franqui após a ruptura com o PSP. Isso porque, acredita-se – como endossam os fragmentos até aqui citados – que, uma vez liberto das amarras das diretrizes do partido, Carlos Franqui constituiu uma linha de pensamento próprio, geralmente associada ao trotskismo, o que é um equívoco: “- Este cavalheiro é trotskista – disse ele [Dorticós]. Neguei, mas disse que ele podia me chamar de antistalinista sempre que quisesse”¹⁹².

Contudo, há de se afirmar que qualquer que fosse essa intrépida ideologia, ela era de esquerda, socialista e muito peculiar e particular. Não obstante, balizava-se entre as ideias defendidas pelas esquerdas libertárias e pelos socialistas democráticos europeus. Algo

¹⁸⁹ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 28.

¹⁹⁰ Idem. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 226.

¹⁹¹ Ibid, p. 210-211.

¹⁹² Idem. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 212.

próximo à ideia de socialismo que orientou muitos dos socialistas livres (em sua maioria, sindicalistas e trabalhadores ligados a sindicatos) que lutaram nas brigadas internacionais durante a Guerra Civil Espanhola. Aliás, conexão que muito enuncia de seu passado, do seu início como militante, ainda quando adolescente:

Tenia quince años, imposible, soñaba inscribirme en las Brigadas Internacionales, pelear por la República [Espanhola]. Formamos un comité de ayuda a la Republica en Cifuentes. Conocí entonces a un español, libertario, ateo, marxista, Pedro Quintana. [...] Pedro tenía una gran biblioteca social, histórica. Allí comencé a devorar velozmente, uno tras otro, aquellos libros cargados de energía revolucionaria; a descubrir humanismo, socialismo, marxismo, comunismo, anarquismo. La primera semilla me la sembró Melania [Cobo], mi maestra de la Escuela de la Duda.¹⁹³

Assim, se para o M-26/7, para a Revolução Cubana e, enfim, para a própria História, Carlos Franqui foi um *llano*, para ele mesmo, em seu pensamento, sua luta era universal, e sua autoimagem era a de um revolucionário simpático ao trotskismo, mas não alinhado a esta corrente de pensamento. Um revolucionário livre, democrata e profundamente anticomunista. O que, certamente, inflectiu e balizou essa ideia de Revolução Cultural Cubana por ele defendida. Em certa medida, esse socialismo democrático de Franqui, ou seja, suas livres ideias revolucionárias, encontravam alguma ressonância na postura *libre* de Guillermo Cabrera Infante. Mas este, ao contrário do amigo, não enfatizou em suas obras a qual tendência de esquerda pertenceu. Talvez, porque por mais que tivesse um pensamento politizado, afinal, fora criado numa família politizada, Guillermo jamais chegou a definir-se sob uma bandeira ideológica acabada, assim como os pais. Era neste ponto, tal como Franqui, um progressista, e pronto. E a própria trajetória de Guillermo dentro da Revolução Cubana evidencia isso: sempre transitando e dialogando com os grupos revolucionários; supostamente tentando unificá-los; e, quiçá, ora apresentando-se mais inclinado ao M-26/7, ao DER e, também, algumas vezes ao PSP. Assim como Franqui, Guillermo Cabrera Infante também tivera um mentor intelectual espanhol progressista. Num texto intitulado “Antonio Ortega volta a Astúrias” e datado de 1982, o autor recorda:

Aconteceu há quase quarenta anos, em Havana, e eu me lembro como se tivesse sido no ano passado em Bath. Havia um mês ou dois que conhecera Antonio Ortega, ao levar ao seu escritório da revista Bohemia, da qual ele era editor literário, um conto meu [...]. Eu o visitava com assiduidade em sua casa da calle Amistad, e ele conversava comigo enquanto me instruí – assim que consegui entender seu forte sotaque asturiano. Ortega, antigo professor de ciências naturais, era essa coisa rara:

¹⁹³ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 66.

um mestre nato. [...] Democrata incurável, Ortega representava o melhor que a República deu à Espanha e que transferiu para um exílio várias vezes miserável. Ortega foi mais feliz do que muita gente, mas por pouco tempo. Conheci-o no final de 1947, e no início de 1960 já era de novo exilado político de seu segundo país. Como seus contos atestam, ele tinha duas pátrias, Astúrias e Havana.¹⁹⁴

Por sua vez, não é de se estranhar que a influência desse pensamento progressista acabou por coroar a roupagem estética e política editorial de *Revolución e*, futuramente, *Lunes* – os meios pelos quais, mediante o triunfo da Revolução Cubana, Carlos Franqui depositara todas as fichas a fim de concretizar uma Revolução Cultural a partir da Revolução Política. Aliás, o que fora *Revolución e* (e, conseqüentemente, *Lunes*) além do que, mais que porta-vozes do M-26/7, instrumentos de uma “democracia cultural direta”, aberta à participação de intelectuais e artistas, renomados ou desconhecidos, representantes e defensores de uma gama de vertentes ideológicas e estéticas? O que era o *Revolución e* senão o jornal que levou estampado na página principal as cores da bandeira do M-26/7, que, por coincidência ou não, também eram as cores libertárias da *Confederación Nacional del Trabajo* espanhola?

Olhando por esse espectro, é revigorante reconhecer que não era somente a Revolução Cubana (nas palavras de Sartre) “uma práxis que forja suas ideias na ação”, mas o próprio *Revolución e* o era no tocante à Revolução Cultural Cubana almejada por Carlos Franqui. Isso porque havia a ideia (Revolução Cultural), os meios (*Revolución e* e *Lunes*) e os princípios, muitos dos quais próximos ou mesmo semelhantes aos de projetos anteriores, tais como, *Nueva Generación* e a primeira versão de *Nuestro Tiempo*, como mencionados no capítulo anterior. Porém, faltava propositadamente o escopo: acabado, delineado, dado – o que Franqui sempre mais rejeitara objetivar de antemão nos projetos por ele capitaneados. Assim, essa pretendida revolução cultural, dentro da revolução política dada, também deveria percorrer um longo caminho, edificar-se, de preferência consoante ao emblema da revolução política, até então defendido pelos revolucionários, entre os quais, o próprio Fidel Castro: nem capitalista, nem comunista; simplesmente, autêntica, plural, crítica, aberta e, acima de tudo, genuinamente latino-americana. Inovadora, em múltiplos sentidos! E, para Franqui, ali estaria a Revolução Cultural a fim de manter a Revolução Política em seu caminho de autodeterminação do povo cubano.

Por todos os motivos supraelencados, na visão de Carlos Franqui, não havia pessoa mais apta em Cuba para assumir e dividir diretamente os pesos inerentes à tamanha empreitada do que Guillermo Cabrera Infante, o *libre*, parceiro de projetos, escritor e

¹⁹⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 386-387.

jornalista em plena ascensão, um progressista, que naqueles dias em que despontava o furacão, sob o auspício do *Jeep da Libertad*, recebera a notícia de maneira mais inusitada:

Esa noche estaba tranquilo en casa y me apareció que hacía años que no iba al cine, tanto la historia se había metido en mi vida. No estaba viendo la televisión ni oyendo musica y quizás hablaba con mi madre cuando tocaron a la puerta. Fueron a abrir y de pronto en la sala irrumpió una figura vestida de uniforme verde olivo, con gorra de fatigues americanos (que es lo que en realidad era el uniforme verde olivo del 26 de Julio) y una tupida barba enmarañada – era Franqui. Acabara de llegar de la Sierra, vía Santiago de Cuba, y nos había venido a visitar enseguida. Hubo un gran alborozo en casa, contentos de ver vivo y sano a Franqui, ansiosos por oírle contar sus aventuras, orgullosos de tenerlo entre los amigos íntimos, pero Franqui no tenía tiempo para charlar: con su acostumbrado acento de Las Villas nos dijo que tenía una máquina esperándolo afuera y que debía seguir rumbo al campamento de Columbia (bautizado en esos días como Ciudad Libertad) y me preguntó si yo quería ir con él: por supuesto que le dije que sí y nos fuimos de casa, con mi madre diciéndole todavía a Franqui que tuviera cuidado conmigo, como si hubiera algún peligro en ir ahora a Columbia. Por el camino Franqui me contó que venía a hacerse cargo de Revolución, el diario del Movimiento 26 de Julio, que ahora ocupaba la redacción y los talleres del antiguo periódico batistiano Alerta, y me dijo que quería contar con mi ayuda. Yo le dije que la tendría cuando quisiera.¹⁹⁵

Tão inusitada quanto emblemática, pois tanto um quanto outro recordam exatamente do traje que Carlos Franqui vestia aquele dia – sob o signo do *Jeep de la Libertad* –, quando o avião pousou em Camp Columbia:

Me abrian paso cuadrándose militarmente. Iba vestido con un viejo traje serrano verde oliva, un brazaete rojo y negro del 26 sobre el brazo, no llevaba estrella ni insignia alguna; tenía una barba desparramada, una larga melena y más que militar, tenía un aire bohemío que recordaba al folklórico personaje habanero del Caballero de Paris. Pensaba con humorismo en el destino de los vencedores y de los vencidos: años atrás, cuando caíamos presos nos llevaban a este campamento, esos mismos soldados, al grito de “Carne fresca, carne fresca”, nos golpeaban ferozmente; ahora miles y miles armados todavía se rendían a nuestro paso.¹⁹⁶

Emblema estampado nas memórias ou emblemático trabalho de Ariadne, que com seus finos fios tece naturalmente a “teia” social das rememorações (o diálogo *in exilium* entre os autores)? Afinal, não se pode esquecer que Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui liam um as obras do outro. Mas, neste caso, possivelmente não. Pode se tratar de apenas um “emblema estampado”. Afinal, quando Carlos publicou *Cuba, la Revolución* (2006), Guillermo já não mais estava vivo (2005). E, quando *Cuerpos Divinos* foi lançado (2010), Franqui há muito publicara *Cuba, la Revolución*. Contudo, o “emblema estampado” é enfático e diz de um traço perene da natureza humana, a contradição. O homem (Franqui) que em

¹⁹⁵ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 464.

¹⁹⁶ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 226.

exílio enfatizou que àquela época era diferente dos guerrilheiros fora visto pelo colega (Guillermo) como um guerrilheiro. E, não obstante, viu-se também como um, tal seu júbilo frente aos vencidos (outrora seus algozes) que o respeitavam por sua farda revolucionária.

Merda. Eu era um rebelde, e ponto final. [...] No decorrer da luta eu havia criado duas importantes instituições: a Rádio Rebelde e o jornal Revolución. Mesmo que a lógica me tivesse dito que era hora de desistir, eu não o teria feito. Eu vinha lutando desde garoto. Meu pai, que era operário, morreu pobre e miserável. [...] Como jornalista, lutei contra capitalistas e comunistas. Talvez eu quisesse mostrar a mim mesmo que era realmente digno de alguma coisa. Via minha própria ambigüidade e minhas próprias contradições, mas será que mesmo hoje sei o motivo dos meus atos? Não.¹⁹⁷

¹⁹⁷ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 28-29.

Segunda Parte
Êxodo

3 (Lunes)-de-mel com Fidel (1959-1961)

A censura não existia para nós. [...] Éramos nossos próprios patrões. Afinal de contas, nós éramos o fruto dourado de *Revolución*, o jornal da Revolução, a voz do povo, a voz de Deus. Enfim, éramos, como se diz, onipotentes. Sem saber, éramos também escravos.

Guillermo Cabrera Infante

3.1 O “Grupo R”: a voz da Revolução Cubana

Na sagaz análise que Florestan Fernandes teceu sobre os primeiros anos da Cuba pós-revolucionária é evidente a ênfase ao fato de que, uma vez no poder, os revolucionários instauraram um período “menos heroico” e “menos romântico” do itinerário da revolução, quando comparado ao anterior, de insurgência e luta.¹⁹⁸ Segundo o sociólogo, “a radicalização na Serra não é nada em comparação à radicalização concentrada, que teve de ser desenvolvida entre 1959 e o primeiro semestre de 1961”¹⁹⁹. Isso porque o poder estava conquistado, porém, não havia garantias à sua consolidação política.

De um lado, o regime que começava a engatinhar (o castrismo)²⁰⁰ prendia-se no plano político à improvisação, à pluralidade ideológica dos grupos improvisadamente congregados durante a etapa da luta revolucionária e a constantes ameaças oriundas de dentro e de fora de Cuba. De outro, a inexistência de uma base e unidade partidária de ofício, apesar de conferir ao novo governo certa liberdade na tomada de decisões, gerava uma série de problemas. Entre os quais, o principal: a dificuldade de educar e organizar politicamente a massa.²⁰¹ Um papel que, de 1959 ao primeiro semestre de 1961, coube em grande medida à imprensa e aos intelectuais cubanos alinhados ou engajados na Revolução Cubana. Em especial, aos reunidos no “Grupo R” (de *Revolución* e *Lunes*), sob liderança de Carlos Franqui e de Guillermo Cabrera Infante.

¹⁹⁸ FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao Socialismo**: a Revolução Cubana. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 134.

¹⁹⁹ Ibid.

²⁰⁰ Para Michel Löwy, o castrismo (Fidel Castro), ou guevarismo (Che Guevara), compõe uma interpretação do marxismo calcada na valorização do “voluntarismo revolucionário” (político e ético) em contraposição ao determinismo enfatizado por outras correntes de interpretação do marxismo. Cf. LÖWY, Michael. **O Marxismo na América Latina**: uma antologia de 1909 aos dias atuais. Tradução de Claudia Schilling e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 47.

²⁰¹ FERNANDES, op. cit., p. 133.

Por essa razão, apesar da atmosfera de incertezas que pairava no olho do furacão naqueles dias de janeiro de 1959, os dois primeiros anos após a entrada do “Jeep de la Libertad” em Havana transcorreram para Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante ao doce e aparentemente duradouro ritmo de uma lua-de-mel com a revolução, e, por conseguinte, com o seu líder máximo, Fidel Castro. Enquanto que, do alvorecer de 1959 a meados de 1961, Cuba era um caldeirão alimentado pelas brasas de amargas polêmicas e radicais medidas levadas a cabo pelo novo corpo dirigente, Franqui e Cabrera Infante gozavam de certo conforto e *status*, propiciados pelas posições de destaque que passaram a ocupar dentro da nova ordem, respectivamente, à frente do Jornal *Revolución* e de seu suplemento cultural, *Lunes de Revolución*.²⁰²

Mesmo que, em suas memórias, mais por cautela do que por qualquer suposta desfaçatez, Carlos Franqui titubeie em considerar o reconhecimento da “oficialidade” de *Revolución* como órgão noticioso do regime àquela altura nascente – “*era un extraño periódico, era y no era la voz oficial*”²⁰³ –, pelo menos, teoricamente, nada ou ninguém parecia ou parece ainda hoje endossar o contrário, a não ser a inexistência de documentos e pronunciamentos oficiais. Então, neste ponto, há de se destacar que entre a oficialidade e o oficioso impõe-se uma enorme distância. Enquanto a oficialidade evoca algo ou alguma ação de caráter oficial, geralmente, reconhecida por um regime ou sistema, o oficioso diz daquilo ou daquela ação que, mesmo não oficializada, pretende-se ou é assimilada como tal por um determinado grupo, seja por um nicho populacional, seja extraoficialmente pelo próprio governo. Evidente que, em ambas as regiões, os limítrofes que as comportam e as separam não deixam de ser pantanosos. Pois, nem tudo que emana do oficioso é extraoficial, e nem tudo que é oficial sustenta ou comporta ações ou medidas oficializadas. E deve-se recordar que Franqui reconhecia essas tênues diferenças:

²⁰² Há consenso entre os historiadores que os nove primeiros anos (de 1959 a 1968) após o triunfo revolucionário foram decisivos para a consolidação do novo regime em Cuba. Em verdade, destes anos, naturalmente, os três primeiros foram os mais crepitantes e cruciais tanto para a sobrevivência do projeto revolucionário como regime quanto para a definição da nova composição governamental. Desse período, destacam-se: a renúncia do presidente do *Gobierno Provisional*, Manuel Urrutia Lleó, em julho de 1959; a Primeira Lei de Reforma Agrária, promulgada em maio de 1959; a Primeira Declaração de Havana, de setembro de 1960; a campanha de erradicação ao analfabetismo (1961); e, entre outros episódios, o da invasão dos exilados patrocinados pela CIA à Baía dos Porcos, em abril de 1961. Mais detalhes sobre os acontecimentos supracitados, bem como sobre seus respectivos impactos no cenário político da Cuba pós-revolucionária podem ser obtidos por meio da leitura de: BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, Capítulos VII e VIII; GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, Capítulos 5 e 6.

²⁰³ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 234.

O difícil seria manter um certo equilíbrio, o que significava dizer sim a Fidel e não a muitas outras coisas. Eu queria manter o povo informado porque tudo dependia do povo. Pensavam que eu continuaria com a Rádio Rebelde, que estava logo atrás de Fidel em popularidade. Mas guerra é uma coisa e paz é outra, e já que nada foi discutido decidi, por conta própria, levar adiante o trabalho no *Revolución*. Quando Fidel veio a Havana, visitou uma outra publicação, *Bohemía*, onde foi fotografado com seus velhos amigos Miguel Quevedo e Enrique de la Osa, mas ficou longe do *Revolución*. Ele não estava satisfeito com o fato de eu estar publicando o jornal, portanto não me deu seu selo de aprovação.²⁰⁴

Desse modo, apesar de ter atuado como órgão informativo do M-26/7 na clandestinidade da luta revolucionária, e como tal ser publicamente reconhecido, se *Revolución* não se tornou oficialmente o porta-voz da Cuba sob controle dos revolucionários, pelo menos, de janeiro de 1959 até meados de 1961, não somente pretendeu-se como tal, como também não encontrou grandes resistências entre os principais dirigentes do novo governo, o que transparece na leitura de trabalhos que abarcam *Lunes de Revolución*.²⁰⁵ Miskulin afirma:

Lunes de Revolución teve grande importância como centro de difusão cultural no início da Revolução e impulsionou outras iniciativas culturais, como a *Ediciones R*, editora que foi criada em maio de 1960. Primeiramente, foi dirigida por Guillermo Cabrera Infante e depois por Virgilio Piñera, entre 1961 e 1964. A editora tinha o objetivo de publicar novos autores cubanos. O programa Lunes em TV, que desde o final de 1960 passou a veicular semanalmente as principais proposições dos editores na televisão, significou a conquista de um novo espaço para a divulgação do suplemento. As visitas de diversos intelectuais estrangeiros, patrocinadas por *Lunes* e pelo jornal *Revolución*, eram ações dos editores e colaboradores de *Lunes* que transcendiam os limites da publicação, colaborando para a conformação de uma política cultural revolucionária cubana.²⁰⁶

No enfoque da historiadora prevalece uma clara entonação a esse caráter oficioso que envolvia não somente as atividades culturais, como o agrupamento intelectual reunido em *Lunes* e, conseqüentemente, em *Revolución*. Num período (1959-1961) em que, mesmo crescente e reluzente o interesse político do novo governo pelo desenvolvimento do campo da cultura em Cuba, tal como, de modo precoce provou – ainda em março de 1959 – a criação do Icaic,²⁰⁷ representando oficialmente ou não a voz do governo revolucionário, o “Grupo R” (do

²⁰⁴ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 34.

²⁰⁵ Por não ser encontrado durante a pesquisa um estudo estritamente focado em *Revolución*, buscou-se aqui elencar citações e exemplos provenientes de estudos sobre *Lunes de Revolución*. Grosso modo, uma vez que o segundo era um suplemento cultural do primeiro, entende-se que tanto o conselho editorial de um quanto de outro compartilhavam das mesmas expectativas e objetivos, além de *modus operandi* análogo ao que tange o cumprimento de uma política editorial comum e pré-estabelecida.

²⁰⁶ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 43-44.

²⁰⁷ A historiadora Mariana Martins Villaça aponta que a criação do Icaic articulou como projeto pioneiro do

Revolución) parecia ocupar uma posição deveras privilegiada. Afinal, neste contexto auspicioso para determinados nichos intelectuais, não era regra, mas exceção, que em pouquíssimo tempo um grupo surgido das cinzas da clandestinidade lograsse a fundação de uma editora, a *Ediciones R*, da qual Guillermo Cabrera Infante foi diretor, bem como conquistasse espaços significativos em programas de rádio e TV (programa *Lunes en TV*), além de, em nome da revolução, e sob a bandeira de que era necessário moldar a identidade da “verdadeira cultura cubana”²⁰⁸, convidasse e patrocinasse a visita de intelectuais do gabarito de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante – os homens à frente do “Grupo R” – reconheceram isso:

Los viajes de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Pablo Neruda, Roger Caillois, Tennessee Williams, de grandes novelistas, poetas y pintores de Europa y América Latina, en aquellos años, el acercamiento a Picasso, Breton, Le Corbusier y otros, fueron obras de este escritor de Revolución y después de la Casa de las Américas, una consecuencia de la obra de Lunes, magníficamente dirigido por Guillermo Cabrera Infante, inspirado en la idea de José Martí, ser cultos para ser libres, y al principio de Rimbaud de cambiar la vida.²⁰⁹

No entanto, em seus melhores momentos *Lunes* conheceu, como toda estrela jovem, uma rápida expansão. Em pouco tempo tínhamos criado uma editora [*Ediciones R*], cujo primeiro livro publicado foi justamente *Poesia, revolución del ser*, embora meses antes seu autor, José Baragaño, que continuava sendo surrealista no Sena, o tivesse intitulado *Poesia, negación del ser*. Esta coleção de poemas era um requentado singular das fórmulas surrealistas dos vinte anos precedentes. Mas em 1960 servia para cantar a Revolução e o ser, heideggeriano, para a morte – ao mesmo tempo.²¹⁰

De maneira análoga, *Revolución* e *Lunes* adotavam em suas matérias e artigos vívidos discursos em defesa da Revolução Cubana e, por conseguinte, das medidas do governo revolucionário. A linha editorial era clara: sempre com a revolução, apesar de que

[...] a veces coincidía y otras se diferenciaba del pensamiento oficial, que a su vez tenía diferentes matices: una cosa decidían y pensaban Guevara y Raúl Castro y la Seguridad, otra el presidente Dorticós y los ministros, otra Fidel Castro, o los dirigentes obreros, estudiantiles, o los mismos periodistas.²¹¹

governo revolucionário no campo da cultura em Cuba. VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 21.

²⁰⁸ EDITORIAL. *Lunes de Revolución*, Havana, n. 1, p. 2, 23 mar. 1959. In: MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ilhada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 39.

²⁰⁹ FRANQUI, Carlos. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**. Barcelona: Planeta, 1988, p. 431.

²¹⁰ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 85.

²¹¹ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 233.

Em 1960, porém, outro quadro se instaurou. Os diretores, intelectuais e jornalistas envolvidos em *Revolución* e *Lunes* adotariam (pelo menos, naquele ano) um discurso mais unísono. Agudo em defesa da revolução e do governo, e até certo ponto exageradamente ufanista. Tudo, graças à intensificação da crise entre Estados Unidos e Cuba, que, gestada ainda em maio de 1959 com o anúncio pelo governo revolucionário da Primeira Lei de Reforma Agrária, acabou atingindo seu auge com o embargo realizado por Washington (novembro de 1960) e a invasão da Baía dos Porcos por um exército de dissidentes cubanos treinados pelos Estados Unidos (abril de 1961).²¹² Pelos termos dessa reforma, considerada moderada, já que não atingia os produtores de gado e os *hacenderos* de tabaco e cana-de-açúcar, uma nova instituição foi criada, o Instituto Nacional de Reforma Agrária, responsável pela coordenação e execução do projeto que propunha o fim dos latifúndios com mais de 1000 acres (402 hectares) e a futura extinção da concentração de terras em mãos de estrangeiros, inclusive, estadunidenses.²¹³ Mais além, instituiu 1960 como o ano da Reforma Agrária em Cuba.

Nesses contextos, *Revolución* e *Lunes* colocaram-se como fiéis defensores da Revolução Cubana, porquanto, da postura e das medidas adotadas pelo novo governo. Uma breve visualização das fotografias e do conteúdo de matérias, tiras e propagandas publicadas pelo *Revolución* no período 1959-1960 endossa isso.²¹⁴ Numa matéria, anuncia o título: “En La Habana Justicia Revolucionaria”. Noutra: “Homenaje Póstumo a 19 Victimas del ‘Gramma’”. Na tirinha assinada por Chago Armas, a personagem “Julito 26” conclama o povo a trabalhar pela revolução. Na propaganda da Volkswagen: “¡Saludamos a la Revolución Triunfante!”. E, por fim, numa seção um tanto quanto polêmica, intitulada “Gusanerias”, a frase: “Aquel gusano no naufragó cuando navegaba, sino cuando haló la cadena” (Aquele verme não naufragou enquanto navegava, mas quando puxou a corda) – uma mensagem direcionada aos que, por ocasião da revolução, almejavam abandonar ou já haviam saído de Cuba, boa parte rumo aos Estados Unidos.²¹⁵ Em *Lunes*, algo similar ocorria:

²¹² Tanto Gott quanto Moniz Bandeira e, ainda, Ayerbe defendem que a Lei de Reforma Agrária (1959) foi a principal desencadeadora do agravamento das relações entre Estados Unidos e Cuba, sugerindo a Washington ações mais enérgicas contra Havana. Cf. AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. Coleção Revoluções do Século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 61-62; BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 199; GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 207.

²¹³ GOTT, op. cit., p. 196-197.

²¹⁴ Consulta aos microfilmes do *Revolución* presentes no Centro de Apoio à Pesquisa (CAPH) do Departamento de História da USP.

²¹⁵ O termo *gusano* (“verme”, em português) é utilizado de maneira pejorativa ainda hoje em Cuba para definir os críticos, os detratores, os expatriados e os exilados políticos. Mais além, vale ressaltar que, nos primeiros anos

Muitos números apresentaram temas relacionados à Revolução Cubana, como as edições especiais dedicadas à classe operária, à reforma agrária, aos aniversários da Revolução, à morte de Camilo Cienfuegos e à cobertura dos combates na Playa Girón, em reação à invasão patrocinada pelos Estados Unidos, em abril de 1961. Em todas estas edições, o suplemento sempre defendeu a Revolução, rechaçando com veemência as sabotagens contrarrevolucionárias e tentativas de invasão de Cuba por parte dos Estados Unidos.²¹⁶

O ápice dessa incondicional defesa da Revolução Cubana pelo “Grupo R” ocorreu quando, em março de 1960, os intelectuais reunidos em *Lunes* anunciaram em editorial que, caso ocorresse uma invasão estadunidense em território cubano, colocavam-se à disposição para pegar em armas em nome da revolução e de Cuba: “um compromisso que não se detém ante nada e que está disposto a defender com armas a nossa posição, nossa visão das coisas, nossa razão de existir, de poder voltar amanhã, numa Cuba livre e feliz [...]”²¹⁷. Eis uma resposta dos intelectuais de *Lunes* ao atentado ao barco *La Coubre*, que, ocorrido em 4 de março daquele ano, supostamente, fora arquitetado e operado pelos Estados Unidos, matando cerca de 80 pessoas e deixando outras 200 ou mais feridas. Vale lembrar que, aportado na baía de Havana, o *La Coubre* comportava um carregamento de armas legalmente compradas do governo belga.²¹⁸

Essa incondicional defesa da Revolução Cubana também foi acompanhada por inovações gráficas e tipográficas que tornaram *Revolución* e *Lunes* ainda mais atrativos para o público leitor. No caso deste último, Miskulin aponta que, publicado em formato tabloide, o suplemento apresentava um leque tipográfico com letras em variados tamanhos, títulos chamativos e estrategicamente localizados, paginação com grandes espaços para imagens, entre outros recursos, que revelavam o anseio do grupo por inovar, em múltiplos sentidos.²¹⁹ Não obstante, o *Revolución* também não ficava atrás. Em suas memórias, Carlos Franqui recorda que:

Revolución no se parecía, ni en su forma ni en su contenido, a ninguno de los otros periódicos del país. La primera página era un pasquín que estaba entre los afiches del mundo popular cubano y la tipografía más moderna: grandes cintillos, grandes y buenas fotos, un rojo equilibrado con el negro, ese rojo y negro que Frank País hizo pasear por primera vez por las calles de Santiago de Cuba el 30 de noviembre, no el

após o triunfo revolucionário, boa parte dos cubanos que saíram de Cuba pertencia à elite ou à classe média com vínculos comerciais ou empregatícios com empresas estadunidenses, o que, somada à proximidade geográfica, os impeliu a firmar residência nos Estados Unidos.

²¹⁶ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 51.

²¹⁷ EDITORIAL. *Lunes* de Revolución, Havana, n. 41, p. 3, 7 mar. 1960. In: MISKULIN, op. cit., p. 64.

²¹⁸ MISKULIN, op. cit., p. 63-64.

²¹⁹ *Ibid.*, p. 55.

verde oliva de Fidel y el Ejército Rebelde.²²⁰

Para além deste generoso salto qualitativo há também de se destacar outro impulso concomitante, o quantitativo. Enquanto era imperativo que, em Cuba, mesmo sob as mais auspiciosas condições, inclusive, as engendradas pelo novo governo, as publicações culturais detivessem pouquíssimas tiragens, outra vez *Lunes* fugia à regra. Antes de completar o primeiro ano de vida, o suplemento superou a impressionante cifra de cem mil exemplares publicados em um único dia.²²¹ Duzentos, no auge, de acordo com Guillermo Cabrera Infante.²²² Uma contabilidade nada modesta, de fazer inveja para muitas publicações culturais de natureza impressa da atualidade.

É claro que, a favor destes números pesava o fato de que, diferente de outras tantas publicações do ramo que circulavam em Cuba à época, *Lunes* chegava ao público leitor como encarte de um jornal cuja tiragem era notável e a distribuição “ampla e massiva”²²³. Noutras palavras: as impressionantes cifras e a abrangência alcançada pelo suplemento decorriam deste elo, como reflexo da vitalidade das tiragens e da distribuição de *Revolución*, que era rodado em papel jornal financiado pelo próprio governo revolucionário.

Essa determinante em nada ofusca o poder de abrangência de *Lunes* em território cubano. Em comparação, tomemos o caso da Revista *Casa de las Américas*, uma das maiores, e, certamente, ainda hoje, a mais notória publicação cultural de Cuba. Fundada em abril de 1959 e inaugurada oficialmente em julho daquele ano, quase concomitante à primeira publicação do suplemento do “Grupo R”, *Casa de las Américas* contou em 1960, com 2 mil tiragens, 4 mil em 1962 (ano seguinte ao fim das atividades de *Lunes*), 9 mil em 1965, e, na década de 1980, com 15 mil exemplares, apesar da abrangência internacional e da periodicidade bimestral.²²⁴

Deve-se ressaltar que, quando tomada esta comparação, o que se põe na balança não são os poderes de infiltração e/ou de reconhecimento desta ou daquela publicação no meio intelectual, mas, simplesmente, o volume de tiragens e seu “poder de fogo” em chegar a um

²²⁰ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 232.

²²¹ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 40.

²²² CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 83.

²²³ MISKULIN, op. cit., p. 40.

²²⁴ Dados extraídos do estudo realizado por Morejón Arnaiz. A autora aponta ainda que, apesar de reconhecida como uma publicação bimestral, nos primeiros anos de vida *Casa de las Américas* chegou a publicar edições duplas. MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. **Política y Polémica en América Latina: las revistas Casas de las Américas y Mundo Nuevo**. Colección Polémicas, n. 4. México: Ediciones de Educación y Cultura, 2010, p. 75.

maior número de leitores cubanos. Desse modo, a comparação surge de maneira quase espontânea, senão inevitável, apesar de certo modo “desleal”, por se tratarem de publicações diferentes. O que se coloca em evidência é o potencial de abrangência de duas das mais importantes publicações culturais da Cuba pós-revolucionária, que, mesmo defendendo propostas editoriais, modelos discursivos e linhas estéticas diferentes, acabaram por compartilhar algumas semelhantes idiossincrasias.²²⁵ A primeira delas diz respeito a seus fundadores: tanto *Casa* quanto *Lunes* foram idealizadas por intelectuais outrora engajados no M-26/7, respectivamente, Haydée Santamaría e Carlos Franqui. Ambas as publicações – em maior ou menor grau – contaram desde seus primórdios com certa autonomia e estrutura para desenvolver suas atividades e publicações.²²⁶ *Lunes* e *Casa* tinham à disposição um seleto e renomado quadro de intelectuais, inclusive, contando com o apoio e a participação de laureados homens de *intelligentsia* estrangeiros. E, por fim, emergentes sob as prerrogativas de um mesmo contexto histórico, os dois grupos tendiam a não só reforçar como alinhar seus discursos e vínculos com a Revolução Cubana como também com suas respectivas instituições fundadoras.²²⁷ No caso de *Lunes*, com o *Revolución* e, indiretamente, com o M-26/7.

Mas, apesar dessas semelhantes idiossincrasias, naqueles primeiros anos após o triunfo revolucionário, o que, ao contrário do Grupo *Casa*, realmente colocou o “Grupo R” em evidência, como portadores do discurso revolucionário e, por conseguinte, como *intelligentsia* representativa da Revolução Cubana, foram os contornos institucionais e estruturais. Sobre este contrapeso, Morejón Arnaiz afirmou: “durante el período en que coincidieron ambas fueron en gran medida escritas por los mismos autores, [mas] el estilo polémico, la periodicidad semanal y la enorme circulación de *Lunes* dejaron a *Casa* menos visible en el escenario cultural cubano”²²⁸.

Esse caráter oficioso logrado pelo “Grupo R”, como laboratório cultural e, ao mesmo tempo, representante da “cultura da revolução”, consolidou-se também por duas vias distintas,

²²⁵ Com base no estudo de Nadia Lie sobre *Casa de las Américas (Transición y transacción. La revista Casa de las Américas (1960-1976)*. Hispamérica, 1996), Morejón Arnaiz reitera que ambas as publicações eram favoráveis à autonomia da arte em relação ao político, contudo, nos primeiros anos, por atuar como um grupo mais consolidado no cenário cultural cubano, *Lunes* podia nutrir uma linha discursiva mais polemizadora, enquanto, *Casa* seguia uma orientação mais oblíqua e direta. Ibid, p. 80. (Nota de rodapé).

²²⁶ Tal ilação decorre de uma reflexão auferida por Morejón Arnaiz sobre *Casa de las Américas*. Para a autora: “La Casa de las Américas contó desde un inicio con toda la estructura necesaria para actuar como un organismo ‘no gubernamental’ y autónomo”. Desse modo, e, em comparação com *Lunes*, acreditamos que ambos os grupos editoriais tinham à disposição toda uma estrutura que, além de autonomia, lhes permitia a consolidação de atividades e publicações mais elaboradas e de grande abrangência. Ibid, p. 67.

²²⁷ Ibid., p. 80.

²²⁸ Ibid.

porém, sobrepostas: a da reivindicação discursivo-representativa (o “Grupo R” como intelectualidade representante da revolução) e a do reconhecimento extraoficial. Neste último caso, deve-se atentar que, para além do reconhecimento do público leitor, certamente, cadenciado pela força discursiva do grupo, sempre em defesa da revolução e da edificação de uma nova cultura em Cuba, e pelo poderio estético e de abrangência de *Revolución e Lunes*, coexistiu também, desde os primeiros dias após o triunfo, um reconhecimento extraoficial dos intelectuais reunidos no “Grupo R” por autoridades e grupos políticos.

O exemplo mais notório de um possível e precoce reconhecimento extraoficial do “Grupo R” pelo governo fora relatado pelo próprio Guillermo Cabrera Infante, que, antes de assumir a direção de *Lunes de Revolución*, trabalhou como editorialista do *Revolución* e como representante do ministro da Educação, Armando Hart.²²⁹ Assim, enquanto, como já citado no capítulo anterior, Carlos Franqui incomodava-se com uma suposta ausência de Fidel nas dependências do *Revolución* – “A Cuba oficial se manteve em silêncio. Che e Camilo nos visitaram uma ou duas vezes, mas Fidel manteve distância”²³⁰, Guillermo Cabrera Infante indica que, na noite de 8 de janeiro de 1959, enquanto encontrava-se na oficina do *Revolución*, assistindo no televisor o pronunciamento de Fidel Castro (*¿Armas para qué?*):

[...] para hacerla más histórica, tarde en la madrugada se apareció Fidel Castro: difería mucho, en persona, del Fidel Castro que yo había conocido, circa de 1948, en la esquina de Prado y Virtudes [...]. Llegó Fidel Castro al periódico con su escolta, que pronto sería habitual, todos fuertemente armados [...], lo que era una especie de contrasentido al discurso pronunciado hacía pocas horas. Discretamente Oclides Candela [jornalista que se tornaria subdiretor do *Revolución*] y yo abandonamos la dirección para que Fidel Castro se entrevistara en secreto con Franqui; [...]²³¹

Neste ponto deve-se sublinhar que as lembranças sempre estão permeadas de parcialidade. O “lembrador” sempre estará operando em interação com aspectos da realidade presente (idade avançada, estado de ânimo, mudanças sócio-comportamentais etc.) e com aquilo que piamente acredita e defende, o que, de modo inevitável, condiciona o seu recordar. No caso de Franqui, apesar de ter por descuido ou de maneira proposital enunciado e enfatizado a ausência de Fidel Castro em seu livro de memória publicado em 1981, em obra mais recente (de 2006), sublinha:

²²⁹ MACHOVER, Jacobo. Guillermo Cabrera Infante y los fusilamientos. In: **Diario de Cuba**. Sección Historia. Disponível em: <<http://www.diariodecuba.com/cultura/8817-guillermo-cabrera-infante-y-los-fusilamientos>>. Acesso em: 18 enero 2012.

²³⁰ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 35.

²³¹ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 479.

Durante los primeros tiempos Fidel Castro no visitó el periódico, incluso se permitía con algunos de sus amigos de *Bohemia* hacerle sus críticas. En febrero, 45 días después, cuando su toma de posesión como primer ministro, lo criticó porque en una reunión en el Palacio dijo los puntos principales de su futuro gobierno, y yo lo publiqué con gran irritación suya, por el palo recibido. Pero cuando el periódico empezó a ser leído, a tener influencia, las polémicas comenzaron. Fidel Castro comenzó a visitarnos y enseguida quiso indicar cintillos, fotos, artículos e informaciones. Le dije: – Mira, Fidel, pienso que tú serías un buen periodista, te entrego el periódico, para que entonces lo dirijas como creas, y me voy a escribir libros, crónicas o a hacer otra cosa que me guste. [...] A partir de entonces limitó sus intervenciones a mandarme declaraciones, unas veces firmadas y otras sin firmar, pero en aquella ocasión Fidel Castro mordió el tabaco y se fue, y nunca más se metió en decir cómo tenía que hacer el periódico. [...] ²³²

Desta vez, o que está em jogo na rememoração de Franqui não é ausência, mas a presença incômoda, intransigente. Sinal de que também para ele a lua-de-mel possuía seus percalços, um gostinho de fel, estendido em suas recordações a outros notórios atores históricos do processo revolucionário, e, de certo modo, logo a seguir, acompanhado pelo uso do recurso da reivindicação discursivo-representativa, como demonstra a continuação do excerto:

[...] La reacción de Castro, Guevara y Raúl fue ignorar el periódico [*Revolución*] durante los primeros días del 59. No hubo ninguna visita ni entrevista con la excepción de Camilo Cienfuegos. *Bohemia* de Quevedo y De la Osa fue el vehículo inicial de todos ellos; Fidel Castro la usaba indirectamente para atacar al periódico y al grupo. Seguirían acontecimientos excepcionales [refere-se às sucessivas crises no *Gobierno Provisional*], pero el país necesitaba una prensa diferente. El pueblo identificó a *Revolución* con la Revolución [Cubana]. ²³³

Não há como negar que, entre a busca pelo reconhecimento e pela representatividade engatilhada pelo “Grupo R” e a própria conquista desses objetivos dentro daquele novo contexto político, coexistia uma relação não somente de proximidade como também de ganhos entre quem detinha o poder político e quem postulava e, de certa maneira, até então, possuía o poder cultural em mãos. De modo evidente, essa relação, essa aliança evidenciava lá os seus percalços, suas disputas internas, seus desencontros e desatinos, no entanto, não se pode esquecer que, até certo momento, ela fora extremamente benéfica ao “Grupo R”, colocando-o em evidência, em condição privilegiada no cenário intelectual cubano do período quando comparado aos casos e posições logradas por outros grupos intelectuais, alguns dos quais, também reivindicadores de uma representatividade revolucionária, tal como o já mencionado Grupo *Casa*. Sobre isso, observou sem maior florejo o próprio Guillermo

²³² FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 232.

²³³ Ibid.

Cabrera Infante:

Revolución tinha sido a voz que dos porões da clandestinidade expunha os pontos de vista do MR 26 de Julho, a organização que levou Fidel Castro ao poder [...]. À luz do dia, *Revolución* se transformou num jornal de uma influência insuportável: o primeiro de Cuba e o único a ter acesso aos recessos mais ocultos do poder no governo e na vida política cubana em geral. Além disso, tinha, para Cuba (na época um país de aproximadamente 7 milhões de habitantes, uma circulação enorme. *Lunes* se aproveitou de tudo isso e transformou-se no primeiro suplemento literário em espanhol da América, ou da Espanha, que podia se gabar de sua tiragem, a cada segunda-feira, de quase 200 mil exemplares. *Lunes* tinha muita força – e não apenas literária.²³⁴

E continua, colocando ainda mais em evidência os sustentáculos de, até então, indestrutível sucesso, bem como exaltando (também sem rodeios, acidamente) o brilho do primeiro “troféu” conquistado pelo “Grupo R”:

O tabloide, contando com o esmagador poder da Revolução (e do governo) por trás dele, e também com o prestígio político do MR 26 de Julho, foi como um furacão que literalmente arrasou com muitos escritores enraizados, lançando-os no esquecimento. [...] Dessa posição de força máxima, nos dedicamos à tarefa de aniquilar respeitados escritores do passado. [...].²³⁵

Reconhecido em papéis oficiais ou não, o fato é que o “Grupo R” transmutou-se, com algum respaldo do governo revolucionário, no furacão explicitado por Cabrera Infante, na nova força e identidade cultural de Cuba nos dois primeiros anos depois do término da luta contra Fulgêncio Batista. Outro demonstrativo de que fora também o governo recém instituído, e não somente as reminiscências da influência do M-26/7 na nova composição política que impactaram diretamente no poderio de influência do grupo, foi confidenciado por Carlos Franqui nos trechos a seguir:

Como director de *Revolución*, tenía el privilegio de invitar a personalidades internacionales: el presidente de Costa Rica, José Figueres, Sartre, Simone de Beauvoir, Neruda, y de asistir a los Consejos de Ministros, único lugar de reunión, pues en la práctica Fidel había liquidado el 26 y a su dirección, lo mismo que había hecho con el Directorio, y la última reunión había ocurrido en diciembre del 58, en la Sierra Maestra. Pero a partir de la toma del poder, el 26 fue convertido en un fantasma.²³⁶

Cuando hablo de actuar por la libre quiere decir que se podían tomar decisiones sin consultarlas, entre otras cosas porque no había lugar para la consulta, de manera que

²³⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 83.

²³⁵ *Ibid.*, grifos nossos.

²³⁶ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 233.

cuando fui a Europa en el año de 59, en octubre, no tuve la oportunidad de discutir ni con Fidel Castro, ni con nadie, a quien iba a invitar, ni cuando invité a Picasso a hacer la paloma, ni cuando invité a Sartre, ni cuando invité a Neruda. En el momento en que Sartre iba a venir, había que situarle una pasaje, y como el embajador de Cuba en París, el profesor Grant, era ortodoxo de la vieja escuela dijo que él no estaba autorizado para pagar los billetes de Jean-Paul Sartre y Simone de Beauvoir, y se comunicó con Raúl Roa y éste con Fidel Castro, que realmente estuvieron encantados de la visita del filósofo, cuya filosofía era conocida en todo el mundo y también en Cuba.²³⁷

De fato, o privilegiado espaço ocupado pelos membros do “Grupo R” no gérmen do processo de consolidação do novo regime não estava somente restrito ao campo do cultural:

El periódico era un centro de poder en esos días y en el centro del centro estaba la dirección, donde yo [Guillermo] me pasaba la mayor parte del tiempo. En la puerta hubo que poner un letrero que decía: “Si no tiene algo urgente que tratar / No pasar”, con su rima impensada y todo. En la dirección se apareció una noche Camilo Cienfuegos, quien antes de entrar dejó su huella en la puerta: agregó de su puño y letra sobre el cartel: “Esto es antidemocrático”, como lo era efectivamente.²³⁸

Como exemplo desse “centro de poder” nos bastidores do poder, para além do já mencionado episódio da indicação de cinco dos vinte e quatro ministros do *Gobierno Provisional* por Franqui, citado no capítulo anterior, e das visitas às oficinas do periódico, feitas por *personas* como Fidel, Che e Camilo, o “Grupo R” também logrou cadeiras cativas nas comitivas de todas as primeiras viagens internacionais (Venezuela, Estados Unidos, Canadá, Brasil, Argentina e Uruguai) de Fidel Castro como representante do governo revolucionário cubano, realizadas ainda em 1959. Sobre tais viagens, Guillermo Cabrera Infante – que também participara de todas – empreendeu descrições pormenorizadas em *Cuerpos Divinos*. Numa dessas descrições, sobre a passagem de Castro pelos Estados Unidos, observa:

El magazine iba muy bien, cada día mas leído y mejor organizado, y cuando Franqui me pidió otra vez que yo acompañara, entre otros periodistas de *Revolución* y de otros periódicos, a Fidel Castro en su viaje a Estados Unidos, le dije que sí. Franqui también iría, así a mediados de abril volábamos en el avión presidencial [...] hacía Washington. Llegamos a la capital de los Estados Unidos, que yo no conocía, al anochecer [...]. Fuimos todos los periodistas al hotel, mientras Fidel Castro y su comitiva iba a vivir en la embajada cubana. Al segundo o tercer día de estar allí, en la embajada cubana fui testigo de una explosión temperamental de Fidel Castro. Furioso porque Eisenhower no lo recibía y lo hacía en su lugar el vicepresidente Nixon [...]. Franqui era de los que aconsejaban a Fidel Castro que aceptara entrevistarse con Nixon, pero aquél, fumando un enorme tabaco y en calzoncillos y camiseta [...] se paseaba de un lado al otro de la habitación. El embajador en

²³⁷ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 233.

²³⁸ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 488.

Washington era otro de los que aconsejaban a Fidel Castro que accediera a entrevistarse con Nixon, pero el jefe de su guardia personal [Capitão Maraña] [...] insistía en que Fidel Castro no debía ir [...]. Finalmente, mientras él rezongaba por lo bajo y Franqui hablaba con el capitán Maraña, Fidel Castro gritó: – ¡Cállense ya! ¡Déjenme quieto! ¡Quiero pensar bien lo que hay que hacer!²³⁹

Neste ponto, Guillermo Cabrera Infante descreve que o Capitão Maraña prontificou-se a retirar todos do recinto a fim de deixar Castro sozinho. Eis o que, segundo Cabrera Infante, Fidel disse ao ver todos saindo: “- No, que se quede Franqui – y Franqui se quedo”²⁴⁰. Mais tarde, ao reencontrar o amigo, Cabrera Infante o interpelou sobre o que ocorrera na sala depois do episódio. Eis o que Franqui respondera: “– Nada, que Fidel queria estar solo, pero no completamente. Odia estar solo y quería compartir con alguien la responsabilidad de su decisión”²⁴¹. Para Cabrera Infante, a resposta do amigo soou como um assombro, haja vista que “Franqui, que idolatraba a Fidel Castro, rindiera una versión tan justa del momento”²⁴².

A importância de Carlos Franqui dentro do regime nascente era tanta que, em 1961, em vista da aproximação da realização da Assembleia Geral das Nações Unidas, o diretor do *Revolución* recebeu uma importante missão:

Era uma sexta-feira, 7 de abril de 1961. O presidente Dorticós convocou-me ao palácio e me informou que, na semana seguinte, a Assembleia Geral das Nações Unidas se reuniria e votaria uma resolução a favor de Cuba. Precisávamos de um voto favorável do Brasil, mas nem o embaixador nem seu ministério podiam nos dar quaisquer garantias. Alguém teria que falar diretamente com Jânio Quadros – extraoficialmente. Ele queria dizer, para minha surpresa, que esse alguém era eu. Disse que eu poderia ir lá para vê-lo e que seria capaz de convencê-lo de que seu voto seria vital para o povo cubano. Depois, acrescentou que Fidel me considerava o homem certo para a tarefa. Concordei, mas acho que me escolheram porque ninguém mais queria se meter em nenhum problema. Bem, estávamos na sexta, e eu tinha de estar no gabinete de Quadros na segunda.²⁴³

Desse modo, apesar das pequenas rixas e possíveis desconfianças alimentadas reciprocamente entre o líder da Revolução Cubana e o líder do *Revolución*, tudo leva a crer que Fidel via em Franqui um porto-seguro, e, vice-versa. Sem a influência política de Franqui no campo cultural e sem a influência cultural (como ícone da Revolução) de Fidel no campo político, ambos os projetos, a Revolução e o *Revolución*, ainda imberbes como instituições da nova Cuba, estariam fadados ao precoce fracasso. Naquele momento, um precisava – em maior ou menor grau – alimentar-se do outro. No mais simples dos casos, caminharem de

²³⁹ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 304-305.

²⁴⁰ Ibid., p. 305.

²⁴¹ Ibid.

²⁴² Ibid.

²⁴³ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 121-123.

mãos dadas. Obviamente, o *Revolución* (ou o “Grupo R”) dependia mais da Revolução do que esta dele. Afinal, nascera dentro do contexto da luta revolucionária, e, aos olhos da opinião pública, continuava o órgão informativo do M-26/7, mesmo que, com o tempo, naturalmente, o *Movimiento* deixasse de existir.

Nessa relação não havia via de mão única. Por um lado, durante a etapa da luta revolucionária, *Revolución*, Franqui e muitos outros jornalistas e intelectuais ligados ao “Grupo R” haviam provado lealdade a Fidel e à Revolução Cubana. Mesmo que a esmagadora maioria deles não tenha empunhado armas, eles cumpriram como intelectuais e homens ligados às artes e à cultura o papel de resistência à ditadura batistiana que lhes cabia. Mudar as cartas do jogo àquela altura, em tão delicada fase de inicialização do processo de consolidação do regime, só pioraria as coisas. O Grupo *Casa* até poderia ocupar esse lugar, como de certa maneira veio parcialmente a ocupar, pois, era composto por inúmeros intelectuais imbuídos de histórico e ímpetus análogos, mas carecia de um trunfo: não possuía um jornal de identidade consolidada com a revolução. Por outro, além dessa base dada, leal à causa e, principalmente, sobremaneira concentrada em *Revolución*, em certa medida, essa dependência também foi incitada pelo próprio “Grupo R”, instituindo uma espécie de *La Cabaña*, ou, *paredón cultural*, tal como salientou Franqui:

O *Revolución* começou a se manifestar em todas as questões, a iniciar polêmicas. Publicou as subvenções mensais que Batista concedia a revistas e a jornalistas em particular. Houve uma condenação geral, com duas exceções, *Bohemía* e *Prensa Libre*. Fidel não estava satisfeito com esta desmoralização da imprensa, pois ele a estava usando em seu proveito e queria ser a única voz de autoridade da nação. Mas a tiragem do *Revolución* aumentou: era a expressão da nova Cuba.²⁴⁴

De certo, o impacto dessas denúncias concorreu para que o governo passasse a tomar medidas radicais contra os órgãos de imprensa do país, tal como, o expressivo processo de nacionalização dos meios de comunicação ocorrido a partir de janeiro de 1960. O primeiro alvo foi o periódico *Avance*. Seu diretor, Jorge Zayas, pediu asilo nos Estados Unidos. No mês seguinte foi a vez de *El País*. Em março, o periódico *El Mundo* e a cadeia de rádio e televisão *CMQ*. Em maio, um dos poucos órgãos não denunciados pelo *Revolución*, o periódico *Prensa Libre* também é nacionalizado. No mês de julho, Miguel Ángel Quevedo, diretor de *Bohemía*, pede asilo na embaixada da Venezuela, e Antonio Ortega – mentor de Guillermo e que trabalhava no *Bohemia* – volta para a Espanha. Junto a *Bohemía* também

²⁴⁴ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 37.

foram nacionalizadas *Carteles* e *Vanidades*.²⁴⁵ Esse processo massivo de nacionalização dos meios de comunicação cubanos ocorreu concomitante a *ola* de nacionalizações levadas a cabo pelo governo revolucionário aquele ano e que repercutiu em múltiplos setores, da indústria à agricultura.

Para além da busca pelo monopólio do “poder cultural”, a retaliação a antigos desafetos de carreira (jornalistas, intelectuais etc.) e à imprensa batistiana (declarada ou não), qual outro motivo concorreu para essa ação de “denúncia cultural massiva” perpetrada por Franqui e, por conseguinte, pelo “Grupo R”? A vingança pela vingança? Certamente, não! Resposta pobre, parcial! Havia uma “motivação pessoal” que, em grande medida, também era coletiva. Um sentimento análogo àquele que nos primeiros meses após o triunfo levou amplos seguimentos da sociedade cubana a apoiarem os fuzilamentos coordenados por Che Guevara na fortaleza de *La Cabaña*. Inclusive, o próprio Guillermo Cabrera Infante, que, segundo Jacobo Machover, conseguiu o cargo de representante do Ministério da Educação, em 17 de janeiro de 1959, à custa de um artigo publicado na véspera em que defendia as execuções levadas a cabo pelo governo revolucionário:

El artículo en cuestión llevaba por título “Somos actores de una historia increíble”, y en él se podía leer lo que todo el mundo, con el tiempo, quiso enterrar: “¿Es que la relevancia de los fusilados es tal que rebasa las fronteras y el océano? ¿Es que políticos perdidosos caen bajo las balas del pelotón de fusilamiento? Nada de eso. Es un simple caso de justicia, de la más elemental e inmediata. Los fusilados son connotados criminales; sus crímenes han sido cantados por ellos mismos; un pueblo de siempre sentimental no ha movido un dedo para impedir que sigan los ajusticiamientos; hasta los familiares de los ajusticiados saben que se obra con espíritu de honradez”.²⁴⁶

E, ainda sobre o artigo, continua Machover:

¿Acaso el autor [Guillermo Cabrera Infante] les había ido a preguntar a los familiares de los fusilados si realmente creían en la “honradez” de sus verdugos? ¿Acaso les pidió alguna vez perdón a sus descendientes, una vez convertido en el mayor opositor a la tiranía castrista, a la que había servido con tanta furia mortífera? Lo peor es que esa diatriba tuvo un efecto inmediato: los fusilamientos fueron en aumento y no tuvieron fin. Durante décadas. Las palabras matan, tanto como las balas. ¿Les presentó el escritor exiliado alguna vez sus excusas a los hijos e hijas de los fusilados, a todos aquellos que Armando Lago, María Werlau y ahora Alexis Romay, al frente de “Archivo Cuba”, han identificado uno por uno? [...].²⁴⁷

²⁴⁵ FORNÉS-BONAVÍA DOLZ, Leopoldo. **Cuba, Cronología: cinco siglos de Historia, Política y Cultura**. Madrid: Editorial Verbum, 2003, p. 210-216.

²⁴⁶ MACHOVER, Jacobo. Guillermo Cabrera Infante y los fusilamientos. In: **Diario de Cuba**. Sección Historia. Disponível em: <<http://www.diariodecuba.com/cultura/8817-guillermo-cabrera-infante-y-los-fusilamientos>>. Acesso em: 18 enero 2012.

²⁴⁷ Ibid.

A “sede de justiça” e a defesa das medidas levadas a cabo pelo governo revolucionário, e que à época balizaram as ações de Guillermo Cabrera Infante, também guiaram a conduta de Carlos Franqui dentro do regime, tal como enunciou Machover:

No es ése el único escrito de glorificación de la muerte o de justificación de las detenciones y de las depuraciones ni de alabanzas a Castro en su papel de verdugo que haya escrito Cabrera Infante, compitiendo en ello con las verdaderas apologías del crimen firmadas por Carlos Franqui, y eso hasta por lo menos 1961, después de la “invasión” fallida de Bahía de Cochinos, como en aquel terrible “La letra con sangre”, publicado el 24 de abril de 1961: “...Quiero que mi testimonio sirva de condenación no solo a quienes fabricaron esta guerra desde el estólido Pentágono, la Agencia Central de la Imbecilidad o la sucia Casa Blanca, sino también a sus instrumentos: esos que noche a noche, en la televisión, han repetido hasta el más asqueante cansancio: 'Yo no tiré', 'No vine a matar', 'No soy culpable'. Ahora quiero decir que sí son culpables y que de haber ganado —en la improbabilidad de todas las improbabilidades de que hubieran ganado— ahora estarían ocupados en la tenebrosa tarea de fusilar a pueblos enteros por el mero hecho de ser pueblos enteramente cubanos...” [...].²⁴⁸

E reitera Machover:

Precisemos que los que fueron fusilados a sangre fría en aquel momento no fueron esos “pueblos enteros” sino anticastristas encarcelados anteriormente, como simple escarnio, así como unos cuantos integrantes de la Brigada 2506. En respuesta a una pregunta sobre esos temas de un periodista de la Agencia France Presse [*sic*], Raúl Zamora, GCI contestó el 21 de diciembre de 2001: “Yo no me arrepiento de nada sobre el periodo en que estuve apoyando a la revolución, lo importante es lo que hice después de salir de Cuba en 1965” [...].²⁴⁹

Entre 1959 e 1961, ainda como intelectuais orgânicos do regime nascente, as posições de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante condiziam com as próprias inscrições dos autores dentro daquele contexto histórico. A “sede de justiça” e a defesa das medidas radicais levadas a cabo pelo governo revolucionário vinham de encontro ao atendimento de anseios subjetivos que também eram compartilhados por boa parcela da população cubana, ávida por participar do que acreditavam ser a “limpeza histórica” de Cuba. Esse sentimento foi em grande medida também o engatilhador do *paredón cultural* incitado, coordenado e perpetrado pelo “Grupo R”, sob o olhar vigilante e o regojizo de Carlos Franqui:

A folha [*Revolución*] atacou os interesses camuflados [da imprensa e da intelectualidade cubana] com grande vigor. Um bocado de coisas passava pela minha cabeça. Nasci em Sítio Grande, numa plantação de cana-de-açúcar que fazia parte do sistema de moinhos United. Meu pai era cortador de cana [...]. Ele morreu jovem,

²⁴⁸ MACHOVER, Jacobo. Guillermo Cabrera Infante y los fusilamientos. In: **Diario de Cuba**. Sección Historia. Disponível em: <<http://www.diariodecuba.com/cultura/8817-guillermo-cabrera-infante-y-los-fusilamientos>>. Acesso em: 18 enero 2012.

²⁴⁹ Ibid.

devido às privações por que passou. Na igreja de Cifuentes, os espanhóis que fuzilaram os *mambises* [combatentes cubanos da Guerra de Independência, XIX] foram abençoados pelo padre, e foi lá que o corpo mutilado do meu tio-avô ficou exposto ao público. Ele havia sofrido desde a infância, nas mãos dos proprietários rurais cubanos e estrangeiros e de sua força policial rural. Eu queria atacá-los, mostrar sua relação com Batista. Frequentemente imaginava uma festa de despedida para esses ricos déspotas, na qual eles, nos seus belos cavalos, cavalgariam para fora da cidade ao rufar dos tambores que desprezavam. Com frequência eu pensava em confiscar suas bibliotecas, suas coleções de discos – especialmente aquelas pertencentes aos intelectuais que estiveram mancomunados com Batista.²⁵⁰

Essa simbiose é o que lá no âmago melhor nutria o jogo de “ganhos” (ou, a parceria) *Revolución/Revolução*, Franqui/Fidel. Claro que, ao final, o que sempre conta é o ganho bruto, jamais o líquido. Mas, há de entender que na paisagem de fundo dessa via de mão dupla, se Fidel Castro, Che Guevara, Camilo Cienfuegos, entre outros, representavam a nova “sociedade política” de Cuba, o “Grupo R” emergia como a outra metade da laranja, a *intelligentsia* orgânica (se bem que temporária e única) do processo histórico:

Uma das mais marcantes características de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos.²⁵¹

E temporária e única, porque como felizmente recordou Rafael Rojas, lançando um olhar crítico e abrangente para o caso dos intelectuais cubanos:

Gramsci fue muy enfático al sostener que las relaciones del intelectual con su gobierno no podían ser de subordinación absoluta, sino que la crítica del poder debía ser el principio básico de ese pacto entre ideólogos y políticos. Aún así dejamos a un lado las profundas reservas que suscitaría este modelo de intelectual, desde una cultura política democrática, es evidente que en Cuba ni siquiera esa condición del intelectual orgánico, que proviene de la herencia marxista, ha podido arraigarse.²⁵²

Justamente por esse caminho trilhou o “Grupo R”. Um caminho cadenciado pelos passos da política cubana. Apesar de um só *Revolución*, um *Revolución* que “cambiaba según los tiempos”²⁵³ – como afirmou Franqui. O *Revolución* do segundo semestre de 61: polêmico, ácido, violento, abalado e balizado pela crise que levou ao encerramento das atividades de

²⁵⁰ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 37-38.

²⁵¹ GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981, p. 12.

²⁵² ROJAS, Rafael. **El Arte de la Espera: Notas al Margen de la Política Cubana**. México: Editorial Colibrí, 1998, p. 160.

²⁵³ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 234.

Lunes; o de 1962: que voltaria a “servir” a Fidel e ao governo revolucionário, desta vez, na contraofensiva aos soviéticos. Novamente, via de mão dupla: Franqui, antissoviético declarado! E, por fim, o *Revolución* de 1963 em diante, já não mais sob o comando de Franqui, que após inúmeros desgostos partira como correspondente na Europa. Em seu lugar, Fidel nomeou Enrique de la Osa, redator de *Bohemia*.²⁵⁴ O que chancelou de uma vez por todas o triste destino do periódico, não do “Grupo R”, que, nesta época, já havia se estilhaçado tal qual vaso de porcelana lançado ao chão.

Sobre o *Revolución* e o “Grupo R” do biênio 1959/60, mais autônomo e ferrenho defensor da revolução, enfim, o da lua-de-mel com Fidel, resta-nos apenas a certeza de que fora um projeto, ou “furacão”, que em tempo recorde tornou-se tal como “almejava” o seu idealizador, num espaço para: “lutar, [...] exercer influência, [...]. Estar à distância e ainda assim ficar por dentro. [...] Acompanhar o desenvolvimento do fenômeno Fidel [...] porque ele era a revolução”²⁵⁵. Todavia, os ingredientes do êxito confabulariam como agentes dos vindouros percalços. O lutar e o exercer influência, mas, principalmente, o distanciar-se a fim de permanecer por dentro, articulariam como cicuta na cela de um condenado à pena de morte. Algozes para colocá-la não faltavam, uma vez que no páreo da luta política entre intelectuais suscetibilidades foram feridas. Mas, ao fim, é inegável que o “Grupo R” era naquele biênio e em alguns meses mais a “menina dos olhos” da Revolução Cubana. Tal como concluiu o próprio Guillermo Cabrera Infante:

A censura não existia para nós. Como em *Lunes*, éramos nossos próprios patrões. Afinal de contas, nós éramos o fruto dourado de *Revolución*, o jornal da Revolução, a voz do povo, a voz de Deus. Enfim, éramos, como se diz, onipotentes. Sem saber, éramos também escravos.²⁵⁶

3.2 *Lunes*, a identidade “R” e as querelas de fronteiras com os comunistas

Em princípios de 1959 havia em Cuba uma tocante divisão entre os intelectuais engajados ou simpáticos à Revolução Cubana. A fim de melhor mapear essa divisão

²⁵⁴ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memórias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 234.

²⁵⁵ Idem. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 34.

²⁵⁶ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 86.

convencionou-se o uso de dois critérios diferenciadores, repetidos aqui: o geracional e o de fronteiras.²⁵⁷ Enquanto que, em geral mais abrangente, o primeiro critério anuncia o ponto de partida temporal de formação de determinado grupo intelectual, não a conformidade etária de seus membros, o segundo diz respeito às conformações ideológicas e estéticas defendidas.

No plano geracional, em relação à queda de Batista, quatro foram os agrupamentos que de certo modo colocaram seus serviços à disposição do novo governo: a geração dos anos 30, gestada a partir da *Revista de Avance* (1927-1930);²⁵⁸ a geração dos anos 40, outrora congregada em torno da revista *Orígenes* (1944-55/56); a geração dos anos 50, ou, *cincuentera* (em Língua Portuguesa conhecida como geração cinquentenária), de *Lunes de Revolución*, *Casa de las Américas* e *Hoy Domingo*, este último, suplemento cultural do jornal comunista *Hoy*; e, por fim, a geração dos anos sessenta, que, composta em sua maioria por jovens nascidos na década de 1940, que não se sentiam representados ou integrados aos agrupamentos das gerações anteriores, reivindicavam o status de primeira geração da Revolução Cubana, fundando assim suas próprias entidades representativas, como por exemplo, a *Ediciones El Puente* (1961-1965).²⁵⁹

Uma parcela dos intelectuais *cincuenteros* era remanescente de expressivos órgãos culturais atuantes durante a década de 1950, entre os quais a revista *Ciclón* e a *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*.²⁶⁰ Deste último, tanto da primeira (1951) quanto da segunda formação (1954), uma vez que ocorreu uma cisão dentro do grupo original. Isso não significa, contudo, que os núcleos culturais fundados ou que tiveram massiva participação da chamada geração cinquentenária não contassem com a presença em seus quadros de intelectuais de gerações anteriores. Para além dos intelectuais nascidos nas décadas de 20 e 30, e, outrora participativos naqueles núcleos embrionários, *Ciclón* e *Nuestro Tiempo*, vários intelectuais das duas gerações de 30 e 40, e que colaboraram outrora em *de Avance* e *Orígenes*, também ocuparam espaços como membros ou colaboradores de instituições e

²⁵⁷ O critério geracional foi amplamente utilizado ou discutido em diversas obras e por inúmeros autores, entre os quais: BARQUET, Jesús J. (Ed.). **Ediciones El Puente en La Habana de los Años 60**: lecturas críticas y libros de poesía. Chihuahua: Ediciones del Azar, 2011; MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003; MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. **Política y Polémica en América Latina**: las revistas Casas de las Américas y Mundo Nuevo. Colección Polémicas. México: Ediciones de Educación y Cultura, 2010; ROJAS, Rafael. **Tumbas sin Sosiego – Revolución, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006. Já o critério de fronteiras, apesar de também utilizado nas referidas obras e pelos referidos autores, sem o uso de uma aceção específica, acabou aqui sendo usado a fim de facilitar a compreensão do leitor.

²⁵⁸ ROJAS, Rafael. **Tumbas sin Sosiego – Revolución, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 170.

²⁵⁹ BARQUET, Jesús J. (Ed.). **Ediciones El Puente en La Habana de los Años 60**: lecturas críticas y libros de poesía. Chihuahua: Ediciones del Azar, 2011, p. 17-57; MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 29-50.

²⁶⁰ ROJAS, op. cit., p. 170.

núcleos culturais fundados, sob comando, ou, ainda, sobremaneira, integrados por *cincuenteros*. Tais os casos de José Lezama Lima e Virgilio Piñera em relação ao “Grupo R”²⁶¹.

Por essa natureza “pantanososa” do critério geracional, optou-se aqui a fim de melhor mapear o caráter dos embates e debates intelectuais da Cuba pós-revolucionária o uso do critério fronteiriço, uma vez que a maioria dos intelectuais cubanos aglutinados nas gerações de 30, 40 e 50 dividia-se em duas alas proeminentes, a dos Intelectuais Comunistas e a dos Intelectuais Nacionalistas Revolucionários.²⁶² Aqueles, congregados em torno da militância no PSP, eram, portanto, portadores de maior uniformidade ideológica e organizacional. E, os Intelectuais Nacionalistas Revolucionários, simpatizantes ou provenientes dos quadros do M-26/7 ou do DER, tais como os intelectuais do “Grupo R” e de *Casa*. Apesar de muitos desses intelectuais não possuírem históricos destacados de participação na luta revolucionária,²⁶³ seus laços de sociabilidade com as respectivas lideranças desses movimentos articularam como artérias que carregaram para dentro do processo de consolidação política da Revolução Cubana os conflitos, os embates e, até mesmo, os debates suscitados entre ou por esses movimentos. Inclusive, o forte sentimento de desaprovação à tardia adesão e incorporação (1958) dos comunistas na luta contra a ditadura de Fulgêncio Batista.

Antes de tudo é preciso assinalar que, apesar de ter contado com a colaboração de intelectuais outrora pertencentes a *Orígenes*, dentro do plano de “paredón cultural” arquitetado e levado a cabo pelo “Grupo R”, ainda em 1959, os *originistas* tornaram-se um dos primeiros alvos de *Lunes* e do *Revolución*. Contraditório? Aparentemente sim. Mas não se deve esquecer que uma parte desses intelectuais *originistas* incorporados chegou ao “Grupo R” via *Ciclón*, formada por antigos dissidentes de *Orígenes*. Em 1959, apesar da revista não mais existir, *Lunes de Revolución* publicou inúmeros artigos que criticavam *Orígenes* e sua concepção literária. Segundo Miskulin, os ataques promovidos pelo “Grupo R” aos *originistas* expressavam os “questionamentos que uma geração literária costumava fazer à anterior, como forma de afirmação do seu protagonismo no campo cultural”²⁶⁴. Ainda mais quando “esta querela relacionava-se também com uma luta pelo espaço que cada grupo iria

²⁶¹ Sobre as participações de Virgilio Piñera em *Orígenes* e *Ciclón*, cf. BARRETO, Teresa Cristófani. **A Libélula, a Pitonisa: Revolução, Homossexualismo e Literatura em Virgilio Piñera**. São Paulo: Iluminuras, 1996, p. 129-132. Já no caso de Lezama Lima, cf. ROJAS, op. cit.

²⁶² Ambas as acepções, cf. ROJAS, Rafael. **Tumbas sin Sosiego – Revolución, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 173.

²⁶³ MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. **Política y Polémica en América Latina: las revistas Casas de las Américas y Mundo Nuevo**. Colección Polémicas. México: Ediciones de Educación y Cultura, 2010.

²⁶⁴ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 101.

ocupar no campo intelectual após a Revolução”²⁶⁵. Para os intelectuais do “Grupo R”, os *origenistas* representavam um elitismo e conservadorismo literários que não cabiam dentro da Cuba pós-revolucionária, que ansiava por renovação. Assim, os ataques dos “R’s” partiam de críticas literárias que, logo, adquiriam um tom político. Para Idalia Morejón Arnaiz, a tática usada pelo grupo era evidente:

Ao degradar os pressupostos éticos e estéticos da geração precedente [a de *Orígenes*] e não contar ainda com os seus [pressupostos éticos e estéticos] suficientemente sólidos para compensar o desequilíbrio – e a prova disto são estes ataques –, a melhor arma que [os intelectuais do “Grupo R”] encontraram além da poética foi a política, levada em nome de uma Revolução com a qual, não muito tempo depois, alguns entrariam em conflito.²⁶⁶

No entanto, nos primeiros anos pós-revolução o maior confronto intelectual não ocorreu entre o “Grupo R” e *origenistas*, mas, entre fronteiras. Os Intelectuais Comunistas e os Intelectuais Nacionalistas Revolucionários protagonizaram os maiores e mais intensos embates intelectuais pelo monopólio da representatividade cultural, e, por conseguinte, pelos cargos de liderança à frente das novas instituições culturais criadas pelo governo revolucionário. Afinal, num momento em que a consolidação política da revolução tornou-se um imperativo, as duas agremiações reuniam “el tipo de intelectual orgánico deseable para el nuevo poder”²⁶⁷, ou seja, o intelectual engajado e ansioso por conquistar seu espaço no cenário da Cuba que nascia.

De certo que o “Grupo R” saiu à frente nessa corrida: conquistou posições, assumiu cargos, logrou a representatividade cultural da revolução, “aniquilou” sem piedade quem achou por bem aniquilar. Contudo, sua posição de destaque passou a ser ameaçada, principalmente, pelo grupo que acintosamente representava sérias ameaças às suas fronteiras. E as razões e conformações dessa ferrenha disputa encontram-se enraizadas tanto no histórico formativo do “Grupo R” quanto nos câmbios políticos suscitados em Cuba durante o processo de consolidação política da Revolução Cubana.

Desde que surgiu envolto pelo orvalho da eclosão da luta revolucionária em Cuba, o “Grupo R”, certamente, foi o mais expressivo da chamada geração *cinquentera*. Carregando para dentro da nova etapa seus vínculos políticos com o M-26/7, galgou em tempo recorde o

²⁶⁵ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 111.

²⁶⁶ MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. Lunes de Orígenes: notas sobre la reacción antiorigenista en Lunes de Revolución. In: **El Caimán Barbudo**. La Habana, año 30, n. 283, dez. 1997, p. 26-28 apud MISKULIN, op. cit., p. 112.

²⁶⁷ ROJAS, Rafael. **Tumbas sin Sosiego** – Revolución, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 173.

status de grupo intelectual representativo da cultura cubana revolucionária e transformou um jornal outrora clandestino numa verdadeira instituição cultural, apoiada por um suplemento, *Lunes*, por uma editora, a *Ediciones R*, e por cotas participativas em programas de rádio e TV. Mas, sob o frontispício dessa vinculação, o “Grupo R” não somente reivindicava como também se colocava como portador de uma espécie de herança intelectual que antecedia à Revolução Cubana e à incorporação dos intelectuais e dos pressupostos estéticos da revista *Ciclón* (1955-1959).

Neste ponto é imprescindível frisar que a incorporação de intelectuais outrora pertencentes à *Ciclón*, tais como, Virgilio Piñera, Calvert Casey, Severo Sarduy, entre outros, acabou por exercer forte influência em *Lunes*, principalmente, no que se refere ao reforço de alguns pressupostos estéticos: o cosmopolitismo, a pluralidade e o ecletismo.²⁶⁸ Dessa maneira, o que na opinião de Miskulin melhor diferenciava *Lunes* de *Ciclón* fora o contexto histórico:

A diferença entre *Lunes* e *Ciclón* foi a situação revolucionária, que dava a *Lunes* um ímpeto transformador da literatura e da cultura cubanas, pois não só apoiava o processo revolucionário como também era um agente da revolução cultural em andamento em Cuba.²⁶⁹

Todavia, deve-se ressaltar que, antes mesmo de *Ciclón* e do triunfo da Revolução Cubana, parte dos intelectuais reunidos no “Grupo R” possuíam uma origem intelectual comum que remonta primeiro a *Nueva Generación* (1948)²⁷⁰, e, depois, aos primórdios da *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* (1951). E que essa linhagem de intelectuais estava fortemente representada em *Revolución* e *Lunes*, respectivamente, por Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante. Se por um lado, de *Nueva Generación* à *Revolución* e *Lunes* manteve-se a permanência, a sociabilidade e a afinidade de ideias entre seus principais entusiastas. De outro, apesar das inerentes renovações de quadros e dos intermitentes interstícios que temporalmente deslocaram um projeto de outro (NG: 1948; NT: 1951; R: 1956; Я: 1959 - respectivamente: *Nueva Generación*, *Nuestro Tiempo*, *Revolución* e *Lunes de Revolución*)²⁷¹, quando visualizada a questão da reivindicação de pertencimento a um legado

²⁶⁸ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 100, 112-113.

²⁶⁹ *Ibid.*, p. 114.

²⁷⁰ Houve certa dificuldade em mapear os nomes de intelectuais ligados a essa formação embrionária em virtude da escassez de documentos.

²⁷¹ A letra “R” ao contrário (Я) fora uma criação do primeiro diretor artístico de *Lunes*, o francês Jacques Brouté. Colaborador de revistas surrealistas na França, a ideia de Brouté era criar um símbolo único que identificasse *Lunes*, consonante ao caráter inovador do suplemento e contrastando-o ao R de *Revolución*. Contudo, a adoção

pelo “Grupo R”, ela se faz num momento crucial, balizado pelo triunfo da Revolução Cubana, a partir da evocação à mais remota origem, tal como anunciou a edição de 13 de janeiro de 1959 do Jornal *Revolución*:

De nuevo sale a la luz pública, que es el pueblo, tras once años de su aparición y nueve del último número. Ahora como página de artes, letras y humanidades de “Revolución”, órgano del Movimiento Revolucionario “26 de Julio”. Antes como revista tirada en papel gacete tamaño tabloide [...] Sus primeros números – hablamos de la precedente – recogía la voz de un grupo de jóvenes artistas. Sus editores fueron: Carlos Franqui, Ithiel León, Guillermo Cabrera Infante, Rine Leal, Matías Montes Huidobro y Jorge Tallet. Pero esto es hacer historia. Mas lo que importa es la obra que ellos nos dejan y la que ellos, hoy, están haciendo [...] Colaboraron en “Nueva Generación”, en aquella época, los pintores Wilfredo Lam, Roberto Diago, José María Mijares y Sabá Cabrera. Y los poetas y escritores Antonio Suárez, Nora Badía, Carilda Oliver Labra, Armando Cruz Cobos, Rafael Enrique Marrero, Queta Farias y otros.²⁷²

A edição anuncia desse modo a inauguração de uma seção cultural nas páginas do *Revolución* que precede a aparição de *Lunes*, publicado somente a partir de 23 de março de 1959. Não é de se estranhar, portanto, que esse predecessor saiu à luz pública sob o nome *Nueva Generación*. Ou, como ficaria conhecido entre os intelectuais do “Grupo R”, justamente a fim de diferenciá-lo do *Nueva Generación* embrionário (1948-1950): *Nueva Generación-Revolución* (NG-R).²⁷³ Do mesmo modo, também não é de se estranhar que, dos nomes citados pela edição do dia 13 do *Revolución*, os de Matias Montes Huidobro, Sabá Cabrera Infante, José Mijares e Carilda Oliver figurassem na lista do manifesto publicado no primeiro número de *Nuestro Tiempo*, datado de 1951.²⁷⁴ Tampouco que, para além das participações de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante, as de alguns intelectuais mormente preenchessem as três fases do agrupamento (NG; NT; e, finalmente, nas publicações do “Grupo R”), tais como as de Rine Leal e Ithiel León.

Expressivas também são aproximações identitárias e as similitudes existentes entre as linhas editoriais dessas publicações culturais, tal como já enunciado no primeiro capítulo desta dissertação. Enquanto o manifesto publicado no primeiro número de *Nuestro Tiempo* afirmava:

Nuestra estética es la de un arte americano, libre de prejuicios políticos o religiosos,

da letra R ao contrário acabou por suscitar inúmeras incompreensões e ataques. Os críticos e opositores de *Lunes* chegaram a defender de que se tratava de um símbolo contrarrevolucionário. MISKULIN, op. cit., p. 54-55.

²⁷² REVOLUCIÓN. La Habana. 13 jan. 1959, p. 4. apud MONTES HUIDOBRO, Matias. *Nueva Generación*. In: **REVISTA CHASQUI**, [S.l.], v. IX, n. 1, p. 39-74, 1979, p. 40.

²⁷³ MONTES HUIDOBRO, op. cit., p. 40.

²⁷⁴ NUESTRO TIEMPO. La Habana, n. 1, 1951, p. 1-2. apud HERNÁNDEZ OTERO, Ricardo Luis (Org.). **Sociedad Cultural Nuestro Tiempo: resistencia y acción**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2002, p. 20.

enaltecido por encima de concesiones, que sea síntesis de lo que estimamos vigente y permanente en América. No nos interesan ni la oscuridad muerta ni la endebles académica, sino una estética tan infinita como el hombre mismo. Surgimos para traer al pueblo al arte, acercándolo a las inquietudes estéticas y culturales de nuestro tiempo [...]. Somos la voz de una nueva generación que surge en un momento en que la violencia, la desesperación y la muerte quieren tomarse como únicas soluciones. Nos definimos por el hombre, que nunca está en crisis, y por su obra, que es su esencia permanente.²⁷⁵

O primeiro editorial de *Lunes de Revolución* “reafirmava”:

Não temos uma decidida filosofia política, embora não rechacemos certos sistemas de aproximação à realidade – e quando falamos de sistemas referimo-nos, por exemplo, à dialética materialista ou à psicanálise ou ao existencialismo. [...] Não obstante, acreditamos que a literatura e a arte devem acercar-se mais à vida, e acercar-se mais à vida é, para nós, acercar-se mais dos fenômenos políticos, sociais e econômicos da sociedade em que se vive. Acreditamos também que o sentimento de ponto de partida segue presente em nosso ânimo, porque não se pode dizer que exista uma verdadeira cultura cubana [...].²⁷⁶

As similitudes (NT: “libre de prejuicios políticos”; Я: “Não temos uma decidida filosofia política”) e (NT: “sino una estética tan infinita como el hombre mismo”; Я: “acercar-se mais dos fenômenos políticos, sociais e econômicos da sociedade em que se vive”), bem como as aproximações identitárias (NT: “Somos la voz de una nueva generación”; Я: “o sentimento de ponto de partida segue presente”) constituem assim as peças de um quebra-cabeça surpreendente, revelador da manutenção e continuidade do ensejo de liberdade política; de valorização e defesa da pluralidade artística, de pensamento e de opiniões; de edificar a nova cultura cubana; e, em especial, do sentimento de pertencimento à uma identidade – a *Nueva Generación*. Ou seja, manutenção de escopos e a continuidade de um projeto cultural para Cuba, que, gestado ainda em 1948, definitivamente, adquiriu um *status* oficioso e amadurecido com *Lunes de Revolución*. Ou, a “menina dos olhos” do “Grupo R”: sua máxima identidade e voz, como grupo intelectual.

Desse modo, enquanto que mesmo idealizado por Carlos Franqui o *Revolución* carregaria por muito tempo o fardo de órgão informativo do M-26/7 e “vocero oficial del gobierno”²⁷⁷, *Lunes* gozaria de maior autonomia. Noutras palavras: tratava-se de um projeto dentro do jornal *Revolución* e da própria Revolução Cubana. Não como um projeto que

²⁷⁵ NUESTRO TIEMPO. La Habana, n. 1, 1951, p. 1-2. apud HERNÁNDEZ OTERO, Ricardo Luis (Org.). **Sociedad Cultural Nuestro Tiempo**: resistencia y acción. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2002, p. 19, grifos nossos.

²⁷⁶ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 39-40, grifos nossos.

²⁷⁷ MONTES HUIDOBRO, Matías. Teatro en Lunes de Revolución. In: **LATIN AMERICAN THEATRE REVIEW**. Department of Spanish and Portuguese. University of Kansas, Lawrence, v. 18, n. 1, fall 1984, p. 17-34.

pretendia aniquilar esta última, destruí-la pelas entranhas, substituí-la, mas que, intelectual e culturalmente, almejava enriquecê-la e moldá-la a partir daqueles princípios embrionários: liberdade política; valorização e defesa da pluralidade; e edificação da cultura da “nova” Cuba. Aliás, o estudo realizado por Miskulin é enfático ao endossar a coexistência mais ou menos harmônica desses pressupostos com as cores das bandeiras defendidas pelo governo revolucionário nos anos em que o suplemento circulou. Afirma a historiadora:

Muitos artigos [de *Lunes*] frisaram a especificidade da Revolução em não ter uma ideologia definida, tese defendida tanto pelos editores [...] como também por Sartre e muitos dirigentes do governo cubano. Entretanto, com a definição do caráter socialista da Revolução, o suplemento deixou bem clara, no editorial dos números 106 e 107, sua adesão ao governo, que caminhava para a construção de um socialismo justo e humano. O ecletismo político e estético de *Lunes* convivía com a defesa dos princípios da Revolução, inclusive na sua nova fase, que se iniciou após a batalha na praia Girón [...].²⁷⁸

Em abril de 1961, a invasão de *Playa Girón*, na Baía dos Porcos, coroou o ápice de uma crise diplomática entre Havana e Washington que teve início em maio de 1959, quando anunciada a Primeira Lei de Reforma Agrária. Durante todo o ano 1960, enquanto *Revolución* e *Lunes* acentuavam em suas páginas discursos pró-revolução, pró-Cuba, o governo revolucionário buscou estreitar as relações com o Bloco Socialista. Especialmente, com a União Soviética, país que no contexto da Guerra Fria disputava com os Estados Unidos o papel de liderança político-ideológica do Mundo. Para além de uma simples provocação de Fidel Castro, essa aproximação com o Kremlin demonstrava que o governo revolucionário cubano preocupava-se não somente em buscar apoio político internacional como também diversificar o leque de parceiros econômicos:

Os cubanos estavam mais interessados em fazer aberturas à União Soviética do que o inverso. Eles precisavam vender açúcar. Em junho de 1959, quando os detalhes da reforma agrária tornaram-se conhecidos e os Estados Unidos começaram secretamente a planejar a derrubada do governo, Che Guevara foi enviado numa expedição estrangeira para angariar apoios, visitando vários países do embrionário Terceiro Mundo [...]. Ele também buscou novos mercados no Japão, e a União Soviética também estava nos seus planos. [...] Os russos estavam então plenamente alertas para a questão cubana [em fevereiro de 1960]. [Nikita] Krushev mandou o seu vice, Anastas Mikoyan, inaugurar a exposição [comercial soviética] em Havana. [...] Ele assinou um acordo açucareiro com os cubanos, concordando em comprar um milhão de toneladas de açúcar por ano nos cinco anos seguintes. Os russos pagariam 20 por cento do preço em dólares e 80 por cento em produtos – principalmente petróleo, maquinaria, trigo, papel de impressão e vários produtos químicos. Eles também concederiam um crédito de 100 milhões de dólares para aquisição de instalações e equipamentos. Acordos similares foram firmados nos meses seguintes

²⁷⁸ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 78.

com vários aliados soviéticos – a República Democrática, a Polônia e a Tchecoslováquia.²⁷⁹

Apesar do agravamento nas relações entre Estados Unidos e Cuba, e, por conseguinte, o início da aproximação de Havana com o Kremlin, Fidel Castro somente anunciaria o caráter socialista do novo regime, ou seja, a adoção oficial do socialismo em Cuba, num discurso pronunciado em 16 de abril de 1961, em vista do sepultamento das vítimas do bombardeio estadunidense aos aeroportos de Havana e Santiago de Cuba.²⁸⁰ Nesse meio tempo, de fevereiro de 1960 a abril do ano seguinte, o caráter do novo regime apenas conjugou a defesa das cores defendidas pela revolução, a de construir um país livre e democrático, com o flerte ao socialismo. O que em nada alterava o *status quo*, uma vez que as duas prerrogativas se configuram como cores de defesa do chamado socialismo democrático.

Por essa razão, e só por essa razão, a linha editorial de *Lunes* colocou-se em defesa da aproximação econômica e política entre Cuba e o Bloco Socialista naquele ano de 1960. Pois, tal como Fidel Castro, os intelectuais do “Grupo R” reconheciam que a sobrevivência das conquistas logradas a partir do triunfo da revolução (o fim do batistianato, a reforma agrária, a nacionalização de empresas etc.), bem como o desenvolvimento de Cuba, dependiam sobremaneira desse estreitamento diplomático. O que estava em jogo para os intelectuais do “Grupo R” não era o “com quem”, mas “como” e “quais as vantagens” daquela movimentação diplomática, tal como, posteriormente, explicou Carlos Franqui:

Nos primeiros dias de fevereiro, Anastas Mikoyan, vice-primeiro-ministro da União Soviética, veio a Cuba. Fidel Castro, Raúl, Che Guevara e o presidente [Osvaldo] Dorticós o receberam no aeroporto de Havana. [...] Um assunto de importância foi a compra de açúcar cubano pela União Soviética e a obtenção do petróleo russo por Cuba. Todos esses convênios pareciam expressar nossas relações abertas com o mundo inteiro, em vez de “apenas uma parte do mundo”. Todos nós pensamos que era uma boa coisa, uma declaração e afirmação de nossa independência assim como um gesto de boa vontade. [...] Mas ninguém precisaria ser um profeta para deduzir que a Esso e a Shell não aceitariam refinar petróleo russo. Era assim que a armadilha de Fidel funcionaria. Posteriormente, vimos os resultados a longo alcance da visita de Mikoyan: a União Soviética e o “grupo socialista” se tornaram nossos compradores de açúcar e fornecedores de petróleo. Na época, isto parecia uma resposta razoável ao bloqueio econômico americano.²⁸¹

Desse modo, essa defesa pelo “Grupo R” da aproximação entre os dois países não

²⁷⁹ GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 209-210.

²⁸⁰ BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 295-296.

²⁸¹ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 78-79.

ocorreu de maneira ampla e gratuita, sem comedimentos e crivos críticos. Ao defender a construção de uma Cuba Socialista com o apoio da União Soviética e dos países do Bloco Socialista, de modo concomitante, os editores de *Lunes*, por exemplo, também divulgavam ácidas críticas ao modelo soviético. Em especial, ao caráter intervencionista, centralizador e antidemocrático desse modelo.²⁸²

Desde a fundação do suplemento, os intelectuais do “Grupo R” eram críticos ao “socialismo” soviético. E, nos casos específicos de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante, como já abarcado no primeiro capítulo, a aversão ao modelo de “socialismo” defendido, praticado e “exportado” a outros países do bloco pela União Soviética já era alvo de críticas muito antes da eclosão da Revolução Cubana. Tanto que a desconfiança por eles nutrida quanto à associação de dois dos membros de *Nuestro Tiempo* aos quadros do PSP levou à dissolução da primeira formação da *Sociedad Cultural*.

Basta recordar que, em *Lunes*, esse posicionamento crítico em relação ao regime soviético tornou-se evidente ainda no editorial do terceiro número, datado de 6 de abril de 1959. Ou seja, quase um ano antes do início da aproximação efetiva entre Havana e Moscou. Sob o título *Una posición: haciendo lo que es necesario hacer*, o editorial proclama aos timbres de manifesto e ironia:

Não somos comunistas. Ninguém: nem a Revolução, nem *Revolución*, nem *Lunes de Revolución*. [...] Mas nós, os de *Lunes de Revolución*, hoje queremos dizer, simplesmente, que não somos comunistas. Para poder dizer também que não somos anticomunistas. Somos, isso sim, intelectuais, artistas, escritores de esquerda – tão de esquerda que às vezes vemos o comunismo passar pelo lado e situar-se à direita em muitas questões de arte e literatura.²⁸³

Há aqui, um posicionamento de fronteira. Apesar de pluralista e de esquerda, defensor do socialismo democrático, o “Grupo R” colocava-se ideologicamente equidistante ao “comunismo” (“socialismo”) soviético. Desse modo, trata-se de um posicionamento crítico aos preceitos e regimentos entoados pelo PCUS, que eram rigidamente seguidos pelos partidos comunistas a ele associados mundo afora. Inclusive, pelo PSP, de Cuba, que, apesar de colocado na clandestinidade durante o regime de Fulgêncio Batista, e da tardia adesão de seus membros à luta revolucionária (1958), chegaria ao triunfo da Revolução Cubana com seu quadro militante quase intacto e detentor de algum prestígio político. Claro que não entre a

²⁸² MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 78.

²⁸³ EDITORIAL: *Una posición: haciendo lo que es necesario hacer*. *Lunes de Revolución*. Habana: n.3, p. 3, 6 abr. 1959. apud MISKULIN, op. cit., p. 41.

população, que não os associava tal como fazia com os ex-militantes do M-26/7 à luta revolucionária, mas, para o próprio Fidel Castro, que buscava na aproximação com as lideranças do PSP reunir forças para a etapa de consolidação política da Revolução Cubana.²⁸⁴

Aliás, desde o triunfo revolucionário, a principal preocupação de Fidel fora a de congregar em uma única força e sob um único comando os segmentos que apoiaram a luta revolucionária em Cuba: o M-26/7, o DR e o PSP. Ele detinha a representatividade da revolução e o poder de mobilização das massas, mas encontrava dificuldades em articular e coordenar num único sentido a participação política efetiva desses grupos.²⁸⁵ Por isso, a fim de selar definitivamente tal pretensão, Fidel anunciou ainda em julho de 1961 uma fusão entre essas entidades, formando as *Organizaciones Revolucionarias Integradas* (ORI). Esta organização, que sobreviveu até o ano subsequente, era composta por 2 membros do DR, 10 membros do PSP e 13 do M-26/7.²⁸⁶ Ou seja, o PSP constituía a segunda força política dentro da ORI mesmo sendo a última dentre tais entidades a apoiar e aderir à luta revolucionária.

Na opinião de Florestan Fernandes: “Em termos táticos, a absorção do PSP respondia à necessidade urgente de aumentar os quadros administrativos, as alternativas políticas e as potencialidades de mobilização orgânica dos trabalhadores”²⁸⁷. Contudo, por detrás dessas razões confabulava um motivo mais forte: a aproximação diplomática entre Cuba e União Soviética. Tanto que é de estranhar que a dissolução da ORI e sua substituição pelo *Partido Unificado de la Revolución Socialista* (PURS) tenha sido anunciada ainda em 2 dezembro de 1962, justamente, pouco mais de um mês após o desfecho da Crise dos Mísseis.²⁸⁸ A decisão unilateral da União Soviética em negociar com os Estados Unidos a retirada dos mísseis russos instalados em Cuba, sem consulta prévia a Fidel Castro, o desagradou profundamente, e, pelo menos, temporariamente, repercutiu no esfriamento da aproximação entre Moscou e Havana. Nesse sentido, uma das justificativas de Fidel para a substituição da ORI foi alegar que a organização estava sendo alvo em vários níveis do constante sectarismo comunista. Ou seja, de que o PSP, representado na figura de um de seus principais dirigentes, Aníbal Escalante, intentava a qualquer custo monopolizar o controle da organização. E, a justificativa

²⁸⁴ MARQUES, Rickley Leandro. **A Condição Mariel**: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990). 276 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2009, p. 29.

²⁸⁵ FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao Socialismo**: a Revolução Cubana. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 267.

²⁸⁶ Ibid., p. 269.

²⁸⁷ Ibid.

²⁸⁸ Para mais informações sobre a Crise dos Mísseis, cf. AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. Coleção Revoluções do Século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 49-51; GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 224-238.

de que já nos discursos de março (13 e 24) Fidel Castro denunciava essa tentativa corroborava ainda mais a ideia de que a ORI foi substituída mais por indireta represália ao PCUS do que, propriamente, sob o pretexto de que o projeto fracassara.

À medida que a reaproximação entre os dois países ocorreu, em princípios de 1963, com o convite de Nikita Krushev para que Castro visitasse a URSS, e que a relação entre eles ia se fortalecendo e estreitando, não somente os comunistas cubanos reconquistaram a “confiança” de Fidel como também o PURS cada vez mais caminhava em direção a tornar-se *Partido Comunista de Cuba* (PCC). O que, definitivamente, ocorrera em 3 de outubro de 1965. Na análise de Moniz Bandeira:

O que Castro desejava, porém, não era apenas o apoio político [da URSS], mas a ampliação da ajuda econômica, tanto mais necessária quanto a escassez de artigos de consumo e gêneros alimentícios tendia a agravar-se no curso de 1962. E, conforme os círculos diplomáticos em Havana também avaliaram, ele [Fidel] confessara adesão ao marxismo-leninismo com o objetivo de obrigar a URSS a ampliar sua ajuda ao governo revolucionário, que não poderia dela exigir um compromisso à *outrance* enquanto o regime existente em Cuba não passasse de uma revolução em marcha. Sua declaração, recebida em Moscou sem o mínimo de entusiasmo, fora, entretanto, sugerida pelos velhos dirigentes comunistas, Blas Roca, Carlos Rafael Rodríguez, Aníbal Escalante e Lázaro Peña, cuja preponderância crescia cada vez mais dentro do governo cubano, em detrimento da influência dos revolucionários oriundos do M-26/7, depois que eles voltaram do XXI Congresso do PCUS [1959], em Moscou, a fim de que Fidel Castro compatibilizasse sua posição ideológica com a função de secretário-geral do PURS, a ser organizado a partir das ORI, e igualmente se ajustasse ao princípio da direção coletiva, abolindo o culto da personalidade. Esta versão, longe de contradizer as outras, complementava-as. Blas Roca, Aníbal Escalante e outros velhos comunistas do PSP, que assistiram ao XXI Congresso do PCUS, disseram-lhe que Kruchev e os demais dirigentes da URSS não poderiam considerar Cuba socialista, o que seria, para eles uma aberração doutrinária, e prestar-lhe maior ajuda econômica e militar, se o governo lá existente não se enquadrasse nos dogmas do marxismo-leninismo, em sua vertente stalinista, i.e., se nele um partido comunista, autoproclamado vanguarda da classe operária, não desempenhasse o papel dirigente, sob uma direção coletiva, dado que o culto da personalidade fora condenado no XX Congresso do PCUS (1956). [...] Alternativa, portanto, não restaria a Castro, se quisesse maior auxílio econômico e militar da URSS, proclamar-se também marxista-leninista, antes de tornar-se primeiro-secretário do PURS, para qual dera o primeiro passo com a criação das ORI.²⁸⁹

Desse modo, o renascimento político do PSP após o término da etapa da luta revolucionária, não do partido, mas da força de seus quadros militantes e intelectuais, tanto reascendeu a chama de uma antiga disputa, quanto sinalizou que, mesmo largando na frente e gozando de certo conforto como principal autoridade intelectual da Cuba pós-revolucionária, o “Grupo R” não estava sozinho na grande corrida ao pote de ouro da edificação e representatividade da nova cultura cubana. Em seu enalço, lá estava a inexpressiva, mas

²⁸⁹ BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 351-352.

incômoda, máquina cultural do partido a intentar frear sua aparentemente imbatível expansão territorial. Antes da ascensão de Batista ao poder, o PSP publicava o jornal *Noticias de Hoy* e, na clandestinidade imposta pela ditadura batistiana, publicou *Cartas Semanales*. Assim, com o triunfo da Revolução Cubana, o PSP recolocou *Hoy* na ativa e, a exemplo do “Grupo R”, mas isento do mesmo prestígio representativo, também lançou um suplemento cultural semanal, o *Hoy Domingo*, sob direção do poeta, pintor e jornalista mexicano Fayad Jamis.²⁹⁰

Não por acaso, esse retorno da *intelligentsia* comunista cubana à cena demarcaria um divisor de águas na trajetória do “Grupo R” dentro do novo regime. E, não por acaso também, explica-se dessa forma as razões por que, em seus livros de memórias, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante sempre sublinham o fato de que o “Grupo R” possuía uma “herança” anterior à *Nuestro Tiempo*, a “herança” identitária quase matriarcal e embrionária de *Nueva Generación*, como sugeriu Matias Montes Huidobro:

El primer número de *Nueva Generación* aparece en 1948, inspirado por Carlos Franqui, que sería después director del periódico *Revolución*, y sin duda por el ambiente único que ofrecía la habitación en la cual vivía Guillermo Cabrera Infante en la calle Zulueta, precedida por la matriarcal e inquietante figura de Zoila Infante, personalidad única, alrededor de la cual nos movíamos una serie de jóvenes apenas salidos de secundaria y que hacíamos de aquella habitación punto constante de reunión. Era ella, sin duda, la figura básica de aquella “matriz” generacional donde se gestaba uterinamente nuestro intelecto.²⁹¹

As palavras do dramaturgo Matias Montes Huidobro, um dos frequentadores da *Zulueta 408*, assim como as representações memorialísticas de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante não divergem. A evocação dessa matriz geracional, *Nueva Generación*, que antecede não em expressividade, mas em genealogia, a *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* agrega um valor simbólico insuperável: reivindicar uma origem onde as fronteiras identitárias de projetos ulteriores já estavam traçadas. E a verdadeira razão para essa evocação *in exilium* emerge, justamente, como o pano de fundo do quarto e último capítulo desta obra.

²⁹⁰ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 31-33.

²⁹¹ MONTES HUIDOBRO, Matias. *Nueva Generación*. In: **REVISTA CHASQUI**, [S.l.], v. IX, n. 1, 1979, p. 40.

4 O Pecado Original e o afinilamento da política cultural em Cuba

Resumiendo, la culpabilidad de muchos de nuestros intelectuales y artistas reside en su pecado original; no son auténticamente revolucionarios. Podemos intentar injertar el olmo para que dé peras, pero simultáneamente hay que sembrar perales. Las nuevas generaciones vendrán libres del pecado original.

Che Guevara

Y yo me dije: “Coño, al menos, morir matando, se terminó la vida, el pasado, de aquel que en mí vida no fue, pero quiso ser, un periódico diferente, de una revolución que pareció original, pero que ya no lo era”.

Carlos Franqui

4.1 1961, o ano do revés: o fechamento de *Lunes* e o afinilamento da política cultural

Mil novecentos e sessenta e um foi um ano decisivo para o campo intelectual em Cuba. À medida que transcorria a paulatina, mas crescente, aproximação política e econômica do país à União Soviética e ao Bloco Socialista, mudanças profundas foram operadas. A 4 de janeiro, por exemplo, foram inauguradas as atividades do *Consejo Nacional de Cultura* (CNC) que, dirigido por Vicentina Antuña e pela militante comunista Edith García Buchaca, determinou a necessidade de centralizar a coordenação de atividades culturais no país.²⁹² Entre os dias 18 e 22 de agosto ocorreu o Primeiro Congresso Nacional de Escritores e Artistas, cuja pretensão era estabelecer uma meta primordial para a produção de obras culturais em Cuba: “contato direto com o povo cubano, vínculo que permitiria a formação revolucionária dos intelectuais, visando à plena interpretação da realidade na obra de arte”²⁹³. E, finalmente, como resultado da criação do CNC, mas, principalmente, do encerramento e dos debates suscitados durante o Primeiro Congresso Nacional de Escritores e Artistas, a criação Uneac.

Presidida pelo “poeta nacional de Cuba”, Nicolás Guillén, a Uneac nasceu sob a prerrogativa de “estimular o vínculo das obras literárias e artísticas com as tarefas da Revolução Socialista Cubana, por meio do estudo da tradição cultural e das características da nacionalidade cubana [...]”²⁹⁴. Ou seja, em teoria, seu objetivo era cumprir o estipulado no

²⁹² MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 33.

²⁹³ DECLARACIÓN FINAL DEL PRIMER CONGRESO NACIONAL DE ESCRITORES Y ARTISTAS DE CUBA. *Lunes de Revolución*. Habana, n. 120, 28 ago. 1961, apud MISKULIN, op. cit., p. 35.

²⁹⁴ MISKULIN, op. cit., p. 35.

Primeiro Congresso Nacional de Escritores e Artistas. Mas, na prática, a entidade engendrou uma nova etapa para as produções intelectuais e culturais no país: a da institucionalização e reconhecimento oficial dos intelectuais e de suas produções por meio do controle e supervisão do Estado.²⁹⁵ O que acabou elevando cercas institucionais às autonomias de ação e criação intelectuais.

Não por acaso, num ano em que a política externa de Cuba buscava estreitar ainda mais os laços com a União Soviética, a criação da Uneac despontou como um primeiro e decisivo passo institucional rumo à definição (ou, encontro) de uma política cultural. Não espanta com isso que esse primeiro passo institucional ao afunilamento da política cultural em Cuba fosse possivelmente inspirado em semelhante ideia outrora ocorrida na União Soviética, a da fundação da União de Escritores Soviéticos, em 1932.²⁹⁶ E espanta menos ainda o fato de Guillén acabar à frente do órgão. Além de reconhecido como o maior poeta de Cuba e um dos mais expressivos intelectuais da geração de trinta, ele possuía profundas convicções comunistas, tendo ingressado nas fileiras militantes do PSP ainda em 1937, quando, àquela altura, o partido levava o nome de Partido Comunista Cubano.²⁹⁷

A presença de comunistas à frente de importantes órgãos educacionais e culturais de Cuba não se restringia aos comandos da Uneac por Guillén e do CNC por Edith García Buchaca. Outras proeminentes instituições governamentais de educação e cultura encontravam-se sob comando de membros ou simpatizantes do PSP. A editora estatal *Imprenta Nacional*, por exemplo, era dirigida por Alejo Carpentier, que “acompanhou muito da tendência presente na política cultural do governo cubano, especialmente, em suas considerações acerca dos ganhos da Revolução e da conformação de políticas culturais que se seguiram logo após os anos 1960”²⁹⁸. Já o *Consejo Superior de Universidades* era presidido por Juan Marinello, que também se tornou reitor da *Universidad de La Habana*. E, Alfredo Guevara, que, por sua vez, presidiu desde 1959 o Icaic, cargo que ocupou até 1982 e, posteriormente, reocupou de 1992 a 2000.²⁹⁹ O que na análise de Miskulin reiterava a conformação de um processo sem retorno:

²⁹⁵ MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. **Política y Polémica en América Latina**: las revistas Casas de las Américas y Mundo Nuevo. Colección Polémicas. México: Ediciones de Educación y Cultura, 2010, p. 70.

²⁹⁶ VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano**: Revolução e Política Cultural. São Paulo: Alameda, 2010, p. 55.

²⁹⁷ O poeta presidiu a Uneac até o ano de seu falecimento, 1989. CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 496.

²⁹⁸ FELLIPE, Eduardo Ferraz. Notas sobre uma tradução: pensamento estético e escrita da história na obra de Alejo Carpentier. In: **REVISTA ANOS 90**. v. 16, n. 29, jul. 2009, p. 240.

²⁹⁹ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 191-192; VILLAÇA, op. cit., p. 42-43, 417.

Conforme Cuba firmava, no plano internacional, acordos políticos e comerciais com a União Soviética e países do Leste Europeu, o governo cubano organizava internamente a centralização política e cultural das instituições de poder e dos organismos que passavam a dirigir a política cultural. Os dirigentes do PSP assumiram um espaço cada vez maior na direção do governo, ocupando postos que no início da Revolução estavam nas mãos de membros do Movimento 26 de Julho.³⁰⁰

Desse modo, ademais da aproximação entre Cuba e União Soviética, outro fator determinante que concorreu para a hegemonia dos comunistas ligados ao PSP na composição dos quadros diretivos das organizações culturais estatais foi a própria acomodação da política interna do regime. O PSP era “o único partido aliado ao novo governo que contava com uma estrutura sólida, e quadros intelectuais militantes experientes”³⁰¹. Por isso, enquanto que a *intelligentsia* nacionalista revolucionária cumpria um papel fundamental, mas não apresentava uma organização militante partidária tal como o PSP, à medida que Havana aproximava-se de Moscou, a *intelligentsia* comunista galgou cada dia mais posições decisivas, cujas projeções impactavam diretamente em toda a rede intelectual de Cuba.

Trocando em miúdos: enquanto os intelectuais nacionalistas revolucionários do “Grupo R” ocupavam-se em defender o regime, em serem “porta-vozes da revolução”, divulgando e referendando com algum crivo por meio de *Revolución e Lunes* as ações, conquistas e medidas do governo, as funções determinantes estavam sendo entregues aos seus históricos opositores comunistas. Havia, assim, uma clara distinção dentro do processo de depuração cultural entre qual grupo deveria ser o “pensante” e qual o *obrero*; entre os intelectuais “realizados” e os “realizadores”; entre os “bispos, torres e cavalos” e os “peões” do jogo. Daí a sentença de Cabrera Infante: “Enfim, éramos, como se diz, onipotentes. Sem saber, éramos escravos”³⁰².

O “Año de la Educación”³⁰³ em Cuba (1961) representou desse modo um divisor de águas para o campo da cultura e, por conseguinte, para boa parcela dos intelectuais cubanos. E a criação da Uneac se articulou como o marco dessa divisa. O início das atividades dessa

³⁰⁰ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 191.

³⁰¹ VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano**: Revolução e Política Cultural. São Paulo: Alameda, 2010, p. 42.

³⁰² CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 86.

³⁰³ Ainda em 1º de janeiro, o governo revolucionário designou 1961 como o ano da Educação em Cuba, colocando em marcha a Campanha Nacional de Alfabetização que recrutou e enviou para as mais distintas e remotas regiões um sem número de escolares adolescentes que atuariam como alfabetizadores. Segundo estimativas do próprio governo, a campanha reduziu para 4% o índice de analfabetismo em Cuba. FORNÉS-BONAVÍA DOLZ, Leopoldo. **Cuba, Cronología**: cinco siglos de Historia, Política y Cultura. Madrid: Editorial Verbum, 2003, p. 217.

instituição centralizadora, responsável pelo reconhecimento de escritores e artistas, por financiamentos e verbas, e, principalmente, pela chancela ou pelo não reconhecimento de projetos, se mostrou como a emersão da pequena ponta de um enorme iceberg:

Descobri que não tínhamos poder real quando, ao seguir para barlavento e furar o que parecia ser apenas uma onda sectária, vimos que era nada menos do que a ponta negra do iceberg totalitário. Parem as máquinas! *Lunes* deveria ter se chamado Titanic, pois logo nos vimos submersos nas águas profundas e frias do cálculo altruísta. Antes de afundarmos – delírio do afogado – vi claramente que tínhamos tentado fazer da Revolução algo legível e, portanto, vivível. Mas essas empresas provaram ser um impossível absoluto. Engels, Engels, por que você me persegue?³⁰⁴

Sob as águas, a fundação da Uneac era em grande medida uma resposta à ressuscitação e ao acirramento das disputas entre os intelectuais do “Grupo R” e a *intelligentsia* comunista. E o alvo preferido dos ataques comunistas não foi outro que não *Lunes*, o coração e a identidade R:

As tensões entre os diversos setores da intelectualidade cubana foram se tornando cada vez mais intensas no decorrer da Revolução. Diferentes concepções de arte e cultura revolucionária eram formuladas e buscavam sempre responder às mudanças ocorridas no período. O espaço aberto, na publicação [*Lunes*], para o surrealismo, a literatura do absurdo, a arte moderna e abstrata e os *beatniks* era visto como uma provocação pelos setores intelectuais ligados ao PSP, que acreditavam que estas manifestações culturais não estavam de acordo com as exigências formuladas pelo momento revolucionário. *Lunes* foi acusado de estrangeirizante por estes setores, já que destinava um grande espaço para a divulgação dos intelectuais de outros países. Para os editores do suplemento, sua proposta não era incompatível à perspectiva de se desenvolver a cultura cubana, que deveria responder às questões colocadas pela realidade nacional sem se fechar aos acontecimentos e à cultura de outras partes do mundo.³⁰⁵

Críticos do estrangeirismo e do pluralismo de *Lunes*, os comunistas, em especial, *los viejos comunistas* do partido, defendiam a adoção em Cuba de um cânone estético, porquanto, de uma política cultural cujos princípios também eram importados: o realismo socialista, fundamentado por Andrei Zhdanov para a União Soviética de Joseph Stálin.³⁰⁶ Em linhas gerais, o realismo socialista soviético, também conhecido como *zhdanovismo* (ou, *jdanovismo*), preconizava que artistas e intelectuais deveriam cumprir o nobre papel de “engenheiros de almas”, objetivando em suas obras e atividades retratar de modo objetivo e concreto a realidade material dos trabalhadores, bem como contribuir, por meio de narrativas

³⁰⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 85.

³⁰⁵ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 200, p. 159.

³⁰⁶ ROJAS, Rafael. **Tumbas sin Sosiego – Revolución, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 174.

e traços didáticos e épicos, para com a edificação de uma sociedade em conformidade com os preceitos político-ideológicos defendidos pelo PCUS.³⁰⁷

Embora a linha editorial de *Lunes* rejeitasse o realismo socialista, a fim de corroborar o princípio de abertura à pluralidade, o suplemento chegou a publicar dois artigos que defendiam abertamente a corrente estética soviética: um escrito pelo dramaturgo cubano Paco Alfonso e outro pelo russo Vladimir Dneprov.³⁰⁸ Mas, como não poderia deixar de ser, o contrário também ocorreu. Rine Leal, um dos colaboradores de *Lunes* publicou um artigo no suplemento em que criticava duramente o teatro dirigido introduzido pelo realismo socialista na União Soviética.³⁰⁹ Já uma resenha escrita por K. S. Karol sobre uma obra de Maiakovski – o poeta russo opositor do stalinismo – fora traduzida por Antón Arrufat.³¹⁰

Do outro lado da trincheira, ainda em 1960, inúmeras foram as críticas dirigidas por proeminentes comunistas à linha editorial adotada por *Lunes de Revolución*. Carlos Rafael Rodríguez, uma das lideranças do PSP, escreveu: “Mas muitas vezes deixa-se de lado, no inquietador semanário, o entendimento adequado das relações entre a obra criativa e o processo revolucionário, dos vínculos entre escritor e povo”. Já Fayad Jamis, diretor de *Hoy Domingo*, proclamou: “nos últimos meses *Lunes* tem caído numa evidente monotonia, publicando quase sempre textos de uns poucos – muito poucos – autores, dando às vezes a impressão de que o magazine é o órgão pessoal dos mesmos e não um dos principais veículos da intelectualidade cubana revolucionária.” Por sua vez, outra intelectual militante do partido, Mirta Aguirre, sentenciou: “Porque às vezes publicam coisas que me parecem muito boas e outras vezes, coisas que me dão vontade de matá-los”.³¹¹ E, por fim, Nicolás Guillén, que futuramente dirigiria a Uneac:

parece-me, de quando tenho visto e lido em *Lunes*, que nem sempre existe neles o desejado ajuste entre o que politicamente relaciona-se e não se relaciona à Revolução Cubana e o que, como expressão artística e literária da mesma, é o magazine. Passou-se mais de uma vez dos limites, creio eu – como se não vivêssemos em Cuba o tempo que vivemos –, na experiência “pura”, joga-se um pouco com valores que já estão envelhecidos em seu lugar de origem e ainda se transladam ao nosso meio, com ingenuidade provinciana, como se tivessem a virtude de uma descoberta.³¹²

³⁰⁷ NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. In: **TEMÁTICAS**. Revista dos pós-graduandos em Ciências Sociais, Unicamp/IFCH, Campinas, n. 37-38, 2011, p. 25-56.

³⁰⁸ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 156.

³⁰⁹ *Ibid.*, p. 149.

³¹⁰ *Ibid.*, p. 152.

³¹¹ Todos os excertos foram retirados do estudo realizado por Miskulin. *Ibid.*, p. 161-162.

³¹² GUILLÉN, Nicolás. *Lunes de Revolución*. *Hoy*. Havana, 27 mar. 1960. In: MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 164.

Boa parte dessas críticas a *Lunes* foram publicadas no próprio suplemento como parte da concepção de política editorial do mesmo. Em geral, a seção *Cartas de Lunes* comportava as opiniões críticas ou favoráveis dos leitores. Miskulin atribuiu que, entre as críticas, as mais duras foram assinadas por intelectuais ligados ao PSP, o que evidenciava que a fase de coexistência pacífica entre os dois grupos dentro do processo de consolidação do regime havia findado.³¹³ E, sobre o término desse armistício, bem como da preservação em *Lunes* da política editorial de valorização da livre refundação da cultura cubana, rebatendo assim as críticas que acusavam o suplemento de estrangeirizante, Carlos Franqui escreveu em *Lunes*:

Os sonhos começaram a realizar-se. Tivemos um periódico. Pensamos que a cultura também era notícia e nasceu *Lunes de Revolución*. Os escritores seguiam sendo bichos raros para muitos. Era o antigo reflexo condicionado. Alguns não ocultavam sua hostilidade para com o novo magazine. O povo não compreende essas coisas, diziam... Nada me indigna mais que esse desprezo pelo povo que têm certas pessoas que se creem o povo e que confundem a deformação de seus gostos e afeições com o instinto popular.³¹⁴

Defesa análoga também foi comportada por um dos livros do autor e escrito já no exílio, o que demonstra a preservação e continuidade de uma opinião lapidada sobre a natureza da querela:

O *Lunes* fora muito polêmico desde o início. Nossa tese era de que tínhamos de pôr abaixo as barreiras que separavam a cultura de elite da cultura de massa. Queríamos levar a melhor qualidade cultural a centenas de milhares de leitores. Estávamos motivados por um lema que aproveitamos direto de José Martí: “Cultura traz liberdade.” Assim, publicamos grandes edições com quadros e textos de Marx, Borges, Sartre, Neruda, Faulkner, Lezama Lima, Martí, Breton, Picasso, Miró, Virgínia Woolf, Trotski, Bernanos e Brecht. Também publicamos questões de protesto sobre colonialismo cultural em Porto Rico, América Latina e Ásia. Colocamos em debate todos os lugares-comuns da história e literatura cubanas. Até a tipografia do *Lunes* era um escândalo para as vestais de esquerda e de direita. Jogávamos com as letras da mesma forma que Apollinaire, os futuristas, os dadaístas e os surrealistas haviam feito. E incluíamos as tradições populares negras e cubanas também. Tentávamos traduzir a cultura cubana em símbolos visuais.

Mas agora estava acontecendo um castigo enérgico. Os comunistas da linha antiga, apoiados pelos irmãos Castro e liderados por Aníbal Escalante, estavam fazendo uma limpeza geral. O *Revolución* e seu suplemento, o *Lunes*, estavam indo contra o curso dos acontecimentos, em parte porque acreditávamos que, como parte integral da campanha de alfabetização, a instrução cultural era algo que deveria ser totalmente livre de controles.³¹⁵

³¹³ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 159.

³¹⁴ FRANQUI, Carlos. ¿Porque me gusta y no me gusta Lunes? *Lunes de Revolución*. Havana, n. 52, p. 4, 28 mar. 1960. In: MISKULIN, op. cit., p. 162.

³¹⁵ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 132.

O tom desses discursos encontrava-se realçado pela defesa sobre qual congregação intelectual possuía o melhor projeto de refundação da cultura cubana. De um lado, o projeto do “Grupo R”: pluralista, experimental, “livre de controles” e do sectarismo, nacionalista, mas aberto à contribuição de uma gama de correntes políticas e estéticas, tal qual era o espírito da revolução em seus dias de luta e nos primeiros tempos após o triunfo, como definiu Sartre. Do outro, o projeto levado a cabo pelos comunistas: o realismo socialista *a la cubana*. Ou seja, a aplicação de uma política cultural e dos valores estéticos do realismo socialista em conformidade com as necessidades culturais, políticas e sociais de Cuba. O que não significa que, tal como defendeu Franqui, os intelectuais do “Grupo R” fossem omissos em relação às necessidades culturais, informativas e formativas do povo cubano. Pelo contrário: “acreditávamos que, como parte integral da campanha de alfabetização, a instrução cultural era algo que deveria ser totalmente livre de controles”, ou ainda, “Nada me indigna mais que esse desprezo pelo povo que tem certas pessoas que se creem o povo e que confundem a deformação de seus gostos e afeições com o instinto popular”. Aliás, como enfatizado no capítulo anterior, não raras foram as coberturas e as defesas de *Lunes* e do *Revolución* à Revolução Cubana. E, do mesmo modo, não raras foram as manifestações de apoio a *Lunes* proferidas por intelectuais, colaboradores e leitores mediante a torrente de críticas emanada do PSP.³¹⁶

Os embates culturais entre os comunistas e os intelectuais do “Grupo R” eram não somente o reavivamento de antigas querelas, gestadas desde a detração de Franqui com o partido e da dissolução do primeiro núcleo formativo de *Nuestro Tiempo*, mas, também, eram o desdobramento dos embates travados por suas respectivas lideranças no plano do político pós-triunfo revolucionário. Neste caso, e, apesar das publicações do “Grupo R” apoiarem até certo momento a intensificação das relações comerciais e políticas entre Cuba e a União Soviética, Carlos Franqui deixou evidente que sua postura e a linha editorial de *Revolución*, de defesa incondicional, cambiaram quando percebeu que:

Estava acontecendo uma fusão do modelo russo e do novo militarismo ditatorial de Fidel Castro. Numa conversa casual com ele, em que expressei minha preocupação com o curso dos acontecimentos, ele fez uma afirmação que me arrepiou até a medula: “Somente os velhos comunistas e os soviéticos sabem alguma coisa de comunismo. Devemos ser pacientes e aprender com eles.” Repliquei que conhecia os comunistas cubanos melhor que ele, e que eles eram impopulares, que o povo não os considerava revolucionários e que haviam juntado forças com Batista. [...] Fidel

³¹⁶ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 159.

concordou com que eu disse, mas insistiu que Cuba precisava dos comunistas e que aprenderia com eles. [...] Fidel insistiu que numa situação revolucionária era frequente o povo não estar preparado e que uma minoria revolucionária tinha de assumir a responsabilidade e impor o socialismo ao povo.³¹⁷

Então, veio o contra ataque do “Grupo R” e do *Revolución*:

Alguns elementos, inclusive eu, assumiram outra postura. Lutamos passivamente, resistindo o melhor que podíamos. Permitimos que a oposição contrarrevolucionária, apoiada pela CIA [refere-se à invasão de *Playa Girón*], fosse liquidada, mas deixamos o povo informado de tudo que se passava: especialmente a crise econômica. Mas manter-se assim não era fácil, porque, na confusão do momento, o Partido estava eliminando toda e qualquer oposição. O *Revolución* era o único símbolo que restava de uma oposição revolucionária, e até mesmo as suas cores rubro-negras tinham começado a desbotar. Nossa estratégia era a de atacar todos, todos menos Fidel Castro. Portanto, tentamos dizer ao povo cubano que o socialismo soviético (Raúl Castro e os velhos comunistas) era contra seus interesses. Fomos bem-sucedidos até certo ponto, em parte porque nossos inimigos sempre tentavam se livrar de nós da mesma maneira – através de Fidel. Mas não se pode forçar Fidel. Ele age quando quer. Assim, nós sobrevivemos. Entrementes, o país estava num estado de agitação por causa dos Estados Unidos, que forneceriam inadvertidamente a desculpa ideal para uma destruição geral.³¹⁸

Em *Cuerpos Divinos*, Guillermo Cabrera Infante enfatiza que, antes mesmo dos ataques abertos à linha editorial de *Lunes* e da “entronização” dos comunistas dentro do regime, um episódio concorreu para que Carlos Franqui e ele desconfiassem de que o “Grupo R” era forte candidato a alvo do PSP. Segundo o autor, certo dia, Franqui o chamou de lado e começou a especular sobre a possibilidade de dois dos amigos de Cabrera Infante atuarem como supostos “agentes” do PSP infiltrados no “Grupo R”. Os nomes dos suspeitos: José Atila e Adriano de Cárdenas y Espinoza. Pelo relato, Adriano teria se aproveitado de um longo período de ausência de Guillermo à frente do suplemento e, com a ajuda de Atila, publicado um artigo com duras críticas à Revolução Boliviana de 52. O que feria gravemente a política editorial do *Revolución*, porquanto, também de *Lunes*, haja vista que ambas as publicações levavam como cores de defesa o direito e a solidariedade à autonomia dos povos. Desse modo, atacar defronte a Revolução Boliviana correspondia a um ataque indireto, porém incisivo, aos princípios da própria Revolução Cubana, o que, certamente, colocaria *Lunes* em maus lençóis. O relato começa com a suposta chamada de Franqui:

-Este, cómo se llama, Adriano – él sabía que Adriano de Cárdenas y Espinoza o Spinoza era íntimo amigo mío, pero Franqui lo odiaba tanto que no quería pronunciar su nombre: lo odiaba desde hacía tiempo sin que yo comprendiera muy

³¹⁷ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 110-111.

³¹⁸ *Ibid.*, p. 111-112.

bien el porqué: tal vez alguna indiscreción de Adriano, una de sus bromas terribles, algo que tenía que ver con Franqui, me parece: en fin, que nunca Franqui tragó a Adriano y yo no esperaba que lo tragase en el futuro y me refí, pero él me dijo -: La cosa es seria. Este individuo intentó infiltrar el periódico por el magazine y publicó, sin que yo lo viera, un artículo de crítica a la revolución boliviana, que no me quedó más remedio que desmentir desde el periódico. Ya tú lo verás cuando veas el magazine, si no lo has visto ya.³¹⁹

E, continua com as respectivas considerações de Franqui e Guillermo:

–Bueno – me dijo Franqui –, no está sólo ese magazine sino que hay además un grupo de posibles colaboradores que lo infiltrarían desde fuera. Los descubrimos a tiempo, pero creo que tendrás que hacer un reajuste del magazine. Por supuesto, ese tipo Adriano no me pone un pie más aquí en el periódico, aunque yo no lo he visto por aquí nunca, eso es cierto.³²⁰

–Por supuesto – le dije yo y era la verdad: una cosa era que no estuviera de acuerdo con el tono anticomunista del discurso de Fidel Castro y otra cosa era que permitiera una infiltración no ya del periódico sino del magazine por la gente del partido: tenía que averiguar hasta el fondo lo que estaba pasando y una manera era enfrentar a Adriano directamente.³²¹

Não se sabe ao certo a consistência dessa suspeita. Ou melhor, se Adriano e Atila eram verdadeiros “agentes” infiltrados do Partido a fim de minar a reputação revolucionária de *Lunes* e do *Revolución*. Contudo, apesar da narrativa não confirmar com todas as letras a existência desse elo entre os suspeitos e o PSP, bem como não apresentar provas consistentes de que essa organização havia planejado e os incitado a cumprir aquele “atentado intelectual”, a representação construída e defendida por Guillermo Cabrera Infante é a de que, pelo menos, Adriano nutria enormes expectativas e simpatia pelas ideias e estratégias políticas emanadas do Partido, tal como comprovam as passagens que seguem:

Me callé más de un momento y Adriano se pellizcó el labio inferior con el índice y el pulgar de la mano izquierda y después dijo:
–¡Ah, caray! – y también se calló. Después dijo -: Razón de más para estar más cerca del Partido – para él siempre sonaba a Partido con mayúscula-, ¿no crees?³²²

A resposta de Cabrera Infante: “-No, no creo, porque el partido está fosilizado y no hay quien lo cambie. Lo que creo es que hay que fortalecer el 26 de Julio como sea y al mismo tiempo impedir que Fidel Castro se haga amo absoluto de Cuba”³²³. Logo, a suposta réplica: “-Tarea nada fácil – dijo Adriano –, considerando que en el 26 de Julio hay gentes

³¹⁹ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 545.

³²⁰ Ibid., p. 546.

³²¹ Ibid., p. 546-547.

³²² Ibid., p. 551.

³²³ Ibid.

como Franqui y otros tantos que idolatran a Fidel Castro”³²⁴. E, sentenciou o então diretor de *Lunes*:

-Ah, ¿tú ves? – le dije –. Ahí sí creo que tienes razón. Pero también creo que Franqui puede cambiar y hay otra gente en el 26 de Julio que puede cambiar y aunque su ala derecha es enemiga nu... mía – casi iba a decir nuestra –, creo que hay gente ahí con verdadera vocación democrática: es a éstos a los que hay que ganar.³²⁵

Evidente que, tal como todos os fragmentos de memórias realçados nesta pesquisa e em outras tantas que utilizam os discursos memorialísticos como fontes, a narrativa de Guillermo sobre sua discussão com Adriano também está permeada de possíveis reconstruções. Algumas, mais evidentes, como: “impedir que Fidel Castro se haga amo absoluto de Cuba”. Outras nem tanto. Mas o que interessa dessas narrativas para o trabalho historiográfico, quando apresentadas de maneira desconexa, isoladas, sem o endosso de lembranças conexas proferidas por outrem, é menos o recurso de linguagem empregado e a veracidade dos conteúdos explicitados, e mais o que do passado ficou no rememorador, e como nesta lembrança o rememorador direciona e maneja a relação presente/passado.

No caso, infiltrado ou não por possíveis “agentes” do PSP, nas passagens, Guillermo compreende o Partido como um agente pernicioso, capaz de lançar mão das estratégias e táticas mais sórdidas a fim de conquistar o poder, solapando do meio do caminho os pedregulhos que por motivo ou outro incomodavam ou obstruíam a passagem. De fato, os históricos da atuação cultural e política do partido o colocava numa posição de desprestígio frente ao povo cubano e a Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante. No entanto, não se pode esquecer que na “pintura memorialística” realizada por Cabrera Infante reside uma tentativa (ou estratagema momentâneo) de se diferir e, por alguns momentos, deslocar as regras do jogo político então vigente do seu contexto histórico. Ou seja, distanciar-se da própria dinâmica política da Cuba pós-revolucionária, que vivenciava uma verdadeira corrida pelo poder (político ou intelectual), da qual, indiscutivelmente, participava o “Grupo R”, e, por conseguinte, o próprio Guillermo Cabrera Infante. Daí o encaixe da reconstrução “impedir que Fidel Castro se haga amo absoluto de Cuba”, mesmo que, àquela altura, a ideia não fosse tão clara assim para o narrador.

Nada mais sensato também que em suas lembranças o rememorador agisse de tal maneira. Estranho e duvidoso seria se atuasse em sentido oposto, relatando que os comunistas não almejavam concentrar poderes, tampouco que não visualizassem na força do “Grupo R”

³²⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 551.

³²⁵ Ibid.

uma ameaça ao projeto do PSP. Aliás, um dos recursos mais utilizados pelos intelectuais ligados ao Partido para endossar os ataques a *Lunes* era o de acusar no plano político os intelectuais do “Grupo R” de “ala burguesa” (ou, *ala derecha*) do M-26/7. Isso porque boa parte dos intelectuais e funcionários do “Grupo R” era proveniente ou outrora simpática à ala *Llana* (urbana) do M-26/7, cuja militância, “sobretudo em Santiago de Cuba e Havana, mantinha a característica de ser composta em sua ampla maioria por anticomunistas e antissoviéticos”³²⁶. Dessa maneira, os comunistas do PSP não economizam esforços no intento de borrar a imagem revolucionária do “Grupo R” frente à opinião pública associando-a a um caráter reformista, ou até reacionário, subentendendo assim que tais intelectuais e seus respectivos órgãos culturais não representavam o ímpeto esquerdizante da revolução. Tal fato fica evidente nas leituras das críticas comunistas publicadas em *Lunes*, já citadas.

Um dado curioso é que, na discussão com Adriano, o próprio Guillermo Cabrera Infante acaba por fazer tal associação quando escreve: “Pero también creo que Franqui puede cambiar y hay otra gente en el 26 de Julio que puede cambiar y aunque su ala derecha es enemiga nu... mía [...]”. A princípio, o leitor mais desatento poderá assimilar que, tal como os comunistas do Partido, Cabrera Infante também acaba associando Franqui e os demais intelectuais do “Grupo R” a “la derecha” do M-26/7. Contudo, um olhar mais atento a uma passagem precedente, logo, insere em seu devido lugar e contexto a frase do autor. Quando Franqui chama Guillermo para falar da desconfiança que alimenta sobre Adriano, o editor de *Lunes* reitera: “Yo pense que se referia a los viejos ataques que le hacía [a *Lunes*] el ala derecha del Movimiento 26 de Julio [...], pero se trataba de todo lo contrario”³²⁷. Ala esta que Guillermo não especifica, mas que, certamente, referia-se à parcela moderada do M-26/7, os verdadeiros reformistas.

Mas, na rivalidade entre os comunistas do PSP e os intelectuais do “Grupo R” nem tudo levava uma aura pesada, séria, permeada de intrigas, acusações e críticas. Pelo menos para os últimos, também havia espaço para as estratégias de escárnio, de provocação, que, apesar de motivadas e balizadas por uma questão de luta pela “vida ou morte dentro do regime”, expressavam uma fúria quase pueril. Desses episódios, os mais cômicos foram lembrados por Carlos Franqui, como o do baile à fantasia organizado pelo “Grupo R”, em que “Ithiel León, subdiretor do *Revolución*, botou a casa abaixo quando apareceu numa festa

³²⁶ MARQUES, Rickley Leandro. **A Condição Mariel**: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990). 276 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2009, p. 29.

³²⁷ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010, p. 545.

fantasiado de Groucho Marx e carregando *Das Kapital* debaixo do braço”³²⁸. Sarcástica referência aos comunistas do Partido, num momento em que estes começavam a ganhar projeção dentro do regime.

Há ainda de se ressaltar a organização e a realização pelo “Grupo R” do Primeiro Festival *Papel y Tinta*, em virtude do aniversário do *Revolución*.³²⁹ A ideia de celebrar os aniversários do jornal com um festival de música popular surgiu com o advento do embargo estadunidense, uma vez que tornou-se impossível a importação de discos de intérpretes cubanos.³³⁰ Segundo Franqui, a outra finalidade do festival, além de premiar os melhores intérpretes com palmas de prata – o grande nome do evento fora Benny Moré –, era a de valorizar os ritmos afro-cubanos, rompendo com as barreiras socioculturais que em Cuba ainda marginalizam a rumba, o carnaval e a conga.³³¹ A princípio, o *Papel y Tinta* almejava ocupar as dependências do Capitol, mas o pedido foi negado. Então, o evento foi transferido para o *Centro Gallego*, no Parque Central de Havana, próximo ao *Hoy*, onde ocorria o congresso de jornalistas socialistas promovido pelo PSP. Daí em diante, o desfecho da história fica por conta das palavras de Franqui:

E quando os irmãos Castro e os comunistas linha-dura ouviram a Internacional [Comunista] tocada em ritmo de conga, subiram pelas paredes. [...] Houve quem pensasse tratar-se de um golpe contrarrevolucionário, mas Carlos Rafael Rodríguez tranquilizou-os, dizendo: “É uma das festas do *Revolución*.” Isso encerrou o congresso, pois todos os participantes vieram dançar.³³²

Não se sabe se a escolha do *Centro Gallego* foi proposital ou acidental. Mas, certamente, não agradou nem um pouco aos comunistas do Partido, haja vista o tom irônico da descrição de Franqui. Contudo, o que se sabe é que a intensificação dos embates entre os comunistas e os intelectuais do “Grupo R” atingiria o ápice pouco tempo depois da realização do Primeiro Festival *Papel y Tinta*, tingindo de preto os papéis de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante dentro do regime castrista. Em 12 de maio de 1961 o Icaic, sob a presidência do comunista Alfredo Guevara, proíbe a exibição do curta-metragem *P.M. (Post-meridian)*, produzido por Sabá Cabrera Infante, editor e irmão de Guillermo, e Orlando Jiménez-Leal,

³²⁸ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 113.

³²⁹ Não fora possível determinar com exatidão a data em que o festival ocorreu. Todavia, provavelmente, entre o final de 1960 ou início de 1961. Não ultrapassando fevereiro do último ano citado.

³³⁰ FRANQUI, op. cit., p. 112.

³³¹ Ibid.

³³² Ibid.

cinematográfico.³³³ Esse foi um duro golpe para os “provocadores”, “escandalosos” e “pequeno-burgueses” do *Lunes*, adjetivos estes usados por gente como Alfredo Guevara, Santiago Álvarez e Edith García Buchaca para se referirem aos intelectuais do suplemento.³³⁴

Ao abordar o caso *P.M.*, tal como ficou conhecida a censura ao curta-metragem, Guillermo recorda que, nesta época, o irmão trabalhava no Canal 2, e que ali conhecera Orlando Jiménez, “um menino prodígio do cinema” que tinha apenas dezenove anos.³³⁵ Para Guillermo, *P.M.* era uma produção sofisticada, porém realizada com os meios mais primitivos e com apenas quinhentos dólares, cujo feito maior foi transmutar-se de documentário em documento – ou seja, numa *película culpable*: “*P.M.* foi a primeira obra de arte em Cuba que sofreu acusações de caráter político, foi levada a julgamento histórico e foi por fim condenada como contrarrevolucionária”,³³⁶

“No filme aparecem cubanos dançando, bebendo e, num certo momento da peregrinação pelos bares e inferninhos, uma briga”,³³⁷ relata Guillermo Cabrera Infante. Ainda endossa: “A noite começa cedo, na esquina do paseo del Prado com a Neptuno, e termina de madrugada, do outro lado da baía, com o barquinho regressando ao subúrbio de Regla”³³⁸. Aparentemente, cenas comuns do cotidiano boêmio *habanero*, mesmo sob o signo da Revolução Cubana. Nada de novo no *front* que justificasse a censura do curta-metragem, certo? Errado. Tal como detalhou Villaça, sob a prerrogativa que coroou a censura de *P.M.* pelo Icaic infiltravam-se motivações mais obscuras:

O curta-metragem de 23 minutos, em preto e branco, intitulado *P.M. (pasado meridiano* em castelhano) havia sido produzido com recursos próprios pela dupla Sabá Cabrera Infante (editor) e Orlando Jiménez-Leal (cinematógrafo), fora dos mecanismos institucionais do Icaic. Documentava, com câmera escondida – recurso inspirado no *free cinema* inglês, bastante apreciado em Cuba nesses anos – a boemia de Havana, focando os bares próximos à região portuária (especificamente o antigo Club Biltmore, atual Círculo Social Obrero Cubanacán) com toda sua clientela habitual: prostitutas, vagabundos, trabalhadores de origem simples (negros, a maioria), bebendo, dançando, gargalhando, namorando etc. Esse argumento fílmico foi condenado tanto pela direção do Icaic como por outros militantes do PSP que ocupavam cargos culturais e que avaliaram ser esse um retrato pejorativo do povo

³³³ FORNÉS-BONAVÍA DOLZ, Leopoldo. **Cuba, Cronología**: cinco siglos de Historia, Política y Cultura. Madrid: Editorial Verbum, 2003, p. 219; VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano**: Revolução e Política Cultural. São Paulo: Alameda, 2010, p. 51.

³³⁴ Adjetivos ressaltados em SERRANO, Pío E. La Habana era una fiesta. In: MACHOVER, Jacobo (Org.). **La Habana 1952-1961**: el final de un mundo, el principio de una ilusión. Madrid: Alianza Editorial, 1995, p. 263 apud MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 159.

³³⁵ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 69-70.

³³⁶ *Ibid.*, p. 68.

³³⁷ *Ibid.*, p. 67.

³³⁸ *Ibid.*

cubano, que nada convinha à imagem que se estava pretendendo construir do novo país e da nova sociedade. Segundo seus detratores, *P.M.* mostrava uma Havana de “cabarés e vícios”; prejudicava a formação do cidadão revolucionário e por isso não merecia ser exibido publicamente. Paradoxalmente, dentro do Icaic também eram produzidos curtas que não poderiam ser chamados, de modo algum, de “filmes exemplares na educação do ‘homem novo’”: *El Negro*, de Eduardo Manet, tangenciava a questão da discriminação racial, enquanto *Carnaval* de Fausto Canel e Joe Massou também mostrava uma Havana um tanto “orgiástica”.³³⁹

Então, se a tônica de condenação era a mensagem “orgiástica” do curta-metragem, capaz de desvirtuar os espectadores do caminho revolucionário, por que filmes análogos produzidos sob chancela do Icaic não foram igualmente censurados? *Voilà!* “Disto se pode concluir que a represália a *P.M.* não era apenas por causa do ‘conteúdo (...)’”³⁴⁰, auferiu Villaça. Além de aspectos técnicos não condizentes com a cartilha do Icaic, e que foram elencados na pesquisa realizada pela historiadora, concorria outros dois fatores: a) “a livre iniciativa de se filmar fora dos limites de controle da instituição designada para esse fim, e exibir o produto num programa de TV do qual participavam muitos intelectuais ‘liberais’”³⁴¹ – refere-se ao programa *Lunes en TV*, do Canal 2; e, b) “Sabá era irmão de Guillermo Cabrera Infante, que colaborou na produção do curta, patrocinando-o e conseguindo que o mesmo fosse editado nos estúdios de televisão”³⁴². O que, de certo modo, expressava o envolvimento de *Lunes*, inclusive, via financiamento, no projeto cinematográfico de Sabá e Jiménez-Leal.³⁴³ Isso num momento em que o suplemento era alvo de ácidas críticas da parte dos comunistas do PSP e em que a revolução estreitava ainda mais seus laços com a União Soviética, o que explica a decisão de Sabá e Jiménez-Leal de produzir o curta-metragem sem prévio aviso e “fora dos mecanismos institucionais do Icaic”:

Eles mantinham uma longa polêmica com *Lunes*, na qual nos acusavam de decadentes, burgueses, vanguardistas e, o pior epíteto do catálogo de nomezinhos comunistas, cosmopolitas. Por outro lado, nós os víamos como uns burocratas desprezíveis: um bando de ignorantes com ideias artísticas reacionárias e absoluta falta de gosto. Alfredo Guevara (sem parentesco com o Che Guevara), diretor do Instituto de Cinema, era o mais odioso funcionário comunista com o “vamos ver isso”, quase o Chumiavski de Stalin sem falar russo. Levar *P.M.* ao Instituto de Cinema para que ele o aprovasse foi uma audácia inocente, como Chapeuzinho Vermelho ao inspecionar os dentes do lobo. Mas não havia saída.³⁴⁴

³³⁹ VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 51-52.

³⁴⁰ *Ibid.*, p. 52.

³⁴¹ *Ibid.*

³⁴² MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 166; VILLAÇA, op. cit., p. 52.

³⁴³ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 34.

³⁴⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 87.

A resposta do instituto não poderia ser mais dura: “A Comissão Revisora não só recusou-se a aprovar o filme como também proibiu-o, sob a acusação de ser contrarrevolucionário, licencioso e lascivo”³⁴⁵. Anos mais tarde, no livro de Michael Chanan sobre cinema cubano publicado em 1985, Alfredo Guevara declararia:

P.M., em apenas quinze minutos, mostrava um mundo habitado sobretudo pelo lumpemproletariado negro e mulato. Obviamente não era feito com nenhum sentimento de discriminação racial, mas a apresentação destas imagens neste momento era, entretanto, questionável. [...] Eu reagi ao filme como um revolucionário ofendido. Hoje eu o veria de uma forma melhor.³⁴⁶

A apreensão e censura a *P.M.* colocou ainda mais pólvora nas disputas entre os dois grupos. Os intelectuais do “Grupo R” postaram-se indignados e partiram em defesa do curta-metragem, enquanto que, do outro lado da trincheira, os comunistas não pouparam esforços ao deflagrarem críticas. Uma sucessão de debates ocorreu. Primeiro, em *Casa de las Américas*. Ocasão em que a então crítica cinematográfica do *Hoy*, a comunista Mirta Aguirre, chegou a chamar o filme de contrarrevolucionário e a comparar o intento de sua produção aos “acontecimentos reacionários da Hungria” que, em 1956, levaram à invasão deste país pela União Soviética.³⁴⁷ Em resposta, *Lunes* propôs um abaixo-assinado reunindo cerca de duzentas chancelas de artistas e intelectuais cubanos contra o veto e a apreensão do filme, além de acusar o Icaic de ser uma agência promotora da arte realista socialista em Cuba.³⁴⁸

O veto a *P.M.* pelo Icaic maximizou o agrave da disputa entre os dois principais núcleos da *intelligentsia* orgânica do país e escandalizou parte da intelectualidade cubana, que visualizou na censura ao curta-metragem uma afronta aos princípios democráticos outrora defendidos pela Revolução Cubana. Frente ao mal estar e aos burburinhos gerados, o governo convocou, a pedido de Alfredo Guevara, uma segunda jornada de discussões, alocadas desta vez na Biblioteca Nacional José Martí nos dias 16, 23 e 30 de junho de 1961. Ou seja, mais de um mês após a censura e a apreensão do curta-metragem.

O propósito desses encontros na Biblioteca Nacional, ademais de rediscutir o caso

³⁴⁵ BARRETO, Teresa Cristófani. **A Libélula, a Pitonisa**: Revolução, Homossexualismo e Literatura em Virgilio Piñera. São Paulo: Iluminuras, 1996, p. 149.

³⁴⁶ CHANAN, Michael. **Cuban image**: cinema and cultural politics in Cuba. Londres: British Film Institute, 1985, p. 101 apud MISKULIN, **Cultura...**, op. cit., p. 168.

³⁴⁷ SERRANO, Pío E. La Habana era una fiesta. In: MACHOVER, Jacobo (Org.). **La Habana 1952-1961**: el final de un mundo, el principio de una ilusión. Madrid: Alianza Editorial, 1995, p. 266 apud MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 200, p. 168.

³⁴⁸ Ibid.

P.M., era o de deliberar um conjunto de prerrogativas e princípios que deveriam balizar os trabalhos de artistas e intelectuais, e que, uma vez conjuntamente definidos, deveriam ser por todos respeitados.³⁴⁹ Além da ilustre presença de Fidel Castro e das participações de Guillermo Cabrera Infante e de Carlos Franqui, as reuniões abertas a todos os intelectuais cubanos contaram com a presença de notórios dirigentes políticos, como o Presidente Osvaldo Dorticós e o Ministro da Educação, Armando Hart, bem como de Alfredo Guevara, José Lezama Lima, Carlos Rafael Rodríguez, Haydée Santamaría, Edith García Buchaca, Pablo Armando Fernández, Lisandro Otero, Roberto Fernández Retamar, Vicentina Antuña, Virgilio Piñera e Carlos Rafael Rodríguez, entre outros.³⁵⁰ A lista contendo proeminentes nomes nos concede uma ideia antecipada do que, verdadeiramente, estava em jogo naqueles encontros: o futuro da cultura cubana e o derradeiro triunfo (ou, sobrevivência) de um grupo sobre outro. Mas, então, esse detalhe era parcialmente visualizado pelos intelectuais do “Grupo R”, como nos conta Guillermo Cabrera Infante:

Ao nos ver chegar, e sabendo que constituiríamos um problema, o Comitê Cultural do Partido entrou em pânico. (Os comunistas sempre têm medo histórico). Pediram-nos, por favor, que não fizéssemos um manifesto público com a declaração contra o Instituto de Cinema. Em troca, propunham-nos atrasar a abertura do Congresso e lavar a roupa suja em casa. Para isso, combinariam uma reunião de todas as partes interessadas com Fidel Castro e quase todo o governo. Muito bem, uma discussão amistosa, uma trégua. Pois foi uma emboscada rasteira! O Comitê Cultural convidou todos os intelectuais envolvidos e muitos outros. Tutti quanti, como diria Virgílio.³⁵¹

A dinâmica e a tônica do encontro do dia 16 foram descritas tanto por Guillermo Cabrera Infante quanto por Carlos Franqui. Guillermo Cabrera Infante, irônico, ressaltou:

As sessões tiveram lugar às sextas-feiras durante três semanas consecutivas e foram celebradas no espaço do teatro da Biblioteca Nacional [...]. O dia da primeira reunião foi como um presságio do Dia do Juízo Final. [...] O presidente Dorticós, que acreditava de fato ser presidente, pobre fantoche, declarou abertas as sessões, que deveriam resultar num julgamento. Dorticós, com voz de comodoro de clube náutico (o que, efetivamente, tinha sido em Cienfuegos: 1953-6), anunciou que haveria liberdade para que todos expressassem sua opinião. Todo mundo poderia dar seu parecer – sempre que fosse favorável. “Companheiros, levantem a voz!” Ninguém o fez. “Então levantem o traseiro!” Todos nós estávamos de pés e mãos amarrados diante de tal demonstração de poder político. [...]³⁵²

³⁴⁹ VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 53-54.

³⁵⁰ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 34.

³⁵¹ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 88.

³⁵² *Ibid.*, p. 88-89.

Agora, o olhar de Carlos Franqui:

O primeiro encontro com Fidel aconteceu num domingo, na Biblioteca Nacional. Houve uma afluência enorme. Fidel e sua equipe geral estavam sentados em um lado, e quase todos os mais famosos escritores e artistas no outro. Fidel, com seu habitual estilo dramático, abriu o encontro dizendo: “Quem estiver mais apavorado deve falar primeiro.” Ninguém se atreveu a começar. Então Virgilio Piñera [do “Grupo R”], magro, malvestido, com sua vozinha irônica, deu um passo à frente [...] e respondeu a Fidel: “Dr. Castro, o senhor já se perguntou por que qualquer escritor deveria temer a revolução? E, já que parece que sou o mais apavorado, permita-me perguntar: por que a revolução tem tanto medo dos escritores?”³⁵³

E, por fim, a continuação do relato de Guillermo:

[...] De repente, da massa envergonhada surgiu um homem tímido, com cabelos cor de palha, de maneiras tímidas, meio suspeito por seu jeito de bicha militante, apesar dos valorosos esforços para parecer varonil, ou alinhado, e disse com a voz baixinha, apagada, que queria falar. Era Virgilio Piñera. Confessou que estava terrivelmente assustado, que não sabia por que ou de que tinha medo, mas que estava deveras alarmado, quase à beira do pânico. Depois acrescentou: “Acho que é por causa disso tudo”, e deu a impressão de que incluía a Revolução como uma das causas de seu medo. (Embora talvez se referisse apenas ao auditório, lotado de assim chamados intelectuais.) Mas podia estar se referindo à vida do escritor num país comunista – ou seja, a esses medos com nomes como Stalin ou Castro. Nunca saberemos. Assim que disse essas palavras, Virgilio voltou ao seu assento, manso, mantuano.³⁵⁴

Embora, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante estivessem presentes no teatro da Biblioteca Nacional àquele dia, suas respectivas descrições carregam latentes diferenças quanto aos detalhes lembrados e, principalmente, como tais detalhes foram retrabalhados a fim de construir narrativas que “vendem” ideias distintas sobre o mesmo evento, apesar de conservarem um mesmo pano de fundo: a ideia de que os intelectuais do “Grupo R” estavam ali para serem julgados. O mais curioso é que os dois fragmentos pertencem a textos publicados no ano de 1981: o de Cabrera Infante, intitulado “Mordidas do Caimão Barbudo”, ensaio publicado primeiramente em *The London Review of Books* (04/07/81), e, em agosto de 1984, no espanhol *Quimera*; e o de Carlos Franqui, no livro *Retrato de Família con Fidel*, pela *Thomas Cochie Associates* de Nova Iorque. Inclusive, o prefácio deste livro de Franqui foi escrito por Guillermo Cabrera Infante, que, certamente, num momento ou outro leu o referido fragmento. O que concedia a este autor o tempo necessário de 1981 a 1984 para conformação de sua descrição com a de Carlos Franqui, caso assim almejasse. Desse modo, além do equívoco de Franqui quanto às datas dos encontros, o que é compreensível tratando-

³⁵³ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 133.

³⁵⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 89.

se de memórias, enquanto num relato coloca-se a presença de Fidel como condutor dos debates, no outro permanece certa ausência do líder da Revolução Cubana. Assim, enquanto um enaltece a suposta ironia e a tímida bravura de Virgilio Piñera, o outro aparentemente a diminui, resumindo-a a uma possível e simples referência “à vida do escritor num país comunista”. Há indícios que, no tempo em que trabalhavam juntos em *Lunes de Revolución*, Guillermo Cabrera Infante e Piñera nutriram algumas chispas.³⁵⁵ O que, certamente, contribui para a futura edificação por parte de Cabrera Infante de uma imagem caricata do poeta.

Todavia, num texto anterior ao supracitado, datado de abril de 1980, intitulado “Tema do Herói e da Heroína” e inserido no capítulo “Vidas para Lê-Las” (trocadilho de *Vidas Paralelas*, obra atribuída a Plutarco e que compila as biografias dos ilustres de Roma), Guillermo Cabrera Infante atribui um tom menos caricato à ação do poeta naquele primeiro dia das reuniões da Biblioteca Nacional. Neste texto, dedicado às vidas paralelas de Virgilio Piñera e José Lezama Lima, o autor declara:

A importância das reuniões parecia ser decisiva. Como diretor do suplemento e do programa de televisão, eu me encontrava nessa mesa presidencial, que considerei ofensiva desde o primeiro dia. Depois da abertura oficial do ato, o presidente Dorticós pediu, estentóreo, que cada um dissesse francamente o que tivesse a dizer, não só a respeito do filme (que antes foi exibido para todos os participantes), de sua apreensão (que ele não chamava de proibição, mas de interdição, como se não fosse a mesma coisa, mas este advogado ignorante, antigo comodoro do Yacht Club de Cienfuegos, no curso de seu discurso disse isso várias vezes, deplorável!) e da situação do intelectual na Revolução. Depois dessa última palavra fez-se o vazio e o silêncio, que cresceram, embaraçosos. Dorticós já ia dizer: “Falem ou calem-se para sempre”, quando de repente a pessoa mais improvável, toda tímida e encolhida, levantou-se de seu assento parecendo que ia dar no pé, mas foi até o microfone das intervenções e declarou: “Eu quero dizer que tenho muito medo. Não sei por que sinto esse medo, mas isso é tudo o que tenho a dizer”. Era, claro, Virgilio Piñera, que expressara o que muitos na sala sentiam e não tinham coragem de dizer em público, diante daquele painel imponente, diante da presença temível e armada de Fidel Castro.³⁵⁶

Portanto, o que vale é a tônica comum nas descrições operadas pelos autores. E ela celebra o entendimento de que, naquele teatro, àquele dia: “Surpreendentemente, o mais tímido e sabiamente covarde, conforme depoimentos, homossexual ostensivo, pede a palavra [...]”³⁵⁷. E a pede primeiro não somente entre os quinhentos intelectuais ali presentes, mas entre todos os membros do “Grupo R”. Papel que, talvez, caberia a Carlos Franqui ou Guillermo Cabrera Infante como representantes máximos do grupo que, segundo o

³⁵⁵ BARRETO, Teresa Cristófani. *A Libélula, a Pitonisa*: Revolução, Homossexualismo e Literatura em Virgilio Piñera. São Paulo: Iluminuras, 1996, p. 131.

³⁵⁶ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 330.

³⁵⁷ BARRETO, op. cit., p. 149.

entendimento dos próprios autores, estava ali “para ser julgado”:

De repente ficou claro para todos (acusados, acusação, júri, juiz e testemunhas) que se estava diante de um julgamento público realizado em privado: não era só *P.M.*, mas *Lunes* (e tudo o que ele representava para a cultura cubana) que também estava no banco dos réus. Kafka em Cuba, Praga em Havana.³⁵⁸

O segundo encontro, apesar de não narrado detalhadamente por Guillermo Cabrera Infante, que o resumiu a duas linhas sobre o ataque ácido proferido por Alfredo Guevara, foi na percepção de Franqui ainda mais polêmico:

Quando Fidel convocou um segundo encontro para o domingo seguinte, aludiu indiretamente a mim quando referiu-se a “certas pessoas arrogantes que deveriam estar aqui e não estão”. Eu queria que minha ausência fosse considerada um protesto, mas agora eu tinha que defender meu ponto de vista, mesmo sabendo que perderia de qualquer maneira. A biblioteca era como uma sala de tribunal: acima, o tribunal presidencial, com Fidel, [Joaquín] Ordoquí [esposo da comunista Edith Buchaca], Carlos Rafael Rodríguez, Edith Buchaca, Dorticós, Hart, Alfredo Guevara e alguns comandantes e advogados; abaixo, os artistas e escritores. Alguém lá em cima sugeriu que me juntasse a eles, mas respondi que achava bom onde estava. Éramos uma salada mista – a equipe do *Lunes*, Lezama Lima, alguns escritores católicos simpáticos à revolução, alguns velhos, outros jovens.³⁵⁹

Então,

Alfredo Guevara tomou a palavra: “Eu acuso o *Lunes* e o *Revolución* de tentarem dividir internamente a revolução; de serem inimigos da União Soviética; de revisionismo, de semear confusão ideológica; de introduzirem ideias polonesas e iugoslavas; de elogiarem filmes tchecos e poloneses; de serem porta-vozes do existencialismo, do surrealismo, da literatura americana, da decadência burguesa, do elitismo; de se recusarem a ver os feitos da revolução; de não elogiarem as forças armadas.” Parecíamos ser uma grande ameaça interna, o Cavalo de Troia da contrarrevolução. Guevara continuou dizendo que *P.M.*, o filme confiscado e censurado pelo I.C.A.I.C [...] e defendido por nós, era contrarrevolucionário, mostrava a decadência ao invés das forças armadas e sua luta, e que Sabá Cabrera [...] e Orlando Jiménez, que fizeram o filme, encarnavam a ideologia antirrevolucionária do *Lunes* e do *Revolución*.³⁶⁰

De certo, algum tom de exagero permeia o relato de Franqui. Contudo, não se pode esquecer que ninguém constrói o exagero a partir de nada, daquilo que não o toca. Inclusive, porque também tocou Guillermo Cabrera Infante: “Guevara [...] deu um golpe baixo em

³⁵⁸ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 89.

³⁵⁹ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 133.

³⁶⁰ *Ibid.*, p. 133-134.

Revolución e em *Lunes de R*”³⁶¹. Portanto, sempre há um proferido ou um não proferido sentimento, internalizado, processado e devolvido pelo indivíduo à realidade-mundo que o embrionariamente o ajudou a formular. Nas palavras de Sartre: “O estudo das emoções verificou claramente esse princípio: uma emoção remete ao que ela significa. E, o que ela significa é, de fato, a totalidade das relações da realidade humana com o mundo.”³⁶² Desse modo, não resta dúvidas que: tomado como mundo o mundo real (o acontecido) e/ou o mundo mágico (o construído) - ou seja, o dito ou o não dito, ou, pelo menos, o parcialmente dito por Guevara -, Franqui realiza um trabalho de reconstrução daquele momento crucial na Biblioteca Nacional em que operam conexões entre elementos do passado e do então “presente” relatado. Esses elementos misturam-se e adquirem liga nas ilações por ele tecidas no exílio. No caso, como elemento do passado trazido à tona, verifica-se:

Poderíamos nos lembrar que Alfredo Guevara fora companheiro de Raúl desde seus dias de Praga, que fora amigo pessoal de Fidel desde os dias de universidade, e depois no México e em Bogotá. Ele sempre era enviado para onde o Partido necessitasse dele. Suas especialidades eram a espionagem e os truques sujos.³⁶³

O fato de Carlos Franqui argumentar que “Alfredo Guevara fora companheiro de Raúl” conota que para o autor a proximidade de Alfredo à família Castro pesou para que as acusações contra *Lunes* fossem levadas às últimas consequências. Do mesmo modo, sabe-se que há muito Carlos Franqui nutria profunda aversão a Raúl Castro.³⁶⁴ E, sabe-se que, em grande medida, essa aversão do fundador do *Revolución* pelo irmão mais novo de Fidel Castro decorria da profunda simpatia deste pelo comunismo e do fundamental papel por ele desempenhado no processo de comunização do regime: “Sin Raúl Castro, que es un comunista-militar, que há ido organizando el mínimo imprescindible, militar-político-estatal, Fidel Castro hubiese perdido el poder”³⁶⁵. – afirmou Franqui.

Na compreensão de Franqui, além de comunistas, Alfredo e Raúl eram mais do que simples amigos. Ilação corroborada por Guillermo Cabrera Infante: “[...] o outro Guevara, Alfredo, era um bicha notório protegido por Raúl Castro, o mesmíssimo irmão de Fidel”³⁶⁶. E,

³⁶¹ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 90.

³⁶² SARTRE, Jean- Paul. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 93.

³⁶³ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 134.

³⁶⁴ GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 195.

³⁶⁵ FRANQUI, Carlos. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**. Barcelona: Planeta, 1988, p. 283.

³⁶⁶ CABRERA INFANTE, op. cit., p. 92.

também, pela pesquisadora Barreto e no livro do jornalista Allen Young, respectivamente: “[...] segundo informações de alcova, [Alfredo Guevara] seria um comunista ortodoxo e amante de Raúl Castro [...]”³⁶⁷; “[Allen] Ginsberg: Well the worst thing I said was that I’d heard, by rumor that Raúl Castro was gay”³⁶⁸. Logo, na cabeça de Franqui, o fato de Raúl e Alfredo serem comunistas, deste último ser amigo da família Castro, e, supostamente, de Alfredo ser amante de Raúl foram fatores decisivos para que as acusações tivessem outra origem que não Guevara:

Mal pude conter minha raiva enquanto Guevara seguia acusando o *Revolución* e o *Lunes*. Quando ele terminou, aproximei-me de Fidel e disse: “Você me repreendeu no passado porque nunca lhe pedi nada. Bem, agora eu estou lhe pedindo para corrigir uma injustiça cometida bem aqui na sua frente... esta acusação de que o *Revolución* está tentando dividir internamente a revolução. Seu silêncio é como uma confirmação da acusação.” Fidel assentiu mas não disse nada. Ele nunca disse nada. Então compreendi que não era Alfredito que acusava o *Revolución*: era Fidel.³⁶⁹

Assim, no entendimento de Carlos Franqui, Alfredo Guevara foi “utilizado” por Fidel para desencadear um ataque derradeiro ao “Grupo R”, objetivando o fim daquela disputa intelectual que, não somente apresentava-se perigosa à consolidação uniforme do regime castrista, como, em decorrência do anticomunismo de boa parte dos intelectuais do “Grupo R”, poderia futuramente ameaçar as relações entre União Soviética e Cuba. No primeiro caso, um possível pensamento de Fidel era de que a uniformidade de ideias dos intelectuais comunistas apresentava-se naquele momento mais segura para as necessidades do regime do que a pluralidade defendida pelo “Grupo R”. No segundo, outra possível reflexão: mesmo que o regime cubano não buscasse adotar “ao pé da letra” os regimentos políticos e econômicos soviéticos, qualquer adoção ou adaptação de medidas preconizadas por Moscou seria vista pelo “Grupo R” como uma tendência ou tentativa de comunização de Cuba, portanto, passíveis de críticas pelo grupo, que não mediria esforços em contestá-las, utilizando seus órgãos informativos para jogar a opinião pública contra o governo. Esses temores de Fidel Castro, que corroborava uma “confiança desconfiada” do líder da Revolução Cubana em relação aos poderes informativos e formativos do “Grupo R”, encontram ressonância na conclusão a que Cabrera Infante chegou sobre as reuniões na Biblioteca Nacional:

³⁶⁷ BARRETO, Teresa Cristófani. **A Libélula, a Pitonisa**: Revolução, Homossexualismo e Literatura em Vígilio Piñera. São Paulo: Iluminuras, 1996, p. 149, p. 149.

³⁶⁸ YOUNG, Allen. **Gays under the cuban revolution**. San Francisco: Grey Fox Press, 1981, p. 20.

³⁶⁹ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 134.

O fato de não ter havido réu mais inocente na história das relações entre o governo revolucionário cubano e a cultura do país só enfatiza, se não a natureza, pelo menos o destino eleito como o único por um processo histórico que começou como paradigma de liberdade e que a cada dia parece mais univocamente totalitário. O julgamento político a que *P.M.* foi submetido, e também seus realizadores e defensores, não parou por aí. Dez anos depois ainda eram perseguidos muitos dos que tinham participado daquele processo, por crimes tão diversos quanto “infantilismo de esquerda”, “homossexualismo” ou “solicitação de emigração contrarrevolucionária”. Isso é um sinal de que as acusações contra *P.M.* eram etiquetas para encobrir um desígnio, mais que político, policial.³⁷⁰

É claro que, ao engatilhar a censura a *P.M.* e propor as reuniões na Biblioteca Nacional, Alfredo Guevara não estava sendo “utilizado” por Fidel gratuitamente, de modo desprezioso, seja como o bom samaritano a serviço da revolução, seja em nome da preservação de uma amizade com a família Castro. Por isso, outro elemento do passado trazido à tona pelo trabalho de rememoração de Carlos Franqui, e que concede sentido e liga definitiva a um possível exagero cometido pelo autor quando da descrição da fala de Guevara, demonstra que, apesar de supostamente ter arquitetado toda aquela manobra a pedido de Fidel Castro, o então presidente do Icaic a realizou projetando motivações próprias. Na concepção de Franqui, Guevara era para Fidel Castro o homem certo, na hora certa para realizar o expurgo, uma vez que:

Durante a década de 1950 ele [Guevara] se infiltrara numa sociedade cultural, *Nuestro Tiempo*, que eu e alguns amigos havíamos fundado como um meio de reviver nossa adormecida cultura cubana e dar uma tribuna onde nossa geração se manifestasse. A *Nuestro Tiempo* era *avant-garde* em arte, teatro e música – seus interesses eram culturais, não ideológicos. Mas Guevara e o Partido dividiram e paralisaram-na, oferecendo voos gratuitos para os países comunistas. Dessa forma, eles também enfraqueceram as atividades políticas do grupo [...].³⁷¹

E, agora, frente aos debates na Biblioteca Nacional, no entendimento de Carlos Franqui, Guevara lançava mão das mesmas artimanhas:

Alguns fiéis ao Partido fizeram a sua parte e foram recompensados: Amado Blasco, o escritor-dentista que era a voz do *Información*, conseguiu seu posto de embaixador atacando-nos. O grupo do I.C.A.I.C. acompanhou seu chefe, Guevara, porque ele prometeu filmes se o fizessem. Das trezentas pessoas presentes, não mais que vinte aceitaram os cargos oficiais.³⁷²

Nenhum dos autores narrou com riqueza de detalhes o que ocorreu no terceiro dia dos

³⁷⁰ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 68.

³⁷¹ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 134.

³⁷² *Ibid.*, p. 135.

encontros da Biblioteca Nacional José Martí. No entanto, descortinaram curiosas análises sobre os comportamentos de alguns participantes ao longo dos três dias do evento. Num desses relatos, Carlos Franqui assegura que:

Pronunciei-me segura mas desapaixonadamente em defesa do *Revolución* e do *Lunes*. Declarei que quase todos os presentes conheciam a história do jornal e dos seus mártires, sua luta anti-imperialista, sua defesa apaixonada das grandes transformações sociais. Lembrei aos presentes que o *Lunes* – quando os tímidos sentiram medo de fazê-lo, e a direita nos atacou por isso – havia publicado textos fundamentais de Marx e outros revolucionários. Acrescentei que a equipe do *Lunes* fora ao campo de batalha de [*Playa*] *Girón*, enquanto outros, como [Alfredo] Guevara e a turma de filmagens, permaneceram em casa ou fora de alcance. Declarei que os procedimentos eram uma manobra do Partido, um ato burocrático da censura. Continuei, discutindo a campanha que o *Revolución* fizera a favor de Cuba nas Américas e na Europa, assim como as visitas de intelectuais e estrangeiros que patrocináramos. Salientei, com relação a *P.M.*, que para os cubanos, ir a festas, dançar, *pachacha* e amor eram um estilo de vida, que existia um elemento africano em nós, mas que os acusadores eram poltrões, ortodoxos e inquisidores. Também citei o ditado de Martí sobre cultura trazer liberdade.³⁷³

Franqui ressalta ainda que “As pessoas se irritaram e quase unanimemente manifestaram-se a favor de *Lunes*, da nova literatura, da nova arte e da liberdade de expressão.”³⁷⁴ Uma percepção um tanto que otimista frente a sarcástica e pessimista narrada por Guillermo, que declarou:

A maioria das pessoas que compareceram diante do tribunal eram inimigos jurados do tabloide [*Lunes*], e alguns deles tinham razões para isso. Como, por exemplo, a colaboradora gorda Martina Tesa, que enviou alguns poemas para o suplemento, publicados com o título de *Los versos de la Obesa*. [...] Houve outras testemunhas, todas de acusação, e uma delas, mascarada, só tirou a máscara quase no fim do baile.³⁷⁵

Ao lembrar de quem naqueles amargos três dias colocou-se em defesa de *Lunes* e do *Revolución*, Carlos Franqui o faz com certa gratidão e nostalgia:

Três pessoas me apoiaram naqueles momentos difíceis: Haydée Santamaría, que se pronunciou duramente, indignada com o ataque de Guevara; Ievguéni Ievtuchenko, que via o processo com todo o horror que suas próprias experiências em Moscou lhe ensinaram, e que estava assombrado com a nossa coragem e nosso protesto unânime. Fidel nunca o perdoou, mesmo depois de sua autocrítica pública posterior. A terceira foi José Lezama Lima. Eu já o homenageara como um grande e puro poeta que estimulava a literatura cubana. Afirmar no processo que a revolução deveria reconhecer esse grande artista e respeitar sua independência e sua ética. Lezama foi

³⁷³ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 135.

³⁷⁴ Ibid.

³⁷⁵ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 89-90.

aplaudido, e não somente pelos que estavam na parte de baixo.³⁷⁶

O encerramento dos encontros da Biblioteca Nacional foi coroado como em todos os dias em que se realizou o evento, com um discurso de Fidel Castro (“Como de hábito, deu a última palavra”³⁷⁷, mencionou Cabrera Infante). A compilação textual dessas intervenções resultou na publicação de *Palabras a los Intelectuales*, que “é considerado o primeiro esboço de política cultural governamental em Cuba”, determinando “uma espécie de ‘topografia moral e institucional’ para as ações e relações do campo cultural”³⁷⁸. No princípio do texto, Fidel Castro argumenta que:

A questão fica mais sutil e se converte verdadeiramente no ponto essencial da discussão quando se trata da liberdade de conteúdo. É o ponto mais sutil, porque é o que está exposto às mais diversas interpretações. O ponto mais polêmico desta questão é: se deve haver ou não uma absoluta liberdade de conteúdo na expressão artística. Parece-nos que alguns companheiros defendem esse ponto de vista. Talvez por temor a isso que julgaram ser proibições, regulamentações, limitações, regras, autoridades, para decidir sobre a questão.³⁷⁹

Certamente, uma mensagem direcionada aos intelectuais do “Grupo R” em resposta ao “medo” expressado no pronunciamento de Virgilio Piñera. E, continua:

Permitam-me dizer-lhes em primeiro lugar que a revolução defende a liberdade; que a revolução trouxe ao país uma soma muito grande de liberdades; que a revolução não pode ser, por sua essência, inimiga das liberdades; que, se a preocupação de alguém é que a revolução asfixie seu espírito criador, essa preocupação é desnecessária, que essa preocupação não tem razão de ser.³⁸⁰

A não ser que a razão dessa preocupação partisse de “quem tenha desconfiança com relação à sua própria arte; quem tenha desconfiança com relação à sua verdadeira capacidade para criar”³⁸¹. Pois, “o campo da dúvida fica para os escritores e artistas que, sem serem contrarrevolucionários, não se sentem tampouco revolucionários”³⁸² – sentenciou Fidel Castro. Talvez, uma clara alusão à postura que ele considerava ser a do “Grupo R” e que estava em “julgamento” àquela altura, naquele recinto: nem contrarrevolucionária, como

³⁷⁶ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 135-136.

³⁷⁷ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 90.

³⁷⁸ VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 44.

³⁷⁹ CASTRO, Fidel. Palavras aos Intelectuais. In: SADER, Emir (Org.). **Fidel Castro – Política**. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 57. São Paulo: Ática, 1986, p. 88.

³⁸⁰ Ibid.

³⁸¹ Ibid.

³⁸² Ibid.

acusavam os comunistas, tampouco revolucionária na opinião de Fidel. Apesar de discordar desta acusação proferida pelos comunistas, o líder da Revolução Cubana parecia apoiar-se em outro argumento utilizado pelos intelectuais do PSP, a fim de criticar a política editorial do “Grupo R”, que considerava demasiado “elitista”, portanto, pouco fecunda aos intentos da revolução:

Somos ou acreditamos ser homens revolucionários. Quem for mais artista que revolucionário não pode pensar exatamente igual a nós. [...] O povo é a meta principal. No povo é preciso pensar antes que em nós mesmos, e essa é a única atitude que pode se definir como uma atitude verdadeiramente revolucionária.³⁸³

Palavras que carregam um escopo parecido com o das utilizadas pelo diretor do *Hoy Domingo*, Fayad Jamis, já transcritas no início deste capítulo, mas que valem a pena recordar:

nos últimos meses *Lunes* tem caído numa evidente monotonia, publicando quase sempre textos de uns poucos – muito poucos – autores, dando às vezes a impressão de que o magazine é o órgão pessoal dos mesmos e não um dos principais veículos da intelectualidade cubana revolucionária.³⁸⁴

Deixa que Franqui rebateu com as seguintes palavras: “Nada me indigna mais que esse desprezo pelo povo que têm certas pessoas que se creem o povo e que confundem a deformação de seus gostos e afeições com o instinto popular.” Uma tirada de fazer inveja a Michel de Certeau, que preconizava: “Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas”³⁸⁵. Os outros, no caso, o povo, o cidadão comum, o homem ordinário como conclamava Certeau, quase sempre tomado pelos supostos defensores de seus supostos interesses como inculto e incapaz de apreciar e entender qualquer espécie de expressão artística ou intelectual; como se nas entranhas da chamada arte erudita não coabitasse o “popular”, e na chamada arte popular não transparecesse elementos daquilo que alguns conclamam como erudito.

Ora, neste ponto, algumas questões fazem-se pertinentes: Se o “Grupo R” era elitista, por que o Jornal *Revolución* tornou-se um dos mais populares, praticamente, aos olhos da opinião pública, a voz e as cores da Revolução Cubana? De modo análogo, se os intelectuais reunidos em *Lunes* não pensavam “no povo”, por que o suplemento, por intermédio de

³⁸³ CASTRO, Fidel. Palavras aos Intelectuais. In: SADER, Emir (Org.). **Fidel Castro** – Política. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 57. São Paulo: Ática, 1986, p. 90.

³⁸⁴ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 161.

³⁸⁵ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. v. 1: Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 19.

Cabrera Infante, financiou e colaborou na produção de uma película que “sem tirar nem por” documentava cenas tão comuns às noites de um popular bairro boêmio de Havana? Não obstante, por que Fayad, mesmo criticando *Lunes*, soltou: “[...] não um dos principais veículos da intelectualidade cubana revolucionária”? Bom, para um suplemento, acusado pelos comunistas de não representar o ímpeto revolucionário, já estava de bom tamanho ser nas entrelinhas compreendido por um comunista do Partido como “um dos principais veículos da intelectualidade cubana revolucionária”, não? E o que dizer do Festival *Papel y Tinta*, que sagrava com *Palmas de Prata* os intérpretes de ritmos populares? Uma simples estratégia adotada de última hora pelo “Grupo R”, para diante das críticas aproximá-lo mais do povo, fazendo entender-se como “popular”? Talvez, tal como os números monográficos sobre os países socialistas publicados por *Lunes* entre maio e agosto de 1961, período concomitante à realização e desfecho das reuniões na Biblioteca Nacional, devido à pressão dos comunistas, encarnados na figura de Edith García Buchaca?³⁸⁶ Mas, deve-se recordar que, antes de almejar “ser mais popular” frente aos olhos vigilantes dos críticos, o *Revolución* já era “popular” entre o povo. Logo, mais do mesmo!

Os exemplos não se esgotam por aí. Antes, a declaração da equipe de *Lunes* disponibilizando-se a pegar em armas para defender a Revolução Cubana após a sabotagem do *La Coubre* não fora uma atitude revolucionária, “popular”? Ou então, o que dizer dos inúmeros artigos e matérias publicadas em *Revolución* e *Lunes*, sempre em defesa da Revolução Cubana? E, por fim, como questionar o caráter revolucionário da política editorial do suplemento, que preconizava “que o trabalho realizado na cultura podia e devia ser uma trincheira, [...] uma forma de contribuir para os embates travados contra os inimigos da Revolução”³⁸⁷?

Portanto, não há como negar o caráter direcionado das reuniões na Biblioteca Nacional. Tampouco que sua realização, sob o pretexto de rediscutir a censura a *P.M.*, serviu ao fim e a cabo ao interesse de Fidel Castro e dos comunistas de minarem pelas entranhas institucionais o poder de representatividade que o “Grupo R” detinha por intermédio de seus veículos e pela força expressiva de seu corpo intelectual: seja aos olhos da massa, como grupo representante da “voz da Revolução”, seja aos olhares dos demais intelectuais, como um dos principais veículos da intelectualidade cubana revolucionária.

No caso dos comunistas, incomodava não somente esse *status* representativo do

³⁸⁶ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 85.

³⁸⁷ *Ibid.*, p. 114.

“Grupo R” como também a política editorial de *Lunes* e do *Revolución*, que apresentava ao processo revolucionário cubano uma alternativa de engajamento intelectual, como argumentou Miskulin: “Ao falar de compromisso do intelectual [...], *Lunes* não compartilhava da definição do seu papel segundo o realismo socialista soviético, mas buscava se apoiar nas opiniões de Jean-Paul Sartre e de outros intelectuais [...]”³⁸⁸. Portanto, “[...] era interessante ao grupo ligado ao PSP reafirmar sua credibilidade junto ao governo e desmoralizar intelectuais que haviam fincado suas bandeiras no meio literário”³⁸⁹. – conotou Villaça. Em contrapartida, o que preocupava Fidel Castro naquele momento era menos a definição e a adoção em Cuba de um modelo de política cultural e mais questões pontuais, de ordem político-estratégica. No caso, que grupo apresentava o “modelo de engajamento” que melhor cobria as necessidades pontuais da revolução.

O “Grupo R” apresentava qualidades louváveis, mas um tanto quanto despreziosas e até mesmo perigosas às estratégias políticas àquela altura entendidas como necessárias pelo governo revolucionário: defendiam a liberdade de expressão irrestrita e a democracia plena; opunham-se abertamente ao “socialismo” soviético, apesar de concordarem com a parceria econômica entre Cuba e o Bloco Socialista; condenavam o realismo socialista e criticavam a incorporação dos comunistas do PSP em importantes cargos oficiais dentro do regime; apoiavam uma parte das decisões governamentais, apesar de questionarem publicamente outras tantas; e, enfim, compartilhavam a convicção de que as forças representativas e produtivas do grupo não poderiam ser colocadas sob o poder de decisão de seus inimigos, os intelectuais comunistas do Partido. Enquanto estes apresentavam a Fidel: a facilitação do intercâmbio e da aproximação das relações entre Cuba e o Bloco Socialista, uma vez que a revolução via-se constantemente ameaçada pelos Estados Unidos; a “docilidade” e a obediência cega dos quadros militantes, inclusive, intelectuais – desde que o regime buscasse intensificar as relações com Moscou; e a defesa de um modelo de política cultural de arestas aparadas, ou seja, aplicado com suposta eficiência e sucesso em outros países, preconizando moldar o homem segundo as necessidades políticas e econômicas do país – e que, pelo menos, num primeiro momento, atendia com satisfação o ensejo de construção do “Homem Novo”³⁹⁰.

³⁸⁸ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada**: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 114.

³⁸⁹ VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano**: Revolução e Política Cultural. São Paulo: Alameda, 2010, p. 55.

³⁹⁰ Apesar de ainda não bem formulada por Che Guevara em 1961, a idéia de construção do “Homem Novo” preconizava a edificação de um homem abnegado, negação dialética do homem-mercadoria, alienado, presente nas sociedades capitalistas. Cf. LÖWY, Michael. **O Pensamento de Che Guevara**. 5 ed. São Paulo: Expressão

Ao privilegiar um grupo como “intelectualidade orgânica” da revolução em detrimento do outro, Fidel sabia que, se por um lado colocava um ponto final numa querela, a da instabilidade criada pela disputa entre os dois mais importantes grupos intelectuais cubanos, por outro, não somente concentrava demasiados poderes nas mãos de um único grupo, o que poderia ser perigoso, como também abria precedentes em longo prazo para que o grupo privilegiado reivindicasse a adoção oficial do modelo de política cultural pelo grupo defendido e propagado. A fim de neutralizar os impactos desses riscos, brilhantemente, Fidel buscou amenizar os efeitos de sua decisão concedendo postos funcionais em organismos oficiais de cultura e cargos secundários de representação do governo cubano no estrangeiro para os intelectuais preteridos. Com esse trunfo, não somente congregaria todos os intelectuais sob uma mesma ordem, mais pacificada e controlável do que a anterior, como concederia tempo para amansar os “indóceis” e manteria sempre sob estado de ameaça a confortável posição adquirida pelos intelectuais do PSP. Aplicava-se assim a versão cubana do excedente produtivo cultural. Fundamentação essa que encontra ressonância no mais conhecido trecho de *Palabras a los Intelectuales*:

A revolução tem de compreender essa realidade e, portanto, deve atuar de forma que todo esse setor de artistas e de intelectuais que não são genuinamente revolucionários encontre dentro da revolução um campo onde trabalhar e criar, e que seu espírito criador, ainda quando não sejam escritores ou artistas revolucionários, tenha oportunidade e liberdade para se expressar, dentro da revolução. Isso significa que dentro da revolução, tudo; contra a revolução, nada.³⁹¹

A fim de concretizar as determinações das intervenções de Fidel Castro nos encontros da Biblioteca Nacional, ou seja, de *Palabras a los Intelectuales*, o governo cubano revolucionário prontificou-se a convocar para agosto uma segunda jornada de encontros que, como mencionado no início deste capítulo, ficou conhecida como I Congresso Nacional de Escritores e Artistas de Cuba. Esse evento selou a criação da Uneac, órgão presidido pelo comunista Nicolás Guillén e responsável pela centralização e organização da produção cultural. Contudo, é importante que o leitor saiba que ao longo desse processo de afunilamento cultural iniciado em 1961: não foram os encontros na Biblioteca Nacional, que engatilharam *Palabras a los Intelectuales*; tampouco esse pronunciamento de Fidel Castro que abriu precedentes para a convocação do I Congresso Nacional de Escritores e Artistas de Cuba; e nem a realização desta jornada de encontros, que por sua vez anunciou a fundação da

Popular, 2003, p. 41-52.

³⁹¹ CASTRO, Fidel. Palavras aos Intelectuais. In: SADER, Emir (Org.). **Fidel Castro** – Política. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 57. São Paulo: Ática, 1986, p. 91.

Uneac, que oficializaram a adoção do realismo socialista (adaptado como já declarava o estatuto de fundação da Uneac) como modelo de política cultural em Cuba. Eles apenas convergem como elementos de um processo paulatino que somente começou a adquirir reais contornos uma década depois. Como recorda Villaça: “As formulações de política cultural em Cuba nos anos sessenta foram marcadas por seu caráter pouco objetivo no que se refere às determinações teóricas e conceituais [...]”³⁹².

No entanto, não resta dúvida de que os encontros da Biblioteca Nacional, sob pretexto de discutir o caso *P.M.*, demarcaram um divisor de águas na trajetória do “Grupo R” e, por conseguinte, nas vidas de Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui dentro da Revolução Cubana. O projeto primordial de “transformar Cuba pela cultura” (de uma Revolução Cultural Cubana) e o ensejo inicial de “ficar por dentro e por fora ao mesmo tempo” do cenário político expressos por Carlos Franqui ainda quando do triunfo revolucionário estavam agora ceifados pelo fatídico desfecho dos encontros da Biblioteca Nacional, e, mais uma vez, como outrora ocorrera em *Nuestro Tiempo*, graças aos comunistas do PSP. Assim, em suas memórias, o confiante Carlos Franqui, que saiu otimista do segundo dia da jornada de reuniões na Biblioteca Nacional – “Bem, vencemos aquele *round* contra o Partido: Fidel, Carlos Rafael Rodríguez e outros”³⁹³ –, cede lugar ao desencantado líder de um grupo que uma semana depois (no dia do encerramento dos encontros) teve de amargar uma derrota inevitável, e que era apenas o prenúncio do que seria o desfecho uma longa guerra que, pessoalmente, fora iniciada em 1946, com o seu desligamento do Partido, mas que para a identidade R teve início somente em 1951, com a divisão de *Nuestro Tiempo*:

Mas a burocracia e a estrutura do poder nunca perderam, no fim das contas. [...] Então surgiram um Congresso de Escritores [I Congresso Nacional de Escritores e Artistas de Cuba] e um Sindicato de Escritores (ao estilo de Moscou) [provavelmente, refere-se à Uneac]. Decidi não participar de mais nenhum encontro nem legitimá-lo com minha presença. Escolhi também não ouvir as palavras de Fidel – ambíguas fora de Cuba, muito claras dentro: “Com a revolução, tudo; contra a revolução, nada.” O problema era que a revolução era Fidel e seu gosto pessoal em arte, literatura e política.³⁹⁴

“O resultado do processo foi que o Instituto de Cinema devolveu aos cineastas a cópia apreendida de *P.M.*, mas não retiraram sua censura.”³⁹⁵ – informou Guillermo Cabrera Infante.

³⁹² VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 55.

³⁹³ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 136.

³⁹⁴ Ibid.

³⁹⁵ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia

Poucos meses mais tarde: “Eles inventaram uma escassez de papel para acabar com a circulação do *Lunes*”³⁹⁶. – reiterou Carlos Franqui. E Guillermo conclui: “Falta aguda de papel de imprensa foi a explicação oficial – uma história da carochinha, claro”³⁹⁷. A última edição do suplemento fora publicada em 6 de novembro de 1961, dedicada ao aniversário de 80 anos de Pablo Picasso. Segundo Miskulin:

O número não possuía editorial, tampouco uma nota explicativa sobre o porquê do seu fechamento. Apenas a inscrição “Número Final” foi inserida na capa, juntamente com a data [...]. O primeiro artigo, “La herida inmortal”, de Guillermo Cabrera Infante [...], analisou a obra de Picasso e declarou que a homenagem ao seu aniversário realizava-se em todo mundo, por todas as tendências e partidos, com exceção do fascismo. [...] Picasso representava com sua obra as experimentações estéticas, a presença do universal, que foram pontos fundamentais na linha editorial de *Lunes*.³⁹⁸

A pesquisadora informou ainda que, no Jornal *Revolución*, que continuou a circular até 1965, também não fora publicada sequer uma nota explicativa sobre o fechamento de *Lunes*. Ela defende que este silêncio dos editores pode significar que eles viram-se impedidos, ou, simplesmente, não quiseram realizar qualquer manifestação pública sobre as razões que refletiram no encerramento súbito das atividades do suplemento cultural. E nos informa ainda que meses antes, quando da realização dos encontros na Biblioteca Nacional, um silêncio análogo também pairou no suplemento sobre o evento então em questão: o que “poderia significar uma discordância dos editores com relação às decisões de política cultural estabelecidas”, ou, então, “algum tipo de censura ou autocensura que os impedisse de manifestar”, ou, ainda, “que os editores já soubessem que *Lunes* seria fechado”³⁹⁹.

Os silêncios dos editoriais de *Lunes* quebram-se nos livros de memórias de Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui, promovendo ecos aqui e ali, em cada página, como cacos que recompõe, mesmo que não perfeita e completamente, o jarro outrora lançado ao chão. São ecos estrondosos que nada dizem sobre um impedimento concreto, mas que muito dizem de um impedimento possível. Ecos que nada gritam sobre uma autocensura protestatória, mas que as proclamam como método de resistência e sobrevivência. Ecos que não promovem estardalhaços, mas que sussurram os porquês de nenhuma manifestação pública por parte dos editores. Enfim, ecos que propriamente não denunciam que os autores previam o fechamento

das Letras, 1996, p. 90.

³⁹⁶ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 136.

³⁹⁷ CABRERA INFANTE, op. cit., p. 90.

³⁹⁸ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003, p. 187.

³⁹⁹ *Ibid.*, p. 187; 175.

de *Lunes*, mas que tornam críveis uma prévia desconfiança deles sobre essa possibilidade. Veja: são apenas ecos, os ecos dos autores cantando o passado. Não são os sons virgens, mesmo porque eles perderam-se nas brumas do tempo. Mas são sons, reminiscências da sonoridade de outrora, a dos bastidores. Há saltos, sim. Largos até. Lacunas, silêncios intermitentes, idem. Mas, eis a primeira agulha que entoa a razão daqueles silêncios:

Nessas reuniões [da Biblioteca Nacional] ocorreram intervenções diversas, muitas mostrando até que ponto *Lunes* era odiado por ser temido, temor causado por suas críticas literárias tingidas de matiz político, e também pronunciando julgamentos que respaldavam a autoridade do jornal *Revolución*, sua força moral, mas não mais o órgão oficial do MR 26 de Julio que fora em 1959 e 1960. [...] Agora que *Lunes* estava teoricamente proibido (a verdadeira proibição não ocorreria até outubro: não havia por que [Fidel Castro] criar um clima de culpa e castigo), todos os seus colaboradores evitaram prosseguir nas tertúlias que coincidiam com sua feitura, para não criar dificuldades ao *Revolución*, que era a verdadeira Diana. *Lunes* foi um mero bode expiatório. As reuniões literárias foram transferidas para meu apartamento de La Rampa, e às vezes aconteciam em Miramar, na mansão de Pablo Armando Fernández, mas tinham lugar principalmente na casa de Virgilio na praia de Guanabo – que mais parecia um bangalô, por seu tamanho e aspecto praiano, embora ficasse longe do mar.⁴⁰⁰

Então, havia um nome para aqueles silêncios dos editoriais: preservação. No caso, uma preservação *intelectual*. *Lunes* era a identidade e fora “alvo de um bode expiatório” nas reuniões da Biblioteca Nacional. Seu fechamento foi deliberado já ao término do I Congresso Nacional de Escritores e Artistas de Cuba em virtude da criação da Uneac, que propôs a criação de duas novas publicações culturais que passaram a circular a partir de 1962: a revista *Unión e La Gaceta de Cuba*.⁴⁰¹ Contudo, a estrutura material de sustentação do “Grupo R” manteve-se intacta, pelo menos, temporariamente: o *Revolución*. O que num futuro então plausível e possivelmente crível para o grupo poderia garantir o renascimento da fênix (*Lunes*), após uma hipotética queda dos comunistas, ou algo que o valha. Assim como também garantiria a manutenção dos vínculos de uns poucos intelectuais do extinto suplemento do periódico. Guillermo Cabrera Infante escreveu: “[...] eu estava como sentinela de milícias voluntárias, mas compulsivas, já cedo no *Revolución*”⁴⁰².

A segunda agulha reverbera outra necessidade de preservação, menos poética, porquanto, mais prática. A preservação individual dentro do regime, balizada por uma “garantia” concedida pelo próprio Fidel Castro em *Palabras a los Intelectuales*: “que todo

⁴⁰⁰ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 331-332.

⁴⁰¹ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 35.

⁴⁰² CABRERA INFANTE, op. cit., p. 332.

esse setor de artistas e de intelectuais que não são genuinamente revolucionários encontre dentro da revolução um campo onde trabalhar e criar [...]”⁴⁰³. Essa premissa, que, como enunciado também era vantajosa para Fidel Castro, permitia assim o remanejamento daquele excedente produtivo cultural considerado pelo regime como “não verdadeiramente revolucionário” para efetivos cargos funcionais. O que fez com que o Estado acabasse empregando-os, principalmente, em postos geralmente ocupados por profissionais liberais, tais como cargos diplomáticos.⁴⁰⁴ Dessa maneira, evitar conflitos era a melhor tática a ser empregada “[...] para poder estar dentro y fuera de Cuba, entrar y salir, y a la espera de mejores momentos [...]”⁴⁰⁵ – como aludiu Carlos Franqui. Uma necessidade cada dia mais latente, haja vista que dificuldades materiais também se apresentavam mesmo para aqueles intelectuais que continuavam empregados dentro de Cuba:

Certo dia acordamos e, maravilha das maravilhas, não havia nada para comer – nem café, nem arroz, nem açúcar, nem carne, nem feijão, nem leite, nem frutas – yes, nós não tínhamos bananas. [...] Quando me perguntavam onde estavam os alimentos comuns, a resposta vinha na hora: “Estão no futuro, irmão, no futuro.” A piada que resumia tudo é mais ou menos assim: na nova família cubana a mãe é a nação; o pai, o camarada; o filho, o futuro. Certa noite a criança acorda chorando e acorda o seu irmão mais velho, que por sua vez acorda o pai e diz: “Camarada, o futuro está todo cagado.”⁴⁰⁶

Além dessa forte motivação, haja vista que alguns intelectuais (como Franqui e Guillermo Cabrera Infante) tinham esposas e filhos, manter-se por um tempo distante, mas sem “fechar as portas” de Cuba, apresentava outra vantagem, como brilhantemente assinalou Morejón:

Si por un lado la carrera diplomática implica el manejo y la proyección de determinados códigos representativos de la política oficial de un país, por otro permite al escritor viajar, entrar en contacto con la lengua y la cultura de grupos afines al suyo.⁴⁰⁷

Por isso, a decisão tácita do “Grupo R” demarcava uma tática de preservação que estenderia não somente a sobrevivência do grupo como também a de seus membros dentro do

⁴⁰³ CASTRO, Fidel. Palavras aos Intelectuais. In: SADER, Emir (Org.). **Fidel Castro** – Política. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 57. São Paulo: Ática, 1986, p. 91.

⁴⁰⁴ MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. **Política y Polémica en América Latina**: las revistas Casas de las Américas y Mundo Nuevo. Colección Polémicas. México: Ediciones de Educación y Cultura, 2010, p. 70.

⁴⁰⁵ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 275.

⁴⁰⁶ Idem. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 145-147.

⁴⁰⁷ MOREJÓN ARNAIZ, op. cit., p. 70.

regime. Uma estratégia do salve-nos quem puder; salvem-se quem puder; e salve-se como puder, que por algum tempo fora eficiente e que, em grande medida, refletia um suposto temor ou conhecimento de causa, como aludiu com ironia Guillermo Cabrera Infante:

No fim, os comunistas celebraram seu congressozinho [I Congresso Nacional de Escritores e Artistas de Cuba] (por que os comunistas terão esta necessidade imperiosa de fazer congressos? Acicate ou alicate?), para qual foram convidados vários escritores estrangeiros. Utilizando um estratagema habitual (e para que eu não chorasse), fui nomeado um dos *sete* vice-presidentes da recém criada União de Escritores. Bem, e eu não reclamei. Nunca pensei em reclamar. É que no ano anterior tinha estado na União Soviética e soube do que acontecera aos escritores que tinham cometido a audácia de desagradar Stalin, inclusive *sotto voce*. (Um deles se chamava casualmente Giovanni Sotto Voce, amigo de Gramsci.) Escondido atrás de suas barbas, nossa versão tropical de Stalin podia ser tropicalmente letal.⁴⁰⁸

Por fim, resta lembrar que, com o anúncio da criação de *Unión* pela Uneac, o *Hoy Domingo* também fora fechado em 1961. Mas, diferente do turbulento processo que culminou no encerramento das atividades de *Lunes*, pode-se arriscar dizer que o término das atividades do suplemento comunista ocorreu de maneira transitória, quase ou senão como uma suplantação prevista, necessária e arquitetada com a participação direta dos comunistas. Inclusive, porque o ex-diretor de *Hoy Domingo*, Fayad Jamís, foi nomeado chefe de redação do *Unión*. 1961, portanto, além de divisor de águas nas trajetórias de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante, assinalou-se para a História Cultural de Cuba como um ano decisivo, que engatilhou o processo que uma década depois, em 1971, culminaria no início da derradeira adoção de uma política cultural. A vitalidade desse processo de afunilamento engatilhado reverberou, assim, uma transição política sofrida pelo próprio processo revolucionário cubano, que passou de nacionalista autoconstrutivo para socialista centralizador. Câmbio que no campo do cultural se refletiu na substituição de uma *intelligentsia* orgânica por outra.

4.2 O pecado original e a matiz de um exílio

A ideia de pecado original é tão antiga e presente na história do homem ocidental quanto a própria tradição judaico-cristã. No livro do Gênesis, o assassinato de Abel por Caim

⁴⁰⁸ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 91.

é descrito, e foi inúmeras vezes interpretado e traduzido, como um pecado abominável: “És agora, pois, maldito por sobre a terra (...)”⁴⁰⁹ – sentenciou Deus. Mas esse pecado abominável fora resultante de outro pecado, proporcionalmente maior, cometido no Éden (Paraíso) pelo pai e pela mãe de Caim, Adão e Eva: o de comer o fruto da árvore proibida, desrespeitando a vontade de Deus. E pecaram porque a serpente furtiva disse-lhes ao pé d’ouvido: ao comerdes do fruto “vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”⁴¹⁰. O pecado de Adão e Eva tornou-se assim o original. E, todos aqueles que dele são fruto – Caim, por exemplo – invariavelmente estariam predestinados a cometer pecados.

Contudo, eis que ao comer do fruto “o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal”⁴¹¹ – reconheceu Deus.

Bem dita seja a serpente, que também poderia ter sido o galo cantando nova aurora. Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, mas Caim pode se retirar da presença de Deus emigrando para a terra de Node, ao oriente do Éden, cujo nome significa “Fuga”. Que a bem da verdade deveria chamar “Libertação”, uma vez que, antes no Éden, mas, principalmente, em Node, entre amargas e doces lembranças, os homens tornaram-se definitivamente divinos!

A escolha – mesmo quando não parece haver mais escolha – é o que faz do ser humano um ser divino. A escolha entre uma ideologia ou outra, entre o estar e o não estar, entre o seguir regras ou desafiá-las, entre, enfim, o permanecer ou o exilar-se. A escolha é responsabilidade; a responsabilidade é angústia; e a angústia, a condição de todo homem livre. Disse Sartre:

De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais se explicar por uma referência a uma natureza dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.⁴¹²

Não se pode duvidar que, como argumenta Edward Said, o exílio é uma fratura, uma

⁴⁰⁹ BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, Gn 4, 11, p. 6.

⁴¹⁰ Ibid., Gn 3, 5, p. 5.

⁴¹¹ Ibid., Gn 3, 22, p. 5.

⁴¹² SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. 3 ed. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 9.

fratura entre o exilado e sua terra natal.⁴¹³ No entanto, também não se pode esquecer que acima de tudo o exílio é uma escolha mesmo que ao indivíduo não pareça restar escolha. Como mencionado na introdução desta dissertação, o que diferencia o exílio dos demais desterrados é o seu caráter político: um exercício pleno de liberdade individual e ideológica, um engajar-se na luta pela manutenção mesmo em desterro de opiniões, de crenças ou da validade de ações passadas.

Na Cuba contemporânea, o exílio parece uma constante. Antes de tornar-se um herói nacional, José Martí fora um exilado. Antes de Fidel Castro liderar a luta na *Sierra Maestra*, uma vez anistiado pela ditadura de Fulgêncio Batista, o então futuro líder da Revolução Cubana também se tornou um exilado. E, por fim, após o engajamento na revolução e no então nascente regime castrista, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante também se exilaram. O “pecado” de Martí foi o de sustentar ideias revolucionárias para a Cuba de sua época. O “pecado” de Fidel fora liderar o assalto a um quartel a fim de iniciar um movimento de derrubada de Batista. Mas quais foram os “pecados originais” de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante? Eis a pergunta que não quer calar. E, para respondê-la, nada melhor do que começar pelo fim, pelo resultado final daquele processo de afunilamento cultural, iniciado ainda em princípios da década de 1960.

Há um consenso entre os pesquisadores da cultura cubana contemporânea em reiterar que, apesar de iniciado o processo de afunilamento cultural em 1961, a definição de uma política cultural oficial em Cuba somente fora concretizada uma década depois, a partir de 1971.⁴¹⁴ Nesse ano, entre os dias 23 e 30 de abril realizou-se o Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, cujo objetivo foi normatizar a produção cultural e o comportamento de estudantes, educadores e intelectuais, com base em princípios morais e ideológicos defendidos pelo governo “revolucionário” de Cuba.⁴¹⁵

No primeiro caso, o da normatização baseada em “fundamentações” morais, o Congresso determinou que as atividades educativas e culturais em Cuba fossem exercidas e capitaneadas somente por indivíduos cujo moral correspondesse ao “prestígio” da Revolução Cubana. Excluindo assim os educadores, os artistas, os escritores e os produtores culturais

⁴¹³ SAID, Edward W. **Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46.

⁴¹⁴ BARQUET, Jesús J. (Ed.). **Ediciones El Puente en La Habana de los Años 60: lecturas críticas y libros de poesía**. Chihuahua: Ediciones del Azar, 2011, p. 36; MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 223; ROJAS, Rafael. **El Arte de la Espera: Notas al Margen de la Política Cubana**. México: Editorial Colibrí, 1998, p. 214-215; e VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 267.

⁴¹⁵ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 227.

considerados pelo regime socialista como “imorais” ou “doentes”. Em outras palavras: homossexuais. Determinação que coroou publicamente o caráter homofóbico do regime, que, desde a década de sessenta, com a Operação P (ou, a Noite dos Três P’s), em 1961, e com a criação das UMAP’s (*Unidades Militares de Ayuda a la Producción*), em 1965, levava a cabo uma ampla e severa campanha higienista contra a pederastia.⁴¹⁶

A outra determinação do Congresso dizia respeito à conformação das atividades e dos produtos culturais à ideologia defendida pelo regime. Desse modo, os produtos e as atividades culturais deveriam claramente apresentar em seus conteúdos os esforços de seus produtores a fim de contemplar as necessidades culturais e de formação das massas, e não os anseios e gostos de uma minoria, a chamada elite cultural. Assim, as tarefas das artes, das literaturas, das produções cinematográficas e musicais e de seus respectivos produtores visariam educar o povo, incentivando-o por meio de linguagens didáticas a melhor conhecer sua identidade histórico-cultural e a refletir e compreender sobre a necessidade de consolidação do socialismo em Cuba. Proposta que, na opinião de Miskulin:

[...] aproximava-se muito da fórmula do realismo socialista soviético, que também possuía uma forte conotação política, já que as obras eram didaticamente voltadas para a maioria da população. Esses novos parâmetros para as criações culturais cubanas eram bem semelhantes ao realismo socialista, política cultural aplicada por Jdanov [Zhdanov] na União Soviética nos anos trinta e quarenta, sob o governo de Stálin, que buscou enquadrar as produções intelectuais dentro de normas patrióticas, otimistas, populares, com uma linguagem que fosse acessível ao povo.⁴¹⁷

A compreensão da obra de arte como reflexo da realidade, ou, o realismo socialista *a la cubana*, foi endossada posteriormente, em 1975, com a realização do Primeiro Congresso do PCC. O que evidenciava “[...] que as resoluções sobre cultura do Primeiro Congresso do PCC [...] reafirmavam as diretrizes da política cultural, aplicadas pelo governo desde 1971, o que sugeria uma grande coincidência entre as decisões do governo e do PCC”⁴¹⁸ – atribuiu Miskulin. O que representa, não somente a adoção definitiva de um modelo de política

⁴¹⁶ A Operação P, ou, Noite dos Três P’s (prostitutas, proxenetas e pederastas) foi definida por Carlos Franqui como o “[...] primeiro ataque maciço socialista da revolução cubana” aos gays e, “incluiu mais do que pessoas apanhadas onde não deviam estar”. A polícia invadia “casas particulares, pois tinha listas de pessoas que procurava”. Nesta ocasião, foi preso em sua própria residência um dos colaboradores de *Lunes*, o poeta Virgilio Piñera. FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 141. Sobre a Operação P e a prisão de Piñera, cf. BARRETO, Teresa Cristófani. **A Libélula, a Pitonisa: Revolução, Homossexualismo e Literatura em Virgilio Piñera**. São Paulo: Iluminuras, 1996, p. 150. Já o jornalista Allen Young abordou a criação das UMAP’s como campos de concentração de homossexuais em Cuba. YOUNG, Allen. **Gays under the cuban revolution**. San Francisco: Grey Fox Press, 1981. p. 21-23.

⁴¹⁷ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 235.

⁴¹⁸ *Ibid.*, p. 248.

cultural há muito defendido pelos intelectuais comunistas cubanos (outrora, boa parcela pertencentes ao PSP), como também o entronamento definitivo desses intelectuais como principais agentes da *intelligentsia* orgânica do regime castrista.

Esse período balizado entre a realização do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura (1971) e do Primeiro Congresso do PCC (1975) tornou-se conhecido como Quinquênio *Cinza* e demarcou de fato o endurecimento da repressão aos intelectuais considerados “contrarrevolucionários” – aqueles que não se enquadravam nos requisitos impostos pela “cartilha” comunista cubana – e a adoção oficial do realismo socialista em Cuba.⁴¹⁹ Além disso, o período impactou profundamente na composição de uma então futura movimentação de intelectuais expatriados, ocorrida no ano de 1980, e que ficaria conhecida como Geração Mariel, uma vez que os intelectuais dessa leva emigraram de Cuba para os Estados Unidos em porto homônimo.⁴²⁰

Apesar de concretizada no Quinquênio *Cinza*, a adoção do realismo socialista como modelo de política cultural era alvo de debates e reflexões há algum tempo em Cuba. Ainda em 1965, ou seja, uma década antes da realização do Primeiro Congresso do PCC, Che Guevara enviou para o semanário uruguaio *Marcha*, de orientação comunista, um artigo intitulado *El Socialismo y el Hombre en Cuba*. Neste texto, além de discutir a importância de uma ética comunista no devir revolucionário e de criticar a adoção por alguns regimes ditos socialistas daquilo que considerava como “armas podres” do capitalismo, Guevara também refletiu sobre o papel dos intelectuais e, não obstante, sobre a viabilidade e eficácia da adoção do realismo socialista. Isso numa época em que o pensamento do teórico e revolucionário tendia cada vez mais à crítica ao “socialismo real” soviético, buscando a edificação e consolidação de um modelo socialista alternativo deveras “mais democrático, mais igualitário e mais solidário”⁴²¹.

Aliás, fora justamente em *El Socialismo y el Hombre en Cuba* que Guevara enalteceu o papel fundamental do “Homem Novo” na edificação do socialismo, bem como indicou qual seria a melhor via a ser adotada por um Estado socialista a fim de empreender a formação desses homens imbuídos com o que acreditava ser o verdadeiro espírito revolucionário, a antítese do homem-mercado capitalista:

⁴¹⁹ VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 267.

⁴²⁰ Sobre a Geração Mariel, cf. MARQUES, Rickley Leandro. **A Condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)**. 276 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2009.

⁴²¹ LÖWY, Michael. **O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais**. Tradução de Claudia Schilling e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 46.

Para construir el comunismo, simultáneamente con la base material hay que hacer al hombre nuevo. De allí que sea tan importante elegir correctamente el instrumento de movilización de las masas. Este instrumento debe ser de índole moral, fundamentalmente, sin olvidar una correcta utilización del estímulo material, sobre todo de naturaleza social. Como ya dije, en momentos de peligro extremo es fácil potenciar los estímulos morales; para mantener su vigencia, es necesario el desarrollo de una conciencia en la que los valores adquieran categorías nuevas. La sociedad en su conjunto debe convertirse en una gigantesca escuela.⁴²²

A sociedade-escola idealizada por Guevara não deveria fomentar uma aprendizagem puramente passiva. Pelo contrário, ela deveria ser acima de tudo incentivadora da autoeducação das massas.⁴²³ Por essa razão, em *El Socialismo y el Hombre en Cuba*, Guevara propõe uma reflexão no mínimo curiosa em relação à adoção do realismo socialista, apesar de truncada: ao passo que defende o realismo socialista como uma via possível e contributiva para com a edificação do homem socialista, critica-o, por seu caráter excessivamente sistematizado e por seu hermetismo em relação à contribuição de outras formas de expressões artísticas. Tal como sugere o seguinte fragmento:

Pero, ¿por qué pretender buscar en las formas congeladas del realismo socialista la única receta válida? No se puede oponer al realismo socialista «la libertad», porque ésta no existe todavía, no existirá hasta el completo desarrollo de la sociedad nueva; pero no se pretenda condenar a todas las formas de arte posteriores a la primer mitad del siglo XIX desde el trono pontificio del realismo a ultranza, pues se caería en un error proudhoniano de retorno al pasado, poniéndole camisa de fuerza a la expresión artística del hombre que nace y se construye hoy.⁴²⁴

E, continua:

En nuestro país [Cuba], el error del mecanicismo realista no se ha dado, pero sí otro signo de contrario. Y ha sido por no comprender la necesidad de la creación del hombre nuevo, que no sea el que represente las ideas del siglo XIX, pero tampoco las de nuestro siglo decadente y morboso. [...] Resumiendo, la culpabilidad de muchos de nuestros intelectuales y artistas reside en su pecado original; no son auténticamente revolucionarios. Podemos intentar injertar el olmo para que dé peras, pero simultáneamente hay que sembrar perales. Las nuevas generaciones vendrán libres del pecado original. Las posibilidades de que surjan artistas excepcionales serán tanto mayores cuanto más se haya ensanchado el campo de la cultura y la posibilidad de expresión. Nuestra tarea consiste en impedir que la generación actual, dislocada por sus conflictos, se pervierta y pervierta a las nuevas.⁴²⁵

⁴²² GUEVARA, Che. *El Socialismo y el hombre en Cuba*. 1965. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/guevara/65-socyh.htm>>. Acesso em: 16 out. 2011.

⁴²³ LÖWY, Michael. *O Pensamento de Che Guevara*. 5 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003, p. 43.

⁴²⁴ GUEVARA, Che. *El Socialismo y el hombre en Cuba*. 1965. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/guevara/65-socyh.htm>>. Acesso em: 16 out. 2011.

⁴²⁵ Ibid.

O historiador cubano Rafael Rojas aponta que, num primeiro momento, as críticas ao realismo socialista presentes em *El Socialismo y el Hombre en Cuba* caíram como uma bênção para os intelectuais do “Grupo R”. Mas, o caráter ambíguo do texto – ao que o historiador chama de vanguardismo político de Che – também abriu precedentes para a depreciação dos intelectuais deste grupo.⁴²⁶ Principalmente, porque estabelece parâmetros comunistas e uma moralidade quase higienista para idealizar o perfil do verdadeiro intelectual revolucionário.

Em certa medida, a ideia de pecado original expressa por Guevara encontra ressonância em *Palabras a los Intelectuales* de Fidel Castro, proferidas em 1961, quando das reuniões da Biblioteca Nacional. Para Che, os guerrilheiros da *Sierra Maestra* encarnavam o verdadeiro espírito do homem novo: “En la actitud de nuestros combatientes se vislumbra al hombre del futuro”⁴²⁷. Entendimento semelhante de “verdadeiro revolucionário” fora anteriormente proferido por Fidel Castro nas reuniões da Biblioteca: “Pensem no combatente que morre lutando, sacrifica tudo o que tem; sacrifica sua vida, sacrifica sua família, sacrifica sua esposa, sacrifica seus filhos, para quê? Para que possamos fazer todas estas coisas”⁴²⁸. Assim, o “pecado original” de muitos intelectuais cubanos residia em não serem os “rebeldes da *Sierra*”, ou seja, militares: cegamente obedientes e disciplinados; menos teóricos e mais práticos; mais abnegados do que críticos; e, em muitos casos, verdadeiros *machos* cubanos. Sobre essa idealização do intelectual, Rojas escreveu:

Quando el Che Guevara afirmaba que el “pecado original de los artistas residía en que no eran auténticamente revolucionarios” y proponía “injetar el olmo para que diera peras” y hasta recomendaba, en franco aislacionismo genético-comunista, “impedir” que aquella generación “pervirtiera a las nuevas”, o cuando Fidel Castro los inducía a una catarsis en la Biblioteca Nacional para confirmar, una vez más, que aquellas criaturas eran débiles e inferiores por dubitativas y demasiado escrupulosas, y, finalmente, clausurar el debate con una máxima de absoluta discrecionalidad, “dentro de la Revolución todo, contra la Revolución nada”, ambos políticos no hacían otra cosa que humillar a un actor en el límite moral de su subjetividad, dispuesto a soportar cualquier castigo a cambio de la equívoca gloria de ser considerado un “buen revolucionario”. Todo el despotismo que la nueva élite del poder ejerció sobre los escritores y artistas cubanos, desde la clausura de *Lunes de Revolución*, en 1961, hasta el Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura, una década después, estuvo basado en la infernal y persistente dialéctica entre el apoliticismo de los intelectuales y el antiintelectualismo de los políticos.⁴²⁹

⁴²⁶ ROJAS, Rafael. **Tumbas sin Sosiego** – Revolución, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 174.

⁴²⁷ GUEVARA, Che. **El Socialismo y el hombre en Cuba**. 1965. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/guevara/65-socyh.htm>>. Acesso em: 16 out. 2011.

⁴²⁸ CASTRO, Fidel. Palavras aos Intelectuais. In: SADER, Emir (Org.). **Fidel Castro** – Política. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 57. São Paulo: Ática, 1986, p. 99.

⁴²⁹ ROJAS, op. cit., p. 166.

Desse modo, não se pode afirmar que a adoção na primeira metade da década de 1970 do modelo de realismo socialista soviético em Cuba foi uma realização de última hora, sem crivos, ou mesmo, inevitável. Desde as reuniões na Biblioteca Nacional, que levaram ao fatídico desfecho do “caso *P.M.*”, ocorreu uma busca incessante pela definição de uma política cultural. Busca essa que, em grande medida, encontrou um caminho definitivo em agosto de 1968, quando transcorreu o derradeiro alinhamento do país com a União Soviética. Nessa ocasião, devido a eclosão da “Primavera de Praga”, movimento que reivindicava maior liberdade interna na Tchecoslováquia comunista, tropas soviéticas invadiram o país europeu e sufocaram a sublevação. Fidel Castro posicionou-se publicamente a favor da movimentação repressora, o que lhe garantiu preciosos pontos com os soviéticos e consolidou a “aliança” entre os dois países. Para Gott, durante boa parte da década, Fidel Castro tentara fazer de Cuba uma via alternativa ao comunismo soviético:

O país se beneficiou da assistência soviética em muitas áreas, mas perseverou no seu programa caseiro. Contudo, em 1968, o regime de Castro estava intelectualmente falido, e foi com gratidão que se deixou cair no cálido abraço soviético. A atração da aliança com a União Soviética não era tanto as armas, e as garantias militares que vinham com elas, mas o desenho ideológico que a experiência soviética e europeia oriental propiciava.⁴³⁰

Mesmo, porque, à iminência do décimo aniversário do triunfo da Revolução Cubana e a apenas 145 quilômetros de distância dos Estados Unidos, Cuba ainda patinava na falta de um programa político-ideológico completo e concreto, sustentando-se apenas na imagem e na força política de Fidel Castro.⁴³¹

É justamente sobre os sustentáculos dessa compreensão histórica, a do itinerário percorrido pelo processo de afinilamento cultural em Cuba, que emerge a compreensão dos exílios e dos discursos memorialísticos exilados levados a cabo por Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante. O historiador Rafael Rojas aponta que, quando em foco o exílio dos intelectuais cubanos, anteriormente simpáticos ou engajados na revolução, bem como as historiografias por eles edificadas, é importante notar que cada grupo emigrado é portador de um discurso próprio, carregado com um “archivo de agravios” e com uma “particular localización de la culpa”⁴³².

No caso dos intelectuais exilados no biênio 1960-1961, muitos dos quais republicanos

⁴³⁰ GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006, p. 269.

⁴³¹ *Ibid.*, 270.

⁴³² ROJAS, Rafael. **Tumbas sin Sosiego – Revolución, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 396.

reformistas outrora simpáticos à revolução e, posteriormente, emigrados para os Estados Unidos ou Porto Rico, a tônica de suas reconstruções memorialísticas ou historiográficas gira em torno da defesa do argumento da “revolução traída”; ou seja, da revolução que iniciada como um movimento em prol da democracia transformou-se numa ditadura de esquerda.⁴³³ Já os depoimentos dos intelectuais da Geração Mariel, classificados por Rojas como os “más amargos y dolidos” relatos produzidos pelo exílio cubano, uma vez que boa parcela de seus autores sofreram na pele a repressão desencadeada pelo Quinquênio Cinza, a tônica se baliza entre a denúncia das arbitrariedades levadas a cabo pelo autoritarismo moral e o profundo desencanto político em relação ao regime castrista.⁴³⁴

Nessa perspectiva, qual a inserção e qual a coloração dos discursos produzidos *in exilium* por Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante? A esta altura, após longa caminhada empreendida pelas trajetórias e representações enunciadas nos fragmentos extraídos dos livros de memórias dos dois autores, uma resposta plausível à tão pertinente pergunta que, desde o início desta dissertação, colocou-se entrelinhas latente, pode ser dada sem qualquer dificuldade pelo leitor. Mas, antes de cerrar por completo a porta de saída, que não é a mesma de entrada, outro questionamento faz-se pertinente: como Guillermo e Carlos saíram de Cuba? Certamente, não de modo semelhante às saídas dos intelectuais do biênio 1960-1961 e da Geração Mariel. A ruptura dos intelectuais exilados no biênio 1960-1961 com o regime castrista ocorreu de uma maneira relativamente brusca, expressando que “El nacionalismo y la violencia de aquel primer exilio se conjugaron en una actividad política y militar [...]”⁴³⁵. Já a saída da Geração Mariel apresentou-se dentro de uma movimentação massiva que englobou 125 mil pessoas e que foi consumada após a mobilização dos atores históricos envolvidos reivindicando o direito de saída espontânea de Cuba; como desdobramento, o governo cubano decidiu que a abertura do porto de Mariel serviria para o expurgo daqueles que considerava a permanência em território cubano indesejável.⁴³⁶

Após o fechamento de *Lunes de Revolución*, Guillermo Cabrera Infante permaneceu em Cuba até o ano de 1962, quando foi nomeado pelo governo para assumir o posto de adido cultural em Bruxelas:

⁴³³ ROJAS, Rafael. **Tumbas sin Sosiego** – Revolución, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 394.

⁴³⁴ Ibid., p. 396-397.

⁴³⁵ Ibid., p. 394.

⁴³⁶ MARQUES, Rickley Leandro. **A Condição Mariel**: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990). 276 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2009, p. 150.

O governo revolucionário literalmente não sabia o que fazer com meu caso, entre outras coisas, porque meu apartamento do Retiro Médico era centro de reunião de intelectuais cada vez mais numerosos, cada vez mais descontentes, cada vez mais atrevidos. Foi por essa razão que me ofereceram este obscuro cargo de segundo secretário numa embaixada de segunda, que ninguém queria, nem eu. Foi por esta razão que me estenderam o tapete (voador) vermelho para sair de Cuba [...]. Em meu exílio com beneplácito oficial, foi a outrora todo-poderosa Furtseva de Cuba, Edith García-Buchaca (diretora, na época, do Conselho Nacional de Cultura, hoje na prisão, acusada de “agente do imperialismo”), quem revelou as verdadeiras intenções que existiam por trás da nomeação diplomática.⁴³⁷

O autor cumpriu esta função diplomática no que considerou como a “Sibéria do castrismo”, até o ano de 1965, quando em decorrência do falecimento de Zoila retornou a Cuba:

Na madrugada do dia 2 de junho de 1965 recebi em Bruxelas um telefonema de Carlos Franqui, de Havana, dizendo que minha mãe estava gravemente doente, e ao mesmo tempo dando a entender que a gravidade era fatal. Telefonei de imediato ao ministro Roa, pedindo-lhe permissão para voltar a Cuba sem demora. A permissão sempre seria necessária, mas agora era imprescindível. Eu era o encarregado de negócios e não havia mais ninguém na embaixada, a não ser Miriam Gómez, minha mulher. Roa ouviu minhas razões e deu-me sua permissão pessoal para voltar a Havana. Minha mãe morreu enquanto eu estava a caminho de Cuba, e viajei do aeroporto à funerária onde era realizado o velório.⁴³⁸

Mas não fiz a viagem de avião, e sim no pião do tempo. Ainda na Bélgica eu sentia falta de Cuba, de sua paisagem, de seu clima, de sua gente, sentia uma saudade da qual ainda não me livrei, e só pensava em voltar. [...] Eu não conseguia reconhecer Havana, e vejam que não estava voltando exatamente de Paris, mas de uma Bruxelas provinciana e triste, um lugar feio. Em Cuba, a lua brilhava como antes da Revolução, o sol era o mesmo, a natureza emprestava a tudo sua vertiginosa beleza. A geografia era a mesma, estava viva, mas a História tinha morrido.⁴³⁹

Segundo Guillermo Cabrera Infante, àquela altura ele já planejava se desligar definitivamente do regime, mas quando fora embarcar no avião da *Cubana* em retorno à Europa teve de abandonar a nave com as duas filhas. Num artigo de 1984, escreveu: “Ninguém nunca soube por que me fizeram descer do avião, por que nunca voltei a ver o ministro Roa, por que fui retido durante quatro meses em Havana”⁴⁴⁰. Ocorre que “[...] foi o comandante Manuel Piñero (mais conhecido por seu apelido de pirata: Barba-Roxa), chefe do SerInt-ConInt (Serviço de Inteligência e Contraineligência), quem descobriu o motivo oculto”⁴⁴¹ – escrevera em carta datada de 1968. O “motivo oculto” ao qual o autor se refere é

⁴³⁷ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 51.

⁴³⁸ Ibid., p. 209.

⁴³⁹ Ibid., p. 29.

⁴⁴⁰ Ibid., p. 211.

⁴⁴¹ Ibid., p. 51-52.

a tentativa de desligamento sem prévio aviso em relação ao governo castrista.

Guillermo Cabrera Infante finalmente deixou Cuba em outubro de 1965, graças à ajuda de um amigo, o comandante Alberto Mora.⁴⁴² Em 1968, a uma entrevista a *Primera Plana* reiterou:

Quando deixei Cuba em 1965, quando saí de Havana no dia 3 de outubro de 1965, quando o avião decolou do Aeroporto de Rancho Boyeros às 22h10 do dia 3 de outubro de 1965, quando passamos o *point of no return* depois de quatro horas de voo [...], quando finalmente tirei o cinto de segurança e olhei para minhas filhas dormindo ao meu lado e peguei a maleta de nome irônico – *attaché-case* – e a abri para dar uma olhada tranquilizadora nas laudas irregulares, clandestinas, dedicadas a transformar *Vista do amanhecer no trópico* em *Tres Tristes Tigres*, soube qual era o meu destino: viajar, sem voltar para Cuba, cuidar de minhas filhas e ocupar-me de/com literatura.⁴⁴³

No mesmo ano em que Guillermo fora nomeado adido cultural em Bruxelas, Carlos Franqui também procurou distanciar-se de Cuba. “Después de publicar en *Revolución* durante la crisis del Caribe el retiro soviético de los cohetes [...] salí con mi familia para Italia, sin reportarme durante meses”⁴⁴⁴ – escreveu Franqui, que estava tentando se “desembaraçar do *Revolución* sem derrubar a casa em cima de mais ninguém”⁴⁴⁵. A ausência custou-lhe como supostamente pretendia o cargo de diretor do periódico, em 1963. Porém, a tática de Franqui era de “[...] poder estar dentro y fuera de Cuba, entrar y salir, y a la espera de mejores momentos [...]”⁴⁴⁶. Por isso, entre 1962 e 1964, como suposto correspondente do *Revolución*, viajou com a esposa Margot e os dois filhos por diversos países. Inclusive, em 1964, enquanto residiu esporadicamente na Itália, em Bruxelas, em Zurique e em Paris, manteve constante contato com o casal Guillermo Cabrera Infante e Miriam Gómez, então, residentes na capital belga.

Para essas viagens de 1964 pela Europa, o jornalista alegou que:

Eu não tinha muitas opções na época. Não podia me demitir do *Revolución* porque ninguém abandona Fidel. Eu desprezava Miami e os contrarrevolucionários [...]. Eu podia ver que o próprio Che estava se envolvendo em problemas, em parte porque pensava em termos de revolução latino-americana em grande escala, em vez de uma revolução só em Cuba. [...] Tinha uma desculpa perfeitamente boa para ir à Europa (fora os motivos reais) – trabalhar no livro planejado por Fidel, em outros livros que

⁴⁴² CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 211.

⁴⁴³ *Ibid.*, p. 26.

⁴⁴⁴ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memórias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 275.

⁴⁴⁵ *Idem*. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 180.

⁴⁴⁶ *Idem*. **Cuba...**, op. cit.

se encontravam em estágio de planejamento e no espetáculo de fotografias que viajaria por Paris, África e União Soviética.⁴⁴⁷

Em *Cuba, la revolución*, Franqui relatou que a liberação para esta estadia na Europa em 1964 partiu do próprio Fidel Castro, que, certo dia, lhe convidou para uma conversa e disse:

-No hay nada que tú puedas hacer aquí, feliz tú que eres libre, que puedes viajar, vivir y hacer lo que quieras, yo soy un esclavo de la Revolución. – Y agregó –: Yo sé que tú, pese a tus prejuicios contra el comunismo, Stalin y los soviéticos, siempre serás fiel a la Revolución. [...] –Viaja, sé que te gusta Europa, estudia, sé que por allá tienes muchos amigos en el mundo cultural, siempre decías en la sierra Maestra que al triunfo te gustaría escribir libros, que ésa era tu vocación. Ojala yo pudiera hacerlo, pero no tengo tiempo.⁴⁴⁸

Então, residindo em Paris, em 1965, Carlos Franqui se encontrou com Che Guevara, o autor, naquele mesmo ano, de “*El Socialismo y el Hombre en Cuba*”, que, ao levá-lo para um canto, supostamente lhe disse: “– Franqui, con Fidel ni matrimonio ni divorcio”⁴⁴⁹. Seria a última vez que o jornalista falaria com Che, uma vez que após o fracasso da campanha do Congo, o revolucionário morreria em selva da Bolívia (1967). Sem recursos, desempregado e doente, naquele ano de 1965, o ex-diretor do *Revolución* retornou a Cuba.⁴⁵⁰ Consegue tratamento médico, mas permanece desempregado até o ano seguinte, quando a pedido de Margot, Célia Sánchez arranja-lhe um emprego na *Oficina de Asuntos Históricos*. Certamente, 1965-66: os anos mais difíceis para Franqui.

Entre maio de 1967 e janeiro 1968, Carlos Franqui sai dos bastidores e volta à ativa, organizando dois dos maiores eventos culturais da Cuba pós-revolucionária: o *Salón de Mayo de Cuba* (1967) e o *Congreso Cultural de La Habana* (1968). Ambos os eventos reuniram em Cuba uma gama de artistas e intelectuais estrangeiros. No *Salón de Mayo* marcaram presença: Wilfredo Lam, Juan Miró, Pablo Picasso, Alexander Calder, entre outros, e, no *Congreso Cultural*, mais de quinhentos intelectuais de setenta países.⁴⁵¹ Mesmo com o sucesso dessas empresas, Franqui não se sentia contente em Cuba: “Quería irme de Cuba, ya no soportaba más, me sabía en desgracia absoluta”⁴⁵². Dessa maneira, o exílio definitivo veio somente em

⁴⁴⁷ FRANQUI, Carlos. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 204.

⁴⁴⁸ Idem. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 287.

⁴⁴⁹ Ibid., p. 312.

⁴⁵⁰ Ibid., p. 290-291.

⁴⁵¹ MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 184.

⁴⁵² FRANQUI, op. cit., p. 341.

1968. Mas com alguma dificuldade, tal como relatou o autor:

Desde el mes de abril del 68 teníamos listos los pasaportes para salir, pero fuimos retenidos durante tres meses, hasta el 7 de julio, cuando definitivamente partimos. No se nos permitió que nos acompañara nuestro hijo Carlos, al que sin consultarnos habían becado en Vento. Seguiríamos reclamando su salida, y en caso de no conseguirla, regresaríamos después de la operación de Camilo [outro filho]. Y sabiendo el destino que nos esperaba, la única solución, bien difícil entonces, era escapar clandestinamente de la isla. Después supimos que la primera retención se debió a que Fidel Castro temía que Haydée Santamaría y yo, que también tenía que operar un hijo en Europa, nos uniéramos al Mayo francés. La segunda fue debida a la Seguridad. Finalmente Carlos salió de Cuba el mismo día de la invasión rusa de Checoslovaquia y se nos unió en Saint Gallen, donde Camilo había sido operado [...].⁴⁵³

Num texto datado de agosto de 1988 e intitulado “Prisioneiros da Ilha do Diabo”, Guillermo Cabrera Infante também comentou a saída de Franqui:

Carlos Franqui saiu de Cuba para sempre em 1968, simplesmente porque não pode sair antes com a sua família: Franqui é um homem de família. Testemunhei suas tentativas em Paris, em 1965, de buscar uma saída segura. Teve que voltar a Cuba. Por fim, farto até a náusea, conseguiu se retirar com sua mulher e um filho menor, deixando para trás sua mãe e seu filho mais velho, que saiu justamente dias antes de completar catorze anos. [...] A mãe de Franqui ficou em Cuba, sob os cuidados de outros parentes, em sua antiga casa. E lá morreu. [...] Agora Castro, numa entrevista tão tagarela (até seus assessores dizem que ele fala demais) quanto falsa, acusou Franqui, entre outros crimes contra o homem, do crime contranatura de ter abandonado sua mãe – obviamente aos perigos de seu regime. Há pouco tempo Castro exclamou pela televisão: “[...] como os ratos abandonam o barco que está afundando!”. Mas ao perceber o perigo que trazem as metáforas quando são tomadas ao pé da letra, pôs as barbas de molho e acrescentou rapidamente: “Mas este barco nunca afundará!”.⁴⁵⁴

Os relatos de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante demonstram o quanto as saídas dos autores para exílio ocorreram de maneiras um tanto semelhantes, ressalvadas suas respectivas singularidades: trajetos, idas e vindas, percalços, datas etc. Do mesmo modo, assinalam que diferentes foram da ruptura brusca que matizou a saída dos intelectuais do biênio 1960-1961, e, em contraste com o movimento de saída massiva que caracterizou Mariel, os desligamentos de Carlos e Guillermo com o regime castrista ocorreram de maneira mais lenta e processual, sem grandes ou bruscas fissuras, antecidos por períodos de acomodação e adaptação fora de Cuba. Mais além, ao contrário do grupo Mariel e dos intelectuais do biênio 1960-1961, que primeiramente alocaram seus desterramentos nos Estados

⁴⁵³ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 348.

⁴⁵⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 222.

Unidos ou em Porto Rico, Guillermo e Carlos partiram para Europa. E este foi um movimento emblemático, uma vez que demonstra que os autores, mesmo em decorrência dos contatos que já haviam estabelecido no Velho Continente, acabaram por edificar uma diferenciação geografia quanto a seus exílios. Talvez, porque, como homens de esquerda e colaboradores do regime castrista, Guillermo e Carlos não se sentissem a vontade, tampouco alinhados, com as comunidades de desterrados nos Estados Unidos e em Porto Rico.

Esses fatores, que, de um modo ou de outro, corroboraram para com a constituição de um exílio diferenciado em relação aos empreendidos pelos intelectuais da Geração Mariel e do biênio 1960-1961, produziram uma tônica discursiva própria. Essa tônica ficou matizada entre as “doces” lembranças em relação à etapa da luta revolucionária e dos primeiros anos pós-revolucionários, quando da “lua-de-mel” do “Grupo R” com o regime, e as memórias “amargas” dos anos em que se processou a aproximação de Cuba com a União Soviética e em que se deu o afunilamento da política cultural. Dessa maneira, Rojas aponta que:

[...] las memorias de intelectuales que emigraron en las dos primeras décadas, luego de haber tomado parte en la Revolución, como Carlos Franqui, Guillermo Cabrera Infante, Nivaria Tejera o César Leante, dan cuenta de una frustración con el régimen político y con la persona de Fidel Castro que no parte del tópico de la “revolución traicionada” por el giro hacía el marxismo-leninismo, tal y como aparecía en la primera generación del exilio, ya que ellos mismos también habían sido socialistas. El principal motivo de ruptura en estas memorias es la “estalinización” o “sovietización” del socialismo, hasta entonces “autóctono” [...].⁴⁵⁵

Por esse caminho constituiu-se as matizes dos discursos produzidos *in exilium* por Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui. Pelo movimento que Edward Said compreende como a necessidade do exilado de reconstruir uma identidade a partir de descontinuidades e refrações.⁴⁵⁶ Em 1965, “Ao voltar para a Europa, mais exatamente para Madri, percebi que a única tarefa que para mim teria alguma consequência seria reconstruir Havana por meio da memória, e reviver num livro seu esplendor perdido”⁴⁵⁷ – escreveu, em 1992, Guillermo Cabrera Infante. Daí também as ênfases, em quase todos os excertos retirados dos livros de memórias escritos pelos dois autores e presentes nesta dissertação, ao caráter antistalinista, pluralista e nacionalista de seus pensamentos. De certo modo, trata-se de uma continuidade, a partir da descontinuidade dentro do processo cubano, dos princípios defendidos em *Lunes de*

⁴⁵⁵ ROJAS, Rafael. **Tumbas sin Sosiego** – Revolución, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 396.

⁴⁵⁶ SAID, Edward W. **Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaio**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 52.

⁴⁵⁷ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 470.

Revolución, outrora presentes na primeira formação de *Nuestro Tiempo*, e, mais além, em *Nueva Generación*. Quiçá uma continuidade, a partir da descontinuidade perpetrada pelo alinhamento de Cuba à União Soviética, dos verdadeiros princípios que Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante acreditavam serem os da Revolução Cubana na etapa insurrecional e nos dois primeiros anos após o triunfo. A continuidade e conformação identitária daquilo que Guillermo e Carlos foram e representaram para Cuba revolucionária, bem como daquilo que foi e representou o espírito primordial da Revolução Cubana.

Dessa maneira, não há como negar que, como bem assinalou Rafael Rojas, os exílios de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante compuseram dentro do histórico e do plural cenário do exílio cubano, uma modalidade diferenciada de exílio: a do intelectual de esquerda. Enquanto, em suas obras e em inúmeras entrevistas, Guillermo Cabrera Infante omitiu seu passado esquerdista, Franqui jamais negou essa vinculação, tanto que o subtítulo de seu último livro, o mais proeminente de sua produção memorialística é “Memorias de un fantasma socialista”. O socialista não aí sugere o caráter do regime, mas, sim, refere-se à filiação do pensamento do “fantasma”, uma vez que, no exílio, o jornalista que um dia esteve à frente da *Radio Rebelde* e que idealizou *Nuestro Tiempo*, *Revolución*, *Lunes* e o *Salón de Mayo* tornou-se quase um anônimo, jamais conseguindo recuperar o *status* que possuía quando estava em Cuba, tampouco fazer com que boa parte da opinião pública internacional reconhecesse seu valor como intelectual ou a importância que teve para a Revolução Cubana. Um destino bem diferente daquele logrado pelo amigo Guillermo, que no exílio consagrou-se não somente como expoente literário, mas como um dos principais intelectuais cubanos exilados e um dos mais ferrenhos opositores do regime castrista.

Ao criticar os discursos que se focalizam na tônica da “revolución traicionada” é que transparece uma ideia largamente difundida nos livros de memórias de Carlos Franqui, e, entrelinhas, também nos de Guillermo Cabrera Infante. Para Franqui a revolução não foi somente traída, ela nasceu traidora:

La teoría de Trotski no es que la naturaleza de la revolución comunista fuera la causante del fracaso soviético. La revolución [Russa] había fracasado, no porque fuera mala, sino porque había sido traicionada por Stalin y la burocracia. Algunos prestigiosos compatriotas, entre ellos Huber Matos, al referirse al desastre castrista lo califican de la revolución traicionada. ¿En el caso cubano es posible salvar la revolución y condenar sólo Fidel Castro? No lo pienso. Fidel Castro era y es en realidad la Revolución, pero es cierto que hay grandes diferencias teóricas entre la doctrina del marxismo-leninismo y el castrismo, que es sólo una ideología del poder. [...] Infiel a todo, Fidel Castro sólo es fiel a si mismo. Es decir a su poder total. Como su fidelidad es sólo a si mismo, es decir a Fidel, en vez de llamarse Fidel debió llamarse Infidel. Castro traiciona siempre: sus palabras, promesas, compromisos, compañeros, amigos [...] Lenin y Trotski, en Rusia, tomaron el poder

movilizando el pueblo por la paz, contra la guerra, por el pan, contra el hambre y el terror; [...] En Cuba todo dependía de un caudillo, Fidel Castro, que se decía demócrata y no comunista. [...] El dilema del 26 y de la clandestinidad era que Fidel Castro había sido su fundador, su jefe y creador único, nadie podía discutirle su jefatura y que los instrumentos creados para equilibrar su caudillismo – clandestinidad, milicias, resistencia cívica, el movimiento obrero y estudiantil, el aparato de propaganda y *Revolución* – sirvieron para la victoria y después fueron de una manera u otra aniquilados. [...] Y así el traidor a todos y a todo encontró y aplicó su instrumento perfecto, la revolución comunista, es decir, la revolución cuya naturaleza es traidora. [...] La conclusión, en el caso de Cuba, es que la Revolución fue traicionada, pero además que era traidora.⁴⁵⁸

A ideia de uma revolução traída em decorrência da estratégica utilidade da “sovietização” por Fidel e, ao mesmo tempo, traidora por ter sido liderada por um “Infidel”, diminui e até disfarça, mas não isenta quem rememora, no caso, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante, do peso por ter de algum modo contribuído para com o entronamento do que consideram uma “aberração histórica”, o castrismo. Por isso, no entendimento de Franqui, a combinação entre a ideia de “revolución traída” e a de “revolución traicionada” acaba por coroar um único conceito, o de “Revolución Perdida”.⁴⁵⁹ Assim, esse é o verdadeiro pano de fundo de toda a representação sobre a história da Revolução Cubana e de Cuba edificada pelos autores no exílio, o verdadeiro sentido de suas respectivas e recíprocas tentativas de reescrever (ou conceder suas versões amarradas sobre) a história cubana contemporânea. Versões que se diferenciam da historiografia oficial produzida pelo regime, ao passo que se distanciam das produzidas por outros exilados. Ao que Franqui conclama:

Esa revolución perdida destruyó la historia de Cuba, sus grandes caídas salvadas por sus grandes momentos. Hoy por no tener nada, no tenemos historia, aun sin nos queda un poco de aventura, humor y rebeldía. [...] Durante cuatro años entre contradicciones y conflictos participé de una manera activa en aquella revolución perdida, y en mi conciencia, en este libro, como en otros, asumo la responsabilidad. Durante cuarenta años de mi vida me he dedicado humildemente a deshacer los entuertos de aquella monstruosidad. Sin vender el alma al diablo ni olvidar que si la cura revolucionaria mata, la enfermedad social es para quien la sufre la muerte de cada día.⁴⁶⁰

Assim, quando em 2001, na entrevista a Raúl Zamora da Agência France Press, sobre a qual se referiu Machover, como enunciado no capítulo anterior, Guillermo Cabrera Infante supostamente alegou que “Yo no me arrepiento de nada sobre el periodo en que estuve apoyando a la revolución, lo importante es lo que hice después de salir de Cuba en 1965”⁴⁶¹,

⁴⁵⁸ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 435-438.

⁴⁵⁹ Ibid., p. 420-421.

⁴⁶⁰ Ibid., p. 421.

⁴⁶¹ MACHOVER, Jacobo. Guillermo Cabrera Infante y los fusilamientos. In: **Diario de Cuba**. Sección Historia.

será que no fundo não havia algum arrependimento? Possivelmente, mas não em relação às vítimas dos fuzilamentos como queria o esperançoso Machover. Todavia, mesmo que não tenha assumido na entrevista, Guillermo com certeza se arrependeu por ter contribuído para com o regime de Fidel Castro, pois, assim como ocorreu com Franqui, o sentimento de “Revolución Perdida” também é forte nas representações tecidas em exílio por ele, sempre emergindo acompanhadas pelas escumas da culpa, como sugere o próprio autor, ao explicar o título de um de seus principais livros:

Não há escritura inocente, sei disso. *Mea Cuba* pode querer dizer “Minha Cuba”, mas também sugere a culpa de Cuba. A palavra-chave, claro, é *culpa*. Este não é um sentimento estranho ao exilado. A culpa é grande e se expande: por ter deixado minha terra para ser um desterrado e também por ter deixado para trás os que estavam no mesmo barco, que eu ajudei a lançar ao mar sem saber que era ao mal.⁴⁶²

Em *Cuba, la Revolución*, Carlos Franqui também faz o seu *mea culpa*, que, no melhor dos casos, não é somente um *mea culpa*, mas uma síntese do seu “pecado original” dentro do processo político:

Sabía que mi desgracia no se debía a intrigas, sino a un golpe de mala suerte, cosa que solía ocurrir. Ni siquiera a la acción de los muchos y poderosos enemigos que tenía en el poder. Yo era el causante de mi propia desgracia, por aquella permanente contradicción de estar y no estar, de hacer de mis síes [sic] continuos no. Casi como si yo fuera dos personas que luchaban a muerte una con la otra.⁴⁶³

Se para Franqui seu “pecado original” foi se manter-se por muito tempo “em cima do muro” (estar perto do poder, sem se transformar num burocrata; colocar-se próximo a Fidel, sem aceitar os cargos políticos que ele lhe oferecia), o de Guillermo Cabrera Infante converteu-se não em uno, mas na trindade completa:

Lunes tinha muita força – e não apenas literária. Meu primeiro erro como diretor de *Lunes* foi tentar limpar os estábulos do pináculo literário cubano, recorrendo à escova política para limpar a casa das letras. [...] O tabloide, contando com o esmagador poder da Revolução (e do governo) por trás dele, e também com o prestígio político do MR 26 de Julio, foi como um furacão que literalmente arrasou com muitos escritores enraizados, lançando-os no esquecimento. [...] Virgilio [Piñera], que sempre foi um pária em seu país, homem pobre, paupérrimo, quase à beira da indigência, se transformou em nossa figura paterna favorita: o escritor da casa. [...] Outro erro. [...] Piñera tinha um defeito especial. Como santo André,

Disponível em: <<http://www.diariodecuba.com/cultura/8817-guillermo-cabrera-infante-y-los-fusilamientos>>. Acesso em: 18 enero 2012.

⁴⁶² CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 20.

⁴⁶³ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 341.

tratava-se de uma falha visível a olho nu. Virgílio, como seu xará romano, era pederasta. [...] Isso seria a maior fofoca em Paris [...], mas estávamos na Havana revolucionária, e, numa revolução não há lugar para rainhas. [...] Terceiro pecado original cometido: tinham se reunido ao redor de *Lunes* muitas pessoas de talento, cada uma das quais apoiava a Revolução a seu modo.⁴⁶⁴

Noutras palavras: “a nau literária [*Lunes*] estava sendo conduzida por um bando de maníacos, ácratas e pederastas [...]. Éramos ‘os privilegiados’, como nos rotulou Che Guevara, que nunca seriam ‘verdadeiros revolucionários’ [...]”⁴⁶⁵. Coincidência ou não, o mesmo ano em que *Marcha* publicou *El Socialismo y el Hombre en Cuba* foi o ano em que Guillermo Cabrera Infante exilou-se. O “rótulo” utilizado por Guevara, mas, outrora preenchido pelo conteúdo de Fidel, “condenara” toda uma cultura e “geração” literária em Cuba:

Esta moralidad genética [pecado original] no sólo llegó a difundirse entre los líderes políticos sino entre los propios intelectuales, quienes proyectaron en sus obras el complejo de culpa de no haber participado en la Revolución. Gran parte del discurso laudatorio sobre hitos y héroes de gesta, que se acumula en esos años, es el resultado textual de dicha proyección.⁴⁶⁶

Via de mão dupla sobre uma mesma ponte: os intelectuais revolucionários convertidos em “ficcionistas” – quando não, em fantasmas – da e na Revolução; enquanto que, os intelectuais ficcionistas converteram-se em verdadeiros revolucionários na ficção, e, quiçá, na e da própria Revolução. Os primeiros culpam-se pela criação; os segundos culpam-se por terem sido somente criaturas. Paradoxo ou profecia bíblica? Nem um, nem outro. Simplesmente, história. Afinal, “foi o socialismo que derrotou o socialismo.” – escreveu em novembro de 1989 *G. Caín* (Guillermo Cabrera Infante), frente aos sucessivos episódios que levaram ao colapso do socialismo no Leste Europeu. E completou:

Desde Adão e Eva o preço da comida nunca foi proporcional a seu custo. Claro que agora pagamos por essas delícias passadas. No entanto, Adão e Eva tiveram que ser expulsos do paraíso. Em nossos dias de mudança um Deus possessivo *impede* o homem (e a mulher também) de ir embora do paraíso. São vistos durante a noite e às vezes em pleno meio-dia. Esses alemães que fogem, por que correm? Fazem isso para salvar-se de uma utopia alheia e, como muitos declararam à imprensa, fugiam em busca de sua vida *futura*. Uma utopia particular que se tornava pública. Assim vemos óbvios operários fugindo do país dos operários.

⁴⁶⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 83-84.

⁴⁶⁵ *Ibid.*, p. 85.

⁴⁶⁶ ROJAS, Rafael. **Tumbas sin Sosiego** – Revolución, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 174.

Deixa-se entreaberta essa porta. Uma entre tantas que nos serviriam aqui de saída. Que preze o rigor acadêmico fechá-la... Para todo rigor há um argumento: “Somente alguém que atingiu independência e desapego, alguém cuja terra natal é ‘doce’, mas cujas circunstâncias tornam impossível recapturar essa doçura [...]”⁴⁶⁷, pode e possui o direito de fechá-la em definitivo.

4.3 *Haciendo un puente*: Carlos Franqui e Cabrera Infante, Cuba no exílio

Que la historia es larga, y la vida es corta.
Ricardo Arjona

Guillermo Cabrera Infante viveu 40 anos no exílio. Em 1965, quando definitivamente saiu de Cuba (o *Paraíso* – ou, o *Éden* – geográfico que sempre cantou em suas obras, porquanto, em suas memórias), o autor instalou-se com a família em Madri. Tentou obter o visto de residência na Espanha do ditador Francisco Franco, mas o pedido lhe foi negado. Os burocratas espanhóis tinham memória de elefante e recordaram os números de *Lunes de Revolución* dedicados à literatura produzida pelos exilados franquistas. Muda-se com Miriam Gómez e as filhas para Londres, em 1966.

No ano seguinte ganha dois prêmios. Um literário, pela publicação do livro *Tres Tristes Tigres*: o prêmio *Biblioteca Breve*, da editora espanhola *Seix Barral*, que reconhecia a produção literária de jovens escritores da língua castelhana. E o gato *Offenbach*: que entra clandestinamente na vida do autor (na época, nada amante de gatos), tornando-se para Guillermo não somente um animal mitológico, mas também seu melhor amigo na solidão do exílio.

Em 1968, envolvido numa polêmica em Cuba, Guillermo Cabrera Infante rompe o estrondoso silêncio que mantinha no exílio, concedendo ao magazine argentino *Primera Plana* (30/07/68) uma entrevista de “defesa” que, para o autor, tornou-se uma verdadeira armadilha. A polêmica? Um antigo colaborador de *Lunes*, Heberto Padilla, publicara no suplemento cubano *El Caimán Barbudo* uma ferrenha crítica à obra *Pasión de Urbino*, de

⁴⁶⁷ SAID, Edward W. **Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 59.

autoria de Lisandro Otero. Ocorre que, no ano anterior, o romance *Pasión de Urbino* concorrera com *Tres Tristes Tigres* pelo prêmio *Biblioteca Breve*. Esta obra, de autoria de um cubano exilado; e *Pasión de Urbino*, então, de um cubano “de dentro”. Na crítica, Padilla não só desprestigia o romance de Otero como tece elogiosos comentários ao livro de Cabrera Infante, conclamando-o de “profundamente cubano”. De igual maneira, questiona a truculência dos burocratas do Ministério das Relações Exteriores, que, em 1965, impediram Guillermo Cabrera Infante de embarcar no avião em retorno à Bruxelas, onde desempenhava a função de adido cultural. A crítica de Padilla levou ao fechamento de *El Caimán Barbudo* e transformou-se em caso, o “caso Padilla”, cujo desfecho ocorrera somente em 1971, com a libertação de Padilla da prisão.⁴⁶⁸

A conquista do prêmio *Biblioteca Breve*, a crítica de Padilla e a entrevista a *Primera Plana* confluíram para sacar Guillermo Cabrera Infante do silêncio e colocá-lo, para o bem ou para o mal, numa vitrina. A exposição rendeu-lhe inúmeras e ferozes críticas dentro e fora de Cuba: de repente, não mais que de repente, converteu-se, em tempos de Guerra Fria, no alvo preferido dos ataques lançados contra o exílio cubano pelos intelectuais e jornalistas “progressistas”, principalmente, latino-americanos. Mesmo assim, “[...] da máquina de escrever desse escritor acochado, quase em crise de nervos, em vez de lamentos ou injúrias, saíam gargalhadas, trocadilhos, disparates geniais e fantásticos passes de ilusionismo retórico”⁴⁶⁹ – escreveu Mario Vargas Llosa. Ironicamente, aqueles massivos ataques, que pretendiam destruí-lo, uma vez somados à genialidade literária do autor, transformaram-no num dos mais conhecidos escritores da língua castelhana. O escritor que, outrora, dentro do regime castrista, fora lançado à “Sibéria” burocrata, condenado a apodrecer entre ofícios e carimbos, encontrou no exílio a redenção de sua obra e gênio.

Contudo, a exposição e a condição de exilado não o agradavam. Guillermo sempre tentou lutar contra a tarja de escritor político: “Yo no soy ningún opositor recalcitrante en términos políticos. Yo soy un opositor moral”⁴⁷⁰, disse em entrevista a Jacobo Machover (Paris, maio de 1995). Definia-se, portanto, como um homem da cultura, não da política, ou um burocrata, um porta-voz do exílio cubano etc. Por isso, sempre que possível sublinhava em artigos e entrevistas o caráter ficcional de seus textos, mesmo de alguns que declarava – por obrigatoriedade de sua condição – como políticos. Eis a essência de uma gama de textos

⁴⁶⁸ A história do “Caso Padilla” e a do fechamento de *El Caimán Barbudo* são contadas em: MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009.

⁴⁶⁹ VARGAS LLOSA, Mario. **Dicionário Amoroso da América Latina**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 76.

⁴⁷⁰ MACHOVER, Jacobo. **El Heraldo de Las Malas Noticias: Guillermo Cabrera Infante – Ensayo a Dos Voces**. Miami: Ediciones Universal, 1996, p. 133.

arrolados em *Mea Cuba*.

Em meados da década de 1970, o autor é vitimado por um profundo estado depressivo, cujo tratamento ocorre sob aplicação de dezoito sessões de *eletroshocks*. Em 1978, realiza conferências na Universidade de Yale e, em 1979, publica, em Espanha, *La Habana para un Infante Difunto*. No ano seguinte, leciona durante um semestre na Universidade de West Virginia, reencontra Heberto Padilla e conhece Reinaldo Arenas, durante a estadia nos Estados Unidos. Uma década depois (1990), escreve para Andy García a trama do filme *La ciudad perdida*.

O período da transição da década de oitenta para a de noventa foi de apreensão para as comunidades cubanas em todo o mundo. Com a queda dos regimes comunistas nos países do Leste Europeu e passados cinco anos do anúncio da Perestroika pelo governo soviético, os exilados cubanos, inclusive Guillermo, aguardavam com apreensão uma possível e iminente queda do castrismo.

No exílio, além de *Tres Tristes Tigres* (1967) e *Mea Cuba* (1992), o autor publicou *Vista del amanecer en el trópico* (1974), *O* (1975), *Exorcismos de esti(l)o* (1976), *Arcadia todas las noches* (1978), *La Habana para un infante difunto* (1979), *Delito por bailar el chachachá* (1995), entre outros.

Em 1997, ganha o prêmio Cervantes de literatura e recomeça a trabalhar na escritura de *Cuerpos Divinos*, autobiografia que o autor começara a escrever ainda na década de 1960, quando atuou como adido cultural em Bruxelas. Guillermo Cabrera Infante morreu em Londres em 21 de fevereiro de 2005. Não conseguiu terminar *Cuerpos Divinos*, que fora publicado “incompleto” em 2010.

Durante os 40 anos de exílio, Guillermo Cabrera Infante sempre assinalou para a proibição de seus livros em Cuba. Inclusive, em *Mea Cuba*, anexou o conteúdo de uma suposta nota emitida pela Uneac, datada de 16 de agosto de 1968, onde lê-se: “A pianista Ivette Hernández e o escritor Guillermo Cabrera Infante foram expulsos da União de Escritores e Artistas de Cuba, como traidores da causa revolucionária”⁴⁷¹. Uma ironia: um dos maiores autores cubanos, silenciado em Cuba.

É válido lembrar que os órgãos oficiais de cultura cubanos sempre rebateram a versão do autor, alegando que o próprio Cabrera Infante havia proibido a reprodução de suas obras pelas editoras estatais de Cuba. Entre uma versão ou outra é notório que, durante quase meio século, pairou em Cuba uma densa nuvem de silêncio sobre Guillermo Cabrera Infante. Um

⁴⁷¹ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 63.

silêncio que só fora quebrado em agosto de 2011, à medida que esta dissertação estava sendo concluída, quando um estrondo ganhou as páginas dos jornais mundo afora: dois jornalistas cubanos (Elizabeth Mirabal e Carlos Velazco) publicam um livro (ganhador em 2009 do prêmio *Ensayo de la Uneac*) intitulado *Sobre los pasos del cronista: el quehacer intelectual de Guillermo Cabrera Infante en Cuba hasta 1965*. O sítio da Uneac na rede mundial de computadores informou no dia 28 de agosto, sob o elucidativo título *Unión publica primer libro en Cuba sobre Guillermo Cabrera Infante*, que cerca de trezentas pessoas compareceram ao lançamento da obra em que:

[...] los investigadores más allá de los límites de un enfoque biográfico del joven Caín buscan el significado de un hecho cultural protagonizado por una nueva generación insertada en la complejidad extraordinaria de un proceso con facetas disímiles, a veces antagónicas.⁴⁷²

De qualquer modo, Guillermo Cabrera Infante faleceu sem ver suas obras publicadas ou seu gênio literário reconhecido em Cuba. Tornou-se um anônimo para o seu povo, mas internacionalmente reconhecido. Um homem metade nu, metade vestido. Aliás, como enfatizou Said: o exílio “[...] é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”⁴⁷³. Por isso, não há texto mais emblemático escrito por Guillermo Cabrera Infante sobre sua condição, o “sentir-se exilado”, do que *O Exílio Invisível*, escrito em maio de 1983 e lido em dezembro de 1987 na *Wheatland Conference on Literatura*, em Viena. O texto encarna e expressa, como nenhum outro produzido pelo escritor, o seu modo de ver, sentir e viver *in exilium*, que, provavelmente, o acompanhou até os últimos dias de sua vida:

Às vezes penso que sou invisível. Acontece quando tiro meu paletó de tweed, meu pulôver de lã, minhas calças de veludo cotelê e meus sapatos de camurça, depois toda a roupa de baixo, então me olho no espelho – e não vejo nada! Serei como o estranho que chegou a uma inn, longínqua pousada inglesa, num dia de inverno, invisível *de verdade*? Pelo menos muita gente me faz acreditar nisso, como seu eu fosse uma versão plebeia do rei que desfilava nu e ninguém se atrevia a confessar o que via. Sou o contrário do rei, naturalmente. Vou vestido, mas parece que estou indo fantasiado, embora fique nu: se tiro toda minha roupa inglesa ninguém verá nada. Serei (até o proverbial menino de cinco anos sabe disso) um exilado cubano. Existo mas não em exílio. O hábito me faz inglês, mas minha nudez me aniquila. Só sou eu graças a minha vestimenta.⁴⁷⁴

⁴⁷² PANEQUE, Maykel. **Informe Uneac: Unión publica primer libro en Cuba sobre Guillermo Cabrera Infante**, Disponível em: <<http://www.uneac.org.cu/index.php?module=noticias&act=detalle&tipo=noticia&id=5482>>. Acesso em: 5 nov. 2011.

⁴⁷³ SAID, Edward W. **Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46.

⁴⁷⁴ CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 477.

Assim como Guillermo Cabrera Infante, Carlos Franqui passou pouco mais de quatro décadas no exílio. Ao sair de Cuba, em 1968, a primeira residência de Franqui no exílio foi em Roma. Em suas memórias relata que, apesar da saudade de Cuba e da vida mais modesta que passou a ter no exílio, integrou-se bem à Itália: “Me gusta Italia, y después de cubano, me siento italiano”⁴⁷⁵.

Na Europa manteve ou estabeleceu contato com inúmeros intelectuais, inclusive, com Joan Miró, Alexander Calder, María Zambrano, Mario Vargas Llosa, Octavio Paz, Luigi Nono, Gabriel García Márquez, Hebert Marcuse, Ítalo Calvino, Guillermo Cabrera Infante, entre outros. Em princípios dos anos 1970, boa parte desses intelectuais com que manteve contato assinou a carta de repúdio à prisão de Heberto Padilla, bem como retiraram o apoio ao regime cubano. Nessa mesma época, Franqui também apoiou a causa dos exilados tchecos, mantendo estrito contato com Jiri Pelikan e Goldstücker, sustentando publicamente seu repúdio ao apoio do regime cubano à invasão da Tchecoslováquia pela União Soviética. Participou de diversos encontros e colóquios organizados pelo Partido Socialista Italiano. E, numa dada situação, a pedido do partido, chegou a criticar com as seguintes palavras o regime soviético: “El comunismo es eso que acaba con todo lo que se le opone en su primera fase, lo paraliza todo en la segunda y se autodestruye en la tercera y última fase”⁴⁷⁶.

O auge do reconhecimento internacional de Carlos Franqui como exilado cubano ocorreu em princípios dos anos 1980. Nesta época publicou *Retrato de Família com Fidel*. Além de prefaciado pelo amigo de longa data, então, já laureado escritor, Guillermo Cabrera Infante, o livro chamou a atenção do público leitor por trazer na capa a sequência de uma mesma fotografia. Aos moldes das famosas fotos em que Trotski aparecia ao lado de Lênin e que, como encanto, delas fora obliterado pelo regime stalinista, a sequência fotográfica de *Retrato de Família com Fidel* evidenciava na primeira imagem, datada de 1962 e publicada no *Revolución*, Fidel Castro sendo entrevistado por um repórter e, entre os dois, Carlos Franqui. No entanto, na segunda versão da mesma fotografia, publicada em 1973 pelo jornal oficial *Granma*, que substituiu *Revolución*, onde está Carlos Franqui? Como num passe de mágica, ou, nas palavras de Cabrera Infante, com “A mesma técnica que a revista *Playboy* usava em pelos públicos excessivamente públicos [...]”⁴⁷⁷, Carlos Franqui desapareceu,

⁴⁷⁵ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 353.

⁴⁷⁶ FRANQUI, op. cit., p. 402.

⁴⁷⁷ Idem. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981, p. 6.

restando apenas Fidel e seu interlocutor.

No exílio, além de *Retrato de Família con Fidel*, Carlos Franqui publicou inúmeros livros de arte e sobre a Revolução Cubana, entre os quais, *Haiti: Hervé Télémaque* (1977), *Diário de la Revolución Cubana* (1980), *Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro* (1988), *Camilo, el Héroe Desaparecido* (2001) e *Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad? – Memorias de un fantasma socialista* (2006).

Em 1991, por motivos de saúde, Carlos Franqui muda-se para Porto Rico com a esposa, Margarita Padrón (Margot). Ainda na década de noventa, e, em Porto Rico, funda com Andrés Candelario e Mario Garcia a revista *Carta de Cuba*, órgão noticioso responsável por difundir os escritos de jornalistas cubanos independentes “de dentro” e “de fora” de Cuba. Carlos Franqui falece em 15 de abril de 2010 em *San Juan*, alguns dias após receber por intermédio de um dos editores de *Carta Cuba* as perguntas que, a título de entrevista, foram formuladas para esta dissertação a fim de enriquecê-la e preencher possíveis lacunas. Desafortunadamente, Franqui não teve tempo de respondê-las. Mas, do primeiro contato até o recebimento das mesmas, mostrou-se aberto e profundamente interessado em equacioná-las. Inclusive, preocupando-lhe o fato de a debilidade física não possibilitá-lo respondê-las com a prontidão que ele julgava pertinente.

Mesmo num momento difícil de sua vida, a abertura, a solicitude e a preocupação deste homem – então, com 89 anos – em responder a algumas perguntas – pueris até – elaboradas por um jovem mestrando brasileiro revelam um pouco de sua índole, da preocupação em valorizar o indivíduo e os projetos humanos. Aliás, uma “revelação” sempre constante nos relatos de quem um dia o conheceu ou com ele estabeleceu alguma espécie de contato. Depoimentos de ex-combatentes da *Sierra Maestra*, escritos ou entrevistas de Guillermo Cabrera Infante e de outros intelectuais, um dia reunidos no “Grupo R”, e menções aqui e acolá proferidas por amigos e conhecidos do tempo de exílio dão conta desse caráter humanista e prestativo do autor.

O falecimento de Franqui passou despercebido no Brasil. A mídia corporativa brasileira sequer dedicou nota ao ocorrido. E, até hoje, a não ser em restritos círculos acadêmicos faz-se reconhecer a importância deste homem para a revolução e a cultura cubanas. Em parte, porque de todas as suas obras políticas apenas uma fora publicada por aqui – *Retrato de Família con Fidel*. Por outro lado, porque diferente de Guillermo Cabrera Infante, romancista de mão cheia, Franqui não gozava de internacional prestígio literário. Aliás, suas obras sequer pretendiam-se literárias, uma vez que davam conta de temas políticos ou de artes plásticas. E, quiçá, porque aos dedos grossos de nossa imprensa e, às vistas

grossas da nossa esquerda, o jornalista foge ao estereótipo do exilado cubano que, lamentavelmente, ao longo dos anos, edificou-se no Brasil: o cubano radicado em Miami, que para a imprensa resume-se ao *balseiro*, e, para boa parte da esquerda, apenas ao *gusano*. Faces radicalizadas de uma mesma moeda cujo valor de troca é ditado pela ideologia.

No exílio, tal como Guillermo Cabrera Infante, Franqui também buscou dirimir, ou, pelo menos, suportar a fratura imensurável produzida por sua condição. Encontrou na reescrita da história da Revolução Cubana e nos escritos sobre arte os instrumentos essenciais dessa sobrevivência fora de Cuba:

Un exilado que había perdido su revolución, una familia, una patria, amigos, un paisaje, no había perdido su lengua, su música, el olor y color de su vegetación, el sabor de sus recuerdos, sus recuerdos mismos. Alguien que está solo cuando los otros hablan, se divierten o ríen. No me siento exilado en el arte, de una época o de otra. Si un exilado es sensible, es un artista o escritor, la lejanía y el imposible de la patria perdida lo hacen ser más y más de ella, y ésa es la razón de que tantas obras de literatura hayan nacido en el exilio, con la imprescindible dimensión universal e individual que el arte exige, pero con las raíces de autenticidad de la tierra de donde se viene.⁴⁷⁸

Guillermo passou quarenta anos exilado. Franqui, quarenta e dois. À diferença de outros intelectuais exilados latino-americanos (brasileiros, uruguaios, chilenos e argentinos), que por ocasião dos regimes ditatoriais de direita implantados em seus respectivos países deixaram suas terras natais nas décadas de sessenta, setenta e oitenta, Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui passaram o resto de suas vidas impossibilitados – também por suas convicções – de regressar a Cuba.⁴⁷⁹ Uma fratura irreversível. Guillermo Cabrera Infante jamais retornou a Havana, tendo que visitá-la e reinventá-la na imaginação, essa luz incandescente e fugaz eletrificada pela memória. E, da Clavellinas de Carlos Franqui restou o imagético sabor da garapa da cana cristalina e doce, já que “El sueño y la mirada se volvieron trágica pesadilla. Los ojos desmesuradamente abiertos no podían ver, ni la mente creer lo que veía, el terrible presente (el eterno presente) que no se iría nunca más”⁴⁸⁰. O exílio; e *sus puentes*.

⁴⁷⁸ FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006, p. 354.

⁴⁷⁹ Ideia construída com base na belíssima reflexão tecida por Idalia Morejón Arnaiz sobre o exílio dos intelectuais cubanos e presente em: MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. **Política y Polémica en América Latina**: las revistas Casas de las Américas y Mundo Nuevo. Colección Polémicas. México: Ediciones de Educación y Cultura, 2010, p. 289.

⁴⁸⁰ FRANQUI, op. cit., p. 451.

Considerações Finais

Nas últimas cinco décadas, o desterro dos intelectuais cubanos tem sido alvo de inúmeras polêmicas e uma gama de interpretações, muitas das quais tendenciosas, porquanto, equívocas. Não raras vezes, tais interpretações são balizadas puramente por critérios ou jogos ideológicos, resultando em simplificações e generalizações inevitáveis. Essas interpretações costumam reduzir os exílios dos intelectuais cubanos a uma massa homogênea sem forma, anulando suas especificidades, seus percursos e, sobretudo, seus matizes.

Ao propor uma interpretação dos exílios de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante, mediante a análise das representações contidas nos livros de memórias escritos pelos dois autores, esta pesquisa procurou não somente a compreensão dos meandros que, antes, durante e após o triunfo da Revolução Cubana, segundo esses intelectuais, concorreram para com suas respectivas rupturas com o regime castrista, mas também a pontual localização e a límpida matização de tais exílios. Ou seja, buscou a identificação das motivações, das singularidades e dos argumentos discursivos por eles expressos. Uma interpretação que não caísse no jogo ideológico dos autores, mas que também não os anulasse por completo. Afinal, justamente a partir dessas cartadas emergiram as representações de suas condições. Uma história entre o rememorado e o historicizado. Entre o sentimento e o sentido. Entre o subjetivo e a rede. Enfim, entre o doce e o amargo.

Os autores viveram intensamente os acontecimentos de sua época e souberam tirar proveito dos contextos político e cultural antes, durante e depois da Revolução Cubana. Ainda no final da década de 1940, durante o governo de Carlos Prío Socarrás (1948-1952), Guillermo e Carlos participaram diretamente da fundação de duas sociedades culturais, respectivamente: *Nueva Generación* (1948) e a *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* (1951); sendo a segunda um amadurecimento da primeira. Nessas entidades lograram congregar jovens e ainda desconhecidos artistas e intelectuais, quase todos pertencentes ao mesmo círculo de amizade e frequentadores do apartamento dos Cabrera Infante, na Zulueta 408, na tentativa de divulgar e fazer conhecer a produção cultural dessa juventude.

Ambos os projetos (*Nueva Generación* e *Nuestro Tiempo*) surgiram não somente imbuídos da tentativa de divulgar os trabalhos dessa *nueva generación* de intelectuais como também de modificar *nuestro tiempo*, ou seja, o tempo cultural e político por eles vivido, a fim de projetar uma renovação da cultura cubana a partir da pluralidade estética e da preservação de uma identidade fundamentalmente americana, de um engajamento cultural livre de prejuízos políticos ou religiosos, e, sobretudo, a partir da fomentação de mecanismos

e atividades que aproximassem a arte e a literatura do povo. Todavia, no caso de *Nuestro Tiempo*, a sociedade cultural sofreu uma cisão logo no primeiro ano de existência devido à desconfiança de que dois de seus membros foram cooptados pelo PSP, o que levou Carlos Franqui, Guillermo Cabrera Infante e alguns poucos integrantes a abandonarem o projeto. Decisão que sublinhou que, apesar de progressistas, os autores – mais Franqui do que Guillermo – já nutriam profundas divergências com os comunistas do Partido. A *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* continuou existindo até 1959, depois de profunda reforma capitaneada em 1954 pela juventude intelectual militante ou simpatizante do PSP.

Em 1956, com a eclosão da Revolução Cubana, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante engajaram-se cada qual ao seu modo na luta para derrubar o ditador Fulgêncio Batista (1952-1959). Enquanto Carlos engrossou as fileiras da ala *llana* (citadina) do Movimento 26 de Julho, Guillermo, como *libre*, manifestou apoio às pequenas iniciativas levadas a cabo pelo DER e pelo M-26/7, bem como organizou e participou do Comitê de Periodistas, órgão responsável pela resistência à censura imposta aos veículos de comunicação pela ditadura batistiana e pela libertação e defesa dos interesses dos jornalistas perseguidos pelo regime. Durante essa etapa, Carlos Franqui idealizou e criou o Jornal *Revolución* (1956), e coordenou na *Sierra Maestra* as atividades da *Radio Rebelde* (1958). Ambos os veículos porta-vozes do M-26/7, cujas atuações clandestinas foram imprescindíveis para o sucesso da luta revolucionária, já que uma vez instalada a guerra propagandística por Batista, esses órgãos de comunicação passaram a divulgar as versões dos rebeldes sobre os acontecimentos e a incitar o apoio da população à causa do M-26/7.

Após o triunfo da Revolução Cubana, em janeiro de 1959, Carlos Franqui abandonou a coordenação da *Radio Rebelde* e passou a dedicar-se exclusivamente ao *Revolución*, que, como ferramenta de propaganda e notícias do M-26/7, acabou tornando-se, dentro do início do processo de consolidação política da revolução, o órgão de notícias oficioso do governo revolucionário, passando a representar para a população a própria voz da Revolução Cubana. A posição conquistada pelo *Revolución* com o triunfo da revolução permitiu a Carlos Franqui resgatar os anseios intelectuais outrora manifestos em *Nueva Generación* e na primeira formação de *Nuestro Tiempo* a fim de iniciar, dentro e conforme as convicções emanadas pela revolução política uma Revolução Cultural Cubana. Para tanto, criou ainda em 1959 o suplemento cultural *Lunes de Revolución*, cuja direção fora entregue a Guillermo Cabrera Infante.

Como a própria Revolução “política” Cubana em seus primeiros anos de consolidação no poder, a Revolução “cultural” Cubana idealizada por Carlos Franqui não comportava um

programa bem definido de transformação da realidade cultural, apresentando-se como um projeto que pretendia edificar-se a partir e conforme as determinações e necessidades suscitadas pelo momento histórico. Todavia, isso não significou que *Lunes* – o cerne desse projeto de Revolução Cultural – se apresentasse desprovido de propostas e princípios. Pelo contrário, resgatando antigos anseios expressos em *Nueva Generación* e na primeira formação de *Nuestro Tiempo*, em conformidade com o ambiente de transformações e com as necessidades expressas pela Revolução Cubana, *Lunes* apresentou-se como defensor da pluralidade estética, imbuído de um espírito experimentalista e livre de uma “decidida filosofia política”, apesar de progressista (portanto, de esquerda) e declaradamente crítico ao realismo socialista e ao modelo soviético de socialismo. Mais além, apresentou-se decidido a fomentar a verdadeira identidade da cultura cubana e estabelecer a aproximação do homem comum com o universo cultural. Escopos que concorreram para que *Lunes* se tornasse a identidade de um grupo cultural, o “Grupo R”, formado por intelectuais congregados no suplemento, no Jornal *Revolución* e na *Ediciones R*.

Nos dois primeiros anos após o triunfo da Revolução Cubana, os intelectuais do “Grupo R” estabeleceram-se como a *intelligentsia* orgânica do regime nascente. De jovens e quase desconhecidos intelectuais e artistas nas duas décadas anteriores, passaram a formar, em princípios da década de sessenta a elite e a identidade cultural do processo revolucionário cubano. O poder do “Grupo R” fez-se sentir tanto no expurgo de alguns intelectuais e órgãos informativos e literários outrora reinantes na cena cultural cubana, como na ampla e massiva cobertura distributiva do *Revolución*, na estruturação de uma editora e, enfim, na conquista de espaços em programas de rádio e televisão.

O projeto de revolucionar a cultura cubana e o reinado do “Grupo R” não durou muito tempo. Em 1960, houve a intensificação da crise diplomática entre Estados Unidos e Cuba, acompanhada pela crescente aproximação deste país com a União Soviética; em 1961, o processo político exigiu uma reformulação interna dos quadros intelectuais, delineada a partir da atribuição de cargos nas novas instituições culturais criadas aos intelectuais ligados ao PSP. Assim, além de antigos arquirrivais de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante, os Intelectuais Comunistas apresentavam e defendiam a adoção do realismo socialista em Cuba, corrente estética que, como enunciado, era profundamente criticada pelo “Grupo R”, de linhagem Nacionalista Revolucionária.

Desse modo, as posições logradas pelos Intelectuais Comunistas dentro do regime acirraram ainda mais uma antiga disputa intelectual que, de certa maneira, existia muito antes da eclosão da Revolução Cubana. Nesse novo cenário, colocaram-se novamente frente a

frente dois grupos intelectuais de esquerda e dois projetos culturais antagônicos, porém, revolucionários. Um intentava manter-se no poder cultural e preservar a autenticidade ideológica do processo revolucionário, enquanto, o outro, engajava-se na escalada de posições políticas e culturais dentro do regime e na aproximação de Havana com Moscou.

O ápice dessa disputa ocorreu quando, em 1961, com anuência e patrocínio de *Lunes de Revolución, P.M.*, curta-metragem produzido por Sabá Cabrera Infante e Orlando Jiménez-Leal foi exibido no programa *Lunes en TV* sem prévia consulta ao Icaic, então, presidido pelo comunista Alfredo Guevara. O ocorrido levou à censura de *P.M.* e à convocação de reuniões na Biblioteca Nacional com as presenças de intelectuais e políticos, entre os quais, Fidel Castro. Essas ações foram entendidas tanto por Carlos Franqui como por Guillermo Cabrera Infante como “emboscadas” cujo único objetivo era derrubar o “Grupo R”. Ao fim dessas reuniões, Fidel Castro sentenciou a manutenção da censura a *P.M.*, bem como condenou a postura do “Grupo R”, declarando-a “não revolucionária”. Os pronunciamentos de Fidel Castro nessas reuniões foram compilados num único texto intitulado *Palabras a los Intelectuales*, que demarcou o início do afunilamento da política cultural em Cuba. Processo que naquele mesmo ano levou à criação da Uneac e ao fechamento de *Lunes*, e que, uma década depois (1971), coroou a definição de uma política cultural em Cuba.

Uma vez destituídos do posto de *intelligentsia* orgânica do regime e taxados, primeiro por *Palabras a los Intelectuales* e depois por *El socialismo y el hombre en Cuba*, como intelectuais “não revolucionários”, boa parte dos membros do “Grupo R” foram remanejados para atividades funcionais secundárias dentro ou fora de Cuba. No caso de Guillermo Cabrera Infante, além de aceitar a vice-presidência da Uneac, o ex-diretor de *Lunes* foi empossado como adido cultural de uma embaixada à época considerada pouco importante para a política diplomática cubana, a de Bruxelas. Já Carlos Franqui optou por se afastar paulatinamente do regime, assumindo suposta função de correspondente internacional do *Revolución*. Essas permanências fora de Cuba alimentaram nos autores a opção da ruptura definitiva com o regime cubano, o que, no caso de Guillermo Cabrera Infante, ocorreu em 1965, e, no de Carlos Franqui, em 1968.

Pode-se afirmar assim que os exílios levados a cabo por Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui decorreram do desfecho, “trágico” para os autores, de uma disputa intelectual que, iniciada antes da eclosão da Revolução Cubana, acirrou-se à medida que a aproximação política de Cuba com a União Soviética tornou-se imperativa, coroando a “vitória”, portanto, a institucionalização, da *intelligentsia* comunista como *intelligentsia* orgânica do regime castrista. Daí, a ênfase nas memórias dos autores a uma dupla traição. Primeiro, retomando e

reformulando um argumento amplamente utilizado pelos intelectuais exilados no biênio 1960-1961, o da “revolución traicionada”. Ou seja, de que a paulatina “sovietização” do regime traiu a essência progressista e o caráter democrático da Revolução Cubana. Logo, os autores criaram uma estratégia de representação que, somando o conceito reformulado de “revolución traicionada” ao de “revolución traidora”, postulou o que Franqui denominou de “Revolución Perdida”. Este é o argumento que, em grande medida, sustenta os discursos emanados dos livros de memórias dos autores: uma revolução por eles perdida; uma revolução que para eles nasceu perdida; e, enfim, uma revolução que se perdeu ainda mais no caminho, quando “traiu” a esperança democrática e a fé progressista nela depositada pelo povo cubano.

Essa ideia de “revolução perdida” é o escopo que matiza os exílios de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante. É o tom do discurso que os diferencia dentro da ampla e heterogênea paisagem do exílio do intelectual cubano e que os conserva de esquerda, porquanto, ainda progressistas fora de Cuba. E que postula as obras memorialísticas desses autores como uma tentativa de reescrever a história da Revolução Cubana em oposição à historiografia oficial e de maneira distinta das escritas por outros intelectuais cubanos exilados, como por exemplo, a produzida pelos intelectuais que se exilaram no biênio 1960-1961. Neste último caso, trata-se de uma alocação identitária, uma vez que, diferentemente desses intelectuais que emigraram para os Estados Unidos e Porto Rico, Guillermo e Franqui radicaram seus exílios na Europa.

Em todos os livros de memórias de Franqui, o autor assume um posicionamento ideológico: socialista e anticomunista. Considera que o castrismo é tudo, menos um regime socialista, uma democracia e um governo progressista. Já Cabrera Infante, apesar de em suas memórias jamais ter declarado qualquer inclinação socialista, e, ainda por cima diferente de Franqui, não estabelecer distinções concretas entre o que é socialismo e o que é ou foi o castrismo e o stalinismo, não deixa de apresentar em seus enunciados forte tendência progressista. E, se algum dia postulou-se socialista, primeiro, a “revolução perdida” e, depois, a fratura do exílio o fizeram desesperançoso em relação ao poder das revoluções em mudar os homens e o mundo.

Não se pode obliterar que, diferentemente de inúmeros intelectuais cubanos das décadas de 1950 e 1960, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante não tiveram origem burguesa. Franqui tinha origem camponesa; Guillermo vivera num cortiço. Ambos conviveram nos anos em que se estabeleceram em Havana com as patologias sociais da exploração do homem pelo homem. Ambos em maior ou menor grau chegaram a conviver em rodas comunistas: Franqui fora militante do partido; os pais de Guillermo militavam no

partido.

A partir dessas constatações é possível afirmar que não fora somente a perda de poder (ou, do posto de *intelligentsia* orgânica) dentro do regime que impulsionou os autores ao exílio. Outra motivação foi mais decisiva. Afinal, mesmo deslocados pelo estabelecimento de uma reestruturação cultural em Cuba, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante poderiam se conformar com a vida relativamente burguesa que tinham dentro do regime castrista e que continuaram a ter no período em que foram lançados à “Sibéria” intelectual cubana. Assim fizeram e viveram por algum tempo muitos dos intelectuais outrora reunidos no “Grupo R”. No entanto, o que acima de tudo concorreu para que os autores rompessem com o regime castrista foi menos a perda de visibilidade e mais a perda da esperança, da esperança de que algum dia dentro do regime fosse possível revitalizar aquele projeto “perdido”, o de capitanear a tão almejada Revolução Cultural Cubana. O intento de uma *nueva generación* que dentro da *Revolución* almejou constituir não *su tiempo*, o da identidade R, mas *nuestro tiempo*, o tempo de todos os cubanos.

A presente dissertação é uma história edificada a partir de análises historicizadas das representações de histórias contidas em livros de memórias. Uma árdua, porém, profícua tarefa, haja vista que se procurou a confluência entre o tempo da História, quase sempre linear, e o tempo da(s) Memória(s), que segue(m) os ditames de uma ordem cronológica subjetiva e, não raras vezes, estranha ao ofício do historiador. Seus resultados lançam luzes sobre múltiplos focos, mas não os esgotam. E sua realização foi em grande medida resultante dos labores de continuação e de aprofundamento sobre as colaborações alçadas pelos trabalhos outrora desenvolvidos por uma série de pesquisadores, principalmente, das emitidas pelas pesquisas de Sílvia Cezar Miskulin, Mariana Martins Villaça, Idalia Morejón Arnaiz, Jesús Barquet e Rafael Rojas. Os trabalhos realizados por tais autores permitiram, assim, desbravar mais a fundo os campos da cultura e da intelectualidade cubana, possibilitando a alocação correta das trajetórias de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante nos cenários cultural e intelectual da Cuba pós-revolucionária.

Por fim, a principal contribuição desta pesquisa reside em romper com um silêncio que durante muitos anos pairou na historiografia sobre o desterro cubano, colocando em evidência a existência de exílios de esquerda no processo histórico liderado por Fidel Castro. E que tais exílios, levados a cabo pelos dois intelectuais, englobaram e consolidaram uma marca discursiva, uma tentativa de reescrita da história do processo revolucionário, trazendo à tona: anseios, decepções, debates e embates realçados tanto no campo do político como no do cultural. O que abre espaço para compreensão futura não somente de aspectos das obras

intelectuais produzidas pelos dois autores *in exilium*, como também dos exílios levados a cabo no mesmo período por outros intelectuais cubanos de esquerda. Assim, entre o doce e o amargo, as memórias produzidas no exílio por Guillermo Cabrera Infante e por Carlos Franqui demarcam tanto uma reavaliação do processo revolucionário, como também de suas trajetórias dentro daquele processo, estabelecendo redefinições sobre a história, sobre concepções de mundo e, porque não, sobre si mesmos. Uma metamorfose possível entre doces e amargas lembranças, entre a doçura libertadora e a amarga condição do exílio, esta fratura que, à medida que fisicamente afasta, aproxima espiritualmente ainda mais os indivíduos de si mesmos, de suas histórias e da cultura que lhes concede identidade.

REFERÊNCIAS⁴⁸¹

Fontes:

CABRERA INFANTE, Guillermo. **Cuerpos Divinos**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010.

_____. **Havana para um Infante Defunto**. Tradução de João Silvério Trevisan. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Mea Cuba**. 2ª ed. Barcelona: Plaza & Janés/Cambio 16, 1993.

_____. **Mea Cuba**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Sesoribó. **Revista Casa de Las Américas**, La Habana, n. 32, año V, sept./oct. 1965.

_____. **Tres Tristes Tigres**. Colección Biblioteca Hispanoamericana del Siglo XX. Madrid: Espasa Calpe, 1967.

_____. **Vista do Amanhecer no Trópico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

FRANQUI, Carlos. **Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006.

_____. **Retrato de Família com Fidel**. Prefácio de Guillermo Cabrera Infante. Tradução de Fábio Fernandes da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.

_____. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**. Barcelona: Planeta, 1988.

⁴⁸¹ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

Documentos e entrevistas:

CASTRO, Fidel; CHIBÁS, Raúl; PAZOS, Felipe. Al pueblo de Cuba. Manifiesto de la Sierra Maestra. **Revista Bohemia**, La Habana, s/n, 28 jul. 1957. Edição especial.

CASTRO, Fidel. Palavras aos Intelectuais. In: SADER, Emir (Org.). **Fidel Castro** – Política. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 57. São Paulo: Ática, 1986.

CONVENÇÃO DE GENEBRA RELATIVA AO ESTATUTO DOS REFUGIADOS, 1951. Cap. I, Artigo 1º, Parágrafo 2º, versão protocolar de 1967. Disponível em: <www.onu-brasil.org.br/doc_refugiados.php>. Acesso em: 26 nov. 2010.

CUBAN REVOLUTIONARY GOVERNMENT CABINET OF PRESIDENT MANUEL URRUTIA LLÉO, Jan. 1959. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/cuba/urrutia-cabinet.htm>>. Acesso em: 02 set. 2011.

DECLARACIÓN DEL PRIMER CONGRESO NACIONAL DE EDUCACIÓN Y CULTURA. In: **El Caimán Barbudo**, Havana, n. 46, marzo 1971, p. 27-32.

FRANQUI, Carlos. Hay tres tendencias disputándose el poder. Entrevista concedida a Miguel Rivero em Lisboa. In: **Cubaencuentro**. 18 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.cubaencuentro.com/entrevistas/hay-tres-tendencias-disputandose-el-poder-28404>>. Acesso em: 28 set. 2011.

GUEVARA, Alfredo. El Peor Inimigo de la Revolución es la Ignorancia. Entrevista concedida a Leandro Estupiñán Zaldívar. In: **Revolución y Cultura**, La Habana, año 51, n. 5-6, sept./dic. 2009.

GUEVARA, Che. **El Socialismo y el hombre en Cuba**. 1965. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/guevara/65-socyh.htm>>. Acesso em: 16 out. 2011.

STATES PARTIES TO THE 1951 CONVENTION RELATING TO THE STATUS OF REFUGEES AND THE 1967 PROTOCOL. Disponível em: <www.unhcr.org/protect/PROTECTION/3b73b0d63.pdf>. Acesso em: out. 2010.

Livros e artigos:

ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara**: uma biografia. Tradução de M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. Coleção Revoluções do Século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 05, Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BAMBIRRA, Vânia. **A Revolução Cubana - Uma Reinterpretação**. Coimbra: Centelha, 1975.

BANDEIRA, L. A. Moniz. **De Martí a Fidel**: a Revolução Cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BARBOSA, C. A. S. **A Fotografia a Serviço de Clio**: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1900-1940). São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BARQUET, Jesús J. (Ed.). **Ediciones El Puente en La Habana de los Años 60**: lecturas críticas y libros de poesía. Chihuahua: Ediciones del Azar, 2011.

_____. Memórias desde Expatia. In: CHÁVEZ RIVERA, Armando. **Cuba Per Se**: Cartas de la Diáspora – cincuenta escritores cubanos responden sobre su vida fuera de la Isla. Miami: Ediciones Universal, 2009.

BARRETO, Teresa Cristófani. **A Libélula, a Pitonisa**: Revolução, Homossexualismo e Literatura em Vírgilio Piñera. São Paulo: Iluminuras, 1996.

BARTHES, Roland. **O Efeito do Real**: Literatura e Realidade. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o Signo da Nova Ordem**: Intelectuais Autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945). São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas. v. 1. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso. Tradução de Carlos Eduardo Jordão Machado In: **Memória Social**. Revista de História da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Assis, v. II, p. 32-69, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, P. A Ilusão Biográfica. In: **Razões Práticas**. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino: Imprensa e Ideologia – o Jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. v. 1: Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1988.

COHEN-SOLAL, Annie. **Sartre (1905-1980)**. Paris: Gallimard, 1985

DENIS, Benoît. **Literatura e Engajamento: de Pascal a Sartre**. Tradução de Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru: EDUSC, 2002.

DIAZ RUIZ, Ignacio. El Reverso de la Historia: Historia y Literatura em Cabrera Infante. In: LA SERNA, Jorge Ruedas (Org.). **História e Literatura: Homenagem a Antonio Candido**. São Paulo/Campinas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Memorial da América

Latina/Editora da Unicamp, 2003.

ESCOSTEGUY, Jorge. **Cuba hoje: 20 anos de Revolução**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

ESPINOSA DOMÍNGUEZ, Carlos. **El Peregrino en Comarca Ajena: panorama crítico de la literatura cubana del exilio**. Boulder, CO: Society of Spanish and Spanish-american Studies, 2001.

_____ (Org.). **La Pérdida y el Sueño: Antología de Poetas Cubanos en la Florida**. Cincinnati: Término Editorial, 2001.

FELLIPE, Eduardo Ferraz. Notas sobre uma tradução: pensamento estético e escrita da história na obra de Alejo Carpentier. In: **REVISTA ANOS 90**. v. 16, n. 29, jul. 2009.

FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FORNÉS-BONAVÍA DOLZ, Leopoldo. **Cuba, Cronología: cinco siglos de Historia, Política y Cultura**. Madrid: Editorial Verbum, 2003.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa e Gênese de Andrade. São Paulo: EDUSP, 2008.

GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

HERNÁNDEZ OTERO, Ricardo Luis (Org.). **Sociedad Cultural Nuestro Tiempo: resistencia y acción**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2002.

HILB, Claudia. **Silêncio, Cuba: a Esquerda Democrática diante do Regime da Revolução Cubana**. Tradução de Miriam Xavier. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o Breve Século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IANNI, Octávio. **Ensaio de Sociologia da Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

JITRIK, Noé. **Historia y Imaginación Literaria**: las posibilidades de un género. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1995.

LABAKI, Amir. **O Olho da Revolução**: o cinema-urgente de Santiago Alvarez. São Paulo: Iluminuras, 1985.

LE RIVEREND, Julio. Cuba: del semicolonialismo al socialismo (1933-1975). In: CASA NOVA, Pablo González. **América Latina**: Historia del Medio Siglo. v. 2. México: Siglo XXI, 1984, p. 39-87.

LÖWY, Michael. **O Marxismo na América Latina**: uma antologia de 1909 aos dias atuais. Tradução de Claudia Schilling e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

_____. **O Pensamento de Che Guevara**. 5 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

MACHEREY, Pierre. Ideologia: a Palavra, a Ideia, a Coisa. In: **HISTÓRIA REVISTA**. Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), v. 15, n. 1, p. 177-198. Goiânia, 2010.

MACHOVER, Jacobo. **El Heraldo de Las Malas Noticias**: Guillermo Cabrera Infante – Ensayo a Dos Voces. Miami: Ediciones Universal, 1996.

_____. Guillermo Cabrera Infante y los fusilamientos. In: **Diario de Cuba**. Sección Historia. Disponível em: <<http://www.diariodecuba.com/cultura/8817-guillermo-cabrera-infante-y-los-fusilamientos>>. Acesso em: 18 enero 2012.

MARQUES, Rickley Leandro. **A Condição Mariel**: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990). 276 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2009.

MIRABAL LLORENS, Elizabeth; VELAZCO, Carlos. (Per)versiones de Guillermo Cabrera Infante. In: **La Gaceta de Cuba**. Revista da Unión de Escritores y Artistas de Cuba (Uneac), La Habana, v. 2, p. 36-40, marzo/abr. 2010.

MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura Ihada: Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)**. Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003.

_____. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. In: **Revista Esboços**, UFSC, Florianópolis, n. 20, p. 47-66.

_____. **Os Intelectuais Cubanos e a Política Cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009.

_____. Outro olhar sobre a Revolução Cubana: a trajetória e obra de Reinaldo Arenas na Revista Vuelta. In: **REVISTA BRASILEIRA DO CARIBE**. Revista do Centro de Estudos do Caribe no Brasil (CECAB), Brasília, v. X, n. 19, p.191-208, 2009.

MONTES HUIDOBRO, Matias. Nueva Generación. In: **REVISTA CHASQUI**, [S.l.], v. IX, n. 1, p. 39-74, 1979.

_____. Teatro en *Lunes* de Revolución. In: **LATIN AMERICAN THEATRE REVIEW**. Department of Spanish and Portuguese. University of Kansas, Lawrence, v. 18, n. 1, fall 1984, p. 17-34.

MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. **Política y Polémica en América Latina: las revistas Casas de las Américas y Mundo Nuevo**. Colección Polémicas. México: Ediciones de Educación y Cultura, 2010.

MOTTA, Romilda Costa. **José Vasconcelos: as Memórias de um “Profeta Rejeitado”**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MURRIETA, Fabio (Org.). **Creación y Exilio: memórias del I Encuentro Internacional con Cuba en la Distancia – Universidad de Cádiz, 5 al 9 de noviembre de 2001**. Madrid: Editorial Hispanocubana, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. In: **TEMÁTICAS**. Revista dos pós-graduandos em Ciências Sociais, Unicamp/IFCH, Campinas, n. 37-38, 2011.

PANEQUE, Maykel. **Informe Uneac**: Unión publica primer libro en Cuba sobre Guillermo Cabrera Infante, La Habana, 28 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.uneac.org.cu/index.php?module=noticias&act=detalle&tipo=noticia&id=5482>>. Acesso em: 5 nov. 2011.

PIERRE-CHARLES, Gérard. **Génesis de la Revolución Cubana**. México: Siglo Veintiuno, 1996.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Dir.). **Para uma História Cultural**. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998.

RODRIGUEZ CORONEL, Rogélio. **Novela de la Revolución y outros Temas**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1983.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio**: Entre Raízes e Radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ROMANO, L. A. Contatori. **A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

ROJAS, Rafael. Anatomia do Entusiasmo: Cultura e Revolução em Cuba (1959-1971). In: **TEMPO SOCIAL**. Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 71-88, 2007.

_____. **El Arte de la Espera**: Notas al Margen de la Política Cubana. México: Editorial Colibrí, 1998.

_____. **Tumbas sin Sosiego** – Revolución, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.

SAID, Edward W. Narrativa e Espaço Social. In: **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Representações do Intelectual. In: **CONFERÊNCIAS REITH**, [S.l.]. Mimeo, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

_____. **O Existencialismo é um Humanismo**. 3 ed. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. **Furacão sobre Cuba**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1960.

_____. **Sartre visita Cuba**. La Habana: Ediciones R, 1960.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. **O Ascetismo Revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)**. 2009. 209 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do Mal, Tentação do Bem: Indagações sobre o Século XX**. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Arx, 2002.

TROTSKI, Leon. **Literatura e Revolução**. Tradução e apresentação de Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

VARGAS LLOSA, Mario. **Dicionário Amoroso da América Latina**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 76.

VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010.

_____. **Polifonia Tropical**. Experimentalismo e engajamento na música popular (Brasil e Cuba, 1967-1972). São Paulo: Humanitas, Série Teses/História Social USP, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

YOUNG, Allen. **Gays under the cuban revolution**. San Francisco: Grey Fox Press, 1981.